

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Andréia de Oliveira**

**BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS:**  
**Representações da memória urbana em grupos do *Facebook***

**Juiz de Fora**  
**Fevereiro de 2018**

**Andréia de Oliveira**

**BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS:  
Representações da memória urbana em grupos do *Facebook***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho

**Juiz de Fora  
Fevereiro de 2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática  
da Biblioteca Universitária da UFJF,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Andréia de.

BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS: Representações da  
memória urbana em grupos do Facebook / Andréia de Oliveira. --  
2018.

173 p. : il.

Orientador: Iluska Maria da Silva Coutinho

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós  
Graduação em Comunicação, 2018.

1. Memória. 2. Cidade. 3. Bias Fortes. 4. Comunicação Digital. 5.  
Narrativas Audiovisuais. I. Coutinho, Iluska Maria da Silva, orient.  
II. Título.

**Andreia de Oliveira**

**BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS: Representações da memória urbana em grupos do Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2018

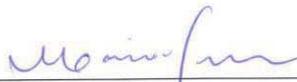
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora



\_\_\_\_\_  
Dra. Raquel de Araújo Paiva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



\_\_\_\_\_  
Dr. Márcio de Oliveira Guerra  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Aparecida, aos meus irmãos, Carlos André e Célio Augusto e à minha sobrinha, Maria Eduarda. À memória do meu pai, Sebastião (Peixe-Frito), que sempre confiou em mim e me incentivou a seguir meus sonhos. A todos os meus conterrâneos biasfortenses, especialmente, a José Airton Magaldi.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por permitir que eu continue sonhando e realizando a cada dia. A palavra que me move é gratidão.

À minha mãe, pelo amor incondicional dedicado a mim, por ser minha melhor amiga e pela torcida de sempre. Aos meus irmãos por fazerem parte de cada uma das minhas conquistas. À minha sobrinha, Maria Eduarda, por ser minha inspiração. Ao meu pai, pelo orgulho que sempre demonstrou ter por mim. O senhor estará sempre na minha memória e a saudade será eterna.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Iluska Coutinho, pelas orientações, por acreditar no meu potencial, por me passar calma em todos os momentos, e, mais que isso, se tornar minha amiga.

Ao Prof. Márcio Guerra, por estar presente na minha banca, fazendo parte de mais uma das minhas vitórias. Obrigada pelo carinho e pela amizade de sempre.

À Prof<sup>a</sup>. Raquel Paiva, por aceitar fazer parte da minha banca examinadora. É uma honra poder contar com sua participação. À Dr<sup>a</sup>. em Comunicação e, minha professora na graduação, Lívia Fernandes, por também fazer parte deste momento.

À Prof<sup>a</sup>. Christina Musse, por fazer parte da realização deste trabalho desde a minha qualificação e agora também nesta etapa final.

Aos colegas da turma de Mestrado, do ano de 2016, e a todos os professores do programa, pelas risadas, pelas trocas de conhecimento e pela caminhada que trilhamos juntos. Meu carinho e agradecimento especial à secretária do PPGCOM/UFJF, Aline Nicolette, por toda a atenção dispensada a mim e a cada um dos mestrandos.

Agradeço de maneira especial aos amigos irmãos Carlos Alexandre, Cíntia, Glória e Marielle pela parceria, vibrações positivas e torcida de sempre. Vocês são luz no meu caminho.

A todos os meus conterrâneos biasfortenses, que de alguma forma participaram desta pesquisa, em especial, o meu muito obrigada ao criador do grupo Bias Fortes em fatos e fotos, José Airton Magaldi. Agradeço também ao colaborador do grupo, Marco Antonio da Silva, por toda a atenção dispensada à mim e a este trabalho de mestrado.

Por fim, agradeço a todos os meus familiares e aos amigos (as) que também fizeram parte desta conquista. Obrigada por cada incentivo e pelo carinho.

## Trem Bala

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si  
É sobre saber que em algum lugar, alguém zela por ti  
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz  
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito  
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar  
Então fazer valer a pena  
Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu  
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu  
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações  
E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo  
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?  
Por isso eu prefiro sorrisos  
E os presentes que a vida trouxe para perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar  
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar  
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais  
Porque quando menos se espera, a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo  
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem bala, parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá  
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo  
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem bala, parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir

(ANA VILELA, 2016)

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a compreender o resgate e a ressignificação da memória da cidade de Bias Fortes realizados por meio da criação de uma comunidade na rede social *Facebook*, o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”. De forma geral, este estudo busca como finalidade primária, avaliar a contribuição desses materiais para a representação da memória local, por meio da descrição e interpretação das narrativas construídas sobre a cidade nos vídeos compartilhados neste espaço digital. Para isso, realizamos a descrição e análise de cinco (5) vídeos, selecionados dentro do total de arquivos existentes no grupo virtual, e, representando as categorias específicas de cultura, cotidiano, esporte, religiosidade e personagem. Esses materiais foram avaliados por meio da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual, que buscou observar os temas abordados; os personagens principais; os espaços/tempos narrados e enfocados. De modo secundário, propomos ainda analisar se o público de seguidores desta comunidade a identifica como um espaço capaz de criar esse processo de rememoração, observando para isso os comentários postados e a opinião de uma parcela de seus membros colhida por meio de sondagem de opinião. A pesquisa qualitativa foi realizada tendo como método a aplicação de questionários online a uma amostra de 10% do público de seguidores da comunidade virtual em questão. Verificamos também os objetivos da criação do grupo, por meio do exame dos raciocínios obtidos através dos depoimentos colhidos nas entrevistas em profundidade com os idealizadores do mesmo.

Palavras-chave: Memória. Cidade. Bias Fortes. Comunicação Digital. Narrativas Audiovisuais.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand the rescue and re-signification of the memory of the city of Bias Fortes realized through the creation of a community in the social network Facebook, the group "Bias Fortes in facts and photos". In general, this study aims to evaluate the contribution of these materials to the local memory representation, through the description and interpretation of the narratives built on the city in the videos shared in this digital space. To do this, we describe and analyze five videos, selected within the total number of files in the virtual group, and representing the specific categories of culture, daily life, sport, religion and character. These materials were evaluated through the methodology of the Analysis of Audiovisual Materiality, which sought to observe the topics addressed; the main characters; narrated and focused spaces / times. Secondly, we propose to analyze if the public of followers of this community identifies it as a space capable of creating this process of remembrance, observing for this the comments posted and the opinion of a portion of its members collected through opinion polling. The qualitative research was carried out using online questionnaires as a method to a sample of ten per cent of the public of followers of the virtual community in question. We also verified the objectives of the creation of the group, by examining the reasoning obtained through the interviews gathered in depth interviews with the idealizers of the same.

Keywords: Memory. City. Bias Fortes. Digital communication. Audiovisual Narratives.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página inicial do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	63
Figura 2 – Foto de capa do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	64
Figura 3 – Número total de membros do grupo. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	65
Figura 4 – Membros ativos do grupo. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	65
Figura 5 – Membros do grupo por idade e gênero. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	66
Figura 6 – Membros por principais países e cidades. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	67
Figura 7 – Envolvimento geral do público membro com o grupo. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	67
Figura 8 – Envolvimento detalhado do público membro com o grupo. Dados gráficos do <i>Facebook</i> referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	68
Figura 9 – Página inicial do grupo “Biasfortenses”. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/unidosdoquilombobf/">https://www.facebook.com/groups/unidosdoquilombobf/</a> .....	70
Figura 10 – Seção vídeos do grupo “Bias Fortes e fatos e fotos”. Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/">https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/</a> .....	78
Figura 11 – “Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes” .....	83
Figura 12 – Imagem de um frame com data de gravação do vídeo “Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes” .....	85
Figura 13 – Comentários dos membros sobre personagens que aparecem no vídeo.....	86
Figura 14 – De chapéu, o ex-prefeito Leleza, como personagem lembrado nos comentários no vídeo.....	86

Figura 15 – Reações e comentários do público membro no vídeo.....	87
Figura 16 – Reações e comentários do público membro no vídeo.....	88
Figura 17 – Reações e comentários do público membro no vídeo.....	88
Figura 18 – Imagem de uma cena do vídeo “Imagem da Padroeira chegando na matriz. 15 de setembro de 2017”.....	89
Figura 19 – Imagem detalhada dos coroantes entrando na igreja.....	90
Figura 20 – Imagem detalhada do interior da igreja, dos fiéis e dos coroantes se dirigindo ao altar.....	91
Figura 21 – Imagem dos coroantes posicionados no altar.....	91
Figura 22 – Plano detalhe da imagem de Nossa Senhora das Dores.....	92
Figura 23 – O casal, Maria Ivete Braga e João Campos, como personagens da narrativa.....	94
Figura 24 – Dona Ani, personagem citada no comentário, acompanhada do Padre Rodney Henriques.....	95
Figura 25 – Comentário de um membro, pedindo pela família de Dona Ani.....	95
Figura 26 – Comentários dos membros no vídeo.....	96
Figura 27 – Fotografias do evento filmado como comentários no vídeo.....	97
Figura 28 – Imagem das cenas iniciais do vídeo “Manhã de 15 de março de 2016 em Bias Fortes”.....	98
Figura 29 – Cenas da passeata de mobilização contra a dengue pelas ruas de Bias Fortes.....	99
Figura 30 – Comentário no vídeo sobre uma característica marcante do povo biasfortense..	100
Figura 31 – Passeata subindo, sentido “Rua de Baixo” para a “Rua de Cima” .....	101
Figura 32 – Público presente na mobilização e comentários deixados no vídeo.....	102
Figura 33 – Imagem de uma cena do vídeo “1º DE AGOSTO - A OPORTUNIDADE DE PODER MAIS UMA VEZ LEMBRAR COM SAUDADE DE NOSSO SAUDOSO LÍDER ESPIRITUAL NA DATA DE SEU ANIVERSÁRIO.....	103
Figura 34 – Mensagem de abertura do vídeo “1º DE AGOSTO - A OPORTUNIDADE DE PODER MAIS UMA VEZ LEMBRAR COM SAUDADE DE NOSSO SAUDOSO LÍDER ESPIRITUAL NA DATA DE SEU ANIVERSÁRIO.....	104
Figura 35 – Primeira mensagem de abertura do vídeo.....	105
Figura 36 – Segunda mensagem de abertura do vídeo.....	105
Figura 37 – Foto de padre Sérgio Moreira conversando com seus paroquianos.....	106
Figura 38 – Padre Sérgio sentado na praça acompanhado de paroquianos.....	107
Figura 39 – Comentários de membros no vídeo.....	108

Figura 40 – Inserção de fotografia, pelo administrador, em um comentário no vídeo.....	109
Figura 41 – Comentários de membros do grupo no vídeo.....	109
Figura 42 – Imagens de uma das cena do vídeo “BIAS FORTES E SUA HISTÓRIA - ARQUIVO DE ZEMA SÁ”. .....	110
Figura 43 – Imagem de uma das cenas iniciais do vídeo.....	111
Figura 44 – Imagem de uma cena dos personagens da narrativa no bar.....	111
Figura 45 – Imagem da cena em que o narrador apresenta o dono do bar “Régis”. .....	112
Figura 46 – Comentário informando a data de gravação da filmagem.....	113
Figura 47 – Comentário memorialista no vídeo.....	113
Figura 48 – Imagem do Senhor Benedito Ribeiro, identificado nos comentários.....	114
Figura 49 – Imagem do personagem Pedrinho, identificado nos comentários.....	115
Figura 50 – Post publicado no grupo em 10 de setembro de 2017, para levantamento de possíveis participantes da sondagem.....	120
Figura 51 – Página inicial do questionário de pesquisa online.....	121
Figura 52 – Primeira divulgação do questionário online no grupo realizada no dia 08 de outubro de 2017.....	122
Figura 53 – Post de encerramento do prazo para responder ao questionário online.....	123
<b>Gráficos</b>	
Gráfico 1 – Rotina de postagem dos vídeos nos anos de 2014 a 2017.....	79
Gráfico 2 – Amostragem das categorias temáticas dos vídeos.....	81
Quadro 3 – Respostas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	124
Quadro 4 – Participantes da sondagem por gênero .....	125
Gráfico 5 – Faixa etária dos participantes da sondagem .....	126
Gráfico 6 – Resumo da naturalidade dos participantes da sondagem .....	127
Gráfico 7 – Resumo das cidades de residência dos participantes da sondagem .....	128
Gráfico 8 – Há quanto tempo você é membro da página Bias Fortes em fatos e fotos? .....	129
Gráfico 9 – Tem costume de assistir aos vídeos compartilhados? .....	130
Gráfico 10 – Com que frequência assiste os vídeos? .....	130
Gráfico 11 – Além de assistir aos vídeos da página, você interage com eles? (Curtir, compartilhar ou comentar)? .....	131
Gráfico 12 – Com que frequência curte os vídeos? .....	131
Gráfico 13 – Com que frequência compartilha os vídeos? .....	132
Gráfico 14 – Com que frequência comenta os vídeos? .....	133

Gráfico 15 – Você acredita que a página funciona como um espaço de divulgação da memória da cidade? .....	133
Gráfico 16 – Você acredita que a página funciona como um espaço de resgate da memória da cidade? .....	134
Gráfico 17 – Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam a cidade e períodos distintos do município? .....	135
Gráfico 18 – Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam de forma adequada os moradores do município? .....	135
Gráfico 19 – Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam fielmente os espaços do município? .....	136

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 MEMÓRIA, CIDADE E NARRATIVA: RELEITURAS E SIGNIFICAÇÃO DO URBANO.....</b>	<b>19</b>
2.1 A CIDADE E SEUS SENTIDOS.....	20
2.2 A MEMÓRIA COMO SIGNIFICAÇÃO E RELEITURA DO ESPAÇO URBANO.....	26
<b>3 OS ESPAÇOS DIGITAIS E O AUDIOVISUAL COMO LUGARES DE MEMÓRIA .....</b>	<b>33</b>
3.1 A MEMÓRIA EM REDE .....	33
3.2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA EM VÍDEO .....	40
3.3 A PLATAFORMA <i>FACEBOOK</i> E SUA DINÂMICA DE GRUPOS .....	45
<b>4 A CIDADE NAS NARRATIVAS DIGITAIS DE “BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS” .....</b>	<b>53</b>
4.1 A CIDADE TERRITÓRIO PARA ALÉM DO CIBERESPAÇO.....	53
4.2 BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS: O “LUGAR DA MEMÓRIA” DE BIAS FORTES .....	60
4.3 ANÁLISE AUDIOVISUAL: A CIDADE REPRESENTADA EM VÍDEOS .....	76
4.3.1 <i>Cultura</i> .....	82
4.3.2 <i>Religiosidade</i> .....	88
4.3.3 <i>Cotidiano</i> .....	97
4.3.4 <i>Personagem</i> .....	102
4.3.5 <i>Esporte</i> .....	109
4.4 ENTRE AFETOS E IDENTIDADES: A OPINIÃO DOS MEMBROS SOBRE O GRUPO E OS VÍDEOS.....	116
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>140</b>

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>145</b>
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE DIRECIONADA PARA OS FUNDADORES DA <i>FANPAGE</i> “BIAS FORTES EM FATOS EM FOTOS” .....	145
APÊNDICE B - ENTREVISTA JOSÉ AIRTON MAGALDI.....	145
APÊNDICE C – ENTREVISTA MARCO ANTONIO DA SILVA.....	155
APÊNDICE D - MAPEAMENTO E CATEGORIZAÇÃO DOS VÍDEOS DE ANÁLISE DO GRUPO BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS.....	166
APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO VIRTUAL DE PESQUISA SOBRE A <i>FANPAGE</i> BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS.....	171

## 1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, o desejo de memória se revela de diversas maneiras, em vários meios e por intermédio de narrativas diversificadas. O sentimento memorialístico pode ser observado no modismo das autobiografias, no vício pelas *selfies* para eternizar momentos, no armazenamento de arquivos em vários suportes, como celulares, HD externo, *pen drive*, etc, e, também na tendência atual dos sujeitos em aproveitar as infinitas opções de registro oferecidas pelas novas tecnologias. E nesse último caso, citamos como exemplos, os arquivamentos, tendo como suportes tecnológicos *e-mails*, *sites*, *blogs*, canais no *youtube*, e ainda o fenômeno das redes sociais digitais, com seus perfis pessoais, páginas empresariais e grupos sobre temas diversos.

Enfim, a memória continua sendo rotineiramente tematizada em produtos culturais, como filmes, livros, documentários, e, também em pesquisas acadêmicas, como teses de doutorado, artigos científicos e dissertações de mestrado. Independente do meio, do processo ou da narrativa onde está inserida, a temática da memória continua enraizada na cultura humana, o que pode desencadear uma série de questionamentos sobre seu papel na vida cotidiana.

Dentro desse panorama, a internet, por meio da comunicação em rede, se apresenta como aliada desse sentimento memorialista latente na atualidade, se tornando potencialmente guardiã das lembranças individuais e coletivas dos sujeitos. Seja por meio das fotografias postadas, dos escritos partilhados ou dos registros em vídeo publicados, o espaço virtual tornou-se depositário de tudo aquilo que as pessoas querem guardar para acessar, lembrar, relembrar e conservar. É possível ainda construir e divulgar narrativas, criar e contar histórias, tendo como meios os materiais divulgados nos ambientes virtuais.

Todas essas reflexões nos servem de gancho para refletir que os estudos de memória são observados em campos multidisciplinares diversos, e, geralmente, tendem a despertar o nosso olhar para o dever de recuperação do passado como forma de leitura do presente. Digamos que há, também a partir da comunicação em rede, um estímulo para retornar no tempo e, a partir daí, interpretar o presente.

É nesse contexto, de estabelecimento de possíveis ligações entre memória, comunicação digital e narrativas de memória em rede, que se insere a proposta de pesquisa desenvolvida nessa dissertação, com foco nas narrativas de rememoração criadas sobre as cidades na internet. O trabalho acadêmico em questão tem o objetivo de compreender o resgate e a ressignificação da memória da cidade de Bias Fortes realizados por meio da

criação de uma comunidade na rede social *Facebook*, o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, a partir da análise do conteúdo audiovisual compartilhado e da ausculta da opinião de uma parcela de seguidores desse espaço virtual. Também são nossos objetos de análise os comentários postados nos vídeos e as entrevistas em profundidade realizadas com os idealizadores da comunidade virtual citada.

Evidenciamos, em um primeiro momento, que a opção pela cidade de Bias Fortes como tema desta pesquisa ocorreu de forma intencional, uma vez que, por ser minha terra natal, o município retratado representa um local com o qual me identifico e tenho muitas afinidades. Destacamos também que a escolha dos objetos de pesquisa, seja o grupo virtual em questão ou os materiais em vídeo compartilhados, se justificam pela função de ajudar a resgatar, registrar e contar a história o município, função atribuída pelos idealizadores à comunidade *web* analisada. A divulgação dessa relação entre a memória do vivido e o seu resgate no presente, tal como é proposta, se configuraria em uma possível forma de produção de sentidos sobre a cidade e para aqueles que possuem com ela algum vínculo de pertencimento e identidade.

A partir do momento que decidiu-se pesquisar os registros de memória em um grupo do *Facebook* algumas questões vieram à tona. Quais os motivos que levaram os administradores a criarem essa comunidade na rede social? Quais os registros de memória compartilhados nesse espaço virtual? Como a cidade de Bias Fortes é imaginada e representada nesse meio digital? Como é a interação do público membro com esse grupo *web* e com os registros de memória em vídeos partilhados? O que o grupo e os vídeos representam para esses membros?

A partir dessas questões de pesquisa, quanto aos objetivos gerais buscamos verificar junto aos fundadores da página as finalidades da criação da mesma, por meio de entrevistas em profundidade; descrever e analisar o desempenho de algumas das produções audiovisuais partilhadas como veículos narrativos produtores de sentidos e colaboradores no processo de ressignificação da memória local, avaliando inclusive, os comentários postados nesses vídeos; e por fim, analisar se o público de seguidores desta comunidade a identifica como um espaço capaz de criar esse processo de rememoração, observando para isso os resultados obtidos por meio da aplicação de um questionário online direcionado a uma parcela dos membros desse grupo.

Em relação ao aporte teórico, os capítulos primeiro e segundo dedicam-se a oferecer subsídios para interpretação e apresentar os conceitos-chave de cidade, memória, comunicação digital, redes sociais na internet e narrativas audiovisuais, temas que são

recorrentes em todo o nosso trabalho. No primeiro capítulo, quando tratamos dos espaços urbanos como lugares simbólicos e de produção de significados nos amparamos em autores, como Eni Orlandi (2004), Michel De Certeau (1994), Luiz Gonzaga Motta (2013), Walter Benjamin (1987), Ítalo Calvino (1990), Janice Caiafa (2007), Renato Cordeiro Gomes (2008), entre outros, na tentativa de refletir a respeito dos sentidos das cidades. Em um segundo momento, quando evidenciamos as narrativas de memória construídas sobre os espaços urbanos como releituras desses territórios, contamos com as contribuições dos autores Paul Ricoeur (2007), Henri Bergson (2006), Maurice Halbwachs (2006), Jacques Le Goff (1990), Andreas Huyssen (2000), Pierre Nora (1998), além de vários outros autores que constituem-se em referência para a compreensão do conceito de memória.

No segundo capítulo nosso foco encontra-se nas discussões envolvendo os espaços de comunicação digitais e os materiais audiovisuais como “lugares de memória”, conceito criado por Nora (1998) e definido por este como os lugares que criamos para guardar tudo que habita o vivido, o narrado e o esquecido nas relações humanas. Buscamos por meio da contribuição de estudiosos como Janet Murray (2003), Marialva Barbosa (2016), Ciro Marcondes Filho (1996), Henry Jenkins (2009), Raquel Recuero (2009), Rosali Henriques (2014), entre outros, discutir sobre os processos de memória mediados pelo computador e os suportes digitais como locais que abrigam as lembranças individuais e coletivas dos sujeitos.

Em seguida propomos pensar as narrativas de memória em vídeo, no caso das cidades, como releituras desses espaços urbanos e, ainda narrativas de rememoração. Para isso, contamos com o aporte teórico de Lúcia Santaella (2000), Iluska Coutinho (2008), Omar Rincón (2006), Michael Pollak (1989), François Jost (2011), na expectativa de discutir a temática da memória na internet na contemporaneidade. Fazemos ainda algumas considerações a respeito do *Facebook* e sua dinâmica de comunidades virtuais, criadas pelos indivíduos para tratar de temas diversificados, como possíveis meios de divulgação e resgate das lembranças desses atores sociais. Com base em vários autores já citados que retratam as narrativas de rememoração nos meios tecnológicos *web*, busca-se criar entendimentos que possam evidenciar o papel da rede social mencionada como suporte de memória para os indivíduos.

No capítulo quatro nos dedicamos, especialmente, à análise do nosso objeto empírico - que são os materiais em vídeo compartilhados no grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, as entrevistas com os idealizadores do grupo, e os comentários postados pelos participantes a cada publicação analisada - mas também tratamos de outras discussões que fazem parte da proposta do trabalho final. Iniciamos a seção com um breve histórico da

cidade de Bias Fortes, retratando um pouco da história (re) conhecida deste município da Zona da Mata mineira. O resumo histórico da cidade foi feito por meio do levantamento de pesquisas já existentes sobre a memória histórica do município, realizadas por diversos pesquisadores, como Djalma Antônio da Silva (2005), pelo historiador Jurandyr Pires Ferreira (1958); pelo geógrafo e professor Francisco Fernandes Ladeira (2009), e, tendo ainda como base, informações contidas em um pequeno dicionário redigido, em 1998, e publicado pela Prefeitura Municipal do município, além do uso de dados atuais sobre a cidade disponibilizados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Partimos para a seção de apresentação do grupo virtual que, por abrigar as narrativas criadas sobre Bias Fortes, também é objeto de nossa análise. Neste segmento disponibilizamos dados sobre sua disposição e organização eletrônica, e, registramos a trajetória histórica de sua criação, com o auxílio dos depoimentos colhidos em entrevistas realizadas com seus idealizadores. Na sequência evidenciamos a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2015), como metodologia adotada para avaliação dos vídeos de análise. A escolha dos materiais foi definida por meio da realização de um mapeamento e levantamento quantitativo e temático dos vídeos compartilhados no grupo “Bias Fortes em fatos e fotos” entre março de 2014 e outubro de 2017, quando esses arquivos foram categorizados de acordo com os temas retratados nas narrativas e agrupados em cinco categorias específicas: Cultura; Cotidiano; Esporte; Religiosidade e Personagem. Os cinco vídeos que constituem o corpus da pesquisa qualitativa, um dentro do universo representativo de cada categoria, foram descritos e submetidos à Análise da Materialidade Audiovisual, observando os espaços/tempos narrados, os personagens e os temas.

Para finalizar o quarto capítulo, apresentamos os resultados obtidos por meio da realização de uma sondagem de opinião, que consistiu na aplicação e análise de um questionário online, direcionado a uma parcela dos membros seguidores do grupo pesquisado. Esta etapa buscou evidenciar a relação existente entre o público de seguidores, os vídeos compartilhados e a comunidade virtual observada.

No quinto e último capítulo, apresenta-se a conclusão com os resultados do que foi discutido ao longo de cada uma das fases da pesquisa, na tentativa de responder aos questionamentos levantados e apontar possíveis sugestões e caminhos para estudos futuros. Esperamos que por meio da leitura seja possível compreender nosso percurso de investigação proposto para esclarecer as narrativas que detectamos sobre a cidade de Bias Fortes em um grupo do *Facebook*.

## 2 MEMÓRIA, CIDADE E NARRATIVA: RELEITURAS E SIGNIFICAÇÃO DO URBANO

*A memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. (LOPEZ, Immaculada, 2008, p. 17)*

Nesta pesquisa propomos pensar o conceito de memória e suas possíveis ligações com as cidades em sua interface comunicação – narrativa, e, dessa forma, pensarmos a ressignificação da memória das cidades por meio da postagem de arquivos de audiovisual compartilhados no ambiente virtual, mais especificamente, em redes de sociabilidade digital. Partilharemos neste capítulo algumas reflexões a respeito da memória como um conceito vasto e atribuidor de significados ao que ela venha a se remeter. De modo particular, debateremos a memória e sua ligação com os espaços urbanos, pensando sob o viés das narrativas de rememoração que podem ser produzidas em relação a esses espaços e dentro deles, como formas de releituras desses lugares. Trataremos de pensar as interligações existentes entre os três conceitos, voltando nosso pensamento para as contribuições comunicativas e narrativas da memória para as cidades na contemporaneidade.

O que pretendemos por meio da construção desse raciocínio é estabelecer uma forma de compreender possíveis narrativas criadas sobre o espaço urbano, dialogando com as concepções de alguns autores que discorrem sobre os conceitos de memória, cidade e narrativa, que norteiam a realização deste trabalho. Evidenciaremos as contribuições de Orlandi (2004), com sua obra “Cidade dos Sentidos”; de Calvino (1990), em “As cidades Invisíveis”; de Michel De Certeau (1994), em “A invenção do Cotidiano”, além de Benjamin, Motta, Bordwell, Santiago, entre outros, na tentativa de esclarecer os sentidos produzidos nos espaços urbanos por meio das contribuições da narrativa e da memória como forma de ponte de significação.

Por meio desses diálogos teóricos propomos criar ligações entre todas as temáticas abordadas, por meio de amarrações com os teóricos citados, na perspectiva de apresentar possíveis considerações a respeito das cidades como espaços simbólicos e narrativos, que encontram na memória uma forte aliada em seus processos de criação de sentidos.

## 2.1 A CIDADE E SEUS SENTIDOS

Quando somos instigados a darmos uma definição a respeito do que entendemos por cidade, em um primeiro momento, a resposta talvez seja clara, objetiva e óbvia. Grosso modo, uma cidade é um espaço territorial formado por um conjunto de casas, prédios, ruas, avenidas, centros comerciais, monumentos históricos, praças, trânsito, ruídos que se misturam ou silêncios que acalmam, trocas simbólicas e também pessoas. Esse conjunto de elementos constitui a identidade de cada cidade compreendida sob o viés espaço temporal e ambiente de múltiplas trocas simbólicas.

Semioticamente, o território de uma cidade, em si, é formado por uma junção de símbolos, signos e significados, que nada mais são do que a união de todos os seus componentes concretos e abstratos, como por exemplo, sua infraestrutura, urbanização, os modos de vida de seus habitantes, sua cultura, arte, economia, arquitetura e política. Cada fragmento de sua composição tem significado próprio e também produz sentido, quando unificado. Tal unificação forma um mosaico que representa o corpo da cidade território, dotada de significação própria, agregada às contribuições simbólicas de seus componentes.

Na perspectiva de Orlandi (2004), uma cidade não é uma entidade abstrata, e sim, algo concreto que está ligado a cada um de seus habitantes de forma complementar, sendo inseparáveis.

Uma cidade tem dimensões, formas visíveis, sendo perceptível em primeira instância (...) A cidade introduz a dimensão da representação sensível de suas formas, ao lado da consideração de um espaço de cidadania” (...) No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo social e o corpo urbano formam um só. (ORLANDI, 2004, p. 11)

Com base em uma análise discursiva, Orlandi salienta que os espaços urbanos são dotados de uma importância singular para a sociedade contemporânea, já que, tudo circula ao redor e dentro deles. Ela afirma que “para nossa época, a cidade é uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade”. (ORLANDI, 2004, p. 11). A autora ainda comenta sobre a relevância do espaço urbano como um ambiente de produção de sentidos, onde observamos uma enorme mobilidade de desenhos de relações, formas de vida, movimentos e iniciativas, sem esquecer que o próprio espaço e sua conformação cidadina também são partes desta significação. Para Orlandi, estudar uma

cidade se torna relevante, pois, “observar a cidade é procurar compreender as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social. [...]. Outra razão é, sem dúvida, a riqueza que se mostra na relação do indivíduo com os outros indivíduos e com tudo que se constitui a cidade”. (ORLANDI, 2004, p. 12)

Rabello (2015, p. 24), descreve as cidades como códigos que pressupõem uma releitura (decodificação) de suas apresentações, articulando que seus espaços são alguns dos signos que podem ser reconhecidos dentro delas. Ela cria essa definição amparada pela perspectiva de Janice Caiafa (2007), pensadora que reflete sobre as funções subjetivas dos espaços urbanos. A percepção de Caiafa é a dos indivíduos que percorrem as cidades a pé ou transportados por meios de locomoção quaisquer, carro, ônibus etc., e, nesse fluxo vão criando as impressões dos lugares.

As cidades se definem em grande parte pelos processos subjetivos que deflagram. (...) Subjetividade deve ser entendida aqui como uma interioridade individual, mas como tendo uma gênese no social, mesmo que vivida isoladamente. A subjetividade é constantemente produzida pelos fluxos sociais e materiais no campo social. Tem um caráter processual, sempre em adjacência a esses fluxos. A relação com o espaço urbano, a forma de ocupá-lo e mover-se na cidade não cessam de produzir subjetividade, ou seja, a experiência urbana tem um poder modelizador de afetos, perceptos, souvenirs (CAIAFA, 2007, p. 39).

Quem compartilha esta visão de uma cidade observada e significada pelo olhar particular dos sujeitos que andam por ela é Michel de Certeau (1998). Em sua analogia entre o ato de enunciar e caminhar, o autor diz que a caminhada representa o sistema urbano, assim como, a fala está para a língua ou para o que é dito/comunicado. Dessa forma, o simples ato de caminhar simboliza os espaços urbanos, gerando o entendimento de que as cidades seriam lugares de fala (espaços de expressão) dos indivíduos, dentro de contextos comunicativos e sociais. Nas palavras do autor:

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*o speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre locutores). O ato de caminhar parece, portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (CERTEAU, 1998, p. 177)

Tomando como base as palavras do autor, podemos pensar os passos dos indivíduos como rastros deixados dentro das cidades ao longo de sua caminhada no tempo. Da mesma forma que Certeau aborda a “fala dos passos perdidos” entendemos que os passos

moldam os espaços, inclusive quando pensamos nas vivências e experiências dos indivíduos nos ambientes urbanos.

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também se desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. Assim, Charlie Chaplin multiplica as possibilidades de sua brincadeira: faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixavam para seu uso. Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significativa espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona portanto. “O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da “língua” espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe “torneiros” espaciais “raros”, “acidentais” ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada. (CERTEAU, 1998, p. 177 e 178)

Em sua obra intitulada “A invenção do cotidiano” (1998), o autor nos leva a pensar, entender e estudar as práticas cotidianas como modos de ação e operações realizadas pelos indivíduos nos processos de interação social. Para ele, a individualidade é o local onde se organiza, às vezes de modo conflitante, a pluralidade da vivência social. Certeau defende que para entender o indivíduo é preciso perceber que estes são determinados pelas suas caminhadas cotidianas. O autor afirma que a cidade é um lugar de vivências e experiências, com identidade própria, mas compreende que ela não se resume em um mero lugar e sim um espaço simbólico.

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. A identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um pulular de passantes, uma rede de estadas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação através das aparências do próprio, um universo de locações frequentadas por um não-lugar ou por lugares sonhados. (CERTEAU, 1998, p. 183).

Em suas considerações sobre o que é a cidade, Rolnik (2004) afirma que esta seria “fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (2004, p. 8). A autora entende que a cidade de qualquer época ou lugar possui como característica essencial a semelhança a “um ímã, um campo magnético que

atrai, reúne e concentra os homens” (2004, p. 10). Mais que isso, essa concentração de pessoas define uma outra característica urbana: desde o seu início, habitar a cidade é, inevitavelmente, viver de forma coletiva. (2004, p. 19). A autora pensa a cidade como escrita, espaço de vivências e experiências humanas, que narra, sozinha, partes de sua própria história.

O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história. (ROLNIK, 2004, p. 9)

Em uma ampliação dessa perspectiva, Calvino descreve a cidade como “o símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas” (1990, p. 62). Mais que um território físico, o espaço urbano é também o lugar onde histórias, vivências, narrativas e experiências humanas se cruzam o tempo todo.

A cidade descrita por Calvino é interpretada por Renato Cordeiro Gomes (2008), em sua obra **“Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana”** como “um lugar sígnico do mundo dos discursos, do material e do político” (2008, p. 23). Partindo desse pensamento, o autor se esbarra em Rolnik ao entender o espaço urbano como um lugar significativo que possui escrita própria. Segundo ele, a cidade contém um pouco de tudo aquilo que a representa, se acomoda em seu território e cria suas memórias e seus sentidos, podendo ainda, ser lida de diversas maneiras.

A cidade como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza. Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, “a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história”. O seu livro de registro preenche-se do que ela produz e contém: documentos, ordens, inventários, mapas, diagramas, plantas baixas, fotos, caricaturas, crônicas, literatura... que fixam a sua memória. Cidade e escrita, indissoluvelmente ligadas, impulsionam-se pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo. (GOMES, 2008, p. 23 e 24)

Gomes cita Barthes para complementar seu raciocínio tecido sobre a construção de possíveis leituras das cidades, uma função que ele considera bem subjetiva e nada fácil.

Tentar uma leitura globalizante, totalizadora, desse livro de registro, tentar uma reconstituição imaginária, através de suas folhas e pranchas, da cidade “como é ou foi agora”, é tarefa impossível. O livro é composto de pedaços, fragmentos, trechos apagados pelo tempo, rasuras - de textos que jamais serão recompostos na íntegra. As folhas, por outro lado, se superpõem, pois inscrevem cidades sucessivas, que por acaso têm o mesmo nome. Por isso, sua leitura se dá por aproximações, tentativas, rascunhos. A cidade construída pelo discurso possibilita visões diversas, leituras e interpretações que dependem do leitor, “o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita”. A cidade enquanto texto (o seu livro de registro) “é feita de escritas múltiplas soldas de várias

culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” — completa Barthes. (GOMES, 2008, p. 24)

Na perspectiva de Gomes, para além do sentido de território, a cidade é um livro que carrega histórias, escritas, textos, narrativas com leituras presumíveis e infinitas, “um organismo vivo, mutante e ágil para agasalhar as relações sociais que a caracterizam” (GOMES, 2008, p. 24). Dessa forma, criar leituras e releituras da cidade demanda um olhar de sensibilidade que consiga interpretá-la e compreendê-la para além do seu conceito de território físico.

O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. Essa cidade torna-se um labirinto de ruas feitas de textos, essa rede de significados móveis, que dificulta a sua legibilidade. (GOMES, 2008, p. 24)

Gomes também descreve a cidade “como linguagem dobrada, em busca de ordenação”, e afirma que “ler /escrever a cidade é tentar captá-la nessas dobras; é inventar a metáfora que a inscreve, é construir a sua possível leitura” (2008, p. 30). De acordo com o autor, cada um pode construir sua própria leitura dos espaços urbanos, elencando as coisas que deseja lembrar e como almeja lembrar. E complementa, ressaltando que:

(...) é, portanto, a memória que condiciona a leitura da cidade, uma busca de sentido explícito e reconhecível. (...) Assim, “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente; (...) a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”. A relação homóloga entre a cidade e a memória faz-se, portanto pela redundância, pelo repetível, marca da Experiência, onde há repetição do que mais profundamente se esquece. Vivemos entre a impossibilidade de repetir o passado e a compulsão à repetição. (GOMES, 2008, p. 47)

Seguindo as linhas de pensamento dos autores referenciados, podemos dizer que pensar o conceito de cidade vai além de estabelecer uma demarcação ou formação territorial. Tudo que está dentro dela lhe dá sentido e vice-versa. Se formos mais a fundo notaremos que os espaços urbanos podem ser compreendidos por vieses distintos, quando partimos do pressuposto de que sua formação espacial, histórica, cultural, identitária, por exemplo, agrega as contribuições deixadas por cada um de seus moradores e por aqueles que simplesmente passam por ela, sem fixar moradia ou vínculos. Dessa forma, a cidade pensada como apenas lugar, ganha significado através dos sentidos produzidos por aqueles que habitam ou transitam em seu espaço/tempo, estabelecendo relações sociais, e, ainda por tudo aquilo que faz parte dela, incluindo a memória e seus rastros.

Essas contribuições podem ser entendidas como as narrativas individuais e coletivas dos sujeitos. O somatório de todos esses aportes que a cidade território recebe se

converte em produção de sentido. O senso de lugar e as relações de percepção do homem com o seu meio através dos sentidos, delineiam a riqueza de sensações nas cidades, que passa a ser compreendida como um espaço de narrativas.

Sobre o conceito de narrativa, Motta (2013) o propõe como algo indissociável da vida humana, pensando na perspectiva de que “nossas vidas são acontecimentos narrativos (...) Narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro. As narrativas criam o ontem, fazem o hoje e justificam a espera do amanhã” (MOTTA, 2013, p. 17-18). A partir das reflexões do autor, podemos dizer que nossa vivência terrena é uma sucessão de atos narrativos por onde quer que passemos e, assim como nossa vida, nossas memórias também são acontecimentos narrativos.

Por sua vez Benjamin (1987) pensa o ato de narrar pelo olhar das experiências vividas e repassadas a diante; descreve a narrativa como sendo uma forma artesanal de comunicação entre meios, pois ela busca transmitir uma informação ou um relatório daquilo que é narrado. O autor afirma que a narração é um costume antigo que está em extinção. A afirmação é feita por ele, com base na crença de que os seres humanos, atualmente estão se privando da capacidade de intercambiar experiências.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Para o autor nosso repasse de experiências se dá por meio das lembranças ao longo do tempo e a eternidade temporal está nas recordações criadas pelos sujeitos, como forma de reescrever as tradições de uma comunidade. Relembrar acontecimentos vividos é uma forma de impedir que eles se tornem finitos no tempo.

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Tal é a memória épica e a musa da narração. (BENJAMIN, 1987, p. 211).

O diálogo estabelecido com os autores que discorrem sobre conceituações para o termo narrativa, nos permite compreender que nós, como seres inseridos no contexto social, somos formados pelas narrativas que construímos durante a nossa vivência dentro dos ambientes que habitamos. Dessa forma, podemos dizer também que nossas narrativas

produzem sentido dentro das cidades, assim como todos os componentes do seu lugar território.

Observamos que muitos autores citados atrelam o processo narrativo à memória, como fonte principal para se fazer novas leituras do cotidiano. Desta maneira, os sentidos das cidades estão ligados às narrativas de suas memórias somados às narrativas de memórias produzidas por seus habitantes e por tudo que se encontra em seu entorno. A partir dessas reflexões podemos dizer que a cidade é formada por acontecimentos, lugares, pessoas e personagens, sendo o conjunto de seus componentes os possíveis criadores de suas narrativas, de seus sentidos e de suas memórias.

Compreendemos dessa forma o espaço urbano como um ambiente narrativo e de construção de narrativas, que encontra na memória uma das possibilidades de se criar processos de leituras e releituras de seu cotidiano.

## 2.2 A MEMÓRIA COMO FORMA DE SIGNIFICAÇÃO E RELEITURA DO ESPAÇO URBANO

Quando falamos ou ouvimos a palavra memória, logo nos vem à mente uma associação instantânea com outras expressões, como lembrança, recordação, lugar onde guardamos algo, relembrar, passado, entre outras. Nesse sentido, o conceito de memória pode ser entendido a partir de diversos pontos de vista. Podemos, por exemplo, pensar a memória em seu sentido científico de função cerebral, parte do cérebro onde os humanos retêm suas lembranças.

Indo mais além, chegamos a uma definição tecnológica e moderna do conceito, que seria a unidade de armazenamento de dados do computador, celular, câmera, HD e de outras mídias que conhecemos. Podemos ainda, pensar a memória em sentido histórico (um monumento/busto, erguido em homenagem a uma personalidade importante para uma cidade). E ainda, literário, observando as narrativas sobre determinado fato que alguém viveu ou presenciou, por exemplo, as memórias da Ditadura Militar. São inúmeros, os entendimentos que podem ser associados à palavra em si.

Na verdade, se juntarmos todas as definições propostas chegaremos talvez, a um consenso de que a memória tem a ver com a faculdade/capacidade de armazenagem e conservação de informações. Entretanto, não é somente sob esse enfoque que pretendemos

entendê-la neste trabalho. O que nos interessa aqui é também discutir seu entendimento como um elemento essencial de identidade de um lugar.

No nosso caso específico interessa-nos pensar seu conceito como relevante para os processos de identificação, leitura, releitura, ressignificação e produção de sentidos das cidades. Antes de pensar nas contribuições da memória nos processos narrativos referentes às cidades, propomos uma breve explanação a respeito dos significados atribuídos ao conceito.

Como sugere Benjamin (1987, p. 210), “a memória é a mais épica de todas as faculdades”. Assim como ele, outros pensadores também realizaram estudos sobre a memória, sendo referências para os pesquisadores do tema na contemporaneidade. Para uns, ela é entendida como algo individual, para outros, ela é compartilhada e coletiva. Há também os que ligam seu conceito ao seu antagonista, o esquecimento.

Na perspectiva de Ricoeur (2007), a memória é entendida como trabalho de rememoração, onde se estabelece uma escolha ou seleção a respeito do que lembrar, esquecer e narrar, o que para ele depende também do esquecimento. O esquecimento é para o autor, uma forma “de reserva”, um lugar de acesso, onde os indivíduos buscam no passado aquilo que desejam trazer para o presente.

Para ele vivemos um momento de abusos de memória e de esquecimento, na medida em que, nos obrigamos a lembrar para não esquecer e sentimos a necessidade de esquecer para lembrar, escolhendo ainda, o que deve ser lembrado. Segundo Ricoeur vivenciamos

(...) uma mobilização da memória a serviço da busca, da demanda e da reivindicação de identidade (...) como causa primeira da fragilidade da identidade é preciso mencionar sua relação difícil com o tempo; dificuldade primária que, precisamente, justifica o recurso à memória, enquanto componente temporal da identidade, juntamente com a avaliação do presente e a projeção do futuro (RICOEUR, 2007, p. 94).

O mesmo autor propõe ainda, uma reflexão sobre a função da memória, com base em Todorov, outra referência importante na tessitura do entendimento contemporâneo acerca da narrativa:

Como todo trabalho sobre o passado, o trabalho do historiador jamais consiste apenas em estabelecer fatos, mas também em escolher alguns deles como sendo mais destacados e mais significativos que outros para, em seguida, relacioná-los entre si; ora, esse trabalho de seleção e de combinação é necessariamente orientado pela busca não da verdade, mas do bem” (op. cit., p. 150). (RICOEUR, 2007, p. 99)

Bergson (2006) dialoga com Ricoeur (2007), ao ponderar que para ativar os processos de lembrança é preciso abraçar o passado, acessando a memória do presente. Ele

descreve a rememoração como uma possibilidade de atualidade, dizendo que a memória é virtual e sua virtualidade está no desejo de lembrar, quando necessitamos dela em um determinado momento.

(...) A verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia. Imaginar não é lembrar. Uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem (...), e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado a menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar, seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz. (BERGSON, 2006, p. 49)

O autor discute a memória sob o viés do hábito, como um prolongamento do passado no presente de forma automatizada e rotineira e no âmbito da lembrança, como um reconhecimento intelectual e de percepção. Segundo ele, a memória de lembrança seria a verdadeira memória, uma vez que, envolve o trabalho de buscar no passado e remeter para o presente as representações mais apropriadas à dada circunstância atual. Bergson trata a rememoração como um avanço do passado no presente e não como uma volta do presente ao passado, pois para ele, não tem como separar esses dois conceitos, já que nós somos no presente, tudo o que fomos no passado.

No entendimento de Halbwachs (2006), toda memória é coletiva, e, são os grupos sociais que determinam o que é memorável e as formas pelas quais se está lembrando. A memória social é um conceito preconizado pelo autor e abrange a individual – o que cada pessoa carrega dentro de si - e a coletiva, como o conjunto de registros eleitos por determinado grupo como significativos. Mesmo explicitando essas duas abrangências, ele acredita que toda memória é coletiva e, no caso das cidades tudo é construído na coletividade.

A noção dos grupos – unidades coletivas-, é um conceito concebido pelo autor, como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 2006, pp. 51-52). A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Na visão do autor, as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas a partir desta vivência em grupo. Podemos criar representações do passado com base na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela incorporação de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2006, pp. 76-78), e, em amplo conceito “uma

reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2006, pp. 75-6).

Henry Rousso (2006) dialoga com vários dos pensadores citados até aqui, ao assegurar que, de maneira incontestável, a memória é da atualidade, mesmo sendo o sentido básico do termo, a presença do passado. Segundo Rousso, esse é um dos motivos principais que faz com que os historiadores do tempo presente tenham tanto interesse em criar narrativas de fatos tidos como passados, como acontecimentos que deixam sequelas, guerras mundiais, revoluções.

Para o autor, a forma de reler esses acontecimentos, só acontece por meio do acesso aos arquivos que a memória produziu sobre eles. Ele finaliza, dizendo que para contemporizar seu sentido de passado, a memória usa seu poder de atualização do tempo.

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Halbwachs. Seu atributo imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 2006, pp. 94 - 95)

Assim como Halbwachs, Rousso acredita no caráter coletivo da memória, mas pondera que somente as representações do passado realizadas de forma grupal, podem originar um entendimento de “memória coletiva”. Isso implica em dizer que a memória é algo possibilitado pela vivência social nos grupos, mas para adquirir status de coletiva é preciso que ela crie processos de identificação dentro e fora dessas comunidades. Nas palavras do autor:

Mas essa percepção difere segundo nos situemos na escala do indivíduo ou na escala de um grupo social, ou mesmo de toda uma nação. Se o caráter coletivo de toda memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da ideia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e, portanto uma representação do passado compartilhada nos mesmos termos por toda uma coletividade. (...) os historiadores em geral admitem, de maneira mais ou menos declarada, que as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contanto que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais clara de uma “memória coletiva”. (ROUSSO, 2006, p. 95)

Essa relação existente entre a memória e a criação de processos de identidade nos grupos sociais, comentada por Rousso (2006), já havia sido evidenciada por Le Goff na

década de 90. Em sua obra *História e memória* (1990), o autor afirma que a sociedade atual atribui sentido à história, buscando uma significação no passado, por meio de releituras feitas do presente. Ele chama atenção para a tendência atual da sociedade de supervalorizar tanto o que passou como o que está por vir. Segundo ele, “o futuro, tal como o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade, e mais que nunca fascina-os” (GOFF, 1990, p. 196).

Goff enfatiza que a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (GOFF, 1990, p. 366). Segundo o autor a problematização do tempo, do espaço e do homem constitui matéria memorável. Goff pensa o processo de rememoração a partir da perspectiva da memória coletiva, tal como entendida por Pierre Nora, percebida nesse caso como aquilo que permanece do passado na vivência dos grupos, ou no que estes produzem a partir do seu passado.

(...) a memória liga-se também à vida social (cf. sociedade). Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita (cf. oral/escrito) e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história (cf. Filologia), acumular objetos (cf. coleção/objeto). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (cf. espaço social) e político (cf. política): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. imaginação social, imagem, texto) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. ciclo, gerações, tempo/temporalidade). As direções atuais da memória estão pois profundamente ligadas às novas técnicas de cálculo, de manipulação da informação, do uso de máquinas e instrumentos (cf. máquina, instrumento), cada vez mais complexos. (GOFF, 1990, p. 419)

Ao refletir sobre a temática do lembrar/ esquecer, Huyssen (2000) nos alerta para o sentimento de obsessão pela memória e o desejo de extrema valorização do passado experimentado na atualidade, o que ele denomina de “boom da memória”. O autor cita como exemplo disso, os processos de “musealização”, a volta da moda retrô, as autobiografias e literaturas de memória, entre outros fenômenos.

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória com uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas do século XX. (HUYSSSEN, 2000, p. 9)

O autor argumenta que hoje há passado demais no presente, utilizando o conceito de “passados presentes” como um fenômeno que caracteriza uma volta (recodificação) ao passado, acompanhada de uma sensibilidade memorial observada a partir da década de 1980.

Para Huyssen o desejo de rememorar está no combate ao medo e ao perigo do esquecimento. Tememos esquecer e por isso nos esforçamos para lembrar.

O desejo de memória também está presente em Pierre Nora (1998), que se aproxima de Huyssen ao dizer que cresce como nunca a paixão pela memória e ainda salienta que experimentamos na atualidade um sentimento de orgulho histórico. Ele identifica o conceito dos “lugares de memória”, como sendo os lugares que consagramos para tudo que habita no vivido, narrado e esquecido nas relações humanas. Para ele, a sociedade reorganiza suas memórias como um estoque de coisas que não existem mais, para acessá-la quando possível.

Nora define que os museus, institutos históricos, casas de cultura, monumentos, entre outros, são lugares de memória, pois permitem criar laços de identificação com as pessoas. Os lugares da memória, tal como defendido por Nora, nos transportam para as memórias de outros tempos, de outros acontecimentos.

Já Certeau (1998) confere à memória o poder de mediatizar transformações espaciais, produzindo rupturas instauradoras no tempo.

Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um “golpe” modifica a ordem social. Mas essa mudança tem como condições os recursos invisíveis de um tempo que obedece a outras leis e que, por surpresa, furta alguma coisa à distribuição proprietária do espaço. (CERTEAU, 1998, p. 161)

O autor explica que esses golpes acontecem por meio das projeções simbólicas e narrativas, da prática cotidiana, onde os sujeitos aproveitam as ocasiões e fazem da memória o meio de transformar os lugares. “A ocasião é “aproveitada”, não criada. Sob a sua forma prática, a memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito com o outro” (CERTEAU, 1998, p. 162). Certeau (1998) finaliza, dizendo que a memória possui aptidão para estar sempre no lugar do outro, saindo de si mesma e se deslocando para outro lugar, sempre acionada pelas ocasiões.

Talvez a memória seja aliás apenas essa “rememoração” ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre há muito tempo alterado já mais sem o saber. Essa escritura originária e secreta “sairia” aos poucos, onde fosse atingida pelos toques. Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. (CERTEAU, 1998, p. 163)

Complementando essa reflexão é importante recorrer a Calvino (1990) quando este afirma que “as cidades são feitas das relações entre as medidas de seu espaço e os

acontecimentos do passado”. As narrativas construídas nos ambientes urbanos no passado seriam suas memórias deixadas ao longo do tempo, assim como tudo que está inserido no seu espaço.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 7).

Na obra, “As cidades Invisíveis”, depois de apresentar e descrever diversas cidades, em um dado momento, Calvino reflete “como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde”, (CALVINO, 1990, p. 9).

Acreditamos que uma resposta possível para as indagações do autor seria dizer que a cidade é um lugar de vivência urbana que permite a criação de vínculos de identificação entre seus habitantes, espaços e acontecimentos. Ousamos definir esses elos de identidade como sendo as contribuições narrativas de cada um desses elementos, inclusive, as de memória. Acreditamos ainda, que podemos defini-la como um lugar físico e simbólico que permite a criação de laços de identificação com as pessoas. Consequentemente, a vivência das cidades dá origem a inúmeras memórias individuais e coletivas que coexistem dentro de um mesmo lugar. Uma vez entrelaçadas formam as memórias do cotidiano das cidades. As vivências urbanas e as narrativas de afinidade criadas pelos sujeitos em sua subjetividade e na vivência coletiva, em relação aos territórios, fazem do ambiente urbano um espaço de criação de narrativas de memória para seus habitantes. A memória pode ser entendida, enfim, como um meio de significação e elo de criação de novos sentidos para as cidades. Por meio da memória, os espaços urbanos têm a possibilidade de criarem novas narrativas.

A partir dos diálogos propostos nesse capítulo inicial e com base nas referências citadas, na próxima seção buscaremos entender as formas como a memória da cidade de Bias Fortes é apresentada nas narrativas digitais do grupo do virtual “Bias Fortes em fatos e fotos”. Entendemos por meio das reflexões dos autores já citados, que os processos de contar e recontar histórias, lembrar, resgatar e (re)apresentar episódios de nossas vidas e de lugares podem ser feitos de várias formas e com o apoio de narrativas diversificadas. No caso de nossas recordações e das memórias dos lugares, evidenciamos que podemos registrá-las em suportes variados, como é o caso dos livros autobiográficos, diários, arquivos fotográficos e audiovisuais, e, ainda na internet, nos *blogs*, *sites* e plataformas de redes sociais. Buscaremos entender as ligações memorialísticas existentes entre a Bias Fortes real e a cidade virtual apresentada nesse grupo existente na rede social *Facebook*.

### 3 OS ESPAÇOS DIGITAIS E O AUDIOVISUAL COMO LUGARES DE MEMÓRIA

*A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade.” (ALBERTI, 2005, pág. 167)*

Neste capítulo buscamos apresentar elementos e reflexões que nos ajudem a pensar os espaços de comunicação digital e os arquivos de audiovisual como suportes capazes de funcionar como meios de auxílio para o armazenamento e a disseminação da memória. Propomos pensar esses meios como auxiliares na criação de narrativas de rememoração, tomando como ponto de partida e alicerce teórico o conceito de “lugares de memória”, preconizado por Pierre Nora (1998) e apresentado na seção seguinte, e dialogando com outros autores que discorrem sobre memória, comunicação digital, redes sociais e produções audiovisuais.

Interessa-nos entender de que forma são realizados os registros de memória, bem como, onde estes podem ser guardados. Discutimos a circulação da memória em rede e em vídeos, como formas de narrativas de ressignificação dos espaços urbanos. Nosso intuito é aprofundar algumas questões, como por exemplo, em quais ambientes, de que maneira, com quais recursos, suportes materiais, práticas ou representações, as memórias seriam capazes de se perpetuarem. Apresentaremos o vídeo e o espaço web, mais precisamente, a rede social Facebook, como alguns desses suportes utilizados para se arquivar lembranças, na tentativa de elencá-los como possíveis “lugares de memória” para narrativas de uma cidade.

#### 3.1 A MEMÓRIA EM REDE

Como destacou-se no capítulo anterior, nos últimos anos, a memória tem se apresentado como uma das principais inquietações culturais e políticas das sociedades contemporâneas ocidentais, o que segundo, Huyssen (2000) pode ser expressado pela busca incessante em registrar recordações na atualidade, fenômeno este, denominado por ele como “boom da memória”. De acordo com o autor, “é a “velocidade da mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço” (HUYSSSEN, 2000, p. 28) que nos joga para a obsessão rumo ao arquivamento, ao passado e à memorização. Em síntese, o medo de esquecer explica tanta vontade de guardar para lembrar e aliviar os momentos de saudosismo.

Essa obsessão pela memória é observada por Huyssen na “comercialização em massa da nostalgia”. Segundo ele, temos também,

(...) a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialista e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com suas difíceis negociações entre fato e ficção) a difusão das práticas memorialistas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão. (HUYSSSEN, 2000, p. 14)

Esse interesse social de preservação da memória, quase que de maneira sagrada, é visto por Nora (1998), como medo da ameaça do esquecimento, situação que tem levado a humanidade a uma compulsão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em síntese, pela história.

Nora (1998), assim como o sociólogo francês, Maurice Halbwachs (2006), discute a memória como um fenômeno sempre atual e algo coletivo que emerge dos grupos sociais. Para Halbwachs (2006), a memória é coletiva e partilhada por determinado grupo, sendo vivida, física ou afetivamente. Ele defende ainda que é por meio dos grupos ou dos indivíduos que ocorre a preservação e a renovação das lembranças, pois a condição necessária para a existência da memória está no sentimento de continuidade presente naquele que se dispõe a lembrar.

Voltando às considerações de Nora (1998), destacamos o fato de o pensador tratar a memória como um fenômeno sempre atual e uma operação intelectual que se alimenta de lembranças, diferenciando-a da história.

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1998, p. 09).

É nesse contexto de explicações sobre as diferenciações entre história e memória que o autor desenvolve a ideia de “lugar de memória”, o que segundo ele, são lugares que criamos para guardar tudo que habita o vivido, o narrado e o esquecido nas relações dos indivíduos.

Nora explica que os museus, institutos históricos, casas de cultura, monumentos, entre outros, são lugares de memória, pois permitem criar laços de identificação com as pessoas. Os lugares da memória, tal como defendidos pelo autor nos transportam para as memórias de outros tempos, de outros acontecimentos. Desse modo, os suportes físicos ou

simbólicos, a exemplo dos arquivos, coleções, cemitérios, museus, santuários, são traduzidos como rituais de lembrança, pois, se comportam como testemunhas de uma época capaz de carregar consigo um conjunto de memórias.

O autor cria ainda três possíveis interpretações para o conceito de “lugares de memória”, subdividindo-os em “lugares materiais” – onde suportes físicos são capazes de abrigar a memória social -, “lugares funcionais” – aqueles que adquirem a função de alicerçar memórias coletivas -, e, por último, os “lugares simbólicos” – onde a memória coletiva se expressa e se revela. Os lugares materiais seriam lugares criados para conservar documentos históricos e as heranças do nosso passado, como os arquivos, bibliotecas e museus. Os simbólicos são aqueles que remetem a certos acontecimentos que marcaram a memória social de determinada comunidade, a exemplo, comemorações, passagens, aniversários e festas. Por fim, os funcionais, são aqueles que têm como propósito preservar, divulgar acontecimentos, personalidades, monumentos integrantes da memória coletiva, tidos como elementos identitários de um grupo ou comunidade. São estes, autobiografias, associações e instituições.

Ao analisar as três acepções e também compará-las, percebe-se que Nora estabelece uma característica chave para definir de forma geral o que seria entendido e admitido como “lugar de memória”: a capacidade de representação coletiva. Ou seja, tais objetos – materiais ou imateriais – só são definidos como “lugar de memória”, a partir do momento que representam a cristalização de algo da memória coletiva. Mais do que lugares ou suporte de memórias, é preciso que esses espaços, reais ou simbólicos, contenham representações de narrativas vividas no coletivo.

Enquanto Nora (1998) comenta que a lembrança é um ato alimentado pelas lembranças, Marialva Barbosa (2016), explica que a memória seria uma das possibilidades de se reconhecer e representar o passado: “(...) a memória produz o ingresso no passado pelo caminho da reminiscência construída como brecha para esse passado a partir do presente. (Barbosa, 2016, p. 13). A autora reflete sobre a atuação dos meios de comunicação de um modo geral, como lugares de memória.

Ao se presumir que a mídia de maneira geral ou os meios impressos se constituem como lugares de memória, se está percebendo-os como espaços de articulação da memória coletiva de determinados grupos. Além disso, parte-se da constatação de que a história passou a ser dilatada a partir da ação midiática, passando a memória a ser articulada a partir das disputas operadas no espaço midiático, forjando enquadramentos de memória. Nesse sentido, os meios de comunicação produziram uma espécie de história do tempo presente, realizando para isso uma “operação midiográfica” (SILVA, 2011). Seriam, portanto, os meios de comunicação que dariam espessura à história, sendo nesse sentido também lugares de memória. (...) Apesar das limitações do conceito na sua aplicação ao campo das mídias, como estamos procurando mostrar, o lugar de memória tornou-se quase que obrigatório

para as pesquisas com alguma dimensão histórica e que correlacionam história e memória. (BARBOSA, 2016, pp. 11-14)

Barbosa complementa argumentando que o desejo de memória identificado nos meios funciona como ativador destes, também como lugares da memória, na medida em que narram e constroem o presente para o futuro. E sintetiza:

Essa obsessão pelo memorável durante mais de uma década (1993 a 2007) levou as pesquisas na direção de uma nova perspectiva – os usos do passado como estratégias narrativas dos meios de comunicação - na qual a questão conceitual da memória está mais uma vez presente. (BARBOSA, 2016, p. 15)

Mas afinal, onde dispor os objetos da memória e as imagens símbolos que permitem a recordação? Talvez, uma das formas de eternizar tudo isso e impedir que aconteça o esquecimento, é possibilitando seu armazenamento por meio de um suporte exterior, algo que fixe essa memória inscrita em uma narrativa e faça com que ela se perpetue. A partir dessas considerações conceituais, uma questão se coloca: seriam o espaço web e o registro videográfico “lugares de memória”?

Partindo dessas perguntas começamos considerando que a natureza comunicacional do ciberespaço une a informação, a tecnologia e a memória, tornando a internet um espaço convergente de rememorações. As novas mídias digitais oferecem mais possibilidades de visibilidade e interatividade tanto no sentido pessoal como coletivo, o que facilita seu uso como espaço público de sociabilidade e produtor/suporte de narrativas.

Janet Murray (2003) avalia que “o último quarto do século XX marca o início da era digital. O computador ligado em rede atua como um telefone, ao oferecer a comunicação pessoa a pessoa em tempo real; (...) um museu em sua ordenada apresentação de informações visuais” (MURRAY, 2003, p. 41).

A autora nos apresenta quatro propriedades essenciais do ambiente digital que o tornam um poderoso veículo de criação literária. Por que não dizer para criação de narrativas também? Segundo ela, os ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos.

As duas primeiras propriedades correspondem, em grande parte, ao que queremos dizer com o uso vago da palavra interativo; as duas propriedades restantes ajudam a fazer as criações digitais parecerem tão exploráveis e extensas quanto o mundo real, correspondendo, em muito, ao que temos em mente quando dizemos que o ciberespaço é imersivo. Ambientes digitais são procedimentais (...), por sua distintiva capacidade de executar uma série de regras. Ambientes digitais são participativos (...), os computadores são interativos. Ambientes digitais são espaciais (...). Os novos ambientes digitais caracterizam-se pela capacidade de representar espaços navegáveis. (...) os ambientes digitais apresentam um espaço pelo qual podemos nos mover. Ambientes digitais são enciclopédicos (...). A quarta característica dos ambientes digitais, que é promissora para a criação de narrativas, é

mais uma diferença de grau do que de espécie. Computadores são o meio de maior capacidade jamais inventado, prometendo recursos infinitos. Devido à eficiência da representação de palavras e números no formato digital, podemos armazenar e recuperar quantidades de informação muito além do que antes era possível. A memória humana foi estendida, com o meio digital, (...). A capacidade enciclopédica do computador e a expectativa enciclopédica por ele gerada fazem dele um meio instigante para a arte narrativa. A capacidade de representar enormes quantidades de informação em formato digital traduz-se no potencial artístico de oferecer uma riqueza de detalhes, de representar o mundo de modo tanto abrangente quanto particular. (MURRAY, 2003, pp. 78 – 88)

Podemos dizer que, em termos procedimentais, o ambiente digital é um motor que possui métodos que colaboram com a criação de estruturas narrativas. No caso das redes sociais, por exemplo, existe uma promoção de registros da memória cotidiana. Os ambientes digitais também favorecem a participação e a interação entre as pessoas, características essas, fundamentais das redes de sociabilidade.

Observamos também que os suportes digitais têm sido aproveitados de forma recorrente como espaços de compartilhamento de recordações, tal como apontava no final do último século *Ciro Marcondes Filho* (1996).

As tecnologias transformam a maneira de as pessoas recuperarem e utilizarem memórias. Como suportes da memória, funcionam como extensão da capacidade humana de armazenar e recuperar informações, conhecimentos e acontecimentos vividos, projetos e planos futuros. (MARCONDES, 1996, p. 314)

A comunicação em rede oferece um novo, amplo, moderno e significativo espaço para se criar novas experiências de interação, convivência, partilha e visibilidade social, reunindo no meio digital pessoas e espaços de forma interativa por meio da criação de laços sociais.

O surgimento e a evolução dos meios de comunicação web e os avanços tecnológicos no âmbito da informação, também são discutidos por *Motta* (2013) sob uma perspectiva positiva e relevante para a sociedade contemporânea.

Nas últimas décadas, com o progresso das tecnologias da informação e o advento dos meios de comunicação eletrônicos e digitais, a nossa capacidade de observar cada vez mais longe, mais distante, mais adiante e mais atrás, a percepção do nosso presente cotidiano se expandiu, se aqueceu e se adensou: o presente adquiriu um sentido histórico (de passado), fez crescer a consciência histórica. (Motta, 2013, p. 104).

A discussão levantada por *Motta* nos leva a pensar a era da comunicação digital como um divisor de águas e uma possibilidade enriquecedora para a informação na contemporaneidade, se pensarmos no seu poder de reduzir as distâncias entre pessoas, lugares e informações. Vivemos a era das novas tecnologias da informação como um momento

propício para o aumento das nossas concepções de mundo e da nossa conscientização histórica.

Essa referida era das narrativas em tempos digitais é entendida por Jenkins (2009) sob o viés da cultura da convergência das mídias, onde temos a possibilidade de contar histórias, envolvendo vários meios. Ele também trabalha com a tendência atual dos sujeitos em tomar o domínio dos espaços digitais para si próprios ao pensar que “convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia”. (JENKINS, 2009, p. 45)

Ainda tratando sobre as narrativas em tempos de vivências digitais, Raquel Recuero, em seu livro “Redes Sociais na Internet” (2009) discute o advento da comunicação mediada pelo computador como um fenômeno que tem alterado as formas de organizar o mundo, em sua própria identidade:

Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. [...] Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas. (RECUERO, 2009, pp. 16 - 17)

Recuero entende o conceito de redes de sociabilidade como um espaço de trocas sociais e de representações para os sujeitos, que envolveria um conjunto de atores e suas relações.

[...] há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço. Um processo que perpassa não apenas as páginas pessoais, como *photoblogs* e *weblogs*, *nicknames* em chats e a apropriação de espaços como os perfis em softwares como o Orkut e o MySpace. Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet. (RECUERO, 2009, pp. 26 - 27)

Na perspectiva da autora, nas redes haveria espaços de interação, a constituição de lugares de fala, que seriam construídos pelos próprios atores sociais como forma de representar-se e à sua identidade. Entre esses espaços abordados por Recuero destaca-se a plataforma digital Facebook, entendida como um site/aplicativo utilizado pelas pessoas para manterem contato e terem visibilidade.

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do Orkut, do Facebook, do LinkedIn e vários outros. São sistemas onde há perfis e há espaços

específicos para a publicização das conexões com os indivíduos. (RECUERO, 2009, p. 104)

Delimitando o *Facebook* como objeto de estudo deste trabalho e, observando as contribuições dos autores citados, podemos compreender essa rede como um ambiente onde os usuários estabelecem relações sociais e comunicativas. Dessa forma, pensamos aqui, tanto nos perfis individuais como nos grupos/comunidades criados nessa plataforma como espaços que proporcionam visibilidade, interatividade, partilha de histórias, momentos, acontecimentos e recordações. Julgamos ainda, que a rede social *Facebook* tem a capacidade de influenciar nos acontecimentos memoráveis por meio da troca de lembranças entre os fãs de páginas ou grupos específicos.

Recuero define bem o conceito de comunidades/grupos virtuais, entendida como “um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento” (2009, p. 144).

Por sua vez Rosaly Henriques (2014) propõe que com o surgimento das redes sociais, “o uso da *internet* ganhou uma nova faceta: o de um mural de registros de experiências, ideias e memórias”. (HENRIQUES, 2014, p. 16). Mais que um painel para se registrar lembranças, Henriques (2014), trabalha com o entendimento de que as redes de sociabilidade digital, de maneira específica o *Facebook*, se tornaram “lugares de memórias”.

Acreditamos que de forma intencional, ou não, as redes sociais *online* acabaram por se tornar uma espécie de “lugar de memórias” ao lado de espaços tradicionais de preservação de memórias, como museus e arquivos. (...) as redes sociais, além de suas funções comunicativas e sociais, tornaram-se espaços de registro e “preservação” de memórias, e o *Facebook*, por exemplo, acaba reivindicando para si um “lugar de memórias” na *internet*. (HENRIQUES, 2014, pp. 24 - 25)

Segundo a pesquisadora, “a *internet* é um poderoso meio de divulgação de histórias e memórias. Ela pode e deve ser usada como um instrumento de preservação de registros e evitar processos institucionalizados de esquecimento (2014, p. 33). Ela complementa, enfocando alguns diferenciais das redes sociais e do espaço web como suportes de narrativas.

Ao lidarmos com a memória na *internet* não podemos deixar de mencionar três temáticas que se entrelaçam: a produção de narrativas de memória e os rastros digitais que dela resultam e, por fim, a dinâmica da preservação desse patrimônio digital na rede mundial de computadores. As redes sociais são espaços de interação e afetividade, mas principalmente de troca. E, essas trocas, têm, na maioria das vezes, um forte componente visual. Nas redes sociais proliferam esses elementos, seja através de fotografias ou de imagens. ((HENRIQUES, 2014, p. 33)

Tomando como suporte teórico o conceito dos “lugares de memória” proposto por Nora (1998), e, pensando nas considerações feitas pelos pesquisadores apresentados nesta discussão, podemos dizer que os espaços digitais e a rede social *Facebook* podem ser entendidos como “lugares de memória”, se observarmos que o conceito abrange “lugares materiais” - onde suportes físicos são capazes de abrigar a memória social. No caso específico do *Facebook*, podemos dizer ainda que este espaço web possui a capacidade de representação e divulgação da memória coletiva, por meio da possibilidade de criação de grupos/comunidades e páginas na plataforma.

Até agora nos propusemos a entender a internet, a comunicação em rede e as redes sociais, mais especificamente, o Facebook, como suportes digitais para arquivamento de registros de memória. A partir daqui, pretendemos especificar a produção audiovisual como um dos processos narrativos que podem ser veiculados nas redes sociais, bem como, tentar estabelecer um raciocínio que dê conta de apresentar os registros de vídeo também como “lugares de memória”, especialmente, para as cidades.

### 3.2 NARRATIVAS DE MEMÓRIA EM VÍDEO

Quando discutimos sobre a relação entre memória e internet, não podemos deixar de abordar os processos de registros de narrativas sobre o passado, seja através de textos, imagens ou vídeos postados nos sites, blogs ou nas redes sociais. De forma especial voltaremos nosso olhar para as narrativas produzidas em vídeos, na expectativa de pensar o registro videográfico como um suporte físico capaz de abrigar a memória social. Pensando como propôs Nora (1998), nosso objetivo é criar uma discussão que leve ao entendimento do audiovisual como “lugar de memória”, assim como fizemos com o meios de comunicação digitais.

Podemos entender por audiovisual a mensagem constituída da combinação de som e imagem, capturada por meio de aparatos tecnológicos, como câmeras, computadores, *notebooks*, *tablets* e também celulares. A esta mensagem de áudio e vídeo podemos acrescentar ainda componentes textuais que agregam novos sentidos à combinação. Esta união de som e imagem, mais que uma mensagem, ela é uma narrativa videográfica que retrata/narra alguma história ou fato.

Na obra “O cinema Clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos” (2005), David Bordwell afirma que a narração tem importante papel para suscitar tipos distintos de atividades e elenca três campos de abordagem para o conceito.

Podemos considerar como distintos, ao menos provisoriamente, três aspectos da narrativa. A narrativa pode ser estudada como *representação*: de que modo se refere ou confere significação a um mundo ou conjunto de ideias. (...) como estrutura: o modo como seus elementos se combinam para criar um todo diferenciado. Por fim, podemos estudar a narrativa como ato: o processo dinâmico de apresentação de uma história a um receptor. (BORDWELL, 2005, p. 277)

A partir dos três enfoques que o autor propõe para o termo, acreditamos que a produção audiovisual, ao mesmo tempo em que sugere representações de algo, ela também é uma estrutura formada por meio da junção de vários elementos para se criar a narrativa final e, ainda, apresenta/narra uma história ao receptor, por meio da sucessão de imagens.

Quando capturamos imagens de espaços, pessoas, momentos e elementos afins, temos como intenção inicial fazer registros e arquivá-las, para posteriormente acessá-las. Ao registrar e guardar, por exemplo, cenas do cotidiano de uma cidade, de seus moradores e seus ambientes, estamos criando representações de algo que não é o objeto real e sim um elemento novo colocado em seu lugar. De acordo com Abbagnano (1982), a expressão imagem tem seu significado ligado à concepção grega de “semelhança ou vestígios das coisas, que se podem conservar independente das próprias coisas” (ABBAGNANO, 1982, p. 511).

Dessa forma, a imagem passa a ser um símbolo daquilo que ela representa, servindo como criação de narrativas, documentação histórica de algo, ressignificação do objeto de origem e releitura de determinada coisa, instante e espaço. Mais que isso, a imagem se constitui como meio de comunicação entre o ser humano e o mundo, que é mediado por formas díspares de interpretação e representação visual.

No caso específico do registro audiovisual, Coutinho (2008, p. 330) ressalta que “o ato de perceber imagens, a faculdade de percepção visual, e, posteriormente sua discriminação, seria uma espécie de característica “natural” de todo o ser humano, adquirida ao longo de sua evolução”. Interessa-nos aqui, pensar em uma metodologia de análise das imagens audiovisuais difundidas por intermédio dos meios de comunicação digital, no caso o Facebook, como narrativas de memória para uma cidade. Para Coutinho:

No caso das pesquisas em comunicação, poderíamos pensar que a análise de imagens poderia ser utilizada em três grandes grupos de estudos. Uma das linhas de investigação considera a imagem com documento; outra propõe a análise desta como narrativa; e ainda há os que defendem a necessidade de se realizarem exercícios do ver, como Martín Barbero e German Rey (2001). (COUTINHO, 2008, p. 331).

Enquanto Coutinho (2008) atenta para a percepção de imagens como uma especialidade nata dos indivíduos, em sua obra “O Homem e as Máquinas”, Santaella (2000) trabalha com o conceito de “máquinas sensórias”, o que segundo ela, “trata-se das máquinas

que funcionam como extensões dos sentidos humanos especializados, quer dizer, extensões do olho e do ouvido de que a câmera fotográfica foi inaugural” (2000, p. 37). Distintas das máquinas substitutivas do esforço muscular humano, as sensórias são aparelhos que prolongam os sentidos do homem. Nas palavras da autora:

Enquanto as máquinas musculares são engenhosas, os aparelhos ou máquinas sensórias são máquinas construídas com o auxílio de pesquisas e teorias científicas sobre o funcionamento dos sentidos humanos, muito especialmente o olho. São, por isso mesmo, máquinas dotadas de uma inteligência sensível, na medida em que corporificam um certo nível de conhecimento teórico sobre o funcionamento do órgão que elas prolongam. São também máquinas cognitivas tanto quanto são cognitivos os órgãos sensórios. Se os sentidos humanos funcionam como janelas para o mundo, canais de passagem, meios de conexão entre o mundo exterior e o interior, se algumas funções cerebrais já começam a ser executadas no nível do olho e do ouvido, todos esses papéis também se incorporam aos aparelhos. Enquanto as máquinas musculares foram feitas para trabalhar, os aparelhos foram feitos para simular o funcionamento de um órgão sensório. São, de fato, conforme os caracterizou McLuhan (1972), prolongamentos ou extensões dos órgãos dos sentidos, simulando seu funcionamento. Mas, ao simular esse funcionamento, os aparelhos extensores se tornaram capazes de produzir e reproduzir entidades inauditas que viriam provocar modificações profundas na própria paisagem do mundo. Enquanto as máquinas tarefairas imitam e amplificam os poderes da musculatura humana, acelerando o ritmo do trabalho, os aparelhos são máquinas de registro', que não apenas fixam, num suporte reprodutor, aquilo que os olhos vêem e os ouvidos escutam, mas também amplificam a capacidade humana de ouvir e ver, instaurando novos prismas e perspectivas que, sem os aparelhos, o mundo não teria. Enfim, enquanto as máquinas musculares produzem objetos, os aparelhos produzem e reproduzem signos: imagens e sons. (SANTAELLA, 2000, p. 37)

O termo “máquinas sensórias” é utilizado pela autora para designar as câmeras fotográficas e videográficas, bem como seus produtos técnicos, a fotografia e os arquivos de vídeo, utilizados pelo homem como forma de registrar e arquivar imagens e sons. No entendimento de Santaella, esses aparelhos são capazes de perpetuar os signos que capturam para além de tudo aquilo que os sentidos humanos podem captar.

Se, depois do advento das máquinas musculares, o mundo começou a ser crescentemente povoado de objetos industrializados, depois do advento dos aparelhos, ele começou" a ser crescentemente povoado, hiperpovoado de signos. Ao funcionarem como prolongamentos da visão e audição, os aparelhos extensores dos sentidos amplificam a capacidade humana de produzir signos, isto porque os aparelhos não são apenas extensões do processamento sensório, mas também, máquinas de registro e reprodução ou gravação daquilo que os sentidos captam. (SANTAELLA, 2000, p. 37)

A autora cita como exemplo de produto final das “máquinas sensórias” a fotografia, que “é uma imagem, uma visão do real, registrada num suporte, o negativo, que, além de duradouro, funciona como uma matriz de infinitas cópias”. (SANTAELLA, 2000, p. 38). De forma análoga, podemos dizer que o mesmo acontece com o vídeo, um registro de imagem e som, criado para ser um simulacro da realidade, e, ainda perdurar ao longo do

tempo. A autora complementa, dizendo que “nesse sentido, os *outputs* ou produtos sígnicos dos aparelhos são também formas de memória extra-somática da visão e da audição” (SANTAELLA, 2000, p. 38). Afirma ainda que ao capturarmos fragmentos da realidade com o auxílio de aparatos visuais e auditivos estamos narrando e relendo o mundo e o cotidiano por meio de imagens. Essas imagens têm o poder de substituir/ser aquilo que representam de forma simbólica.

Não há dúvida de que os registros fixados pelos aparelhos visuais e auditivos são signos roubados ao mundo, quer dizer, capturados da realidade para dentro de uma câmera ou gravador e devolvidos ao mundo como duplos, imagens e ecos daquilo que existe. Os aparelhos são, por isso, máquinas paradoxalmente usurpadoras e doadoras. De um lado, roubam pedaços da realidade, de outro mandam esses pedaços de volta, cuspidos para fora na forma de signos. Entretanto, além de duplicadores, os aparelhos são também reprodutores, gravadores *ad infinitum* dos fragmentos que registram. Além de replicantes são, sobretudo, proliferantes, dotados de um alto poder para a proliferação de signos. Os aparelhos funcionam, assim, como verdadeiras usinas para a produção de signos. É por essas razões que, não obstante as grandes diferenças nos modos de registro, difusão, distribuição e recepção que separam a fotografia do cinema e que separam, mais ainda, ambos da videografia e esta da holografia, todos esses aparelhos são regidos por denominadores comuns; entre eles, principalmente: (1) o fato de serem verdadeiras usinas sígnicas e (2) o caráter vicário dos signos que produzem, o cordão umbilical que liga esses signos indissolúvel e servilmente à realidade. (SANTAELLA, 2000, p. 38)

Assim como Santaella (2000) acredita que todos nós somos seres capazes de narrar o cotidiano, o mundo e a nós mesmos, Omar Rincón (2006) defende que habitamos a *narrativização* da sociedade, pensando numa perspectiva de que o que temos de mais precioso para compartilhar e deixar para os outros são nossas histórias e relatos. Para ele, fazemos parte da cultura da narração como uma estratégia para sobreviver, resistir e imaginar a vida. Rincón afirma que “somos los hijos de los relatos” (2006, p. 9), mais que isso, “somos los relatos que producimos de nosotros mismos como sujetos y como culturas” (2006, p. 87). O autor ressalta que os seres humanos, as culturas e as sociedades são experiências comunicadas por meio de sua conversão em histórias.

Rincón (2006) compreende os meios de comunicação de massa e os meios de audiovisual como materiais básicos dos processos de comunicação e criação de narrativas. Ele diz que nós vivemos em seu entorno e a maioria dos nossos estímulos simbólicos procedem deles. O autor afirma que “los medios de comunicación han demostrado que son máquinas de contar historias” (2006, p. 22), e cita Umberto Eco (1996) na tentativa de estabelecer um raciocínio de ligação do processo narrativo com a percepção do mundo e a recuperação do passado pelos sujeitos.

La narrativa nos ofrece la posibilidad de ejercer sin límites esa facultad que nosotros usamos tanto para percibir el mundo como para reconstruir el pasado. [...] A través de la narrativa adiestramos nuestra capacidad de dar orden tanto a la experiencia del presente como a la del pasado. (ECO, 1996, p. 145 *apud* RINCÓN, 2006, p. 90)

Michel Pollak (1989) é outro autor que considera o filme um instrumento capaz de realizar o enquadramento de memória, de reconstruir os fatos e apreender as emoções através da imagem e dos sons:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e, portanto, no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. (POLLAK, 1989, p. 9)

Essa capacidade que a filmagem tem de reconstrução dos episódios e apreensão das emoções, destacada por Pollak (1989,) pode ser entendida como uma competência para ajustar vestígios capturados da realidade. E segundo Pomian (2000, p. 507), quando falamos em memória estamos falando em vestígios. E os vestígios são representações da realidade, pois “toda memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada”. A arte da memória, na visão de Pomian, é a arte da linguagem, pois é a partir das narrativas orais ou escritas que um indivíduo se torna depositário da memória de seu grupo. Ousamos ir além e, abrindo um parêntesis, acrescentar as narrativas fotográficas e viodegráficas como formas de se apresentar a memória grupal.

Falar de memória é falar de representações da realidade. Da mesma forma, falar de imagens cotidianas capturadas em vídeos é o mesmo que tratar de signos, representações simbólicas da realidade. Ora, a memória, assim como o registro audiovisual são vestígios do real guardados e prontos para serem acessados quando necessário.

Pensando especificamente no nosso objeto de pesquisa podemos dizer que, a partir do momento em que os arquivos de audiovisual partilhados em plataformas digitais têm como intuito apresentar as histórias criadas sobre a cidade de Bias Fortes por meio de um processo narrativo e comunicativo, eles passam a ser representações do cotidiano e do espaço físico do município. Essas imagens simbólicas são releituras do real usadas como forma de representação do espaço urbano.

Acreditamos que por meio dos processos narrativos de hoje podemos ressignificar o passado, o presente e o futuro mediante a criação de releituras sobre períodos históricos distintos, em diversos meios, contribuindo com a construção de novas visões de mundo, novas percepções de temporalidade e, criando fontes históricas de informação.

A partir das perspectivas dos autores elencados durante esta discussão e dos raciocínios construídos a respeito das imagens como narrativas, dos meios de audiovisual como máquinas de contar histórias e dos registros audiovisuais como ecos e imagens daquilo que existe, retomamos mais uma vez, o pensamento de Nora (1998), a respeito dos lugares que nos transportam para as memórias de outros tempos e de outros acontecimentos, os “lugares de memória”.

Seriam os arquivos de vídeo lugares para se registrar, guardar e perpetuar a memória? Acreditamos que sim, pois como suportes físicos de captura e armazenamento de imagens que retratam momentos, lugares e acontecimentos de outros tempos, os registros audiovisuais se tornam “lugares materiais” – capazes de abrigar a memória social. Tudo aquilo que é capturado pela câmera e apreendido como imagem, se torna um arquivo que fica armazenado, podendo ser visto quando houver necessidade.

Capturamos momentos em vídeos com o desejo de guardar para acessar, ver e rever futuramente. Mais que rever, muitas vezes pretendemos reviver, lembrar e relembrar. Essas imagens representam para quem as guarda, recordações de tudo que passou, foi vivido e ficou para trás. Representam um passado que pode ser lembrado, basta dar o play e assistir. Registrar a memória em vídeo significa criar um estoque de lembranças que, atualmente, podem ser guardados e compartilhados em diversos meios, como celulares, computadores, *tablets*, câmeras de filmagem, e ainda, podem ser compartilhados virtualmente nas redes sociais.

Haveria assim um tensionamento entre novas formas de registro e suportes de circulação e os desejos de eternizar momentos. Afinal, conforme nos alerta Jost (2011, p. 100), “Se os meios usados para acessar os conteúdos audiovisuais são inegavelmente novos, resta saber se eles são sintomas de comportamentos radicalmente novos, e qual será o impacto desses novos usos”.

A seguir propomos uma breve apresentação e contextualização da plataforma digital *Facebook*, um dos sites de rede social mais acessados na contemporaneidade, com o intuito de especificar melhor o que são e como funcionam as comunidades virtuais – grupos de sociabilidade – criados nesse meio de comunicação *web*. Trataremos também de fazer possíveis ligações entre as funções da plataforma em questão e a possibilidade de formação de grupos virtuais dentro da mesma, como meios para se criar e acessar narrativas sobre memória.

### 3.3 A PLATAFORMA FACEBOOK E SUA DINÂMICA DE GRUPOS

Vivemos a era da cultura digital, momento histórico que segundo Santaella (2013) também pode ser denominado de cibercultura, um tempo mediado pelas múltiplas possibilidades oferecidas pelos variados recursos computacionais. A autora também nos leva a observar que estamos cada vez mais imersos em um novo espaço de vivência e convivência, o ciberespaço. Segundo Santaella (2013, p. 25), “constitui-se, desde então, o que passou a ser chamado de ciberespaço, uma extensão de espaço público, ou melhor, um espaço público complementar. Assim como nas praças e nas ruas, as pessoas identificam-se, apropriam-se e usam esses espaços complementares para expressar-se e conviver”.

Ainda segundo a autora, “no estado da arte atual, a efervescência dessa cultura mediada pelo computador em quaisquer dos artefatos em que ele se corporifica – *desktop*, *laptop*, *ipad*, *tablete*, *iphone* etc – encontra-se nas redes sociais” (SANTAELLA, 2013, p. 25). O fato é que a comoção maior da cibercultura é observada aqui como um sentimento que emana das chamadas redes sociais ou redes de sociabilidade digitais, sendo esse segundo termo, também bastante comum atualmente. Essas redes ou comunidades, que possibilitam às pessoas manterem relações sociais, reunirem-se e unirem-se no ciberespaço, são apontadas por Santaella como uma tendência antiga dos meios eletrônicos, que antecede o surgimento das plataformas de redes sociais que temos hoje.

Antes que as plataformas computacionais de redes sociais tivessem sido desenvolvidas, já estava no genoma da internet a tendência para as redes de agrupamentos humanos que, a partir de 1993 (Rheingold), foram chamadas de comunidades virtuais. Estas eram definidas como todos os grupos ou redes que possibilitavam aos indivíduos se comunicarem na internet, na qual estava aberto o potencial para experienciar os benefícios de uma vida em comunidade, sem nenhuma de suas cargas presenciais. Disponível 24 horas por dia, não se corria o risco de aborrecer ou sobrecarregar um vizinho ou de, por outro lado, receber visitas inesperadas. Além disso, era um campo aberto para falar de coisas de interesse pessoal ou grupal a que os outros respondiam oportunamente, sem os constrangimentos e a permanência que a presença face-a-face podia impor. Quando as conversações se tornavam complicadas ou entediadas, o grupo podia facilmente se dissolver, sem mágoas, ressentimentos, cobranças ou recriminações. (SANTAELLA, 2013, p. 25)

A autora argumenta que a criação e organização de comunidades pelos indivíduos para realizar comunicação interpessoal é uma característica nata da raça humana, uma vez que, já nascemos com essa predisposição de criação de grupamentos sociais, mesmo fora do ciberespaço.

(...) Do ponto de vista antropológico, o desenvolvimento de redes sociais pela humanidade antecede, em pelo menos dois milhões de anos, os fenômenos ciberculturais, já que o ser humano é definido, entre outras coisas, pela sua capacidade de “estabelecer grandes redes sociais entre indivíduos distantemente aparentados ou mesmo desconhecidos entre si. Essa formidável capacidade

cooperativa – que as mídias sociais apenas potencializam – nos diferencia do comportamento cooperativo de outras espécies sociais”. Portanto, redes sociais são constitutivas da espécie, transcendendo “o canal pelo qual se desenvolvem, seja numa comunidade caçadora – recoletores do neolítico ou numa organização empresarial na era da interconectividade” (Garcia, 2012). (SANTAELLA, 2013, p. 26)

Atramos essa tendência das pessoas em formar grupos sociais na internet, por motivos quaisquer e para discutir temas diversos, à criação de comunidades virtuais que tratem especificamente dos ambientes das cidades. Esses ciberespaços criados para retratar os centros urbanos são uma tendência da contemporaneidade que surgem e ganham força com as novas possibilidades criadas pelas tecnologias da informação. Trabalhamos com o entendimento de que esses grupos virtuais são redes de sociabilidade que permitem a criação de laços e intercâmbios comunicativos de sentimentos e reações, entre os indivíduos participantes dessas redes sociais digitais.

Ao buscar formular um conceito para as redes sociais digitais, Recuero (2009) nos assinala o entendimento para o termo com base em alguns autores, com vistas a uma síntese.

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

De acordo com Recuero (2009), uma das principais mudanças relevantes percebidas após o advento da comunicação mediada por computador nas relações entre os indivíduos é a transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais, mesmo não sendo a internet a primeira responsável por esta reviravolta. Mais que isso, esses espaços virtuais passam a ser uma alternativa que compete com as comunidades reais da sociedade: “(...) as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social” (RECUERO, 2009, p. 136).

Os elementos formadores da comunidade virtual, que levariam as pessoas a criarem esses grupamentos sociais seriam: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento. A combinação desses elementos no ciberespaço poderia formar redes entendidas como comunidades, na perspectiva de Recuero:

(...) a comunidade virtual é um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma

estrutura de cluster, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento. Assim, a diferença entre a comunidade e o restante da estrutura da rede social não está nos atores, que são sempre os mesmos, mas sim nos elementos de conexão, nas propriedades das redes. (RECUERO, 2009, p. 144 e 145)

Da mesma forma que Recuero (2009) aponta essa tendência dos indivíduos em criar redes de sociabilidade digitais como uma alternativa às comunidades reais do dia a dia, Raul Reis (2013), ao fazer algumas considerações a respeito do futuro da mídia no século XXI, retrata essas redes sociais como principais integrantes deste século. O autor também nos dá uma definição possível para o conceito.

(...) eu estou definindo redes sociais amplamente, incluindo aqui todos os sites e tecnologias digitais, que permitem que duas ou mais pessoas comuniquem livremente, sem intermediários, discutindo, conversando, e compartilhando informações. Redes sociais incluem o compartilhamento de texto, vídeo, imagens, sons, etc., e incluem sites e serviços como Facebook, Twitter, LinkedIn, Flickr, YouTube, Wikipedia, Orkut, Blogger, WordPress e muitos outros. (REIS, 2013, p. 70)

Reis nos lembra que, atualmente, temos sites que oferecem serviços e constituem-se em redes de sociabilidade, como é o caso do *Facebook*, considerado como umas das comunidades virtuais mais utilizadas no mundo para a manutenção de relações sociais interpessoais. Não podemos esquecer (ou deixar de lembrar) que muito antes do *Facebook* existiram outras tentativas, como se deu com o extinto Orkut, entre outras plataformas. Mas lembramos que no caso deste trabalho nosso foco encontra-se na rede social *Facebook*.

A respeito do fenômeno das redes sociais online, Rosali Henriques (2014), afirma que é algo recente, e, o considera uma tendência de crescimento da rede mundial de computadores na perspectiva de criar espaços para a participação de usuários. A pesquisadora faz um resumo do caminho percorrido pela internet em relação aos espaços de interatividade criados para os indivíduos.

O boom dos blogs deu-se a partir de 1999, mas ainda continua sendo um meio muito utilizado pelos usuários, sejam eles de caráter pessoal, jornalístico ou temático. Os blogs evoluíram para os fotologs e videologs, experiências de deixar seus registros na internet, seja por meio de textos, fotos ou vídeos. (...) Em 2002 surgiu a primeira rede social online, o Friendster, criado por Jonathan Abrams. Não teve sucesso inicial e acabou por ser fechada por problemas técnicos e por falta de capacidade do sistema de suportar vários acessos ao mesmo tempo. (...) A rede social Myspace surgiu em 2003 e foi a rede social mais utilizada pelos usuários da internet no mundo inteiro até perder espaço para o Facebook. (...) Em janeiro de 2004, surgiu a rede social *Hi5*, fundada por Ramu Yalamanchi. O *Hi5* cresceu no Brasil em paralelo ao crescimento do *Orkut*, como uma alternativa à superlotação do *Orkut*, mas acabou perdendo espaço para o *Facebook* na preferência dos internautas. A rede social online *Orkut* iniciou suas atividades em janeiro de 2004 e foi criado por Orkut Büyükkökten, um engenheiro turco, funcionário do *Google*. Embora o alvo inicial tenha sido os Estados Unidos, o *Orkut* rapidamente se alastrou para o Brasil, tornando-se a principal rede social do país até outubro de 2011, quando foi

ultrapassada pelo *Facebook* em número de usuários no país. (...) O *Facebook* foi fundado em 4 de novembro de 2004 por Mark Zuckerberg e outros alunos de Harvard com o objetivo de conectar estudantes dessa universidade e que, posteriormente, se estendeu a outras universidades de Boston, dos EUA, Europa e finalmente se espalhou para o mundo inteiro. (HENRIQUES, 2014, p. 82 e 83)

Assim como a autora, Maria Lúcia Santaella (2013) aponta o ano de 2003 como de surgimento das redes de relacionamento digitais, ou redes sociais. O foco dos internautas se alterava, com a adesão aos serviços oferecidos pelas novas e modernas plataformas de redes de sociabilidade. Como explica a autora:

As comunidades virtuais pipocaram no ciberespaço por algum tempo, até que sua visibilidade começou a arrefecer, na medida mesma em que crescia a adesão dos usuários às plataformas de redes sociais, especialmente porque essas plataformas, como o Facebook, por exemplo, já contêm, no seu programa, as facilidades para a criação de grupos de interesse que podem manter certa privacidade. (SANTAELLA, 2013, p. 27)

É fato que existe uma lista enorme de várias outras plataformas ou sites de redes sociais, como é o caso dos famosos *WhatsApp*, *Twitter*, *Flickr*, *YouTube*, *Instagram*, *Snapchat* etc, mas aqui, de forma particular daremos ênfase à comunidade virtual mais utilizada do mundo, que também é *locus* de nossa pesquisa, o *Facebook*<sup>1</sup>. Lançado em 2004, com o objetivo de conectar estudantes universitários norte-americanos, em um espaço de socialização, o *Facebook* é na atualidade um dos sistemas mundiais com maior base de usuários.

O *Facebook* (originalmente, thefacebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard (2004), posteriormente sendo aberto para escolas secundárias (2005) (vide Boyd & Ellison, 2007). O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. (RECUERO, 2009, p. 171)

De modo genérico, o Facebook é uma rede de sociabilidade digital que permite aos seus usuários conversar com amigos, compartilhar mensagens, links, vídeos, fotografias,

---

<sup>1</sup> De acordo com matéria publicada no site Dinheiro Vivo, em 23 de junho de 2017, a rede social *Facebook* lidera a lista das redes sociais mais utilizadas no mundo, com cerca de 1.968 milhões de utilizadores ativos mensais. Fonte: <https://www.dinheirovivo.pt/fotogaleria/galeria/conheca-as-redes-sociais-mais-utilizadas-do-mundo/>. Acesso em: 19. DEZ. 2017, às 12h13min.

curtir e também criar páginas referentes a temas diversos, e, ainda participar de grupos sobre temáticas diversificadas. Os adeptos desta rede podem interagir de diferentes formas, sendo a principal e mais usada, a criação de um perfil pessoal próprio na plataforma, que permite aproveitar as variadas possibilidades que o espaço virtual oferece.

Por outro lado, existe também a possibilidade de criar páginas, recurso este mais voltado para facilitar o contato do público com marcas, empresas ou artistas, e, ainda, grupos para reunir um número pequeno de usuários da rede que, podem ou não serem amigos, mas buscam discutir sobre algum assunto de interesse comum dos membros de forma mais privada. O modelo de organização, bem como as características básicas do Facebook, com seus perfis, páginas e grupos ou comunidades, onde podemos partilhar e compartilhar informações e muito mais, se enquadram bem na perspectiva abordada por Santaella (2013):

Essas redes acabam por funcionar como plataformas sociais, dada a facilidade de intercomunicação dos usuários por meio dos recursos proporcionados por tais serviços. “Os que participam dessas redes o fazem de forma voluntária, mas acabam por gerar conteúdo conteúdos que também têm valor histórico, etnográfico e sociológico, porque retratam as vidas e o dia a dia dos participantes. Chegam a ser confundidos com a realidade ou funcionam como partes complementares do cotidiano”. Em suma, são “maneiras públicas e abertas de comunicar que funcionam como uma agência de comunicação da qual todos participam e na qual todos se expõem”. (ibid., p. 12). As redes sociais operam a partir da criação de perfis que representam os usuários. Assim, elas oferecem serviços de mensagem instantânea, murais de mensagens, postagem de fotos e vídeos, entre outros. A popularização desses serviços faz que, com cada um desses perfis, criem-se pontos de referência para a identidade digital de alguém. Ademais, as redes sociais vão além de outros serviços apresentados na rede, porque agregam as funcionalidades dos demais e permitem socializar os passos que cada um dá nas redes, acionando os recursos para isso. (SANTAELLA, 2013, p. 28)

Mas afinal, como funciona a dinâmica de grupos nesta rede social, o que são e o que oferecem aos usuários? Notoriamente, os grupos no *Facebook*<sup>2</sup> fornecem um espaço que agrega pessoas, conversando sobre objetivos e interesses em comum, e, discutindo assuntos diversos, na plataforma digital mais popular do momento. Nesta plataforma é possível criar agrupamentos para quaisquer coisas, como colegas de trabalho, de faculdade, academia, reuniões de família, seu bloco de carnaval favorito e até mesmo a respeito de cidades. Ainda existe a possibilidade de personalizar as configurações de privacidade do grupo, restringindo quem pode participar ou visualizar o conteúdo do mesmo. São comumente utilizados para discussões e eventos, e constituem uma forma muito particular de permitir que um certo número de pessoas que possuem alguma afinidade, possam juntar-se online, conversar de forma simultânea, partilhar informações e discutir temas específicos. De forma concreta, um

---

<sup>2</sup> Fonte: [https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc\\_fnav](https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav). Acesso em: 19. DEZ. 2017.

grupo inclui, não só os seus membros, como conteúdos de notícias recentes, murais, fotografias, vídeos e todos os comentários que lhes estão associados. De acordo com Santaella (2013) os grupos são ambientes propícios à criação e manutenção de laços sociais.

Além de facilitarem a sociabilidade, as redes sociais expõem as relações entre os usuários, criando, assim, novas formas de sociabilidade. As pessoas se reconhecem e se relacionam, principalmente, por temáticas. Nas redes, os grupos se formam e se mantêm coesos ou não, uma vez que o tempo e o espaço são dinâmicos, efêmeros e fragmentados entre as perspectivas que cada um pode gerar ou absorver nesses âmbitos de convivência (Viana, *ibid.*, p. 22). Criam-se aí, laços fracos e, com muito menos frequência, laços fortes. (SANTAELLA, 2013, p. 36 e 37)

Ao criar um grupo, a plataforma oferece a possibilidade do usuário trabalhar com três modelos de ajustes de privacidade<sup>3</sup>, podendo optar pelas configurações público, fechado e secreto. No caso do público, qualquer pessoa pode participar, ser adicionada ou convidada por um membro, além da possibilidade de qualquer indivíduo poder ver todas as informações sobre o mesmo, como nome, membros, descrição, marcações, localização, publicações, histórias, *feed*<sup>4</sup> de notícias e até mesmo fazer busca. Em relação do fechado, o que o diferencia do anterior é que somente os membros atuais podem ver o que é publicado, ter acesso ao *feed* e busca. Quanto ao secreto, a permissão de entrada é livre, mas os interessados devem ser adicionados ou convidados por um membro. Especificações sobre o nome, descrição, marcações, localização ou encontrar o grupo na pesquisa, são atividades abertas a membros atuais e ex-membros, e somente os membros atuais podem ver quem está no grupo, visualizar o que é publicado e acompanhar o *feed* e a busca. Aquele (a) que cria um grupo na plataforma *Facebook*, automaticamente, será o seu administrador, podendo ainda dividir esta função com outros membros de seu interesse e confiança.

No caso específico desta dissertação, nosso olhar é lançado para um grupo existente na plataforma *Facebook*, a comunidade “Bias Fortes em fatos e fotos”, que retrata a cidade mineira de Bias Fortes, divulgando um pouco da história e memória daquele município. A comunidade virtual aqui estudada, se configura como o espaço onde está inserida a nossa pesquisa e, ainda, ferramenta para a coleta de dados que respondam às nossas indagações e hipóteses.

Na obra “Métodos de pesquisa para internet”, Amaral, Fragoso e Recuero (2011), descrevem algumas formas de abordagem para trabalhos empíricos que buscam se ater às tecnologias digitais de comunicação. Para as autoras, a internet oferece um conjunto de

---

<sup>3</sup> Fonte: [https://www.facebook.com/help/220336891328465?helpref=popular\\_topics](https://www.facebook.com/help/220336891328465?helpref=popular_topics). Acesso em 19. DEZ. 2017.

<sup>4</sup> O *Feed* de Notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e páginas que você segue no *Facebook*. As histórias do *Feed* de Notícias incluem atualizações de *status*, fotos, vídeos, *links*, atividades de aplicativos e curtidas.

ferramentas e ambientes online bem particulares que auxiliam no desenvolvimento de várias perspectivas metodológicas para pesquisas que envolvem os meios digitais. De acordo com as pesquisadoras:

Essa peculiaridade ajuda a chamar a atenção para o fato de que a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto). (AMARAL, FRAGOSO e RECUERO, 2011, p. 17)

Com base nas ponderações das pesquisadoras, entendemos que, no nosso caso específico, fazemos uso de um espaço de sociabilidade virtual inserido na internet, a plataforma *Facebook*, como ambiente para coleta dos dados de análise deste estudo. Nosso local e ferramenta de pesquisa compreende o grupo Bias Fortes em Fatos e Fotos, tendo como objetos empíricos os arquivos de vídeos compartilhados e a opinião dos membros seguidores. Por ser esta comunidade parte integrante desta pesquisa, trataremos de sua apresentação, de forma mais detalhada no capítulo a seguir, onde também apresentamos parte das narrativas históricas e de contextualização do município da zona da mata mineira, que está presente no nome do grupo virtual estudado.

## 4 A CIDADE NAS NARRATIVAS DIGITAIS DE “BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS”

*Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. (RICOEUR, 2010, v. I; p. 129)*

Iniciamos essa seção com uma breve apresentação da cidade de Bias Fortes, espaço urbano de que trata este trabalho, com o objetivo de compreender e incorporar na análise a ser empreendida o contexto histórico e geográfico deste território. Em um primeiro momento evidenciamos a cidade física e/ou material, o território demarcado geograficamente. Em um segundo momento tratamos do grupo Bias Fortes em Fatos e Fotos, local de apresentação virtual e armazenamento dos vídeos a serem analisados. A história de criação da comunidade é narrada nesse trabalho a partir dos depoimentos colhidos em entrevistas realizadas com seus dois criadores. Apresentamos também as análises dos vídeos compartilhados com o objetivo de representar a memória da cidade e os resultados de uma sondagem de opinião realizada com membros do grupo investigado.

### 4.1 A CIDADE TERRITÓRIO PARA ALÉM DO CIBERESPAÇO

Como localidade ou sede econômica e política, por exemplo, a cidade é antes de tudo um espaço, território que se define geográfica e historicamente. Toda cidade carrega consigo sua história, suas particularidades, suas culturas e suas identidades. “A cidade é ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com a qual se confunde” (SANTOS, 1994, p. 71). Essas considerações introdutórias servem-nos apenas para dizer que toda cidade, por detrás de tudo aquilo que compreende seu ambiente territorial, carrega consigo uma história de formação singular e rica, como é o caso de Bias Fortes, espaço urbano para o qual voltamos nosso olhar nessa pesquisa.

A cidade de Bias Fortes encontra-se localizada na Região da Zona da Mata Mineira<sup>5</sup>, limitando-se com Juiz de Fora, Santos Dumont, Pedro Teixeira, Antônio Carlos, Barbacena, Santa Rita do Ibitipoca e Lima Duarte. Situado a 199 Km da capital Belo

---

<sup>5</sup> A importante região de Juiz de Fora, onde se situa o Município, começou a ser desbravada no início do Século XVIII, com a abertura do famoso 'Caminho Novo', ligando Vila Rica (atual Ouro Preto) ao litoral do Rio de Janeiro. Quanto à fundação do núcleo, atual cidade de Bias Fortes, nada se sabe, com segurança, anterior a 1826. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/bias-fortes/historico>

Horizonte<sup>6</sup>, e inserido no circuito do Caminho Novo e da Estrada Real, o município possui uma área territorial de 283,9 km<sup>2</sup> e população de 3613 habitantes, de acordo com a última estimativa do IBGE<sup>7</sup>, datada do ano de 2017. Há 79 anos a cidade tem a denominação de Bias Fortes, uma vez que ganhou esse nome a partir de 17 de dezembro do ano de 1938. Antes disso, esse território possuiu uma longa história de formação, desde o início do século XVIII, com a abertura do chamado circuito do “Caminho Novo”<sup>8</sup> e da rota da “Estrada Real”. Suas origens encontram-se ligadas ao período da Escravidão no Brasil, quando a localidade serviu de esconderijo para negros refugiados que transformaram a região em uma comunidade quilombola.

A respeito da história do município, o padre Djalma Antônio da Silva (2005), em sua tese de doutorado intitulada “**O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano**”, registra logo no início de seu trabalho que “em Bias Fortes, em tempos remotos, existia um quilombo de escravos foragidos de outras regiões da Zona da Mata mineira” (SILVA, 2005, p. 24). O autor ainda afirma, em um capítulo específico sobre a cidade, que “em 1826, já havia no local uma povoação chamada Quilombo e que possuía a categoria de distrito”. (SILVA, 2005, p. 218) Em sua pesquisa, Silva (2005) tem como embasamento teórico as considerações feitas pelo historiador Jurandyr Pires Ferreira, publicadas na Enciclopédia Brasileira dos Municípios, em 1958. Planejada e orientada por Jurandyr, quando fora presidente da instituição, a Barsa reúne uma coleção de estudos pertencentes ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No volume XXIV dessa Enciclopédia, em que há uma breve apresentação da formação da cidade de Bias Fortes, encontramos registros que comprovam a existência do distrito do Quilombo.

Nas investigações feitas não foi possível determinar com rigor a data certa em que se estabeleceu nessas paragens a primitiva comunidade que deu origem ao povoado. O certo é que em 1826, a povoação dita Quilombo já gozava da categoria de distrito. (FERREIRA, 1958, p. 190)

Ao que consta, de acordo com alguns levantamentos históricos que se encontram publicados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, até 1826, não é possível afirmar ou garantir nada a respeito da história e da fundação do povoado que deu origem à cidade. Acredita-se que,

Quanto à fundação do núcleo, atual cidade de Bias Fortes, nada se sabe, com segurança, anterior a 1826. Nesta época já habitavam o território os ‘Quilombolas’,

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.institutoestradaareal.com.br/cidades/bias-fortes/6>

<sup>7</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/bias-fortes/panorama/>

<sup>8</sup> Caminho construído em 1709 para ligar o Rio de Janeiro à região aurífera de Minas Gerais.

negros escravos foragidos das propriedades agrícolas, formando o Arraial do Quilombo, no entroncamento dos rios Vermelho e Quilombo. Estes eram, possivelmente, os primeiros habitantes da povoação<sup>9</sup>. (IBGE)

Ferreira (1958) também aborda a questão.

Segundo tradições locais, o município de Bias Fortes primitivamente foi esconderijo de negros fugitivos do cativo, que vieram se aglomerar no entroncamento de dois rios (Quilombo e Vermelho). Teve, primitivamente, a denominação de Quilombo, por haver sido em tempos remotos guarida de muitos negros chamados quilombolas. Esse nome perdurou por longos anos; (FERREIRA, 1958, p. 190)

Ainda de acordo com o breve histórico disponível no site do IBGE, é provável que aqueles escravos foragidos tenham sido os primeiros habitantes da povoação até a chegada dos primeiros povos brancos. A data específica não é mencionada, mas possivelmente nessa época a comunidade quilombola já gozava da categoria de Distrito, e contava com autoridades administrativas.

A conquista e o povoamento das terras aconteceram, pelo que se sabe, a partir de 1826, com a chegada dos primeiros povoadores brancos, data esta não confirmada em documentação. Entre eles citam-se Francisco José Machado, Bento Alves Vieira, José Ribeiro de Almeida, Carlos Nogueira da Silva, Manoel Ribeiro Nunes, Manoel Esteves dos Reis, Manoel Jacinto de Oliveira, Domingos José da Silva Manso e Antônio Pires de Moraes, que se vieram juntar aos agricultores e criadores de gado, sendo a pecuária, ainda hoje, o alicerce da economia municipal. (IBGE)

Retomando o estudos de Ferreira (1958), a respeito da história da cidade, o pesquisador destaca a possibilidade de o Quilombo ter se tornado distrito, alguns anos antes de 1826.

Entre os documentos mais remotos, encontram-se as atas lavradas no livro do "Têrmo de Conciliações do Bem Viver", aberto e rubricado pelo então Juiz de Paz, por nome José Ribeiro de Almeida, livro do qual consta o reconhecimento público do Juiz Municipal de Barbacena, pertencente nessa data, à Comarca de Rio das Mortes. É provável que o povoado de Quilombo tenha sido elevado a Distrito em 1822, por ocasião da elevação de Barbacena à categoria de Vila. A procedência dos primeiros povoadores não é conhecida, nem tão pouco a data de suas entradas. (FERREIRA, 1958, p. 190)

Outra fonte de pesquisa que nos oferece alguns dados sobre a história de formação de Bias Fortes é um pequeno dicionário redigido, em 1998, por vários autores da região, e que apresenta um breve histórico de todas as comunidades – zonas rurais -pertencentes ao município. Por meio desse documento, escrito com a participação de membros das comunidades que pertencem ao município citado, observamos o reconhecimento de que no

---

<sup>9</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/bias-fortes/historico>

passado havia no local um quilombo. A obra situa Bias Fortes no contexto do Estado de Minas Gerais e, sobre as origens do povoado, os autores comentam que:

Tendo em mente a lenta evolução que se observa no Estado de Minas Gerais, na época em que nos referimos, depreende-se que a primitiva história do Quilombo remonta, presumivelmente aos primitivos anos da segunda metade do século XVIII, já que, em 1826, não existia mais o quilombo etimológico e histórico, e sim, uma comunidade regularmente construída, com vida associativa rudimentar, porém civil e eclesiasticamente organizada, denominada Quilombo, mais por respeito à origem do que pela situação social histórica. (VV AA, 1998, p.4)

Os vários autores e estudos citados comprovam a origem quilombola que acompanha a história da cidade de Bias Fortes, embora haja algumas controvérsias em relação a alguns fatos históricos. A chegada dos povos brancos ao território é datada por volta de 1826, segundo Ferreira (1958), e a alteração do nome do povoado de Quilombo para União - segundo nome recebido pela cidade - é reconhecida pelo IBGE, como ocorrida no ano de 1875. Observamos a existência de incerteza nessas afirmações feitas por Silva (2005, p. 219), apontando que “em 1819, deu-se o início da construção da igreja de Nossa Senhora das Dores do Quilombo, obra construída por negros e brancos, espaço religioso único frequentado por ambos os grupos”. Ainda segundo Silva (2005, p. 219), “em 1896, o antigo Quilombo passou a se chamar União, que significaria a união de ambos os grupos”.

Dando prosseguimento ao resgate da história (re)conhecida do município, encontramos referências no site do IBGE que apontam a possibilidade da elevação do Arraial do Quilombo a distrito ter acontecido por volta de 1875, e não 1822 ou 1826, como dito, anteriormente, por Ferreira (1958). Já em 1896, registros comprovam que o povoado passou a chamar-se União, encontrando-se então como vinculado ao Município de Barbacena. O desmembramento do distrito de União da cidade de Barbacena se deu em 1938, com sua elevação à categoria de cidade, sob a denominação de Bias Fortes.

Quilombo passou a Distrito em 1875, sendo-lhe mudado o nome para União em virtude do Decreto Municipal Nº 148 de 20 de maio de 1896, que regulamentou a Lei Nº5 de 15 de fevereiro de 1896 do Conselho Distrital. Com o crescimento da Vila esta foi elevada a cidade em 1938 quando se criou o Município com a denominação de BIAS FORTES. O topônimo, Bias Fortes, traduz uma homenagem do Município ao grande homem público, Dr. Crispim Jaques Bias Fortes, ex-Presidente do Estado de Minas Gerais. (IBGE)

A respeito desse momento histórico vivido pela cidade de Bias Fortes e, tratando ainda de sua formação administrativa, Ferreira (1958), em concordância com o que encontra-se publicado atualmente no site do IBGE acrescenta:

O distrito foi criado com a denominação de Quilombo, por força das Leis provincial n.º 149 ou 2 149, de 30 de outubro de 1875 e estadual n.º 2, de 14 de setembro de

1891. (...) mais tarde, porém, foi mudado para União em virtude do Decreto municipal n.º 148, de 20 de maio de 1896, que sancionou a Lei n.º 5, de 15 de fevereiro de 1896, do Conselho Distrital. (...) Pelo Decreto-lei estadual n.º 148, de 17 de dezembro de 1938, União passou a denominar-se Bias Fortes, sendo criado por efeito também desse Decreto-lei o Município de Bias Fortes. (...) Atualmente recebeu o novo município o nome de Bias Fortes, homenagem prestada pelo Governo do Estado à memória do grande democrata barbacenense, Dr. Crispim Jacques Bias Fortes. (FERREIRA, 1958, p. 190 e 191)

A denominação Bias Fortes permanece até os dias atuais e, judicialmente, o Município ainda pertence à Comarca de Barbacena. O geógrafo e professor, Francisco Fernandes Ladeira (2009), em seu trabalho acadêmico intitulado **“As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade”**, aborda a família Bias Fortes e sobre Crispim Jacques<sup>10</sup>, membro dela que dá nome ao município.

(...) os Bias Fortes, “um dos clãs políticos mais típicos do país” (VIANNA, 1938 apud HORTA, 1956, p. 90), eram ligados a oligarquias rurais que se estabeleceram ao longo do Caminho Novo desde o Período Colonial e forneceram influentes lideranças do Partido Liberal na região de Barbacena durante o Império. “Quando da criação da Vila de Barbacena, em 1791, as oligarquias rurais já controlavam a política local, destacando-se a família Sá Fortes, grande proprietária de gado leiteiro na região”. A história política da centenária família começa a influenciar Barbacena, de forma decisiva, quando se estabelece na sede do município um jovem bacharel formado na Faculdade de Direito de São Paulo, Crispim Jacques Bias Fortes. Ele havia nascido na localidade de Nossa Senhora do Livramento (atual Oliveira Fortes), próximo da Vila João Gomes Velho (hoje Santos Dumont). Era filho de Francisco José Oliveira Fortes, importante latifundiário e capitão da Guarda Nacional, e de Carlota Benedita Fortes. Crispim Jacques Bias Fortes era uma liderança muito poderosa na região. Ocupou o cargo de Presidente de Minas Gerais a convite do Marechal Deodoro da Fonseca em 1890, tendo permanecido nele alguns meses apenas e voltado a ocupá-lo entre 1894 e 1898. Foi também deputado federal e senador da República. (LADEIRA, 2009, p. 62)

<sup>10</sup> Crispim Jacques Bias Fortes nasceu em Livramento, distrito de Barbacena (MG), no dia 25 de outubro de 1847, filho de Francisco José de Oliveira Fortes e de Carlota Benedita de Oliveira Fortes. Seu pai foi capitão da Guarda Nacional. Fez seus primeiros estudos na cidade de Barbacena e após concluí-los mudou-se para São Paulo para cursar a Faculdade de Direito. Recebeu o título de bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1870, na mesma turma em que se formaram algumas personalidades nacionais como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Rodrigues Alves. Após a formatura retornou à terra natal, onde exerceu as funções de advogado, promotor de justiça e juiz municipal. Em 1879 deixou a magistratura para ingressar na política, filiado ao Partido Liberal. Elegeu-se deputado provincial em 1881, para finalizar a legislatura 1880-1881, e foi reeleito para as legislaturas seguintes, exercendo o mandato até 1889. Defensor dos interesses financeiros do governo e de uma maior moralidade na administração pública, ocupou em vários momentos a presidência da Assembleia Provincial mineira. Na efervescência do movimento republicano da década de 1880, renunciou ao mandato, mas em 1889 voltou a se candidatar. Embora tivesse conseguido votação expressiva, não chegou a ser empossado, devido à proclamação da República. Aquela altura já pertencia ao Partido Republicano Mineiro (PRM), fundado em 1888. Sob o governo de João Pinheiro da Silva (11 de fevereiro a 20 de julho de 1890), foi convidado a elaborar o anteprojeto da Constituição do estado. Em seguida, por nomeação do marechal Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório da República, esteve ele próprio à frente do governo provisório de Minas em quatro exercícios consecutivos: de 24 de julho a 5 de agosto de 1890, de 14 de agosto a 3 de outubro de 1890, de 28 de outubro a 27 de dezembro de 1890 e de 7 de janeiro a 11 de fevereiro de 1891, quando foi substituído por Frederico Augusto Álvares da Silva. Em 25 de janeiro de 1891 foi eleito senador à Assembleia Constituinte estadual. Teve participação direta e decisiva na elaboração e aprovação da primeira carta constitucional republicana mineira, e foi presidente do Senado Estadual de 1891 a 1893. Renunciou em 1894, após ter sido eleito de forma direta, em 7 de março, presidente de Minas, sucedendo a Afonso Pena, com mandato de 7 de setembro daquele ano a 7 de setembro de 1898. Foi durante sua gestão que foi feita a transferência da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte. Em 17 de dezembro de 1893 foi promulgada a lei que determinou a mudança, e em 12 de dezembro de 1897 Bias Fortes inaugurou a nova capital. Com a reorganização do PRM em 1897, assumiu em 1898 a presidência da comissão executiva do partido, função que exerceria até 1917. Fim do período no governo mineiro, onde foi substituído por Silviano Brandão, retornou ao Senado Estadual na legislatura 1899-1902, na vaga aberta pela saída de Caetano de Sousa e Silva. Reeleito sucessivamente, participou da Comissão de Finanças do Senado e foi novamente presidente da casa entre os anos de 1912 e 1915. Faleceu durante o exercício do mandato, em 14 de maio de 1917. Nos últimos dez anos de sua vida pública acumulou com o mandato parlamentar o cargo de agente executivo municipal de Barbacena. Foi nesse período que solidificou as bases do domínio que a família Bias Fortes exerceria no município a partir de então. Era casado com Adelaide de Araújo Fortes. Em sua família atuaram na política o filho José Francisco Bias Fortes e os netos Crispim Jacques Bias Fortes e Simão Tamm Bias Fortes. Recebeu várias homenagens, entre elas um monumento ao “fundador de Belo Horizonte” na praça da Liberdade, na capital mineira, e teve seu nome dado a avenidas e praças nas cidades de Belo Horizonte e Barbacena. Fonte: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FORTES,%20Crispim%20Jacques%20Bias.pdf>> Acesso em: 21. AGO. 2017.

Atualmente a cidade possui a aparência de um ambiente rural interiorano e preserva como memória de seu passado algumas construções antigas de arquitetura colonial da década de 20, como é o caso da centenária Igreja Nossa Senhora das Dores, padroeira do município, além de belas cachoeiras e fazendas<sup>11</sup>. O sentimento memorialista como traço identitário do município também pode ser observado nos nomes de suas ruas, suas três escolas, centros de saúde, campo de futebol, quadra poliesportiva e parque de exposições e eventos, que homenageiam antigos moradores, os quais, de alguma forma contribuíram com a história política, cultural, religiosa e educacional do local.

Além desta parte mais urbanizada e central, Bias Fortes conta também com dezoito arraiais<sup>12</sup> – comunidades conhecidas como localidades/zonas rurais - que pertencem ao território do município. São eles: Abreus, Açude, Boqueirão, Cachoeira, Cavas, Colônia do Paiol, Contendas, Correias, Cutia, Eugênios, Fátima, Gentio, Ponte Nova, Quatis, Santa Fé, Serra, Teixeiras e Várzea de Santo Antônio. Quatro delas possuem maior expressão para o território - Ponte Nova, Várzea de Santo Antônio, Fátima e Colônia do Paiol- sendo a última identificada como comunidade berço dos familiares dos antigos quilombolas. A maior parte da população negra da cidade ainda vive nesse espaço, mantendo suas crenças, tradições e costumes até hoje. Em uma seção específica de sua tese de doutorado, retratando a comunidade do Paiol, Silva (2005), também registra esse traço:

A Colônia do Paiol é a maior comunidade negra pertencente ao Município de Bias Fortes. Sua população é de mais ou menos seiscentos habitantes, sendo que 95% de seus membros são negros e 5% são brancos e mestiços, frutos de casamentos mistos. A história de sua fundação está ligada à doação de terras que o fazendeiro José Ribeiro Nunes fez a nove escravos seus. (...) São eles: Tobias, Gabriel, Adão, Justino, Quirino, Maria Creola, Camila Parda, Sebastião e Justiniano. Os habitantes da Colônia do Paiol são herdeiros legítimos desses ex-escravos. (SILVA, 2005, p. 229 e 231)

No passado as regiões de Campolide e Paraíso Garcia, hoje pertencentes a Barbacena; Rosário, atualmente parte de Juiz de Fora e a região de Ibitipoca, atual Santa Rita de Ibitipoca, pertencente a Lima Duarte, também integravam o território de Bias Fortes, mas dele foram desmembradas com o passar do tempo.

(...) Elevado à categoria de Município com a denominação de Bias Fortes, pelo Decreto-Lei Estadual Nº 148, de 17-12-1938, desmembrado de Barbacena. Sede no atual Distrito de Bias Fortes (ex-União). Constituído de 4 Distrito: Bias Fortes, Campolide, Ibitipoca ex-Santa Rita do Ibitipoca desmembrados de Barbacena e Rosário desmembrado do Município de Juiz de Fora. Não temos a data de instalação. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o Município é

---

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.institutoestradaareal.com.br/cidades/bias-fortes/6>

<sup>12</sup> Fonte: <<https://www.mfrural.com.br/mobile/cidade.aspx?codTexto=4514#>> Acesso em: 22. AGO. 2017

constituído de 4 Distritos: Bias Fortes, Campolide, Ibitipoca e Rosário. Pelo Decreto-Lei Estadual N° 1058, de 31-12-1948, o Distrito de Rosário passou a chamar-se Augusto Franco. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o Município é constituído de 4 Distritos: Bias Fortes, Augusto Franco (ex-Rosário), Campolide e Ibitipoca. Pela Lei Estadual N° 336, de 27-12-1948, o Distrito de Augusto Franco deixa de pertence ao Município de Bias Fortes para ser anexado ao Município de Juiz de Fora. Em divisão territorial datada de 01-07-1950, o Município é constituído de 3 Distritos: Bias Fortes, Campolide e Ibitipoca. Pela Lei Estadual N° 1039, de 12-12-1953, é criado o Distrito de Paraíso Garcia (ex-povoado de José Pinto), criado com terras desmembradas do Distrito de Campolide e anexado ao Município de Bias Fortes. Em divisão territorial datada de 01-07-1960, o Município é constituído de 4 Distritos: Bias Fortes, Campolide, Ibitipoca e Paraíso Garcia. Pela Lei Estadual N° 2764, de 30-12-1962, desmembra do Município de Bias Fortes os Distritos de Ibitipoca, Campolide e Paraíso Garcia, para formar o novo Município com a denominação de Santa Rita do Ibitipoca (ex-Ibitipoca). Em divisão territorial datada de 31-12-1963, o Município é constituído do Distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Judiciariamente pertence à Comarca do Município de Barbacena. (IBGE)

Atualmente, a economia local se baseia em torno de pequenos comércios familiares e da agropecuária, especificamente na pecuária leiteira, voltada para a exportação, principalmente, de leite e derivados. Os cidadãos nascidos nesta terra são chamados pelo gentílico Biasfortenses.

Em relação aos marcos simbólicos da cidade, registra-se que a letra do hino à Bias Fortes é de autoria do jornalista biasfortense, Fernando Luiz Magaldi e a música é de Francisco Leitão da Silva. Em entrevista publicada nos apêndices deste trabalho, o criador do grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, José Airton Magaldi, comentou sobre a importância do hino para a cidade e ainda falou a respeito de sua criação: “Qualquer cerimônia cívica que tenha aqui, o hino é cantado. Cantam o Hino Nacional e o de Bias Fortes. A letra foi feita pelo meu irmão e a melodia por um maestro, na época, da banda do Segundo Batalhão de Polícia Militar de Juiz de Fora, Francisco Leitão” (MAGALDI, 2017). A letra do Hino à Bias Fortes retrata a história de formação da cidade e de seu povo, como pode ser observado por meio da leitura e entendimento do texto contido em sua composição.

Por matas virgens afora / Buscando Mesopotâmia / Se uniram negros fugidos /  
 E conjugando valores / Fizeram rufar tambores / Sem esperanças perdidos.  
 Dos rios, desde as nascentes / Até dos seus confluente / Começaram a chegar.  
 E a inculta natureza / Cheia de encanto e beleza / Almejaram conquistar.  
 Estribilho: A você, torrão amado / Berço de homens honrados /  
 Consagramos nossa vida. Neste hino que lhe faço / Quero envolvê-la num  
 Abraço / Ó, Bias Fortes querida.  
 Seu quilombo foi crescendo / Gigante sobrevivendo / Num constante labutar.  
 Bravo e forte se tornou / Sua bravura aumentou / Para a todos demonstrar.  
 Nesta terra de esperança / Cheia de amor e bonança / Homens buscando ideal.  
 Para a terra alvissareira / Em batalha rotineira / E a paz se fez União.  
 Estribilho: A você, torrão amado / Berço de homens honrados  
 Consagramos nossa vida. Neste hino que lhe faço / Quero envolvê-la num

Abraço / Ó, Bias Fortes querida<sup>13</sup>. (MAGALDI, 1982)

Por meio da reunião de vários dados históricos e pesquisas levantadas por diversos autores, tentamos resgatar e contar, de forma breve, a história (re)conhecida do município de Bias Fortes. Nossa intenção foi criar uma possível narrativa que fosse capaz de apresentar, historicamente, a cidade que habita a memória proposta pelo grupo do *Facebook* “Bias Fortes em fatos e fotos”. Tratamos nesta parte do espaço urbano real, e, posteriormente trataremos do lugar compreendido como virtual, idealizado para abrigar as narrativas criadas sobre o referido território.

#### 4.2 BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS: O “LUGAR DA MEMÓRIA” DA CIDADE NO FACEBOOK

Nesta seção apresentamos o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, comunidade virtual que a cidade possui na plataforma *Facebook* e observaremos sua organização, a história por detrás de sua criação e como este espaço virtual abriga as memórias individuais e coletivas do município de Bias Fortes e dos seus membros que seguidores. Ao compartilhar fotos, vídeos e documentos que retratam o ontem e o hoje da cidade nesse grupo, seus fundadores criam um laço comum: o da resignificação espacial da memória do lugar e também de seus moradores, que é estimulada por meio de todos os arquivos de rememoração compartilhados. Nesse espaço virtual presente na rede social digital mencionada, encontramos a divulgação dos acontecimentos do presente e passado da cidade, compartilhados com o público.

Na verdade, esse não é o único grupo existente na rede social *Facebook* que retrata a cidade de Bias Fortes. A proposta primeira deste trabalho era abarcar os dois grupos que tematizam a cidade na plataforma em questão, e que têm como função comum, retratar a memória local. São eles: o “Biasfortenses”<sup>14</sup> e o escolhido como objeto empírico desse

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/hinos-de-cidades/945312/>>. <https://www.vagalume.com.br/hinos/bias-fortes-mg.html> > e <<http://www.biasfortes.mg.gov.br/utilidades/simbolos-e-hinos/>> Acesso em 10. Ago. 2017.

<sup>14</sup> Caracteriza-se como grupo secreto e foi idealizado por Geraldo Dilson dos Santos Fonseca e Ney Antônio de Oliveira, ambos naturais da cidade de Bias Fortes, e, hoje residentes em Juiz de Fora. Composta por 2382 membros, a comunidade traz em sua página inicial a seguinte descrição: “Esse grupo destina-se a prestar informações sobre nossa cidade, divulgação dos eventos, discussão de assuntos diversos, inclusive política, desde que exista respeito, não haja agressões pessoais, qualquer outro assunto que possa ser de interesse comum à toda sociedade, exceto divulgação e propaganda pessoal de quem quer que seja. Outro motivo relevante é que não haverá nenhum tipo de censura a quem quer que seja. Quanto à aprovação de participantes, as pessoas indicadas deverão ter algum interesse, parentesco, com a nossa sociedade”. Fonte: <<https://www.facebook.com/groups/unidosdoquilombobf/?ref=bookmarks>>. Acesso em: 20. Set. 2017.

trabalho, “Bias Fortes em fatos e Fotos”. Devido ao conteúdo amplo de postagens e ao tempo para realização de uma pesquisa em nível de mestrado, tivemos que delimitar apenas um grupo que atendesse aos nossos objetivos de análise.

De forma geral, este estudo propõe como finalidade primária, verificar de que maneira as produções audiovisuais compartilhadas no grupo em questão contribuem para o resgate e ressignificação da memória da cidade de Bias Fortes. De modo secundário, propomos ainda analisar se o público de seguidores desta comunidade a identifica como um espaço capaz de criar esse processo de rememoração, observando para isso os comentários postados e a opinião de uma parcela de seus membros colhida por meio de sondagem de opinião. Verificamos também os objetivos da criação do grupo, por meio de entrevistas em profundidade com os fundadores do mesmo. Nesse capítulo são ainda realizadas descrição e análise de desempenho dessas produções audiovisuais partilhadas como veículos narrativos produtores de sentidos e colaboradores no processo de ressignificação da memória local proposto pelo grupo virtual em questão.

Vários motivos bem específicos moveram nossa escolha por esse objeto de pesquisa. Em um primeiro momento, o desejo principal de retratar de forma específica a cidade de Bias Fortes, se justifica pela ligação da autora com o município em questão, sendo a mesma nascida e criada no local. A escolha pela rede social *Facebook*, e, mais precisamente, por um grupo que representa a cidade, se deu pela hipótese levantada de que desde sua criação, o grupo funciona como um espaço digital de resgate e representação da memória do município, além de se comportar como veículo de comunicação digital entre a população de Bias Fortes que dele participa. Por apresentar-se como um meio de comunicação, visibilidade, lugar de fala e espaço de compartilhamento de lembranças, especialmente entre os cidadãos presentes no grupo e ausentes da cidade (que se mudaram), a divulgação dessa relação entre a memória do vivido e o seu resgate no presente, tal como realizada, seria um meio de produção de sentido para a cidade e para aqueles que com ela têm uma relação de pertencimento.

As informações iniciais a respeito da criação e da história deste grupo foram levantadas, a princípio, por meio da observação e análise de seu perfil na plataforma. A coleta de materiais que antecede e prepara todas as investigações para a concepção deste subcapítulo, engloba tanto a pesquisa na base de dados digital do próprio grupo de análise, quanto a elaboração de um roteiro de entrevista direcionado aos seus fundadores, com o objetivo de levantar seu histórico de formação e criação, bem como curiosidades a respeito do mesmo.

Dessa forma, para a construção dessa seção, contaremos com o auxílio de fragmentos dos depoimentos de seus fundadores colhidos por meio da realização de entrevistas em profundidade. A conversa com o senhor José Airton Magaldi, administrador do grupo, foi realizada pessoalmente, em sua residência, na cidade de Bias Fortes, no dia 16 de junho de 2017. A entrevista, com duração de aproximadamente duas horas, foi gravada em arquivo de áudio e sua transcrição encontra-se na íntegra nos apêndices deste trabalho.

No caso do senhor Marco Antonio da Silva, colaborador e também administrador da comunidade virtual, a entrevista, com duração de aproximadamente uma hora e meia, foi feita por telefone e gravada com o auxílio de um aplicativo para *smartphone* denominado “Gravador de áudio para mim”, que permite a gravação da ligação enquanto durar a conversa. Os depoimentos de Marco Antonio também foram transcritos e compõem este material, estando anexados nos apêndices.

Com quase quatro anos de atuação, o grupo objeto dessa pesquisa<sup>15</sup> (Figura 1) é do tipo fechado<sup>16</sup> e foi criado em 1º de março de 2014, pelo Biasfortense José Airton Magaldi e por Marco Antônio Silva, da cidade de Lima Duarte. A criação do grupo foi ideia de José Airton Magaldi, nascido em fevereiro de 1947 e criado na cidade, aposentado, sem formação superior e integrante do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Bias Fortes. O projeto contou com a colaboração do limaduartino, Marco Antonio da Silva, nascido em 1970, na cidade de Juiz de Fora, com formação na área de técnico em restauração de bens móveis.

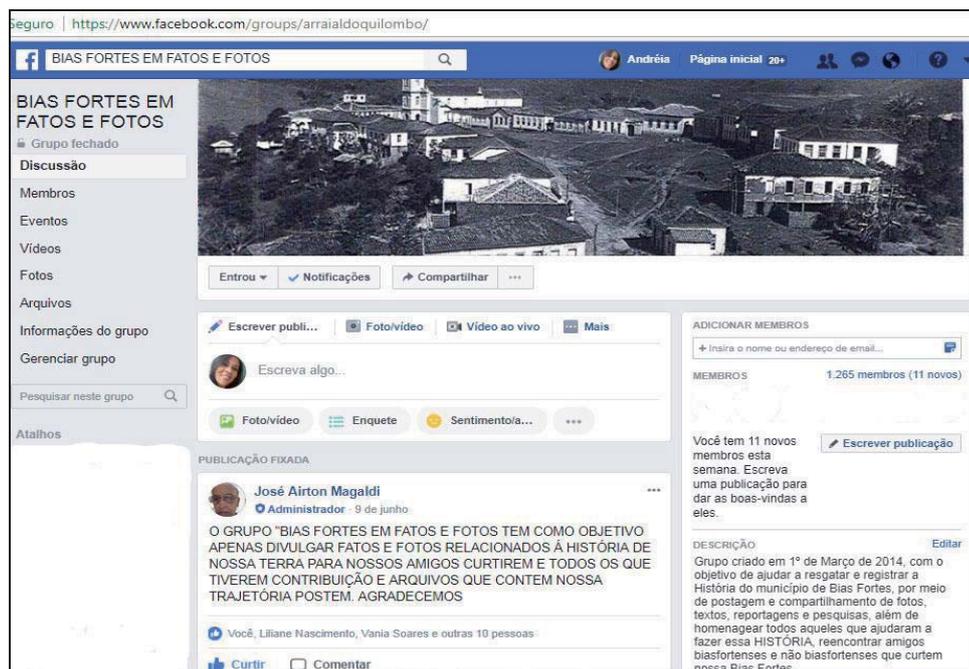
Com base nos dados coletados em primeiro de outubro de 2017, período estabelecido para a finalização da coleta de informações sobre esta comunidade virtual, esse grupo possuía, até o momento citado, um total de 1265 membros, sendo seu público composto por moradores de ontem e hoje e pessoas que possuem alguma afinidade com a cidade.

---

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>

<sup>16</sup> Os grupos do *Facebook* entendidos como “fechados”, são aqueles que possuem configurações de privacidade consideradas um pouco mais restritas do que as apresentadas pelas categorias aberto (público) ou secreto. No caso dos “fechados” qualquer pessoa pode ver o grupo e quem são os membros, mas apenas quem faz parte dele pode ver as publicações. Outro detalhe interessante é que para fazer parte de um grupo fechado, é necessário pedir para ingressar (e precisará de aprovação) ou ser convidado por alguém que já é membro.

**Figura 1:** Página inicial do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

Como pode ser observado na fotografia de capa do grupo (Figura 2), localizada na página inicial da comunidade, logo na sua exibição temos um registro em preto e branco que destaca uma parte do território central de Bias Fortes. De acordo com José Airton Magaldi, idealizador do mesmo, o registro fotográfico “é um arquivo muito antigo do álbum da Paróquia de Nossa Senhora das Dores – Igreja Matriz da cidade -, montado por Pe. Antônio em 1958. É do tempo de quilombo ainda. A escolha desta foto de capa foi feita por João Lúcio Nogueira quando criei o grupo" (MAGALDI, 2017).

Na lateral esquerda temos todas as seções de subdivisão do grupo que conta com a parte da discussão, levando para a *timeline*, membros, eventos, vídeos, fotos, arquivos, informações do grupo e gerenciamento do grupo.

**Figura 2:** Foto de capa do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

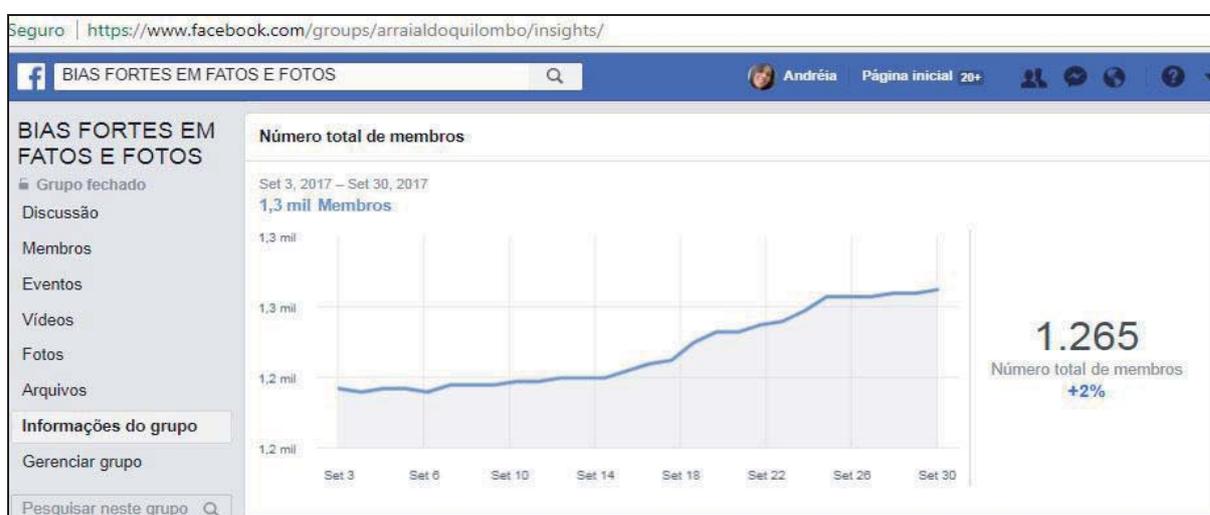
No que refere-se ao conteúdo multimídia postado e/ou compartilhado, tendo como base o período proposto para coleta de dados da comunidade pesquisada, com início em abril de 2017 e encerramento em outubro do mesmo ano, ele possuía até o momento levantado, quatorze álbuns fotográficos, totalizando 1759 registros e 145 vídeos postados, além de nove arquivos em PDF, sendo a maioria desses sobre a história da cidade.

As figuras que mostram a visão geral do grupo, como o perfil principal, álbuns fotográficos e videográficos, seção de arquivos, eventos, discussões realizadas na *timeline*, bem como o espaço que lista os membros da comunidade retratada são subdivisões de livre acesso para todos que encontram-se adicionados a ela. Porém, para termos acesso a outros dados importantes para nossa análise sobre esse grupo, foi necessário ser também administradora desse espaço digital, pelo menos durante o tempo em que se deu o trabalho de pesquisa de dados da comunidade virtual.

Graças à função temporária de administradora do grupo foi possível levantar algumas informações extras sobre o mesmo, disponíveis apenas para seus gerenciadores. No campo “informações do grupo”, localizado no lado esquerdo da página inicial, são fornecidas métricas, como atividades, gráficos que dão detalhes do crescimento do grupo, do envolvimento dos membros com o mesmo e com as postagens, além do acesso a dados sobre esses membros, como, por exemplo, contagem total, quantidade de membros ativos e informações sobre as publicações que geram maior engajamento deste público.

Com base nos dados coletados no dia primeiro de outubro de 2017, referentes ao período de 3 a 30 de setembro do mesmo ano, intervalo de tempo disponibilizado pela plataforma, foi possível gerar algumas imagens ilustrativas que nos oferecem dados sobre a atividade do grupo “Bias Fortes em fatos e fotos” no período. Até a data mencionada acima o grupo tinha um número total de 1265 membros (Figura 3), sendo que destes, apenas 917 foram considerados ativos (Figura 4), e, sua composição era de 62,1% de mulheres e 37,95% de homens, com faixa etária entre 25 e 34 anos (Figura 5).

**Figura 3:** Número total de membros do grupo. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.



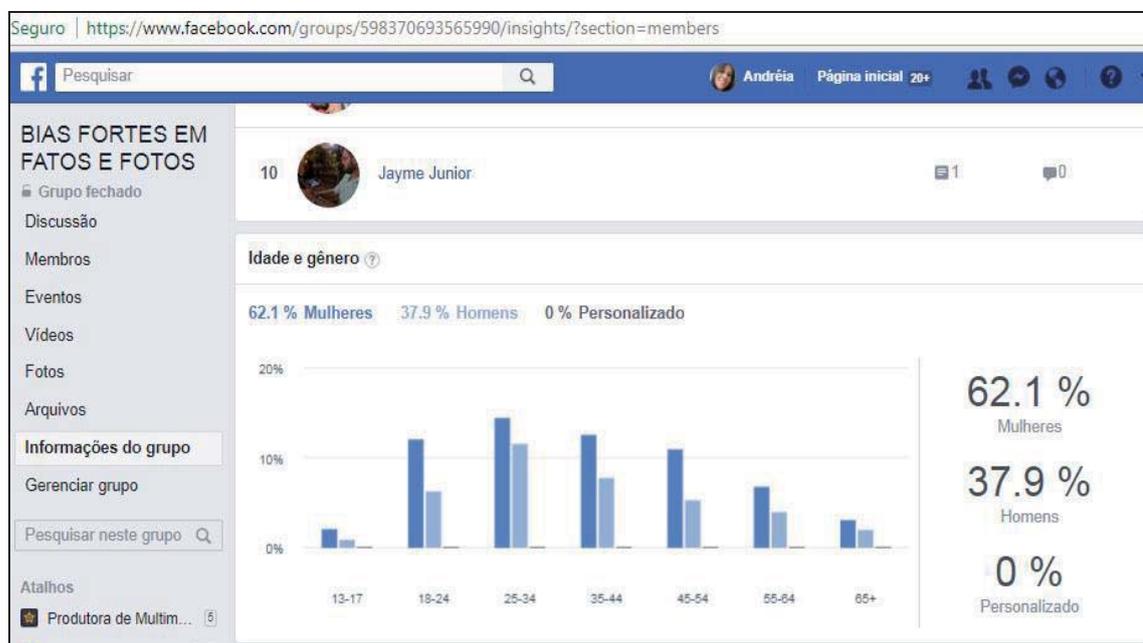
Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

**Figura 4:** Membros ativos do grupo. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

**Figura 5:** Membros do grupo por idade e gênero. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.

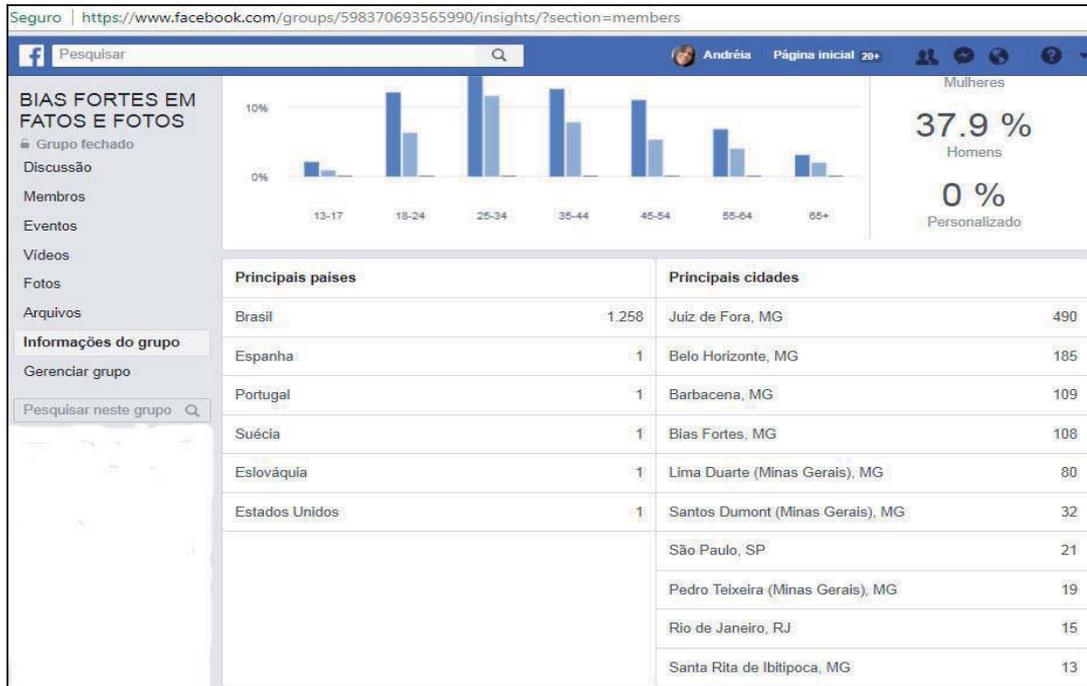


Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

Também tivemos acesso às principais localidades de origem desses membros; no tocante aos países, o grupo possui 1258 membros no Brasil, 1 na Espanha, 1 em Portugal, 1 na Suécia, 1 na Eslováquia e 1 nos Estados Unidos. No caso das cidades, o maior número de participantes se encontra localizado em Juiz de Fora (280); 185 em Belo Horizonte; 109 em Barbacena; 108 em Bias Fortes; 80 em Lima Duarte; 32 em Santos Dumont; 21 em São Paulo; 19 em Pedro Teixeira; 15 no Rio de Janeiro e 13 em Santa Rita de Ibitipoca (Figura 6). Vale ressaltar que nem todos os indivíduos que participam de alguma rede social, neste caso o *Facebook*, necessariamente fornecem dados corretos sobre suas localizações, seja a respeito das cidades ou países de origem, mas, isso não interfere no andamento do nosso trabalho.

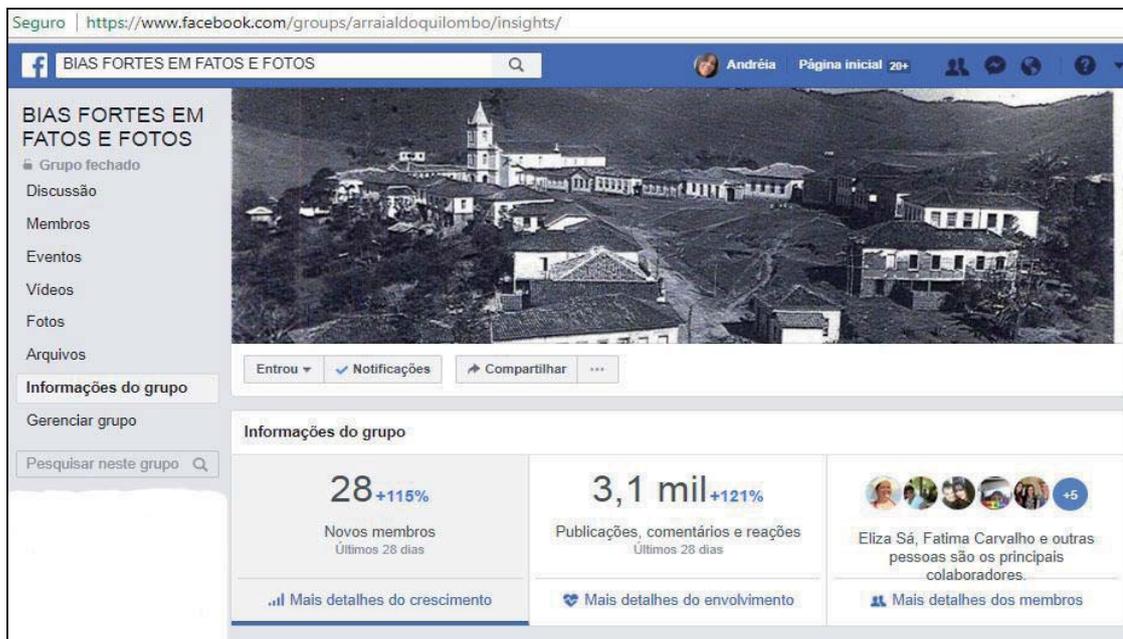
Em relação ao envolvimento do público participante com a comunidade, os gráficos contabilizam um total de 3,1 mil engajamentos, englobando os quesitos publicações, comentários e reações (Figuras 7 e 8).

**Figura 6:** Membros por principais países e cidades. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.



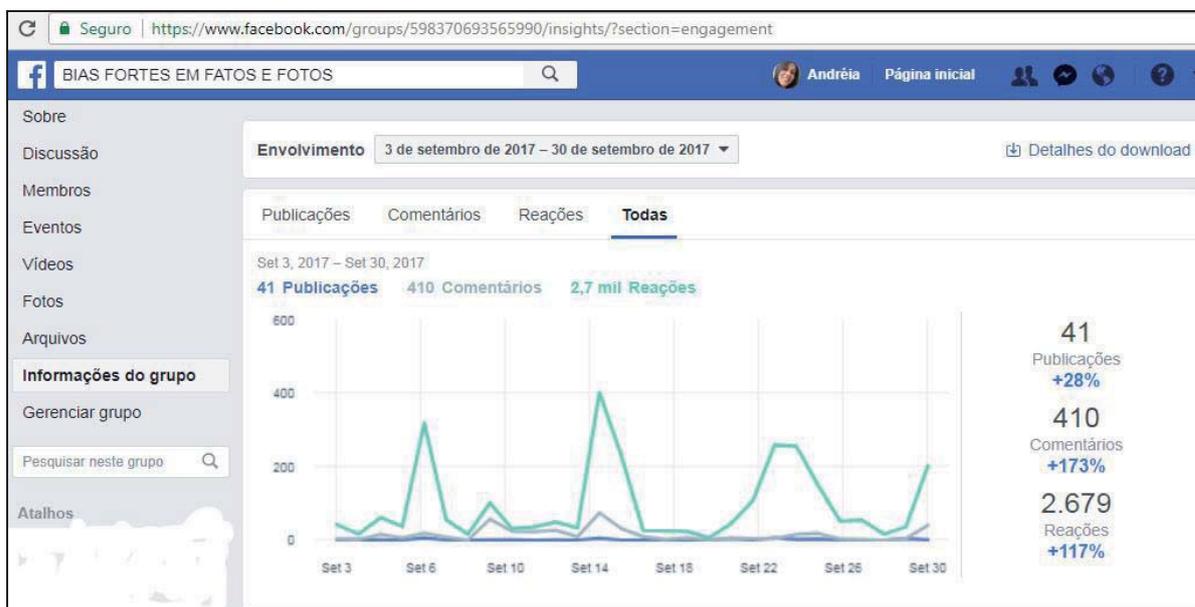
Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

**Figura 7:** Envolvimento geral do público membro com o grupo. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

**Figura 8:** Envolvimento detalhado do público membro com o grupo. Dados gráficos do *Facebook* referentes ao período de 03 a 30 de Setembro de 2017.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>.

Os dados apresentados até agora nos foram permitidos por meio da observação da composição do grupo *Bias Fortes em fatos e fotos*, acessados via *Facebook*, dentro dos limites que a rede social em questão disponibiliza aos usuários e administradores de comunidades criadas na plataforma. Contudo, existem outras curiosidades que antecedem a criação dessas comunidades que para virem à tona carecem de uma investigação um pouco mais aprofundada.

As histórias que envolvem, por exemplo, a fundação, a escolha do nome, os primeiros passos como comunidade virtual, a escolha dos arquivos a serem postados, são dados sobre o grupo que podem ser melhor levantados e esclarecidos quando levamos em conta aquilo que dizem seus idealizadores. Em suma, seria o momento no qual o(s) autor(es) nos apresenta (m) sua obra.

Em entrevista concedida a autora deste trabalho, o idealizador do grupo, José Airton Magaldi, que trataremos aqui por Magaldi, lembra da criação do espaço, a que ele se refere como página:

Essa página foi criada dia primeiro de março de 2014, mas foi pensada muito antes de ser criada, pois eu queria criar esta página para contar a história da nossa cidade. Exclusivamente a história da nossa cidade. É tanto que esta página não tem propagandas, não tem informações de outras cidades. É exclusivamente para contar a história passada, a presente e dando uma dica para o futuro (...) Mas eu pensei, eu tenho que criar esta página com alguém que tenha afinidades com *Bias Fortes* e comigo. Lembrei-me do Marco Antônio Silva que foi uma pessoa que eu conheci

aqui, no tempo em que o padre Jonas estava na Paróquia. E ele, quando me viu no Facebook, contou-me a história de quando nós nos conhecemos aqui na Igreja. Que eu apresentei a igreja para ele, as coisas interessantes, como o sino, o relógio da matriz e, eu fiquei muito sensibilizado com aquilo e escolhi, justamente o Marco Antonio, para me ajudar a criar esta página. Eu me senti muito feliz no dia da criação por que várias pessoas entraram assim de imediato. (Magaldi, 2017)

Em conversa com a autora, o colaborador Marco Antonio da Silva, que citaremos pelo sobrenome Silva, lembra que conheceu José Airton Magaldi na secretaria da Paróquia de Bias Fortes e abordou os momentos que antecederam a fundação do grupo web.

Bias Fortes já tinha o grupo chamado Biasfortenses que fazia todos os tipos de colhimento de postagens de pessoas que moravam, que procediam de Bias Fortes ou tinham ligação com pessoas de lá. Esse Biasfortenses tinha um foco mais ligado à história, a fatos acontecidos há mais tempo e foi quem começou essa coisa de ter na internet – no meio cibernético - um espaço para coisas da cidade. Desse grupo, do qual eu e o José Airton fazíamos parte, - eu até entrei em contato com o José Airton por meio desse grupo - vendo umas postagens dele eu o reconheci e me lembrei do tempo em que eu ia a Bias Fortes e daí começamos contato por meio disso, e, com o passar do tempo foi crescendo nele uma vontade, um desejo de ter um grupo com outro foco – mais aberto aos fatos que acontecem – e também como uma alternativa ao outro grupo. De forma que as pessoas que não se enquadrassem no outro grupo pudessem participar desse. Foi assim que ele formou, fundou, abriu o grupo Bias Fortes em Fatos e Fotos. E me convidou para ajudá-lo na administração e a formalizar algumas coisas. (Silva, 2017)

De acordo com Magaldi, o principal objetivo de criação do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos” é “contar a história e resgatar a memória da cidade”. Segundo o idealizador, a função do mesmo encontra-se afixada na descrição publicada em sua página principal, desde sua criação. Seriam seus objetivos:

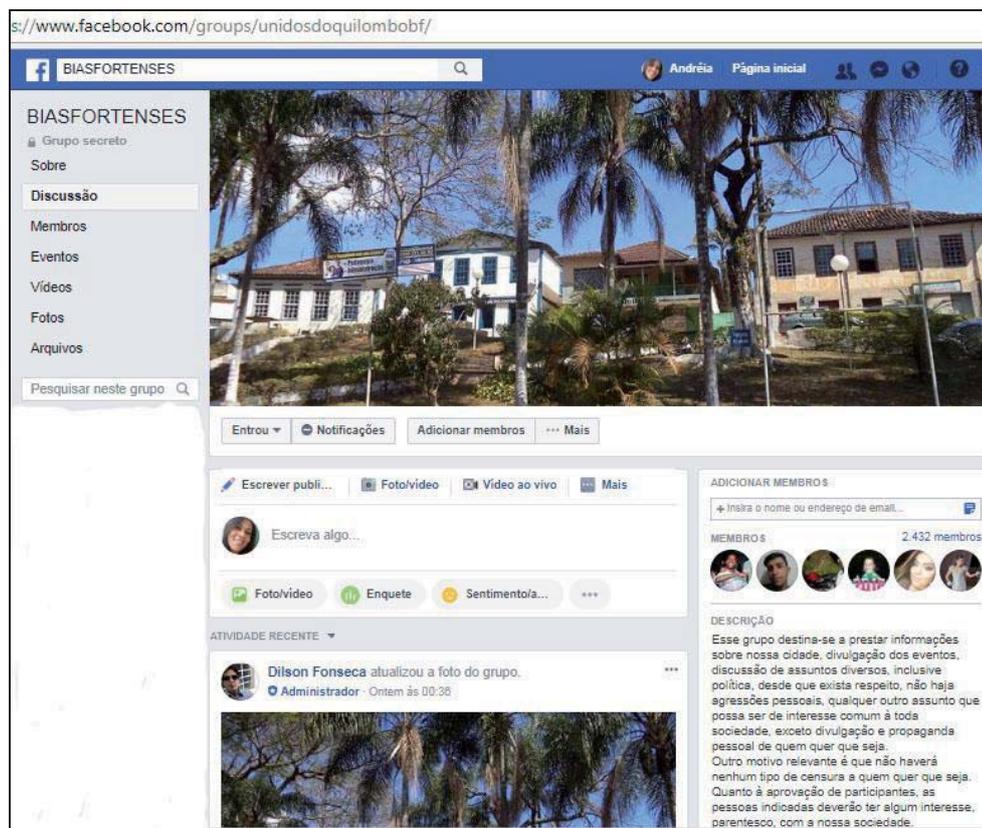
Grupo criado em 1º de Março de 2014, com o objetivo de ajudar a resgatar e registrar a História do município de Bias Fortes, por meio de postagem e compartilhamento de fotos, textos, reportagens e pesquisas, além de homenagear todos aqueles que ajudaram a fazer essa HISTÓRIA, reencontrar amigos biasfortenses e não biasfortenses que curtem nossa Bias Fortes. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>)

Silva, também afirma a respeito da finalidade dessa comunidade virtual:

A página é voltada para as pessoas que moram na cidade e que têm a oportunidade de compartilhar a sua história, os seus fatos, fotos e filmagens, e, também para aquelas que são da cidade, nasceram nela, têm parentes ou que tem interesse na cidade. Pessoas então, que a partir dessas postagens têm acesso ao que é a cidade, ao que está acontecendo nela e aos atores da cena lá de dentro de Bias Fortes. (Silva, 2017)

O nome do grupo “Biasfortenses” (Figura 9), também existente na plataforma Facebook, e citado pelo nosso entrevistado Silva, faz alusão ao gentílico referente aos nascidos na cidade de Bias Fortes.

Figura 9: Página inicial do grupo “Biasfortenses”.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/unidosdoquilombobf/>

No caso do “Bias Fortes em Fatos e Fotos”, alvo de nossa pesquisa, os administradores comentam sobre a escolha do nome dado a esta comunidade.

Justamente por isso: contar a história de Bias Fortes. Eu tinha muito texto, muitas fotos, e, há tempos eu trabalho com isso. Na época do centenário da Paróquia eu que coordenei a exposição histórica do Município e Paróquia. E eu sempre guardei todos os arquivos. Tudo que eu faço eu guardo um arquivo. (Magaldi, 2017)

Bem, o nome retrata bem a cara do grupo. O nome foi pensado com base no próprio uso e em um meio que levasse as pessoas a terem mais participação, por meio de fotos, passado e presente, e, nessas fotos já estão reproduzindo os fatos. Então seria uma forma de trazer uma visão para a cidade tanto dos fatos por meio das fotos, quanto as fotos retratando os fatos. Então é um jogo de palavras, fatos/foto, fotos/fatos. Os vídeos entram nos fatos, né! Na realidade o vídeo é uma sequência de fatos e fotos. A forma como a gente vê é uma sequência de filmagens, de poses, de enquadramentos, e fica estampado antes de você clicar, uma foto que anuncia o vídeo. É interessante a ideia do vídeo por que ele acrescenta o som tanto do ambiente quanto das pessoas, a voz, é interessante, imitando a maneira como as pessoas falam; e enriquece muito a página. É o que eu penso, principalmente no sentido de registrar para o futuro, por que a gente lembra da pessoa, mas não recorda da voz dela. Fica muito essa memória auditiva e é interessante nesse ponto. E nas filmagens você acaba abrindo leque da imagem, por que é como se você fotografasse, ao mesmo tempo, várias poses e isso enriquece bastante o grupo. (Silva, 2017)

Colecionador de antiguidades, José Airton se diz apaixonado por história e comenta que sempre teve o hábito de guardar, conservar e recuperar coisas, documentos e objetos considerados antigos que, com o tempo, se tornariam relíquias e fontes de memória. Entre câmeras fotográficas de épocas distintas, fotos antigas, documentos escritos, vídeos gravados em fitas VHS e Super 8, e muito mais, ele explica que grande parte dos arquivos compartilhados no grupo fazem parte de sua coleção particular, e ressalta que também conta com a colaboração de membros do grupo e de vários cidadãos biasfortenses. “Eu pergunto às pessoas e sou até um pouco enxerido. Eu pergunto - Não tem nada guardado aí para me emprestar não? E consigo. Várias fotos. E venho conseguindo que as pessoas tragam para mim. (Magaldi, 2017)

Ao decidir criar o grupo no *Facebook*, ele diz que começou postando, primeiramente, arquivos que colecionava há bastante tempo, e, devido à quantidade de material que possuía, não foi possível fazer um levantamento do que seriam as primeiras postagens. Magaldi e Marco Antônio comentam como se deu essa fase inicial e falam sobre ao conteúdo fotográfico compartilhado.

Resolvi criar a página e eu já tinha os arquivos. No princípio, o Marco Antônio sugeriu até que a gente criasse álbuns específicos. Tem alguns lá. Mas depois eu deixei os álbuns específicos mais de lado, por que tinha os acontecimentos atuais que necessitava de jogar muitos arquivos para mostrar. Aí eu criei só um álbum, que de dois em dois anos, eu editava. Esse ano agora eu ainda não editei. É o grandes eventos em dois anos. Ali, eu jogava tudo, por que tinha evento que tinha muita foto e eu jogava tudo naquele álbum. (Magaldi, 2017, p. 76)

No início, o José Airton, até por uma questão de estar iniciando o exercício de mexer com a internet, os primeiros contatos com a internet, ele tinha algumas dificuldades. Então de início, ficou muito em fotos e documentos que eram mais fáceis de reproduzir. As fotos você escaneia, coloca um texto introdutivo e pronto. Depois, ele foi aperfeiçoando. Ele começou a dominar a técnica de criar pequenos vídeos e de introduzir imagens numa sequência. Enfim, de início as postagens eram parte desse acervo que o José Airton reúne já há bem tempo. Ele sempre teve essa inquietação com imagens, fotos antigas, documentos antigos, e, as pessoas também naturalmente enviam para ele documentos para guardar. Muitos vão jogar fora e dão para ele guardar. Ele tinha um acervo muito grande de imagens e arquivos. Isso permitiu que ele iniciasse a página pela parte mais fácil e que ele também tinha mais domínio, na época. (Silva, 2017)

Observamos que, inicialmente, as primeiras postagens teriam sido fotografias, e, posteriormente, vieram os arquivos em vídeos, que também, segundo Magaldi, não passaram por nenhuma seleção prévia. Quando indagamos se houve uma pré-seleção do conteúdo audiovisual postado, ele nos respondeu que, desde o início, também não ocorreu essa etapa.

Não, eu ia separando, ia pensando hoje eu vou montar esse vídeo. Ia lá nos arquivos do vídeo. Instalei um programinha que me dá mais facilidade para editar, por que o que eu tinha no sistema do computador andou me dando problemas. Às vezes eu editava um vídeo e ia ver estava faltando alguma coisa. É um programa que eu

descobri, vídeo editor. Ele é ótimo. Tem muita facilidade, você pode jogar texto, jogar animação, foto em cima do vídeo e fazer montagem. Ele é mais prático. (Magaldi, 2017)

“Bias Fortes em fatos e fotos” também é um espaço de interação, onde aqueles que têm alguma relação com o município - e participam do grupo - podem comentar, lembrar e ainda contribuir, postando fotos e vídeos que possam colaborar com o trabalho de registro, e memória, de passado e presente, na rede digital. Apesar de não trabalhar com uma escolha prévia do que é postado, Magaldi deixa claro que todo o material compartilhado deve respeitar um critério de seleção e que os seguidores do grupo também têm a liberdade de postar arquivos que tratem da memória e da história da cidade. “Os amigos da página que tiverem alguma coisa relacionada a Bias Fortes podem postar também. Só não aceitamos justamente isso, coisas que não têm nada relacionado a Bias Fortes” (Magaldi, 2017).

Durante a entrevista, Magaldi esclareceu que, mesmo com o passar do tempo e a existência do grupo há mais de 3 anos, ainda não há uma escolha em relação ao que é postado, seja foto ou vídeo, e nem existe uma rotina de postagens desses conteúdos. Segundo ele, existem muitos arquivos guardados que ainda não foram compartilhados e, no caso dos vídeos, a principal dificuldade de postagem está na conexão de internet em Bias Fortes, cuja velocidade é muito limitada. Magaldi destaca que, atualmente, além do resgate histórico, o grupo também divulga acontecimentos que fazem parte do presente do Município, por meio de coberturas fotográficas e videográficas dos eventos, realizadas em tempo real.

Eu vou colocando dependendo da audiência. Eu coloco, por exemplo, uma foto antiga. Aquela foto deu uma certa repercussão, eu procuro outras idênticas. E ultimamente, eu tenho feito o seguinte, eu ando com o celular de vez em quando – não é toda hora que eu saio com o celular - e fotografo uma rua, um local e trago. E quando eu me lembro que tenho uma foto antiga idêntica, eu pego as duas e coloco o antes e o atual. O passado e o presente. (...) Nas festas religiosas eu também faço, por exemplo, corpus Christi. Nos anos anteriores, eles começavam a arrumar os tapetes nas ruas, eu ia lá fotografava, vinha e jogava no *Facebook*. Antes da missa terminar eu vinha aqui e já colocava as fotos da procissão e do início da missa para ficar atualizado. Então não tem um roteiro definido. (...)Tenho bastante coisa. VHS tem alguns, mas eu já passei alguns para CD. Tem muita coisa que ainda não postei por causa da limitação da internet daqui. Se a gente tivesse internet com 25 megas seria mais fácil editar um vídeo. Por exemplo, no princípio, quando a minha internet era a metade, eu demorava, às vezes, quase cinco horas para jogar um vídeo de dois, três minutos no face. O máximo que eles disponibilizam para a gente aqui é um mega. (Magaldi, 2017)

Magaldi ainda refletiu na entrevista à respeito do que pensa sobre a relação do público com o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”. Apesar de não fazer um acompanhamento direto do envolvimento dos membros com a comunidade, ele acredita em uma recepção positiva da mesma. O administrador do grupo também avaliou que acredita que,

pelo menos 90% ou mais dos membros seguidores da comunidade, a identificam como um espaço que retrata e resgata a memória da cidade.

Eu acho que tem uma boa recepção por que eu tive uma surpresa aqui em casa, de uma pessoa daqui de Bias Fortes que mora em Santos Dumont. Eu estava aqui, bateram à porta, eu fui atender. Eu vim aqui te conhecer, porque eu admiro muito, curto muito, gosto demais da sua página Bias Fortes em Fatos e Fotos e eu queria te conhecer pessoalmente. (...) Comentam que gostam (...). (...) Eu recebi sobre esse vídeo – esse último que eu postei da formatura da Ângela Barra – na mesma hora a Dona Marília mandou uma mensagem para mim. A Dona Marília não é daqui, mas morou muitos anos aqui e é ligada aqui. Os filhos dela nasceram quase todos por aqui. Ela falou, nossa! Me pediu para mandar para ela o vídeo pelo *WhatsApp*, para a filha dela ver porque a filha estava no vídeo. (...) O pessoal se envolve. Nossas festas de quadrilha. Numa delas eu estava lá em cima filmando, uma dona bateu no meu ombro e disse assim: - Olha, faz uma foto do meu garoto ali para mim, por favor, por que eu curto muito a sua página. Eu moro lá em São Paulo e curto muito a sua página”. - Por que o marido dela é daqui, é desses Ribeiro, dos Ditim. – E eu acompanho muito o senhor lá em São Paulo. É mais uma informação que garante que a página tem algum objetivo para alguém. (Magaldi, 2017)

No que diz respeito ao grupo de um modo geral e aos vídeos postados, Silva acredita que ambos cumprem o papel de resgatar e ressignificar a memória de Bias Fortes.

A gente vê isso pelo retorno que vem de curtidas e comentários. E também porque todo dia estamos adicionando pessoas. Hoje, num universo de 3000 a 4000 pessoas em Bias Fortes, você ter 1200 pessoas numa página é muito significativo né? Fora os que não estão com o nome lá, mas a gente sabe que acessa por meio dos filhos. Pessoas idosas que não têm Facebook, mas os filhos entram e mostram. Então eu acho que cumpre sim. (Silva, 2017)

Eu penso que os vídeos normalmente são os fatos que já aconteceram e também de fatos recentes. Esses vídeos acabam tendo uma boa acolhida porque os que estão de fora ficam vendo o que está acontecendo na cidade e como a cidade está vivendo o seu hoje. Por outro lado também, quando são vídeos que trazem um pouco de memória acaba também atraindo a atenção das pessoas novas que assistem ao vídeo para verem as coisas novas que estão acontecendo, atuais. (Silva, 2017)

Em relação ao perfil dos seguidores que mais interagem no grupo, ele acredita que tanto os biasfortenses presentes quanto os ausentes participam de forma efetiva, curtindo, comentando ou compartilhando o que é postado. Magaldi afirma ainda que os membros que estão no grupo e não são necessariamente de Bias Fortes também possuem uma participação relevante. O administrador observa a questão do afeto como diferencial e principal motivador do interesse dos membros pela comunidade virtual.

Eu acho que tem um certo equilíbrio. Os que estão fora demonstram muito interesse. Agora, os presentes também curtem muito, principalmente quando é um tema do passado. E tem aqueles conforme eu te citei – esses dois – a dona Marília. Ela não é daqui, ela veio pra cá em 58 ou 60, mais ou menos nessa época. Ela viveu aqui muitos anos, criou raízes e adora esta terra. É uma pessoa que pode ser considerada uma biasfortense nata. Tinha aqui as professoras, a dona Ari, dona Castorina, a Maria do Rosário, nenhuma é de Bias Fortes. A equipe de professoras antigas daqui, tinha muitas que eram de fora e amavam esta terra. (...) Por que você pode ver na

página que eles têm muito interesse por Bias Fortes. É uma questão de afeto. (Magaldi, 2017)

Silva também opina acerca desse aspecto, e acredita em uma interação que pode ser diferenciada pelo conteúdo e mensagem da postagem, além de ponderar que o fator memória comove mais os moradores ausentes e as atualidades despertam mais a atenção dos jovens. Para ele, os membros mais assíduos e ativos são moradores de Bias Fortes, com faixa etária acima de 40 anos.

Eu acho que depende do teor da postagem. Quando você faz uma postagem relacionada ao dia a dia, você tem muito adolescente comentando, postando e compartilhando. Quando você tem uma coisa que é mais do passado, até porque eles não compreendem, não valorizam e não sabem de quem tá falando, eles já dão espaço para outros. Eu acho que isso depende muito do teor da postagem, para que ela se destina ou a quem ela move, afetiva ou efetivamente. Tem que ser tocado pelo teor da postagem. Agora o que eu percebo é que, de uma maneira geral, os mais assíduos são as pessoas que moram em bias fortes, mais velhas, com faixa etária de 40 anos para frente. Estão desde o início participando e comentando por que são contemporâneos do José Airton ou são colegas dele e estudaram com ele. A página também é meio ufanista. Essas páginas acabam sendo ufanistas. Ela eleva a moral de Bias Fortes. Essas páginas acabam falando de coisas boas e positivas que deram certo. Acabam falando de valores que foram abandonados. Os vídeos fazem muito sucesso, né! (Silva, 2017)

(...) Mas eu percebo que o público maior mesmo é o público da cidade, pessoas que estão na cidade. Os que estão de fora, a questão da memória agrada mais a eles para relembrar as fases da infância e do passado, e enfim, por ser uma época em que eles eram contemporâneos, eles podem comentar melhor. Os de fora não têm muito como comentar os fatos que aconteceram agora por que não sabem quem são os atores das cenas nos dias de hoje. Quando você coloca um fato passado, você remete ao tempo em que ele conheceu. Então ele consegue comentar, acrescentar os detalhes e também criticar alguma coisa. (Silva, 2017)

Já que umas das temáticas principais deste trabalho é a memória, não podemos deixar de partilhar uma colocação feita por Magaldi (2017), quando considera “que trabalhar com memória é uma forma de valorização da gente como ser humano”. Silva complementa, dizendo que “para você encontrar suas raízes você precisa ir atrás da memória. A questão da memória é para se entender como pessoa. A memória é isso. É cheiro, é sabor, é som, é tato e muito mais” (2017). Esse entendimento de memória mencionado pelo entrevistado tem o intuito de explicar sobre alguns dos motivos que demonstram a importância de se trabalhar com a criação de um espaço que busca resgatar a memória de uma cidade, no caso, fazendo alusão ao grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”. Para ele, mais que um meio de visibilidade, os grupos criados em redes sociais sobre as cidades são fontes de registro de memória para as mesmas, onde todos podem ter acesso. Na visão do colaborador:

A primeira questão é que as pequenas cidades não são alvo de estudo dos grandes historiadores ou dos historiadores em geral. Ninguém quer estudar história de cidade pequena. Isso não dá status para ninguém. (...) Desinteresse pelas coisas regionais e

locais. Há muito interesse por aquilo que é global. Isso é ideológico. Na maioria das vezes, cidade do porte de Bias Fortes, que tem lá, talvez, seus 5 mil habitantes, ou Lima Duarte que tem 14 mil, não despertam interesse dos historiadores. (...) A internet, hoje, é o meio mais rápido de se fazer isso, e o mais popular também. Se você for escrever um livro, talvez as pessoas não leiam. (...) A internet não. Em um grupo, por exemplo, várias pessoas estão envolvidas. Lógico que é preciso ter uma pessoa que conduza, controle e coordene, porque é um espaço aberto, onde todos podem escrever o que quiserem. (...) A primeira coisa que eu acho importante na criação desse grupos é nesse sentido. Você tem no espaço, por exemplo, fotos antigas que só eu tenho na minha casa. Quando eu posto na rede, tendo pessoas adicionadas ao grupo, elas podem ver minha foto. (...) Então essa coisa de poder usar a imagem e também os vídeos e os arquivos, você tem praticamente todas as formas de registros da memória em um lugar só. Isso é inovador. (...) O grupo você pode abrir em qualquer lugar do mundo, desde que você tenha a rede social. (...) Então são duas coisas. Suprir essa necessidade que os Municípios têm de registrar a sua memória coletiva em algum lugar e também a possibilidade de distribuir conhecimento. Essas duas coisas são muito importantes para qualquer município. (Silva, 2017)

Por fim, Silva considera que os membros do grupo identificam-no como um espaço de resgate e divulgação da memória da cidade de Bias Fortes. De acordo com o colaborador, a comunidade “Bias Fortes em fatos e fotos” já tornou-se referência para o município, para seus moradores e membros.

(...) por muito que a gente faça enquanto administrador, criador de página, você nunca vai ter algo que seja universal, que cause identificação em todo mundo. Mas, eu creio que é fato a ideia de que algumas pessoas entram por curiosidade. (...) Por exemplo, essa história do José Airton estar sempre postando as coisas que estão acontecendo na cidade, as pessoas sabem que lá vai ter alguma coisa sobre o fato. Ele é esperto e foge de fatos polêmicos, como crimes e política. (...) Então, nesse ponto em que há essa polarização, acaba que a página é uma referência. Então tudo que acontecer e as pessoas tiverem dúvida, elas vão recorrer à página para verificar. (...) Por que as páginas viram referências. E pelo fato de postarem coisas que estão acontecendo recentemente, mais referência fica. (...) O recurso da imagem é uma coisa muito interessante. Então essas pessoas são usuárias assíduas da página. A gente observa por quem comenta e curti. (Silva, 2017)

As informações e reflexões apresentadas até aqui evidenciam que esse trabalho de manutenção da memória e preservação de vestígios do passado da cidade nasce do interesse dos cidadãos de preservar e valorizar lugares, arquivos, histórias e acontecimentos do passado. São esses cidadãos, como é o caso dos administradores e criadores do grupo, José Airton Magaldi e Marco Antonio da Silva, além dos membros, que escolhem o que lembrar, como lembrar e onde guardar essas lembranças, na tentativa de atribuir novos sentidos ao espaço, urbano e rural, retratado. Dessa forma, acreditamos que esse grupo se apresenta como um meio de apropriação imaginária do espaço, físico mas também simbólico. Para fazer isso lança mão do compartilhamento de trabalhos de recuperação da memória, por meio de fotos, vídeos e documentos escritos, antigos ou do agora, como formas de representação e releituras da cidade de Bias Fortes. A partir daqui, interessa-nos avaliar os materiais audiovisuais

divulgados nessa comunidade virtual, com o objetivo de compreendê-los como possíveis narrativas de rememoração para a cidade de Bias Fortes e para seus habitantes.

#### 4.3 ANÁLISE AUDIOVISUAL: A CIDADE REPRESENTADA EM VÍDEOS

Uma das hipóteses que move esta pesquisa é a de que a produção audiovisual veiculada pelo grupo do *Facebook* “Bias Fortes em fatos e fotos” tem o propósito de divulgar, resgatar e atribuir novos sentidos à cidade de Bias Fortes, como ambiente urbano, por meio de postagens que apelam para a rememoração. É fato que neste grupo virtual temos outras formas de narrativas que retratam o município em questão, como é o caso dos registros fotográficos e documentos escritos compartilhados. Mas, nosso olhar se volta, especificamente, para as narrativas em vídeo, estudadas neste trabalho, como formas de representação do ambiente urbano e de seus moradores, por acreditarmos no poder de representação do cotidiano que o audiovisual possui.

Em seu livro “Análise crítica da narrativa”, Luiz Gonzaga Motta (2013) explica que é preciso entender a forma de contar histórias, para isso é necessário estudá-las para compreender os sentidos e ao mesmo tempo entender quem somos. “Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições”. (MOTTA, 2013, p.19).

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p.17)

Dessa forma, uma vez capturadas por uma câmera, essas narrativas se tornam leituras possíveis da vivência dentro da cidade, dos momentos, tempos, espaços e dos personagens inseridos nas sequências de acontecimentos narrados. Pelo simples fato de serem histórias guardadas sobre o lugar, já merecem nossa atenção e nossa intenção de análise, para verificar como elas representam o espaço urbano e a cidade propriamente dita.

Assim como já discutimos na seção anterior, quando tratamos o grupo virtual “Bias Fortes em fatos e fotos” como lugar que abriga as narrativas de memória construídas sobre a cidade de Bias Fortes, propomos a partir de agora pensar as produções audiovisuais

compartilhadas nessa comunidade *web* como representações do cotidiano da cidade, e/ou de seu passado, e do dia a dia de seus moradores. Mais que isso, pretendemos avaliar de que forma esses materiais constituem narrativas de rememoração sobre o espaço urbano em questão, partindo de uma análise qualitativa que busca apresentar como esta cidade está sendo narrada, quem são os personagens dessas narrativas, quais períodos e temas estão sendo representados, bem como, em quais espaços específicos onde ocorrem as histórias.

Como defende a professora e pesquisadora Cândida Vilares Gancho (2014), há cinco elementos fundamentais sem os quais as narrativas não poderiam existir. “[...] a narrativa é estruturada em cinco elementos principais: enredo, personagem, tempo, espaço e narrador. “Sem fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar.” (GANCHO, 2006, p. 11). Nas narrativas audiovisuais que pretendemos analisar, temos histórias que possuem um tema específico, personagens que participam e narram os acontecimentos, lugares e tempos que compõem os fatos apresentados.

Para efeitos do estudo de uma forma ampla e mais detalhada, escolheu-se para avaliação das narrativas em vídeo, a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2015). O método é utilizado no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Audiovisual da Faculdade de Comunicação Social da UFJF (CNPq - UFJF) para a avaliação de conteúdos audiovisuais. Estruturado na observação de quatro eixos, adaptáveis a cada questão de pesquisa e/ou objeto empírico, eles buscam evidenciar aspectos como: pluralidade de vozes, diversidade de temas, autonomia editorial e narrativa audiovisual (COUTINHO, 2015). A Materialidade Audiovisual propõe como objeto empírico de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição, tomando como elemento de análise, a narrativa videográfica como um todo, sem decomposição de seus componentes (COUTINHO 2016).

Dessa forma, do ponto de vista da narrativa, sugere-se uma análise que leva em conta o contexto comunicacional, a materialidade do audiovisual (COUTINHO, 2015), os objetivos dos participantes do ato comunicativo, o contexto sociocultural, bem como o espaço temporal. Assim, para a verificação de performance dos vídeos, objetiva-se a descrição e análise dos arquivos; os temas abordados; os personagens principais; os espaços/tempos narrados e colocados em cena, e rememoração, a cada postagem analisada.

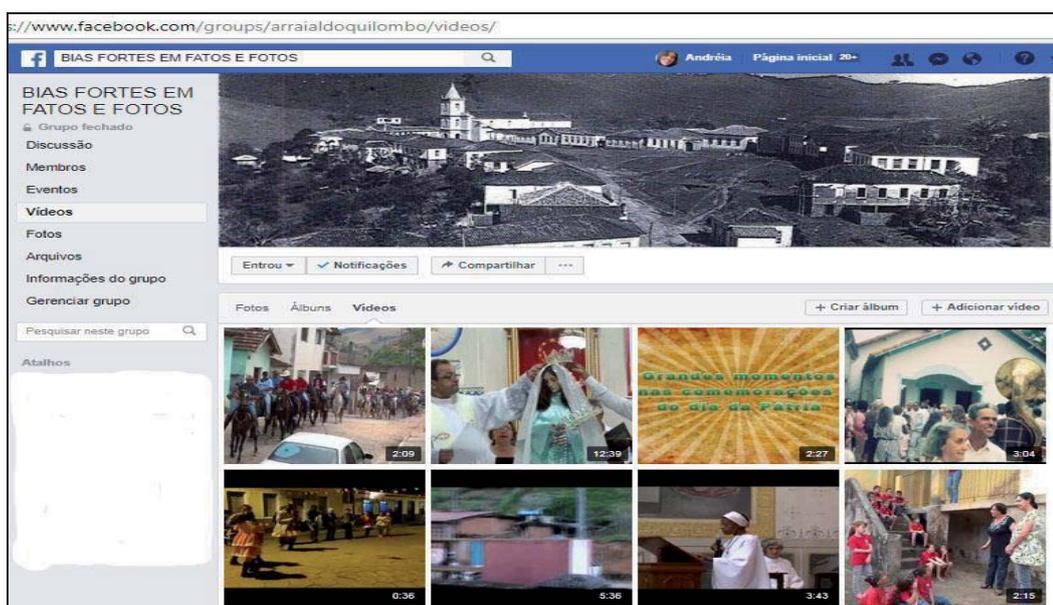
O uso desse método permitirá compreender a estrutura narrativa a partir dos enquadramentos temáticos, explicitação de contextos relacionados ao tema, a participação dos moradores como personagens principais e a construção do espaço/tempo das narrativas que podem constituir como foco principal a representação da cidade. Diferente de outros métodos em geral empregados em pesquisas com objetos audiovisuais, como a Análise de Conteúdo e

a Análise de Discurso que examinam separadamente imagem e texto, a Materialidade do Audiovisual considera a unidade de análise simultânea do texto + imagem + som + edição. Conforme ressalta Coutinho (2015) "o estabelecimento desses eixos permite articular na observação de conteúdos [...] as diferentes instâncias implicadas na realização audiovisual, [...] em todas as suas nuances e tempos, caracteriza a estratégia da investigação" (COUTINHO, 2015, p.2).

A metodologia completa aplicada nessa seção tem seu princípio em uma etapa de pesquisa documental (base de dados públicos constituída pelos vídeos do grupo Bias Fortes em fatos e fotos – Figura 10) e na análise da materialidade do audiovisual, ou seja, busca mapear os sentidos e compreender de que forma os discursos de ressignificação da memória ganham materialidade nessas produções.

O percurso metodológico dessa etapa do trabalho iniciou-se por um mapeamento e levantamento quantitativo e temático dos vídeos compartilhados no grupo “Bias Fortes em fatos e fotos” entre março de 2014, mês de criação desta comunidade virtual, até outubro de 2017, período que nos ofereceu uma ampla margem de possibilidades para recorte. A delimitação desse longo intervalo de tempo se fez importante para que pudéssemos observar melhor o teor dos conteúdos partilhados e a recorrência de temas apresentados. Ao todo, foram contabilizados 148 arquivos em vídeo, sendo o último postado no dia 23 de setembro de 2017, observando o fechamento do período de levantamento em primeiro de outubro do mesmo ano.

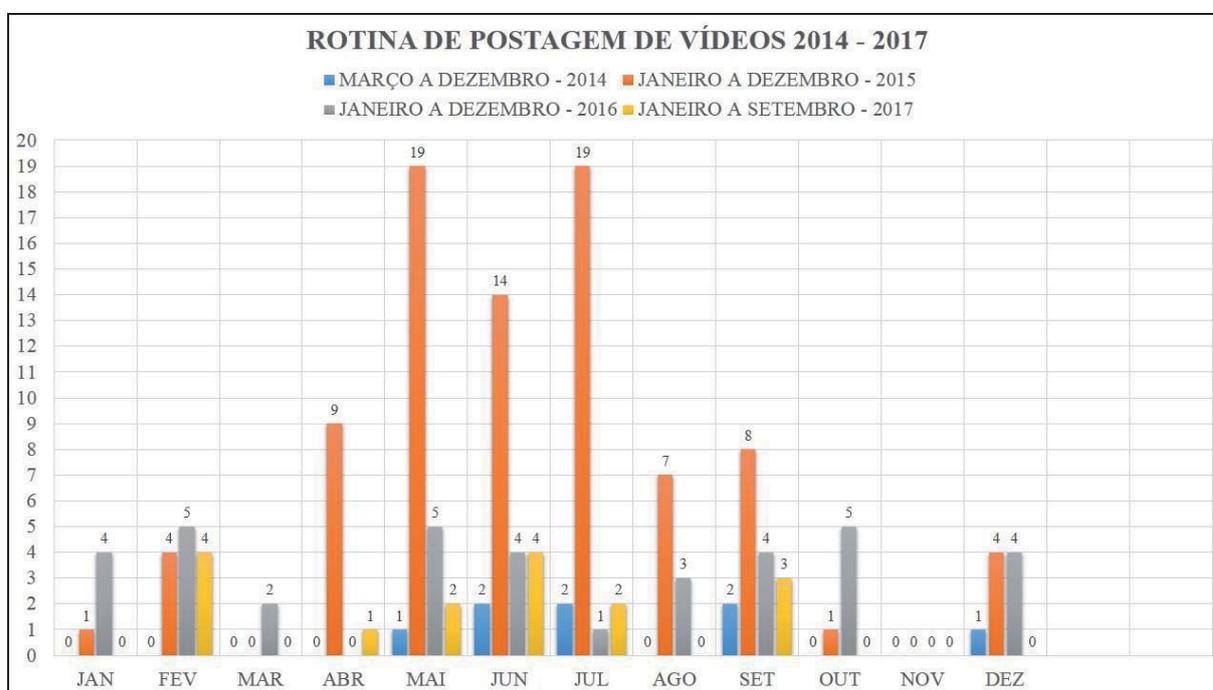
**Figura 10:** Seção vídeos do grupo “Bias Fortes e fatos e fotos”.



Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>

Após a coleta de dados, este quantitativo foi submetido, primeiramente, a um processo de avaliação, em que elaboramos uma tabulação que buscou separar cada arquivo por data de postagem, número de reações e envolvimento do público (comentários, curtidas e compartilhamentos), horário de *upload* dos arquivos, duração, título dado e, por fim, temática apresentada. O mapeamento nos permitiu observar, primeiramente, a não existência de uma rotina de postagem dos vídeos que possa ser entendida como diária, semanal ou mensal, por exemplo, uma vez que, o administrador não segue um roteiro programado para *upload* dos vídeos. Como podemos observar no gráfico 1.

**Gráfico 1:** Rotina de postagem dos vídeos nos anos de 2014 a 2017



De acordo com os dados apresentados no gráfico acima, podemos observar como ocorreu a sistemática de postagem dos vídeos adotada pelo administrador, ao longo de pelo menos, mais de três anos de atividades do grupo. No ano inicial de criação da comunidade, observamos que foram postados apenas oito vídeos, em um intervalo de dez meses, tempo esse compreendido entre os meses de março e dezembro, sendo o primeiro arquivo postado em maio, e, não havendo uma frequência nos meses subsequentes. Nos meses de agosto, outubro e novembro, não houve postagens.

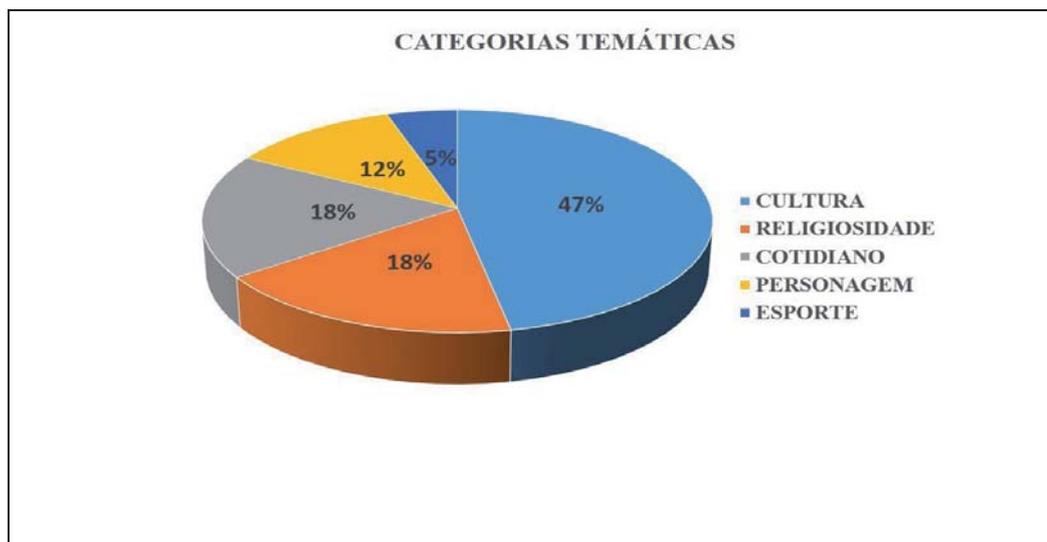
Já em 2015, observamos um crescimento do número de arquivos compartilhados, totalizando 86 *uploads* em um intervalo de dez meses. Não houve postagem de vídeos nos meses de março e novembro desse ano. Ainda assim, 2015 foi o ano em que contabilizamos

maior quantidade de postagem de vídeos. Em 2016, a quantidade de postagens voltou a cair, somando 37 *uploads*, menos da metade, se comparada ao ano anterior. Também notamos que nos meses de abril e novembro não houve inserção de nenhum vídeo.

Em 2017, de acordo com o intervalo de tempo proposto para a finalização da coleta de dados dos vídeos, entre janeiro e setembro do ano em questão, observamos que o número de postagens foi menor em relação ao ano de 2016. Durante os nove meses de acompanhamento, tivemos 16 vídeos postados, sendo que, não houve uploads em janeiro, março e abril. Por fim, com base na análise do gráfico apresentado, chegamos à conclusão que o ano de 2015 foi o mais expressivo para o grupo, no sentido da quantidade de material audiovisual postado. Percebemos também, que no decorrer dos anos avaliados, nunca houve uma rotina pré-determinada de quantos vídeos postar nem mesmo em qual intervalo de tempo. As postagens sempre aconteceram de forma aleatória.

Outra percepção foi também que não há um horário específico para a postagem dos arquivos, mas, de um modo geral, há uma preferência do administrador por inserção de vídeos nos horários compreendidos entre 16 horas e meia noite, havendo uma predominância de postagens a partir das 21 horas. Quanto à duração de cada arquivo, temos vídeos que vão de apenas segundos a mais de trinta minutos. A predominância é de materiais com tempos mais curtos, sendo em geral a média de vídeos entre dois e cinco minutos.

Em seguida, os vídeos foram categorizados de acordo com os temas retratados nas narrativas, e agrupados observando características em comum, sendo os perfis mais recorrentes subdivididos e enquadrados em cinco categorias específicas: cultura, cotidiano, esporte, religiosidade e personagem. Os critérios observados para a definição destas categorias foram os títulos dados pelo administrador para cada vídeo e a análise dos conteúdos narrados em cada história audiovisual apresentada. Deste total de 148 arquivos, constatamos que, pelo menos, 70 tratam do tema cultura, 27 retratam a religiosidade, 26 representam o cotidiano, 18 retratam personagens e sete abordam a temática do esporte. Elaboramos uma representação com as porcentagens referentes a cada categoria que pode ser compreendida com a visualização do Gráfico 2.

**Gráfico 2:** Amostragem das categorias temáticas dos vídeos

A partir da observação do gráfico podemos entender que a maior parte dos vídeos compartilhados no grupo retratam momentos que têm a ver com a cultura da cidade, compreendendo narrativas que se constituem como flagrantes de momentos de manifestações culturais variadas desse ambiente urbano. Essas histórias capturadas representam festas e eventos culturais tradicionais da cidade, como carnaval, torneio leiteiro, cavalgadas, apresentações musicais, desfiles estudantis de Sete de Setembro, festas juninas e julinas, entre outras festividades e comemorações.

A categoria Religiosidade é a segunda colocada do ranking com 18% do quantitativo de vídeos. Esse grupo abarca os registros audiovisuais que retratam fatos ligados à religião, realizados dentro e fora da Igreja do município, como, por exemplo, procissões, festas e cortejos religiosos, celebrações de missas, casamentos e coroações à Nossa Senhora.

Em terceiro lugar temos a categoria Cotidiano, também com 18% do montante de vídeos, que diz respeito aos registros representativos de momentos e acontecimentos comuns da sociedade de forma geral. Temos, por exemplo, reuniões e eventos escolares e educacionais, solenidades de formaturas de estudantes, além de fatos do dia a dia da cidade e de seus moradores.

Na quarta colocação, com 12% do total de vídeos levantados, incluímos a subdivisão Personagem, que engloba registros videográficos que têm como função principal retratar um indivíduo específico ou grupos de pessoas, em momentos diversificados de suas vidas, como casamento, encontros de família, trabalho, participação em eventos da cidade, formatura, etc.

Por fim, nossa quinta categoria, com 5% dos arquivos partilhados, representa o Esporte na cidade, relembrando momentos de descontração dos moradores com os jogos de futebol no Campo do Santa Cruz, os torneios de futebol da Várzea de Santo Antônio – Zona Rural da cidade -, os melhores momentos das copas de futsal do município, bem como, as ocasiões de confraternização dos moradores após os momentos esportivos.

Esta separação dos vídeos por categorias foi necessária devido ao montante existente no grupo e ainda, determinante para a escolha do nosso corpus de análise, que teve como critério principal o maior número de engajamentos público/vídeo, observados por meio da soma dos comentários, curtidas e compartilhamentos. Ao final deste trabalho de mapeamento foram escolhidos cinco vídeos, um dentro do universo representativo de cada categoria, que serão descritos a seguir e submetidos à Análise da Materialidade Audiovisual, observando os espaços/tempos narrados, os personagens e os temas.

Os cinco arquivos selecionados para a análise qualitativa, foram escolhidos por indicarem ainda, com base em seus conteúdos, representações possíveis da cidade de Bias Fortes, a partir das categorias estabelecidas por meio de um mapeamento inicial: cultura, esporte, cotidiano, religiosidade e personagem.

Para melhor verificação da análise, os vídeos escolhidos foram assistidos na íntegra, a partir do grupo na plataforma *Facebook*, onde são disponibilizados, além da efetuação do *download* de cada um dos arquivos de vídeo selecionados, realizado no dia 01/10/2017<sup>17</sup>. Também foram registradas (printadas) as imagens de cada arquivo para compor o material dessa dissertação.

#### **4.3.1 Cultura**

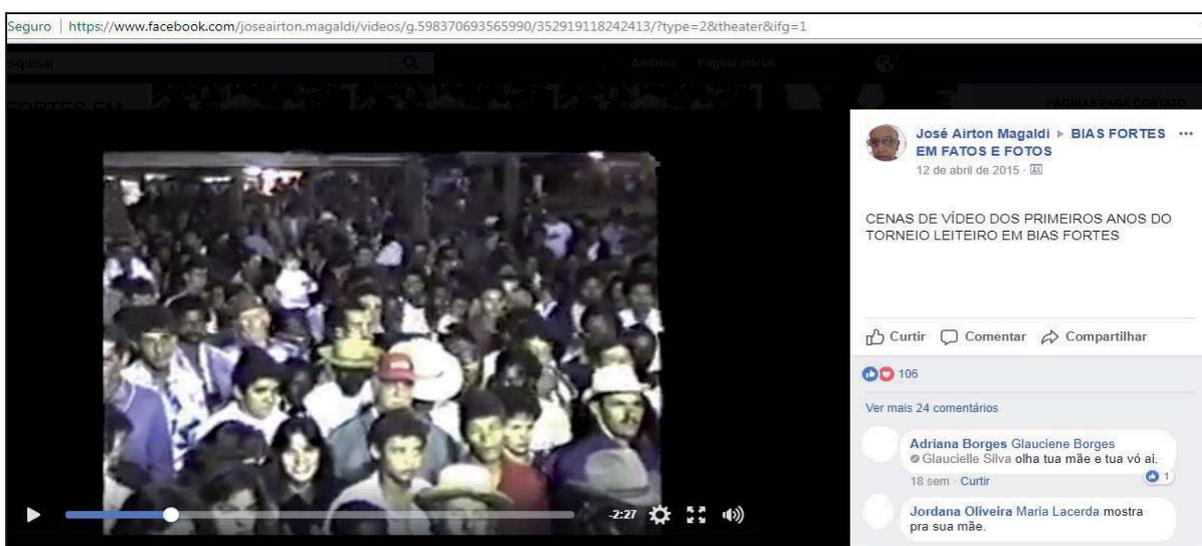
Dos 148 vídeos mapeados no grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, observamos que 70 desses arquivos, abordam como temática recorrente a cultura da cidade, o que representa 41% do total avaliado. Desse montante o que obteve maior número de reações retrata um momento cultural que faz parte da tradição de Bias Fortes: os torneios leiteiros do município. O critério de escolha para selecionar o vídeo a ser analisado foi o quantitativo de reações do público; o arquivo selecionado além de mais curtido e comentado também era representativo da abordagem das narrativas audiovisuais desta categoria.

---

<sup>17</sup> Os downloads foram realizados com o auxílio do site <http://www.downloadvideosfrom.com/pt/#DownloadButtonsLine>, que permite baixar vídeos, diretamente da plataforma *Facebook*.

Inserido no grupo com o título “**Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes**” (figura 11), o vídeo com mais reações da categoria Cultura foi postado pelo administrador do grupo, José Airton Magaldi, no dia 12 de abril de 2015, às 21h46min e tem duração de três minutos e cinco segundos. Apresenta-se a seguir sua descrição levando em conta os aspectos da análise da materialidade audiovisual anteriormente apresentados: temática/fato narrado; tempo; espaço; personagens.

**Figura 11: “Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes”<sup>18</sup>.**



**Tema/Fato narrado:** No decorrer da narrativa temos a captura de cenas dos moradores da cidade e de visitantes, aproveitando as atrações musicais, bem como os flagras dos momentos de confraternização destas pessoas, durante um dos primeiros anos do tradicional Torneio Leiteiro do município. Nos primeiros um minuto e trinta segundos da filmagem detectamos uma sequência de imagens do público, assistindo ao show apresentado, bem como um corte para a banda que se encontra no palco. Em seguida, o foco se torna as pessoas presentes na festividade, havendo séries de planos mais detalhados, mostrando algumas pessoas que se encontram nas barracas de comes e bebes, em momentos de reencontros e confraternizações.

Mesmo observando que a gravação do vídeo é colorida, a qualidade das imagens não são muito boas. Acreditamos também que esse arquivo tenha passado por edição, uma

<sup>18</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/joseairton.magaldi/videos/g.598370693565990/352919118242413/?type=2&theater&ifg=1>. Acesso em 01/10/2107.

vez que não há um plano sequência dos acontecimentos narrados, o que pode ser observado nos cortes de cenas. A filmagem começa com cenas do público, assistindo ao show da banda, e, há cortes para apresentações de músicas diferentes. Na sequência é feito um corte para mostrar a banda no palco, e, ainda existem vários cortes para os planos detalhes das pessoas que aparecem no vídeo.

Acreditamos que a temática rememorada representa a cultura da cidade de Bias Fortes, uma vez que, o acontecimento narrado é a principal atração cultural do município, e, sua realização é esperada todos os anos pelos bias-fortenses ausentes e presentes, por ser considerado como um momento de reencontros e muita festa. Incorporado ao calendário de eventos culturais da cidade, o Torneio Leiteiro é a festividade mais tradicional do município. Lembramos também que esse festejo retrata características ímpares de Bias Fortes, como uma cidade do interior mineiro, onde as festividades possuem um caráter de valorização do ruralismo local, as pessoas reunidas conhecem umas às outras com mais afinidade e ocorre a produção do sentido de pertença.

**Tempo:** No intervalo de tempo um minuto e cinquenta e dois segundos, é possível detectarmos detalhes sobre a época em que se passa a narrativa, como podemos notar na figura 12. A legenda da gravação que aparece é SEP.16.1990, o que nos leva a crer que as cenas foram capturadas no dia dezesseis de setembro de mil novecentos e noventa, durante a realização da exposição agropecuária daquele ano.

A gravação do Torneio Leiteiro analisada refere-se à segunda edição da festividade realizada na cidade; a primeira aconteceu em 1989. Atualmente, o tradicional Torneio Leiteiro e Encontro de Cavaleiros e Amazonas de Bias Fortes, que completou sua 29ª edição no ano de 2017, continua sendo realizado, uma vez por ano, no mesmo espaço físico. Pelo que podemos observar nas cenas do vídeo de análise, a época narrada vale a pena ser lembrada, pelo fato de registrar/ eternizar um momento em que a cultura da cidade vivia seu ápice, com a realização dos primeiros anos das exposições agropecuárias, festejo esse que até então, não fazia parte do calendário de eventos culturais do município.

De acordo com o registro, esse período aparenta ter sido uma época que marcou a história da cidade, seja como um tempo de grande participação dos habitantes nesse festejo, como um momento de bastante alegria, descontração e união da população ou ainda como lembranças de uma era econômica de fartura. Entendemos também que ao ser incorporado à tradição da cidade, o evento foi ganhando expressividade e importância, se tornando referência para a cultura local até os dias atuais.

**Figura 12:** Imagem de um frame com data de gravação do vídeo “Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes”.



**Espaço:** O local onde se passa a narrativa é o Parque de Exposições da cidade, denominado atualmente, Parque de Exposições Prefeito José Rosângelo de Oliveira. O nome é uma homenagem ao cidadão biasfortense, mais conhecido como Leleza, que foi prefeito do município por várias vezes, e, também gostava muito dos festejos na cidade. Esse espaço é referência para a cidade por ser o local onde são realizadas as principais festividades do município, além dos Torneios Leiteiros. É fato que o Parque foi criado e melhorado, ao longo dos anos, especificamente para ser palco das exposições agropecuárias anuais de Bias Fortes. O lugar em si já carrega muito da memória da cidade, uma vez que, sua denominação homenageia um dos nomes mais lembrados pelos moradores locais, principalmente, quando o assunto tem a ver com a tradição festiva da cidade. Outra curiosidade que também faz parte da memória do local é o fato de que foi o referido prefeito Leleza, quem começou a realizar o Torneio Leiteiro no município.

**Personagens:** Os participantes das cenas narradas são biasfortenses e demais visitantes, que uma vez por ano se encontravam durante cada realização do Torneio Leiteiro. Por meio dos recortes de algumas cenas e também dos comentários, podemos observar que os membros do grupo, ao assistirem ao registro, começam a se recordar das pessoas que aparecem na filmagem, e inclusive, comentam sobre os nomes dos possíveis personagens. Isso pode ser observado de acordo com alguns comentários, como “acho que a Tia Lucia está nesse vídeo. Olha aí Thina Borges e Maria Aparecida Do Nascimento. Achei a Tia Gloria e minha Vó Marciana” (Figura 13).

**Figura 13:** Comentários dos membros sobre personagens que aparecem no vídeo.



E ainda nos seguintes comentários que podem ser observados por meio da visualização da Figura 14:

- “Vi a Sandra Oliveira aí. Lindo. Que saudade!”.
- “Ô tempo bom! Tb vi Regina Oliveira. Muito bom, adorava esses meninos!”
- “Quanta gente! Saudade dessa alegria do Leleza”.

**Figura 14:** De chapéu, o ex-prefeito Leleza, como personagem lembrado nos comentários no vídeo.



Ainda por meio dos comentários, é possível observar que as cenas do vídeo despertam sentimentos diversos naqueles que assistem a narrativa. Muitos se emocionam ao ver parentes, amigos ou pessoas conhecidas, manifestam saudosismo pelo tempo que passou e não volta mais, demonstram gratidão ao administrador do grupo por ter compartilhado o registro com todos. Os participantes se convertem assim também em narradores e relembram o quanto a época representada nas imagens era boa, comovem-se ao se verem como personagens no vídeo, além de muitas outras reações que se remetem à uma saudade, com desejo em ser revivida.

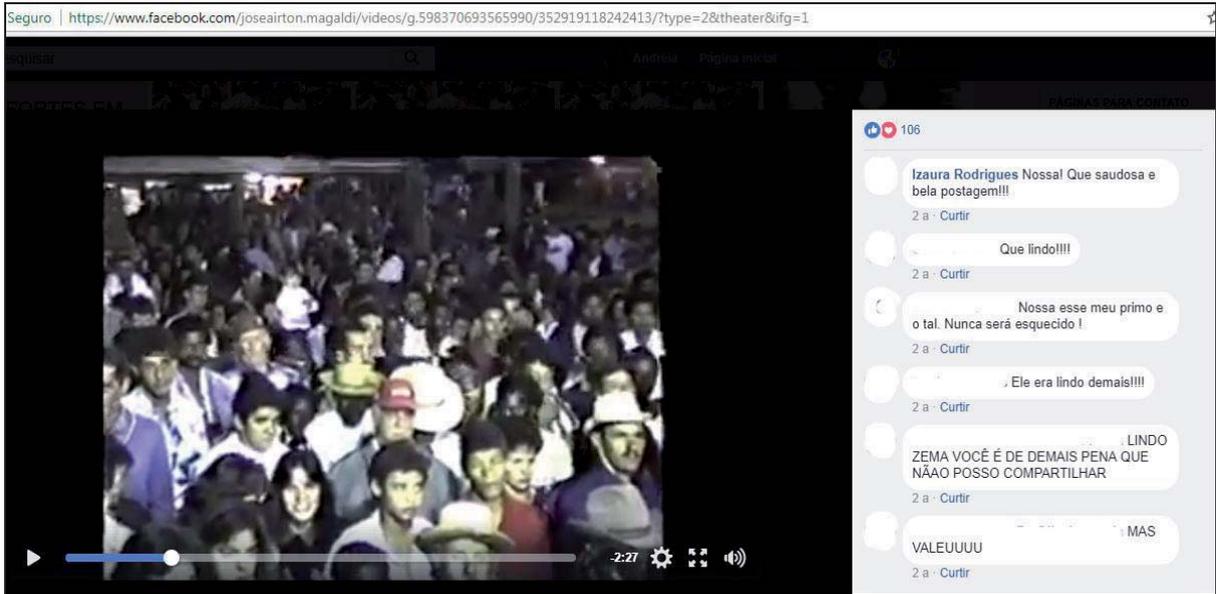
Exemplos dessas reações podem ser observadas nos comentários:

- “Nossa! Que saudosa e bela postagem!!!” (Figura 15).
- “Lindas lembranças de tempos que não voltam mais” (Figura 16).
- “Quantas saudades de pessoas que não estão mais em nosso meio e daquele bom tempo que não volta mais. Você tem um tesouro guardado. Obrigada por arquivar estas imagens lindas que muitos na época não tinham como. Você está de parabéns. Tudo de bom.” (Figura 17).

**Figura 15:** Reações e comentários do público membro no vídeo.



**Figura 16:** Reações e comentários do público membro no vídeo.



**Figura 17:** Reações e comentários do público membro no vídeo.



### 4.3.2 Religiosidade

De acordo com o levantamento audiovisual realizado, pelo menos 27 dos registros resalta a temática da religiosidade na cidade de Bias Fortes, quantidade essa correspondente

a 18% do montante total de vídeos mapeados para a realização deste trabalho. Após a observação minuciosa de cada um desses vinte e sete arquivos, escolhemos para representar a referida categoria, o arquivo videográfico intitulado **“Imagem da Padroeira chegando na matriz. 15 de setembro de 2017”** (Figura 18), postado na comunidade virtual “Bias Fortes em fatos e fotos” no mesmo dia do título, 15/09/2017.

A escolha deste arquivo se justifica pelo fato do mesmo ter alcançado 108 engajamentos, distribuídos entre 91 curtidas e 17 comentários, tendo sido assim o vídeo dessa categoria que contabilizou maior número de reações do público, em relação aos outros que integram o conjunto. Além disso, acreditamos que ele representa de forma significativa a categoria a que pertence, pois a maioria das narrativas audiovisuais agrupadas a partir da temática geral religiosidade giram em torno de momentos referentes aos acontecimentos e festejos religiosos da cidade, e, grande parte tem como ambiente sua igreja católica e as ruas da cidade. O vídeo em análise possui cerca de doze minutos e quarenta segundos de duração (12’40’’) e narra uma ocasião religiosa importante para os católicos da cidade, as comemorações pelo dia de Nossa Senhora das Dores, padroeira do município.

**Figura 18:** Imagem de uma cena do vídeo **“Imagem da Padroeira chegando na matriz. 15 de setembro de 2017”**<sup>19</sup>



<sup>19</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/joseairton.magaldi/videos/g.598370693565990/720573744810280/?type=2&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de Nov. de 2017.

**Tema/Fato narrado:** A tradicional celebração do Dia da Padroeira é feita uma vez por ano e possui características comuns a cada edição, como procissão pelas ruas de Bias Fortes, missa na Matriz Nossa Senhora das Dores, Coroação<sup>20</sup> de Nossa Senhora, entre outras atividades. Especificamente nesse vídeo, as cenas narradas evidenciam o momento pós celebração eucarística e procissão, quando os fiéis prestam homenagens à Maria por meio da coroação. O cinegrafista que realizou a filmagem é também o administrador do grupo, José Airton Magaldi.

Por meio do acompanhamento do vídeo na íntegra observamos que a narrativa se divide em quatro momentos específicos, que podem ser notados e separados pela existência de cortes de cenas: planos detalhes da entrada dos coroantes<sup>21</sup> (Figura 19); planos abertos, mostrando o interior da igreja lotada de fiéis e os participantes da coroação se dirigindo para o altar (Figura 20); cena com planos fechados nos coroantes já posicionados no altar (Figura 21), e, por fim, cenas completas da homenagem prestada à Santa durante a coroação, com *closes* na imagem da virgem e nos participantes do tributo, além de cenas mais abertas retratando a igreja cheia de pessoas (Figura 22).

**Figura 19:** Imagem detalhada dos coroantes entrando na igreja.



<sup>20</sup> A Coroação de Nossa Senhora é uma solenidade tradicional realizada pela igreja católica, com o objetivo de saudar e homenagear à Virgem Maria, por meio da oferta de objetos simbólicos, como terço, palma, véu, coroa e flores.

<sup>21</sup> O termo "coroantes" é comumente utilizado pela igreja católica como forma de denominação para aquelas pessoas que participam da solenidade de Coroação de Nossa Senhora.

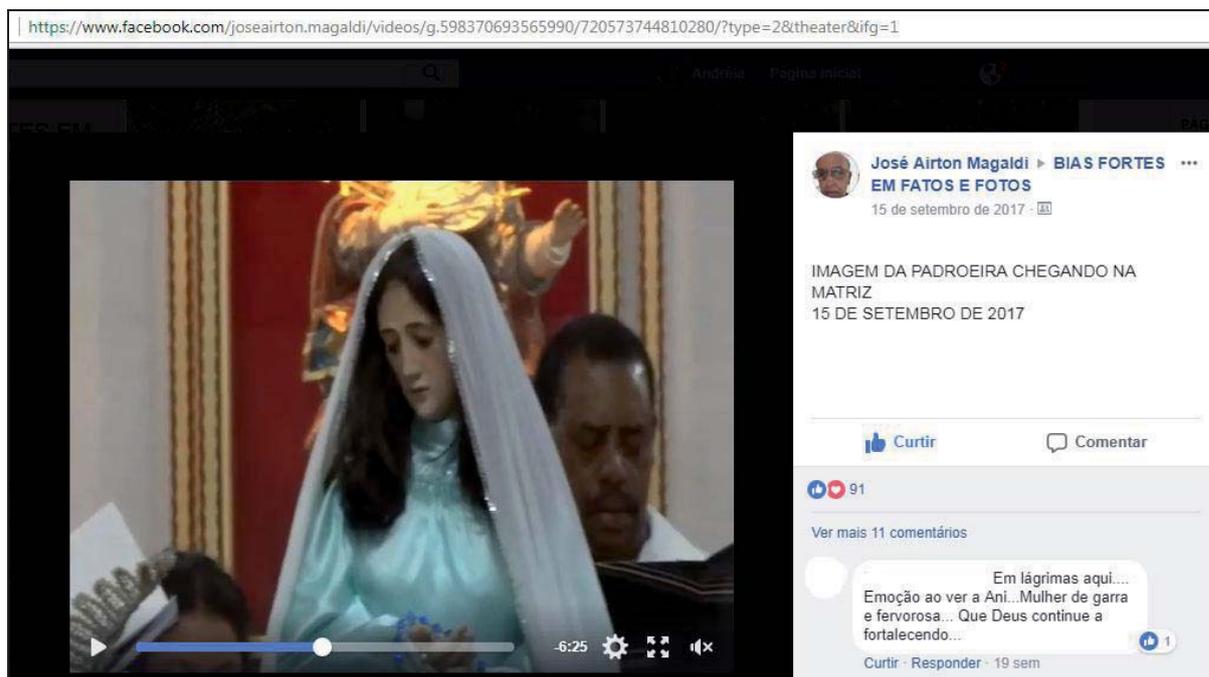
Figura 20: Imagem detalhada do interior da igreja, dos fiéis e dos coroantes se dirigindo ao altar.



Figura 21: Imagem dos coroantes posicionados no altar



**Figura 22:** Plano detalhe da imagem de Nossa Senhora das Dores



O ritual católico narrado no vídeo em análise teve como trilha sonora uma paródia da versão brasileira da canção “Índia”<sup>22</sup>, que acreditamos ter sido criada por algum Biasfortense, uma vez que, é de costume na cidade a realização de coroações com temáticas musicais sertanejas, e, é comum que os compositores dessas reproduções também sejam do município. A recorrência de temas sertanejos, nas coroações a Nossa Senhora, demonstra que o município possui uma tendência em valorizar suas tradições ruralistas, típicas de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais.

A temática da religiosidade, representada aqui por um registro audiovisual que retrata a devoção e a reverência prestadas à imagem da Virgem Maria, também denota um característica marcante da população biasfortense, que encontra na fé uma forma de manter uma ligação com o mundo espiritual. Como podemos observar nas imagens escolhidas para compor o material analisado, as cenas do vídeo revelam ações de um povo fervoroso e religioso, que carrega consigo o respeito pela religião e a participação nos festejos do catolicismo, também como forma de tradição. O catolicismo é ressaltado como uma das

<sup>22</sup> A música Índia assinada por José Fortuna (1952), é a versão brasileira de um sucesso paraguaio, composto originalmente pelo músico José Asunción Flores e o poeta Manuel Ortiz Guerrero, ambos paraguaios. A canção original fez tanto sucesso, que em 1944, por meio de um decreto do governo, foi oficializada como “Canção Nacional”, uma espécie de hino, que a faz ser reconhecida como parte da cultura popular paraguaia. Aliás, esta canção foi composta utilizando um gênero muito popular no Paraguai, chamado de Guarânia. Fonte: <<http://baudamusicasertaneja.blogspot.com.br/2015/11/india-1952.html>>. Acesso em: 27 de Out. de 2016.

opções religiosas marcante entre os biasfortenses, mesmo que existam na cidade adeptos de outras manifestações religiosas. Por ser a religiosidade, uma temática enraizada na cultura e na tradição da cidade, ela pode ser compreendida como elemento que faz parte da memória desse lugar. As cenas gravadas são do ano de 2017, mas o festejo religioso narrado já faz parte da memória do município, por ser um costume antigo que ultrapassa gerações.

**Tempo:** Por se tratar de uma captura de alguns momentos da celebração eucarística comemorativa pelo dia de Nossa Senhora das Dores, Padroeira da cidade, acreditamos que esta filmagem tenha sido realizada no respectivo dia em que foi postada no grupo, 15 de setembro de 2017, dia da referida santa. A nosso ver, as cenas foram gravadas em tempo real, durante a coroação da Virgem na matriz, e divulgadas na comunidade virtual às vinte e três horas e quarenta e seis minutos (23h46min) do dia de registro, como consta no grupo. Como já descrevemos no capítulo de apresentação do grupo, nesta comunidade há vídeos que se remetem a épocas distintas, e no caso desse em particular, a narrativa se refere à cobertura de acontecimentos recentes, que mesmo assim não deixam de ser parte integrante do que compreendemos como registros da memória da cidade. A partir do momento que ele se torna um fato ocorrido, já pode ser considerado passado, daí seu entendimento como registro de rememoração. Uma vez postado no grupo, ele se torna fonte de memória da religiosidade do município, compartilhada audiovisual e digitalmente.

**Espaço:** O local onde se passa a narrativa audiovisual analisada é o território de Bias Fortes, mais precisamente, a igreja católica da cidade, denominada Matriz Nossa Senhora das Dores. A instituição é o único santuário do catolicismo existente na zona urbana da cidade, sendo sua construção datada de 1845<sup>23</sup>, o que totaliza 175 anos de história. Esse espaço tem um significado relevante na representação da cidade e de seus moradores, sendo um lugar que também carrega memórias de épocas e acontecimentos distintos sobre Bias Fortes e seus habitantes, além de ser um lugar de encontros e reencontros. Lembramos aqui que existem igrejas católicas nas zonas rurais também, mas a matriz é a principal referência para os seguidores dessa vertente religiosa no município, o que faz com que seja lembrada por todos.

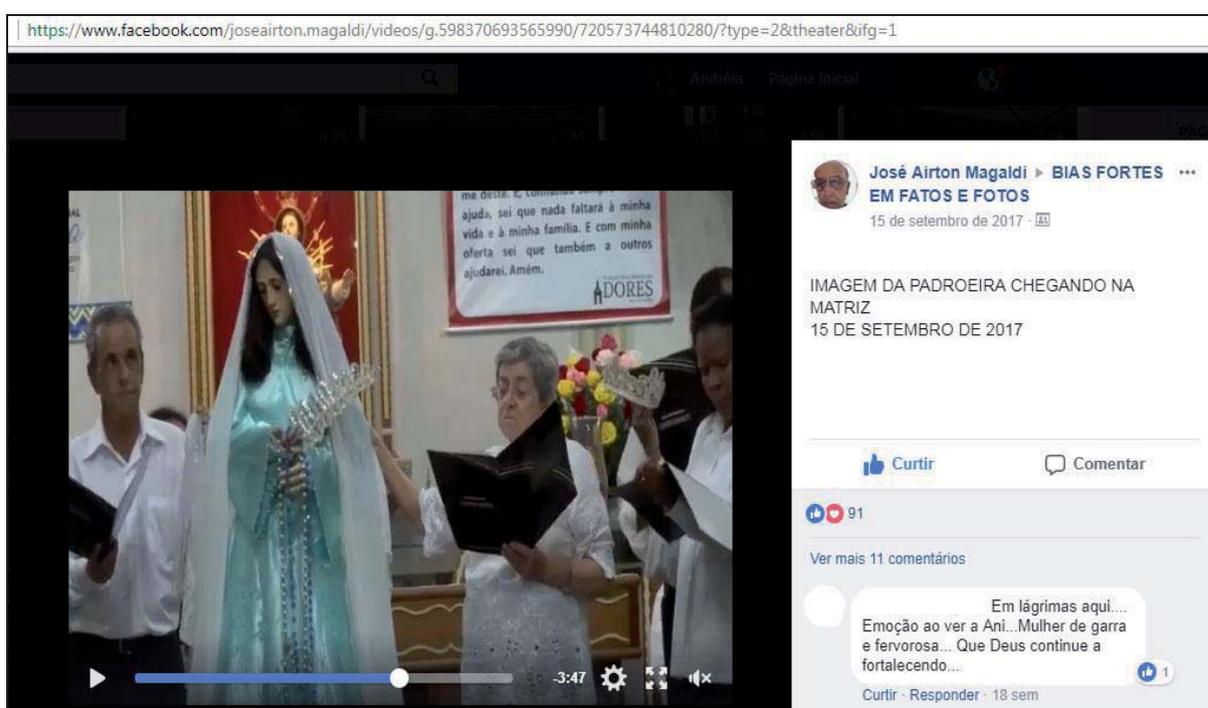
**Personagens:** De um modo geral, os protagonistas das cenas narradas são biasfortenses católicos, de faixas etárias e gêneros variados, que uma vez por ano se encontram para celebrar e renovar a fé e homenagear a padroeira da cidade. De forma

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.arquidiocesejuizdefora.org.br/index.php/2014-08-12-17-20-41/parouquias-por-forania/81-nossa-senhora-das-dores/399-nossa-senhora-das-dores-bias-fortes-mg>>. Acesso em: 27 de Out. de 2017.

específica observamos um fato interessante: os personagens principais desta filmagem são os intérpretes da coroação e a imagem de Nossa Senhora. A coroação encenada é feita por um grupo de homens e mulheres da cidade, adultos e idosos, mas, com uma particularidade: alguns dos participantes são casais (maridos e esposas) que representam diversas famílias da cidade. Exemplo disso pode ser observado na Figura 23, que mostra o momento em que o casal Maria Ivete Braga e João Campos, que possuem o laço do matrimônio, ofertam o manto à Nossa Senhora.

**Figura 23:** O casal, Maria Ivete Braga e João Campos, como personagens da narrativa.



Cada pessoa presente neste registro, entre crianças, jovens, adultos e idosos, são personagem desta narrativa e atores na encenação da história que está sendo transmitida. Mais que isso, são referências para a cidade retratada.

Por meio dos recortes de algumas cenas que contêm os comentários, podemos observar que os membros do grupo, ao terem contato com as imagens do vídeo, reconhecem personagens que aparecem na narrativa, dão nomes, marcam outras pessoas para que possam assistir também, e, ainda manifestam sentimentos de encantamento, alegria e fé. Muitas pessoas pedem até bênçãos para a padroeira no meio digital.

Como pode ser observado na Figura 24, ao comentar no vídeo, um membro reconhece uma moradora antiga da cidade, e demonstra emoção ao visualizar sua imagem:

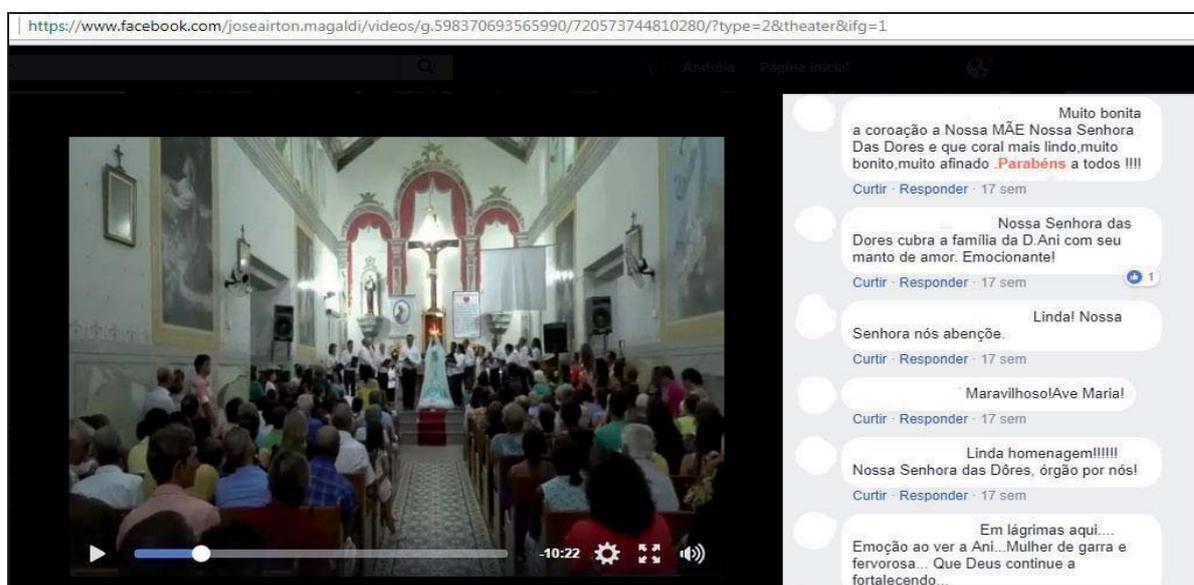
- “Em lágrimas aqui... Emoção ao ver a Ani... Mulher de garra e fervorosa... Que Deus continue a fortalecendo...”.

**Figura 24:** Dona Ani, personagem citada no comentário, acompanhada do Padre Rodney Henriques.



Em um comentário anterior a esse, como podemos visualizar por meio da Figura 25, outro membro também reconhece Dona Ani, e faz um pedido à Nossa Senhora, pela família da personagem. “Nossa Senhora das Dores cubra a família da D. Ani com seu manto de amor. Emocionante!”.

**Figura 25:** Comentário de um membro, pedindo pela família de Dona Ani.



Já na Figura 26, apresentamos comentários que demonstram a fé dos membros em relação à santa Padroeira, e, agradecimentos ao administrador por compartilhar esse momento no espaço digital. Nos comentários os membros escrevem:

- “Muito lindo! Nossa Senhora das Dores rogai por nós! “.

- “Que lindo! Obrigada [José Airton Magaldi](#) por compartilhar esses momentos conosco. ❤️❤️🙏🙏🙏🙏🙏🙏”.

**Figura 26:** Comentários dos membros no vídeo.



Fechando a análise desta categoria, apontamos uma curiosidade marcante e presente em vários vídeos compartilhados no grupo. Observamos que é de costume do administrador postar fotografias nos comentários, sendo essas imagens referentes à narrativa audiovisual apresentada. Essa tendência pode ser melhor compreendida a partir da observação da Figura 27.

Ao que parece, além de narrar os fatos por meio do registro em vídeos, o administrador ainda aproveita a deixa para divulgar fotos que complementam a cobertura do acontecimento divulgado. O cortejo dos fiéis, acompanhando a imagem de Nossa Senhora pelas ruas da cidade, é uma cena que não se encontra presente no vídeo analisado. Dessa forma, a postagem da fotografia representativa desse momento específico nos comentários serve de complemento para a história mostrada na gravação.

**Figura 27:** Fotografias do evento filmado como comentários no vídeo.



### 4.3.3 Cotidiano

Por meio do processo de mapeamento dos materiais audiovisuais disponíveis no grupo do *Facebook* que é objeto de estudo desta pesquisa identificamos também a existência de arquivos que tratavam de assuntos envolvendo o dia a dia da cidade, fatos que consideramos corriqueiros, mas que de forma relevante representam o ambiente do município. Definimos essa categoria como Cotidiano e alocamos nela registros que representam os acontecimentos habituais que englobam reuniões e eventos escolares, as instituições de saúde com seus projetos educativos, as passagens de ano, entre outras ações comuns que ocorrem em Bias Fortes. Essa categoria totalizou 26 do montante de vídeos do grupo, uma parcela de 18% do material disponível, ficando empatada em número de registros com o grupo Religiosidade. Desses materiais submetidos a essa primeira avaliação de cunho quantitativo, separamos um que acreditamos cumprir o papel de representar as narrativas audiovisuais dos momentos e acontecimentos comuns de Bias Fortes presentes no grupo.

O registro submetido à análise da materialidade audiovisual foi postado no grupo no dia 15 de março de 2016, às 13h36min, e encontra-se identificado pelo título “**Manhã de 15 de março de 2016 em Bias Fortes**”. Com duração de dois minutos e vinte e quatro segundos (2’24’’), o arquivo obteve 56 curtidas e sete comentários, que somados totalizam 63

engajamentos. A observação da Figura 28 nos permite visualizar a imagem de uma das cenas iniciais da filmagem.

**Figura 28:** Imagem das cenas iniciais do vídeo “Manhã de 15 de março de 2016 em Bias Fortes”<sup>24</sup>.



**Tema/Fato narrado:** O título dado ao vídeo “Manhã de 15 de março de 2016 em Bias Fortes”, deixa claro apenas que o conteúdo mostra imagens capturadas durante algum acontecimento realizado no período da manhã da data registrada, mas não detalha, logo de início, o tema de que trata a filmagem. Ao assistir as primeiras cenas detectamos que a narrativa apresenta a cobertura de uma mobilização de combate à dengue realizada no município. Por meio da análise minuciosa e detalhada do vídeo entendemos que o cortejo segue pelas ruas de Bias Fortes fazendo um alerta acerca da doença e do mosquito que a transmite, com exibição de cartazes e faixas, com os participantes trajando camisas customizadas e utilizando apitos. Por meio da observação da Figura 29 podemos entender melhor a respeito desse evento e visualizar uma das faixas com uma frase manifestando repúdio ao mosquito causador da doença.

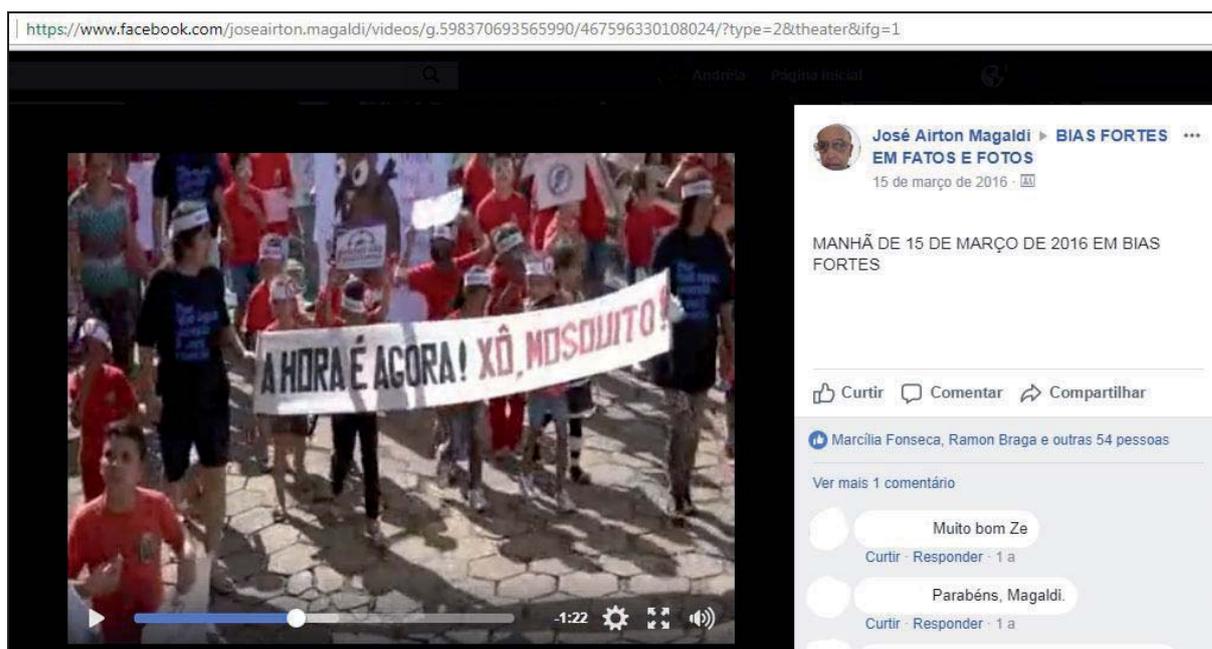
Acreditamos que esse arquivo retrata como característica marcante da cidade a união da população, em prol de um motivo que é o bem de todos. Como Bias Fortes é um

<sup>24</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/joseairton.magaldi/videos/g.598370693565990/467596330108024/?type=2&theater&ifg=1>. Acesso em: 01. Out. 2017.

município com características de cidade pequena do interior, esse tipo de evento, quando realizado, acaba atraindo a população para as ruas, seja para participar da causa ou apenas prestigiar, assistindo. Fora das épocas em que são realizados os eventos tradicionais que fazem parte do calendário do município, acontecimentos como esse retratado no vídeo, ganham destaque por ser então considerado o fato do dia.

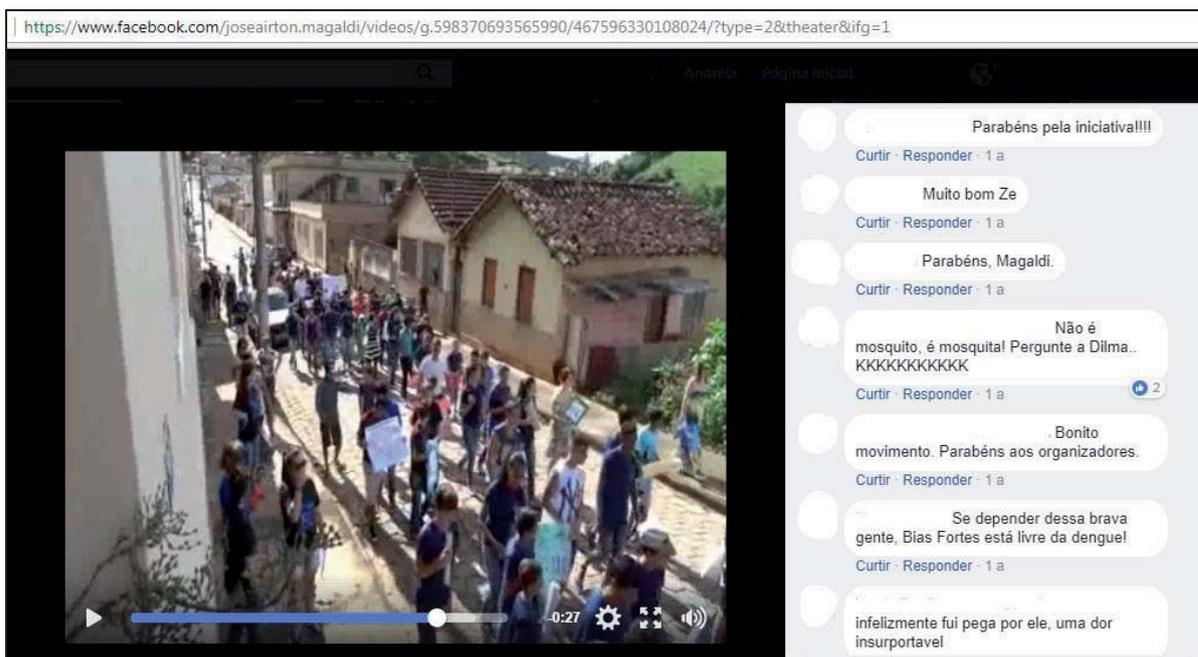
**Figura 29:** Cenas da passeata de mobilização contra a dengue pelas ruas de Bias Fortes



**Tempo:** No caso deste arquivo sobre o Cotidiano da cidade, o tempo da narrativa analisada pode ser considerado como um passado não muito distante, pelo fato do registro ter sido feito e postado no ano de 2017, e, por retratar um acontecimento daquele momento. Pensamos por esse viés, a partir do entendimento de que qualquer fato ocorrido agora, um segundo depois, já pode ser considerado passado. O tempo narrado no vídeo diz muito sobre a cidade de Bias Fortes, no sentido de que, representa uma cidade calma, formada por um povo que segue na luta, de pessoas consideradas guerreiras. Essas características são lembradas por um membro do grupo em um comentário feito no vídeo, que pode ser melhor entendido por meio da visualização da Figura 30. No comentário, a pessoa escreve: “Se depender dessa brava gente, Bias Fortes está livre da dengue!”

Avaliando o comentário, podemos dizer que o(a) comentarista (a), ao ver as cenas narradas, se recorda de uma qualidade quase arquetípica que a cidade parece possuir, e que remete ao tempo do Quilombo: a coragem para ir à luta.

**Figura 30:** Comentário no vídeo sobre uma característica marcante do povo biasfortense.



**Espaço:** O lugar onde se passa a narrativa é a área urbana da cidade de Bias Fortes. O trajeto percorrido tem início na rua de entrada da cidade (Rua de Baixo, como é apelidada pelos moradores), e segue até um dos pontos finais do município (popularmente conhecido como Rua do Mercado), fazendo uma pequena parada na região central do município (vulgarmente chamada de Rua de Cima). Nossa escolha em descrever a forma como as ruas são popularmente denominadas pelos biasfortenses é intencional, para frisar a identificação que essa população já criou com esses lugares dentro desse espaço urbano. Para os moradores, os apelidos dados a essas vias de acesso existentes dentro do território urbano da cidade, já fazem parte de seu imaginário, do dia a dia, da história, da identidade, da cultura, e, da memória do lugar. Mais que isso, essas ruas receberam essas denominações, criadas pela própria população, há muitos anos, e, com o passar dos tempos esses apelidos foram sendo passados de geração em geração.

A Figura 31 mostra a passeata com a referida “Rua de Baixo” no fundo, e a população participante do movimento subindo, sentido centro ou “Rua de Cima”.

**Figura 31:** Passeata subindo, sentido “Rua de Baixo” para a “Rua de Cima”.



**Personagens:** O acompanhamento cena a cena do vídeo proposto como representativo dessa categoria nos permitiu observar que os atores que participam da história narrada são, mais uma vez, os moradores da cidade. De maneira particular, o grupo que participa da mobilização é composto por profissionais da saúde – médicos, enfermeiros e agentes desse setor -; da educação local - professores e alunos das redes municipal e estadual de ensino, uniformizados -; bem como pais desses estudantes, familiares e populares em geral. Na narrativa estão reunidos jovens, adultos, idosos e crianças, em prol da conscientização à respeito da dengue e do mosquito vetor desta doença. Observamos, mais uma vez nesse vídeo, o engajamento e a união dos habitantes da cidade diante de temas que têm a ver com a vida coletiva e o bem da sociedade local.

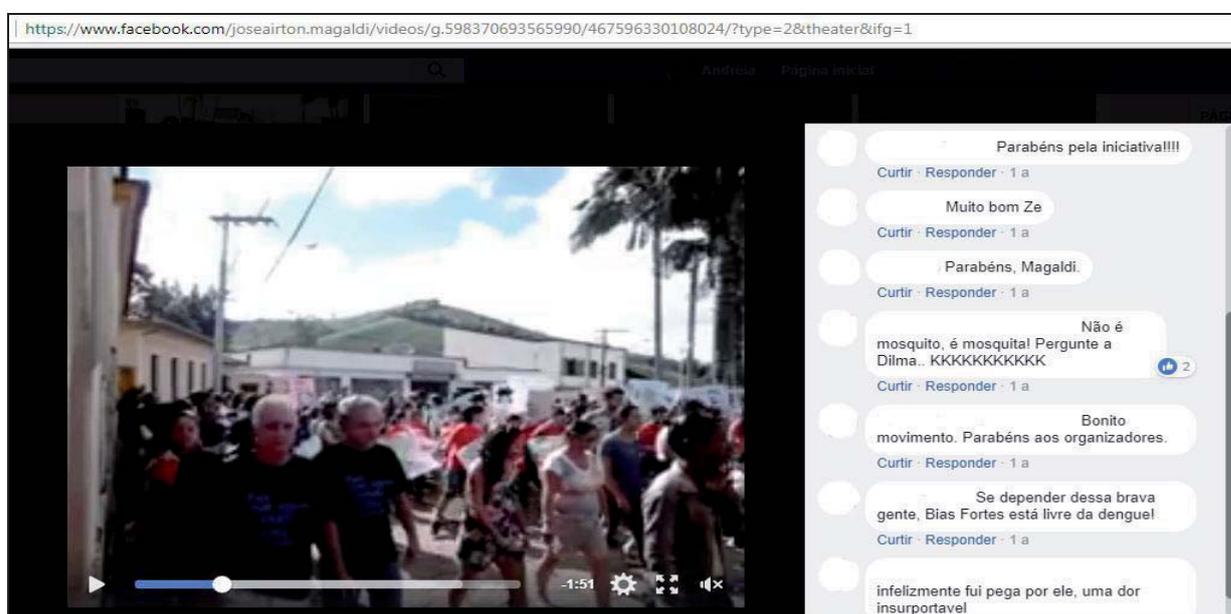
Por meio da visualização da Figura 32 podemos observar que o evento reuniu um número expressivo de moradores da cidade, e, ainda temos a oportunidade de constatar, a partir dos comentários feitos no vídeo, a satisfação daqueles que assistiram à gravação no grupo, e a posterior valorização atribuída pelos membros aos acontecimentos locais postados no grupo, como mostra o comentário “Bonito movimento. Parabéns aos organizadores”.

Entendemos que o arquivo mencionado não teve muitos comentários, mas mesmo assim, alguns membros avaliaram a cobertura de forma positiva. De acordo com a observação dos sete comentários deixados pelos seguidores, entendemos que eles representam manifestações de elogios ao administrador do grupo, José Airton Magaldi, pela gravação e divulgação do momento exposto, e, ainda um meio de interação mais descontraída entre esses

membros da comunidade virtual em questão e o material audiovisual avaliado. Exemplos desses tipos distintos de manifestações podem ser melhor entendidos, respectivamente por meio dos comentários que podem ser visualizados na Figura 32:

- “Parabéns pela iniciativa!!!!”.
- “Muito bom Zé”.
- “Parabéns, Magaldi”.
- “Não é mosquito, é “mosquita”! Pergunte a Dilma. KKKKKKKKKKKK”.
- “Infelizmente fui pega por ele, uma dor insuportável”.

**Figura 32:** Público presente na mobilização e comentários deixados no vídeo.



#### 4.3.4 Personagem

Na fase de catalogação dos vídeos postados no grupo encontramos um quantitativo de arquivos que retratam, especificamente, moradores da cidade ou pessoas que de certa forma foram importantes para o município e marcaram sua história. A partir da observação aprofundada desses materiais estabelecemos a categoria Personagem, onde foram alocados 18 arquivos, o que representa 12% do total de vídeos levantados. Desse universo escolhemos um arquivo para análise, pelos mesmos motivos de escolha dos vídeos representativos das categorias anteriores: maior número de engajamentos (curtidas e comentários) e, ainda, o fato de crermos que este seria capaz de representar a categoria a que pertence.

O arquivo em análise foi postado no grupo no dia 31 de julho do ano de 2017 (31/07/2017), às vinte e duas horas e quatorze minutos (22h14min), com a seguinte identificação (Figura 33): “1º DE AGOSTO - A OPORTUNIDADE DE PODER MAIS UMA VEZ LEMBRAR COM SAUDADE DE NOSSO SAUDOSO LÍDER ESPIRITUAL NA DATA DE SEU ANIVERSÁRIO. ELE DISSE: "Quando avisto a cidade ao chegar, sinto alegria e tristeza, alegria, por estar de volta, tristeza por saber que não posso mais ficar." Pe. Sergio Moreira. SEMPRE SERÁ LEMBRADO”.

**Figura 33:** Imagem de uma cena do vídeo “1º DE AGOSTO - A OPORTUNIDADE DE PODER MAIS UMA VEZ LEMBRAR COM SAUDADE DE NOSSO SAUDOSO LÍDER ESPIRITUAL NA DATA DE SEU ANIVERSÁRIO.”<sup>25</sup>



O vídeo obteve 114 curtidas e 22, totalizando 136 engajamentos, sendo um dos vídeos mais curtidos do grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, empatado em número de interações com o material selecionado na categoria Cultura, que também contabilizou a mesmo número de reações dos seguidores.

A seguir apresentamos o exame desse arquivo com base na aplicação do método de análise da materialidade audiovisual. Descrevemos de forma detalhada tudo o que é narrado durante os três minutos e quatro segundos de duração desse vídeo, bem como avaliamos seu papel como arquivo de memória para a cidade de Bias Fortes.

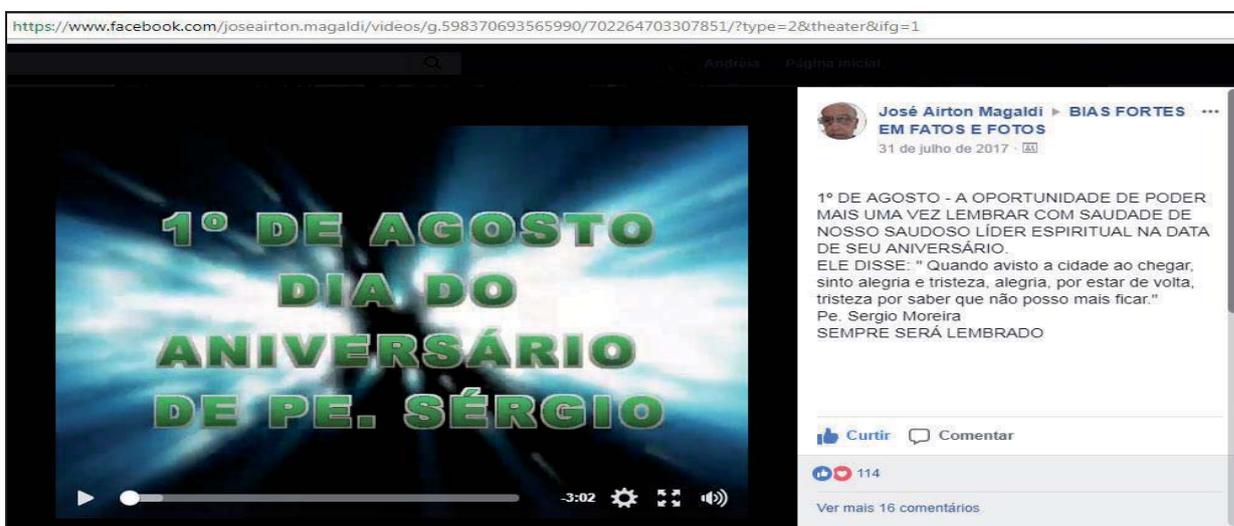
<sup>25</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/joseairton.magaldi/videos/g.598370693565990/702264703307851/?type=2&theater&ifg=1>. Acesso em: 01. Out. 2017.

**Tema/Fato narrado:** No vídeo em questão, o fundador e também administrador do grupo “Bias Fortes em fatos e foto” presta uma homenagem a uma personalidade muito conhecida e respeitada pelos biasfortenses, Padre Sérgio Moreira, já falecido. De acordo com o que nos informou em entrevista José Airton Magaldi, criador desta comunidade virtual que retrata Bias Fortes, Padre Sérgio foi pároco da igreja da cidade no período compreendido entre 02 de fevereiro de 1980 e 31 de dezembro de 1992, e, ainda atuou aguardando o novo pároco até 20 de janeiro de 1993. Magaldi conheceu e conviveu com o homenageado, pelo fato de ter trabalhado com ele, durante o período em que o sacerdote esteve à frente da Paróquia Nossa Senhora das Dores, igreja católica matriz da cidade. Além de ser muito querido pela população do município, existe na cidade, no bairro Nossa Senhora de Fátima, uma rua que leva seu nome.

Como podemos visualizar na Figura 34, o vídeo começa com uma frase que recorda a data de nascimento do homenageado, descrita como primeiro de agosto.

**Figura 34:** Mensagem de abertura do vídeo “1º DE AGOSTO - A OPORTUNIDADE DE PODER MAIS UMA VEZ LEMBRAR COM SAUDADE DE NOSSO SAUDOSO LÍDER ESPIRITUAL NA DATA DE SEU ANIVERSÁRIO.



Em seguida, são exibidas outras duas mensagens, uma antecipando que o arquivo abordará alguns dos momentos vividos pelo homenageado, e, a outra para frisar que ele sempre será lembrado, como podemos ver nas Figuras 35 e 36. A partir desse segundo texto de apresentação do tema, se inicia a exibição das fotografias presentes no vídeo.

Figura 35: Primeira mensagem de abertura do vídeo

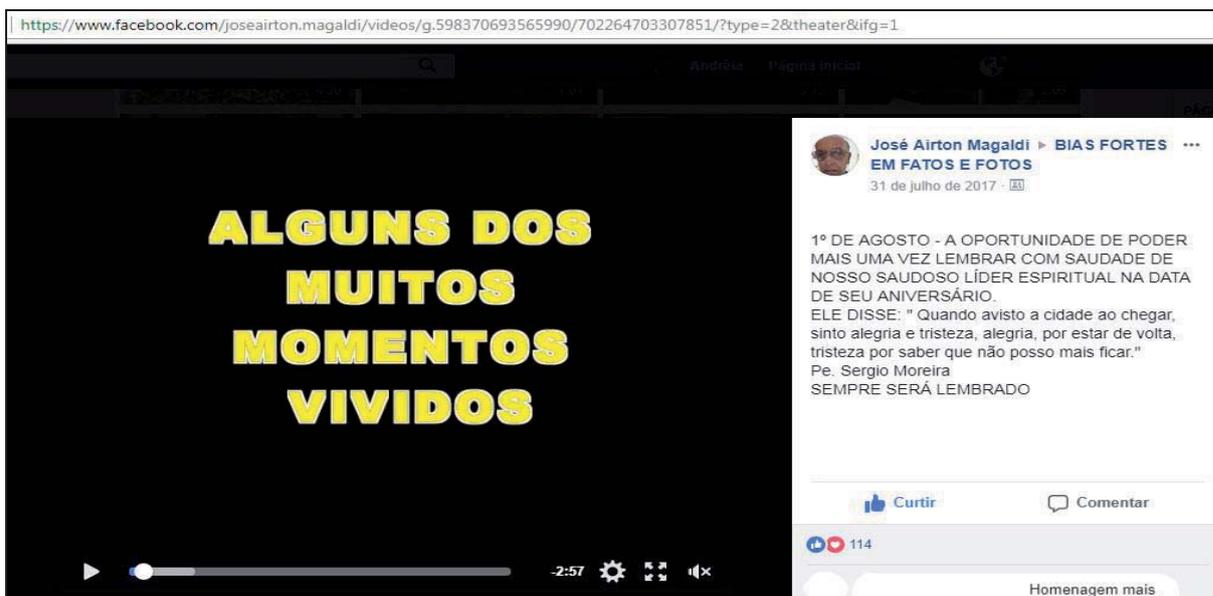


Figura 36: Segunda mensagem de abertura do vídeo.



A narrativa se caracteriza como uma fotomontagem editada, em formato de *slideshow*, e reúne fotografias de ocasiões vividas pelo padre Sérgio durante o período em que esteve no município. Por meio de uma edição simples, o vídeo apresenta alguns dos momentos vividos pelo padre na cidade e com os moradores do local, como celebrações eucarísticas feitas nas zonas urbanas e rurais, encontros com a população, participação em festejos com a comunidade, entre outros. Como podemos visualizar por meio da observação

da Figura 37, o padre homenageado demonstrava ter uma ligação muito amistosa com seus paroquianos biasfortenses.

**Figura 37:** Foto de padre Sérgio Moreira conversando com seus paroquianos.



**Tempo:** Não temos como precisar a data certa em que o vídeo foi montado, mas, em relação à sua divulgação, acreditamos que a escolha da data de *upload* do arquivo tenha ocorrido de forma intencional pelo administrador, uma vez que, a postagem foi feita na noite que antecede o aniversário do Padre Sérgio, dia trinta e um de julho. Os objetivos, mesmo que implícitos, são o desejo de lembrar do sacerdote, parabenizá-lo e homenageá-lo, divulgar os momentos dele junto à comunidade biasfortense, e ainda fazer com que os membros do grupo compartilhem desse momento de rememoração e também relembrem da figura do ex-pároco da cidade. O tempo narrado nesse registro videográfico traduz uma época em que a cidade conviveu com a realização de muitos festejos religiosos, realizados pelo ex-sacerdote, que pela narrativa audiovisual e reações a ela postadas deixou saudade. Por meio do olhar lançado às fotografias que aparecem no vídeo, entendemos que aqueles foram períodos de muita alegria, festividades, comemorações e fé, para o município e seus moradores. Destacamos ainda, a qualidade de cidade acolhedora do interior, como característica marcante do município retratado no vídeo.

**Espaço:** Identificamos que as fotos representam vários locais da cidade. Da Igreja, às ruas do perímetro urbano, englobando as zonas rurais, a narrativa mostra o território de Bias Fortes em toda a sua extensão. Por mais que, com o passar do tempo, o município

tenha crescido e até mesmo sofrido modificações em sua composição espacial, a cidade representada é ainda a referência para todos os bias-fortenses, de ontem e hoje.

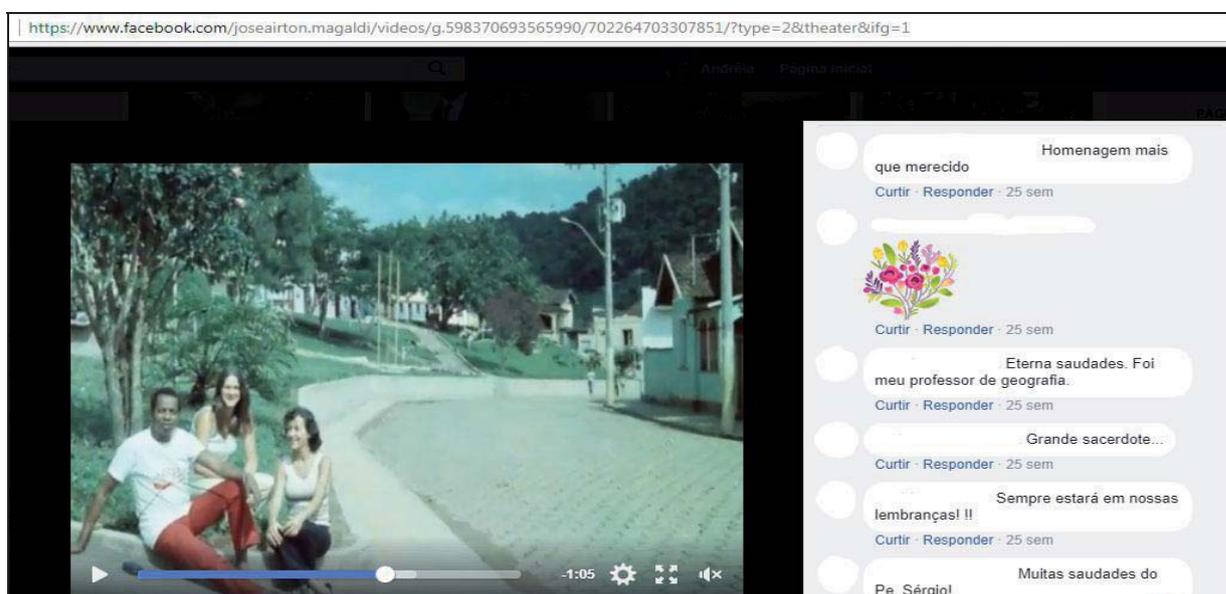
**Personagens:** Na narrativa audiovisual analisada, os personagens continuam sendo os habitantes de Bias Fortes de ontem e hoje. Mas o personagem principal é o Padre Sérgio, reverenciado nessa montagem em vídeo. Apesar de não ser natural da cidade, ao que parece, ele foi muito bem recebido pelos biasfortenses e integrado à sociedade local, de forma carinhosa. O simples fato desse arquivo lembrar uma pessoa e seus momentos dentro do ambiente de Bias Fortes, já torna o vídeo um registro de memória da/para a cidade. Em um segundo momento, o fato da narrativa mostrar outras pessoas que fizeram parte dessa época no município, também agrega valor à proposta de rememoração contida nas imagens apresentadas.

Por meio dos comentários deixados neste vídeo, podemos verificar como esse arquivo ganhou expressividade como material ativador das lembranças dos membros que assistiram cada cena. Evidenciamos manifestações de saudosismo por meio das lembranças, gratidão e carinho, como as principais que foram expressas nos comentários.

O saudosismo pode ser traduzido pelos comentários que podem ser visualizados na Figura 38:

- “Eternas saudades. Foi meu professor de geografia”.
- “Grande sacerdote...”.
- “Sempre estará em nossas lembranças!!!”.
- “Muitas saudades do Pe. Sérgio!”.

**Figura 38:** Padre Sérgio sentado na praça acompanhado de paroquianos



O sentimento de satisfação e gratidão de membros do grupo, por ter acesso ao conteúdo do vídeo, é expressado nos comentários:

- “Saudades. Linda a homenagem. Inesquecível”.
- “Parabéns por sua iniciativa e obrigada pela oportunidade de poder rever este ser tão especial, que pude compartilhar de momentos que ficarão eternizados em minha memória e coração”.
- “Bela lembrança!”.

Esses comentários podem ser melhor visualizados na Figura 39.

**Figura 39:** Comentários de membros no vídeo



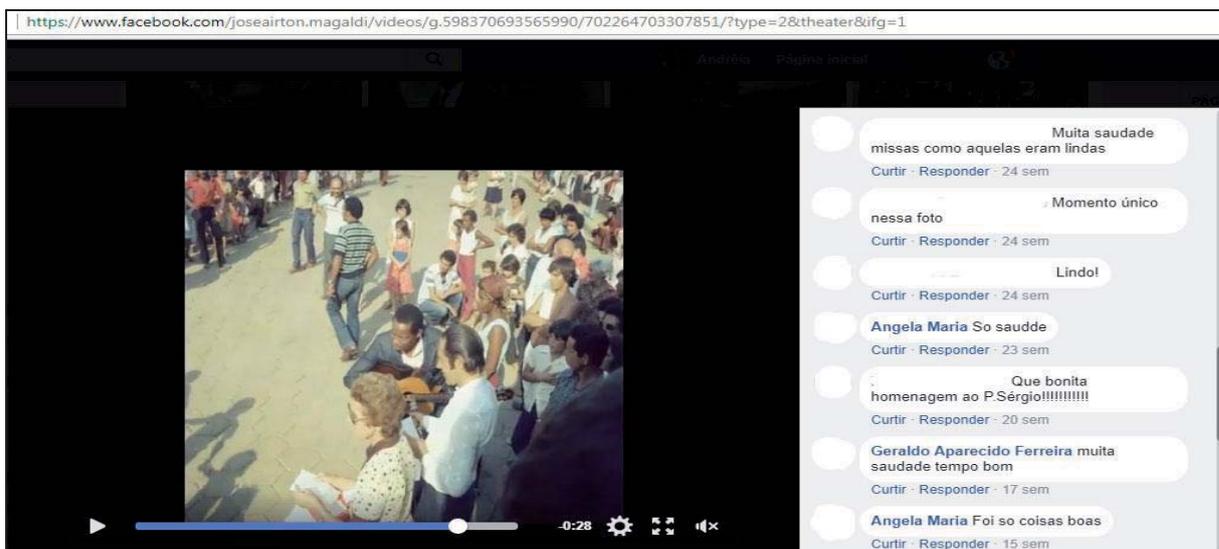
Para finalizar, destacamos novamente o costume que o administrador José Airton Magaldi tem de interagir com os membros do grupo, anexando fotografias aos comentários que ele mesmo faz nos vídeos. A foto postada refere-se a outro momento do Padre homenageado com a população de Bias Fortes, no caso, um registro fotográfico de uma missa sertaneja realizada pelo sacerdote em 1982, na TV Globo, de Juiz de Fora. Por meio da visualização das Figuras 40 e 41 podemos ver melhor a foto e os comentários dos membros, que ao se recordarem da época evidenciada, também ativam suas lembranças e impressões a respeito do referido período. A ativação da memória dos seguidores é expressa nos comentários:

- “Muita saudade, missas como aquelas eram lindas”.
- “Momento único nessa foto”.
- “Muita saudade. Tempo bom”.

**Figura 40:** Inserção de fotografia, pelo administrador, em um comentário no vídeo.



**Figura 41:** Comentários de membros do grupo no vídeo.



### 4.3.5 Esporte

Por fim, apresentamos nossa quinta e última categoria, na qual foram contabilizados vídeos, que representam 5 % do total de arquivos compartilhados no grupo estudado, e abordam o tema Esporte na cidade. Nessas filmagens são lembrados momentos esportivos marcantes nos jogos de futebol no Campo do Santa Cruz, torneios futebolísticos realizados na comunidade rural conhecida como Várzea de Santo Antônio, bem como,

ocasiões de confraternização dos moradores após esses eventos. Para representar o material reunido nessa categoria selecionamos o vídeo que contabilizou maior número de reações do público seguidor do grupo, um total de 99 engajamentos, somados entre 71 curtidas e 28 comentários. Como a maioria dos vídeos representativos deste grupo retratam a temática do futebol, mudando apenas o local das partidas, acreditamos que o registro proposto para a análise consegue retratar a temática presente no material dessa categoria de forma abrangente.

Postado às vinte e uma horas e onze minutos (21h11min), do dia 16 de abril de 2015, sob o título “BIAS FORTES E SUA HISTÓRIA - ARQUIVO DE ZEMA SÁ”, o vídeo narra, durante seus quatro minutos e cinquenta e um segundos (4’51”), um dos momentos marcantes do futebol no Campo do Santa Cruz e as comemorações no pós jogo. Na figura 42 apresentamos uma das cenas mostradas no registro em vídeo em questão, e, a seguir a descrição do vídeo realizada a partir da análise da materialidade audiovisual.

**Figura 42:** Imagens de uma das cena do vídeo “BIAS FORTES E SUA HISTÓRIA - ARQUIVO DE ZEMA SÁ<sup>26</sup>”



**Tema/Fato narrado:** A filmagem em destaque narra, em seus primeiros minutos, cenas de uma partida de futebol realizada no campo do Santa Cruz, lugar de referência para o esporte na cidade. As imagens iniciais contam com um narrador, que ao apresentar o time, com cenas rápidas e focando nos jogadores, identifica a presença do juiz da partida e ordena

<sup>26</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/joseairton.magaldi/videos/g.598370693565990/354269354774056/?type=2&theater&ifg=1>. Acesso em: 01. Out. 2017.

que se inicie o jogo. Em seguida, ele narra uma passagem curta do jogo, que começa no tempo vinte e um segundos (21'') e termina quando a filmagem chega a vinte e quatro segundos (24''), durando apenas três segundos (3'') no total. Na Figura 43 apresentamos uma imagem das cenas iniciais do vídeo.

**Figura 43:** Imagem de uma das cenas iniciais do vídeo.



A partir desta marcação de tempo a cena é cortada e a narrativa muda de foco, apresentando os momentos pós jogo em um bar que existia na cidade. Na figura 44 apresentamos um frame do vídeo que mostra o bar como cenário da narrativa.

**Figura 44:** Imagem de uma cena dos personagens da narrativa no bar



O narrador continua apresentando o acontecimento, as pessoas que aparecem nas cenas, e, inclusive, focaliza no vídeo os personagens e apresenta Régis, o dono do bar, a que o

narrador se refere como boteco, denominação para bares pequenos de cidades do interior. O close no dono do boteco, no momento em que o narrador faz a apresentação, pode ser melhor visualizado na figura 45.

**Figura 45:** Imagem da cena em que o narrador apresenta o dono do bar “Régis”.



A narração das cenas é conduzida num tom de amizade e brincadeira, típico de situações quando as pessoas que estão reunidas se conhecem e possuem afinidades. Por meio da observação minuciosa dessas cenas, acreditamos que essa parte da narrativa se passa na parte central da cidade, próximo à Matriz Nossa Senhora das Dores, igreja católica da cidade, mencionada anteriormente na categoria Religiosidade. São feitos pequenos movimentos de câmera para mostrar cenas paralelas, como pessoas passando pela rua e observando aquele momento, carros e ônibus.

**Tempo:** No decorrer da gravação, o narrador comenta que a filmagem foi feita no dia treze de setembro de mil novecentos e oitenta e sete, e, também observamos que esta informação é postada nos comentários do vídeo (Figura 46). A época mencionada ficou (re)conhecida no município como um período de grande valorização do futebol, como esporte preferido e mais praticado pelos moradores da cidade.

**Figura 46:** Comentário informando a data de gravação da filmagem.



A época também é lembrada por ser o auge do time Santa Cruz, agremiação esportiva mais antiga do município, que existe até os tempos atuais. Outra marca da época que merece destaque é o costume que os atletas e o público tinham de se reunir, um hábito que permanece presente até hoje na cultura esportiva do município.

Ao comentar no vídeo, um membro do grupo se recorda da época narrada por meio da gravação, como um tempo bom e manifesta saudosismo ao lembrar do tempo em que morou em Bias Fortes. A Figura 47 apresenta o comentário citado.

- “Que legal, muitas saudades desse lugar ... Minha infância não poderia ter sido melhor”.

**Figura 47:** Comentário memorialista no vídeo



**Espaço:** Como já foi apresentado na descrição do vídeo, a filmagem acontece em dois lugares distintos, começando pelo campo de futebol e terminando em um bar na parte central da cidade. Um detalhe importante é que as cenas que se passam no bar são embaladas por música sertaneja de raiz, estilo musical típico de regiões do interior, como é o caso do município retratado neste trabalho. A respeito do primeiro, podemos dizer que é um lugar de referência para Bias Fortes, e, no caso do segundo, este se configura como um dos ambientes que fazem parte da tradição do município, que seriam os botequins, tão comuns na cidade ainda hoje.

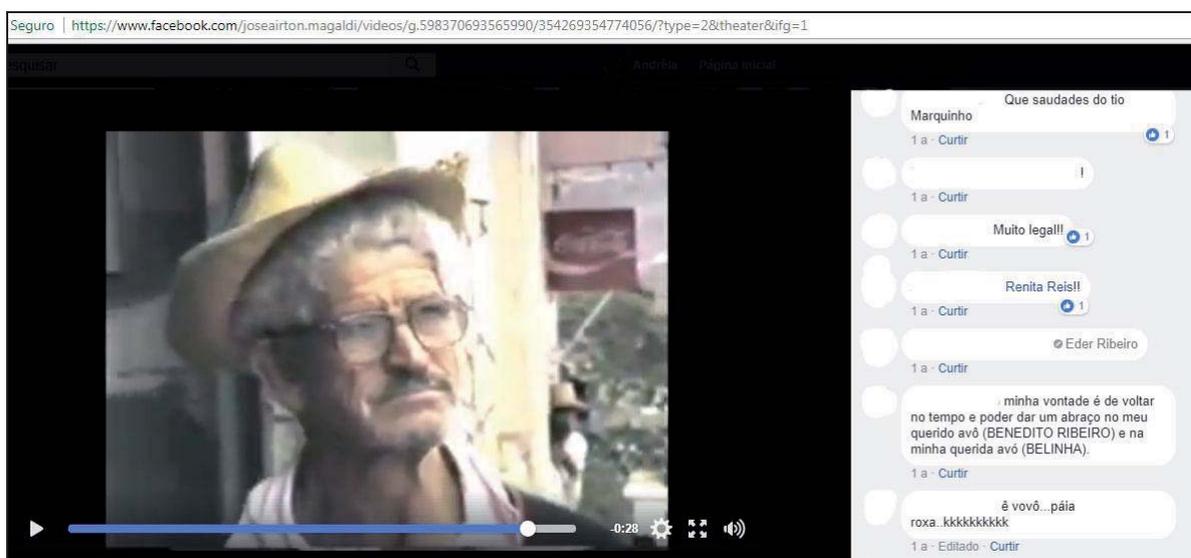
**Personagens:** Quanto aos personagens destacamos, mais um vez o protagonismo dos moradores de Bias Fortes, em todos os momentos da narrativa. Inicialmente, os jogadores que fizeram parte do Santa Cruz Futebol Clube, na época registrada, e, posteriormente, cidadãos da cidade, homens jovens, adultos e idosos, alguns ainda vivos e outros que marcaram esse período e ficaram na memória.

Alguns personagens que aparecem nas cenas são identificados nos comentários, como mostra a Figura 48, onde um seguidor do grupo identifica um senhor que seria seu avô, Benedito Ribeiro, já falecido, e que era conhecido como Ditinho Ribeiro.

De acordo com o que encontra-se escrito no comentário, ressaltamos a identificação e a expressão de saudade causada pela recordação:

- “Minha vontade é de voltar no tempo e poder dar um abraço no meu querido avô (BENEDITO RIBEIRO) e na minha querida avó (BELINHA)”.

**Figura 48:** Imagem do Senhor Benedito Ribeiro, identificado nos comentários.



Em um novo comentário no vídeo, outro participante do grupo em análise menciona o nome de outro personagem da cena, identificando-o como Pedrinho. Várias memórias sobre a época narrada são evidenciadas no comentário, como marcas de bons tempos.

- “Boas lembranças da nossa querida BF. Lembro do Zizinho Reis que a cada gol que o santa cruz fazia ele ia no Joaquim tomar pinga. O Pedrinho, este sim vai ficar pelo menos na minha memória por muito tempo”.

Na (Figura 49), apresentamos uma imagem da cena em que o biasfortense Pedrinho, relembrado no comentário acima, é destacado.

**Figura 49:** Imagem do personagem Pedrinho, identificado nos comentários.



Assim como na maioria dos vídeos que analisamos nessa seção, este também nos ajuda a perceber que existem vários sentimentos envolvidos na relação existente entre o grupo avaliado, os vídeos e as reações dos membros. Destacamos o envolvimento, a identificação, o apelo à memória, o saudosismo, a gratidão e a afetividade como alguns sentimentos percebidos, embora outros ainda possam vir a ser identificados em outros estudos.

Em busca de compreender melhor a percepção dos participantes do grupo realizamos uma pesquisa de opinião online, cujo protocolo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Humanos da UFJF. A investigação foi realizada a partir de questionário virtual, com convite à participação inicialmente postado no grupo, como descreve-se a seguir.

#### 4.4 ENTRE AFETOS E IDENTIDADES: A OPINIÃO DOS MEMBROS SOBRE O GRUPO E OS VÍDEOS

Uma das questões enfatizadas pelos fundadores do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”, José Airton Magaldi e Marco Antonio da Silva, ao responderem às entrevistas realizadas nessa pesquisa, é que eles acreditam na existência de uma ligação de forma efetiva e afetiva entre esta comunidade e os membros que dela participam. De acordo com os administradores, o interesse acontece de forma afetiva, quando pensamos que o conteúdo compartilhado toca nos seguidores de alguma forma e mexe com o lado afetivo de cada um desses. De maneira efetiva, eles creem que o despertar do afeto gera a identificação dos membros com o que é postado, e com o grupo. Nesse sentido podemos dizer que, em sua perspectiva, passaria a existir um sentimento de identidade dos membros com a comunidade virtual e com o conteúdo que ela divulga, podendo ser observado nas reações e engajamentos, como curtidas, compartilhamentos e comentários.

Essa relação de afetividade dos membros para com a referida comunidade virtual nasce da afinidade e dos vínculos que esse grupo de indivíduos possui, de forma primária, no que diz respeito ao espaço da cidade real e habitada. Afinal, como descrevem Paiva e Gabbay “a cidade é um espaço vivo de vinculação, e deve, portanto, ser vista sob um viés cada vez mais humano” (2016, p. 4). Os autores acreditam que é variada a relação de moradores com sua cidade e que seriam criados vínculos diversificados. O sentimento de identidade e identificação desses indivíduos com seus espaços urbanos de referência teria como elos de ligação os afetos e o imaginário.

As diversas formas de produção de vínculo com a cidade incluem a “identificação espacial”, quando o morador sente que sua vida está inserida no lugar em que habita, para além das identificações puramente administrativas. Assim, o sujeito pode se identificar com o espaço por ele construído no imaginário, qual seja o bairro, a rua, o terreiro, a quadra, onde transitam vínculos regionais, nacionais, internacionais e culturais. Trata-se de uma identificação cujo cimento são os afetos e o imaginário. Deste tipo de vínculo surgem formas criativas de comunicação e construção do comum. (PAIVA e GABBAY, 2016, p.4)

Dessa forma, estar vinculado a um determinado lugar significa, na perspectiva de Paiva e Gabbay, viver uma relação de pertencimento com esse local. “Pertencer significa então criar laços, sentir-se partícipe, ocupar com naturalidade os espaços, sentir-se em casa”. (PAIVA e GABBAY, 2016, p.8). O conceito de espaço que propomos por meio destas discussões engloba a cidade real como ambiente urbano e a cidade imaginada por meio da criação da comunidade virtual que analisamos neste trabalho. Esse lugar imaginário também permite a criação de elos de identificação e afetividade entre aqueles que dele fazem parte.

A pesquisadora Raquel Paiva também evidencia em um outro estudo que o auge do desenvolvimento tecnológico possibilitou “o surgimento de novas formas sociais e de produção de mensagens, num cenário em que o afeto desponta como o principal ligame vinculativo” (2012, p. 1). Na perspectiva da autora, em meio a esse panorama, nasce o que ela nomeia de “comunidade do afeto”, que é composta de maneira definitiva pelo “contexto atual da densificação tecnológica e do altíssimo fluxo de informação a partir de novos mecanismos de conexão. As múltiplas formas de troca de mensagens oferecem uma conformação específica para este novo formato de estar juntos” (PAIVA, 2012, p. 14).

Por meio das discussões empreendidas, notamos que os encontros identificados na avaliação das postagens do grupo, e dos comentários a elas relacionados, podem ser associados ao que Paiva refere-se como novo conceito de comunidade, inserido dentro da realidade da era das tecnologias e das novas possibilidades de interação social, e, formada pelo elo dos afetos. Haveria assim uma relação entre essa “comunidade do afeto” e a comunidade digital da rede social *Facebook* retratada neste trabalho, pensando pelo viés da afetividade como forma de conexão entre os indivíduos que se encontram agrupados nela. A partir do momento em que esse grupo virtual em questão reúne um certo público membro, ele pode ser entendido como comunidade partilhada, constituída por meio dos laços de afetividade existentes entre esse público e o referido espaço digital.

Outra pesquisadora que também busca compreender as relações de afeto é Maria Cristina Gobbi (2013). Em seu artigo “**Comunicação em redes de afetos e emoções**”, Gobbi reflete sobre a influência do sentimento de afeto nas formas de expressar dos sujeitos em vários momentos comunicativos: “o afeto se mostra na minha expressão. E para nós, a expressão nada mais é do que, a comunicação manifesta em múltiplos processos, meios, cenários e que pode ocorrer para um grupo pequeno ou para uma grande rede. (GOBBI, 2013, p. 158). A pesquisadora salienta ainda a presença de manifestações de afetividade na relação comunicação, novas tecnologias, redes de sociabilidade digital e indivíduos.

(...) o processo de comunicação, pelas redes sociais, utilizando as tecnologias, são demonstrações de afeto e de emoções. As próprias comunidades, que estão incorporadas aos perfis, as escolhas de capas que vai compor o perfil, o aceitar e rejeitar de amigos, as curtidas e cutucadas do *facebook* e o seguir determinada pessoa no *twitter*, demonstram as redes de escolhas e manifestações pessoais, transmitindo sentimentos, que podem ou não serem verdadeiros, mas externam emoções e criam redes de afetos. E como bem disse Mosé (2013, web), eu afeto e sou afetada durante todo o processo comunicativo. (GOBBI, 2013, p. 172)

Com base nas proposições de Gobbi, compreendemos a forma de comunicação existente entre o grupo virtual que analisamos e seus membros como manifestação de uma

relação afetiva, quando observamos as reações desses seguidores em relação ao conteúdo compartilhado nesta comunidade. A autora cita também o entendimento de Marialva Barbosa a respeito da questão afeto, meios de comunicação e sociabilidade digital. Na perspectiva de Barbosa “as redes sociais catalisam/ estimulam/ incentivam/provocam afetos, emoções e subjetividades, usando as novas tecnologias de difusão simbólica para resgatar o humanismo amortecido” (BARBOSA, 2013, web. Apud GOBBI, 2013, p. 173). No caso dos grupos no *Facebook*, as tradicionais formas de manifestação de engajamento, expressas pelo curtir, comentar e compartilhar, podem ser entendidas como ações geradas também pelo sentimento de afeto e comoção.

O emprego dessas considerações iniciais serve-nos como gancho para evidenciarmos nosso objetivo nesse subcapítulo, que é tratar da opinião dos membros sobre o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos” e o conteúdo compartilhado pelos administradores, como meios de auxílio para a realização do processo de rememoração proposto pela comunidade virtual. Lembramos que os vídeos postados nesse grupo, como mediadores dessa rememoração, se configuram como foco principal de nossas indagações.

Para o cumprimento dessa etapa da pesquisa realizamos uma sondagem de opinião, como método de avaliação quantitativo que consistiu na aplicação e análise de um questionário online, direcionado a uma parcela dos membros seguidores do grupo pesquisado. Conforme discriminamos na época de montagem do nosso projeto de pesquisa inicial, a ideia era aplicar o questionário junto a uma parcela delimitada de até 10% do total de componentes da comunidade virtual, trabalhando até então com um total de 1127 membros. A previsão era selecionar 112 pessoas para responder à sondagem por meio do questionário. Contudo, estamos avaliando um grupo do *Facebook*, e com o passar do tempo, compreendido entre a idealização do projeto e a realização das análises empíricas, sua quantidade de membros foi aumentando.

No decorrer da realização da sondagem, a comunidade foi tendo aumentos gradativos no quantitativo de público seguidor, ultrapassando o montante de mais de 1.200 componentes, o que também influenciou na nossa proposta de amostra inicial delimitada. Salientamos que a amostra selecionada é do tipo não probabilística, em que os respondentes são selecionados de forma intencional por critério. Obviamente, entendemos que existe a possibilidade de trabalharmos com uma margem menor que a determinada inicialmente. Justifica-se a adoção de tal amostragem pela impossibilidade operacional de seleção do universo total de seguidores que a página possui e pelo fato da análise, nesta fase da pesquisa,

ser de natureza qualitativa. Neste caso, segundo Fragoso et al. (2011), a pesquisa social pode aprofundar o entendimento do fenômeno a ser investigado:

Ao contrário da amostragem quantitativa, que se propõe a utilizar critérios probabilísticos para chegar a um modelo do universo em escala reduzida, as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa. Assim, ao contrário das amostras qualitativas, tipicamente probabilísticas, as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais. (FRAGOSO, et al. 2011)

Adotamos ainda critérios de inclusão e exclusão para composição do corpus de respondentes, estando incluídos homens e mulheres com idade entre 18 e 60 anos; sendo membros com pelo menos um ano de envolvimento com o grupo e naturais de Bias Fortes. Foram excluídos os perfis enquadrados como não pessoais – por exemplo, perfis de blocos de carnaval da cidade, de estabelecimentos comerciais, de instituições municipais, ainda que inscritos por cidadãos do município); além de pessoas que seguem a página, mas não têm hábito de visualizar postagens.

Para a seleção dos integrantes do grupo que responderiam ao questionário foi realizada, inicialmente na página que é objeto da pesquisa, uma divulgação do que estava sendo pesquisado, como pode ser observado por meio da visualização da (Figura 50). O objetivo foi fazer uma exploração com o intuito de levantar possíveis seguidores que gostariam de participar e depois enviar o questionário, que seria preenchido de maneira online. Esta divulgação foi postada no dia 10 de setembro de 2017, ficando em observação até o dia 7 de outubro. Apesar de ter alcançado um número significativo de membros, esse alcance não foi satisfatório, uma vez que, apenas 65 integrantes do grupo responderam sim ao levantamento proposto.

**Figura 50:** Post publicado no grupo em 10 de setembro de 2017, para levantamento de possíveis participantes da sondagem.



Partimos então para a fase de confecção do questionário eletrônico, criado em 16 de setembro de 2017, por meio do disco virtual *Google Drive*, extensão do Gmail que permite, entre outras diversas funções, a elaboração de questionários de pesquisa online (Figura 51). Ressaltamos que as perguntas contidas no formulário que foram incorporadas, posteriormente, à versão eletrônica do questionário foram elaboradas, previamente, durante a realização do formulário para o projeto final desta proposta de pesquisa.

O questionário foi organizado da seguinte forma observada na Figura 51, tendo como imagem de fundo uma fotografia ilustrativa em preto e branco, representando a cidade de Bias Fortes, a definição do título “Questionário de Pesquisa sobre a *Fanpage* Bias Fortes em Fatos e Fotos”, bem como a criação de uma breve definição contendo o que seria o questionário e seus objetivos.

Definimos como pergunta inicial a divulgação da versão resumida do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana, da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF), e exigido pelo órgão citado como comprovação de aceitação dos membros em participar da referida sondagem. Em seguida foram dispostas as outras dezessete perguntas pertinentes às questões levantadas por este trabalho, sendo treze delas de múltipla escolha e apenas quatro configuradas para respostas curtas, no caso dos campos para nome, data de nascimento, naturalidade e local onde mora. Todas as perguntas foram marcadas como obrigatórias, e quanto às alternativas para marcação, a montagem continha na maior parte das questões indagadas, um conjunto de duas a quatro opções para escolha.

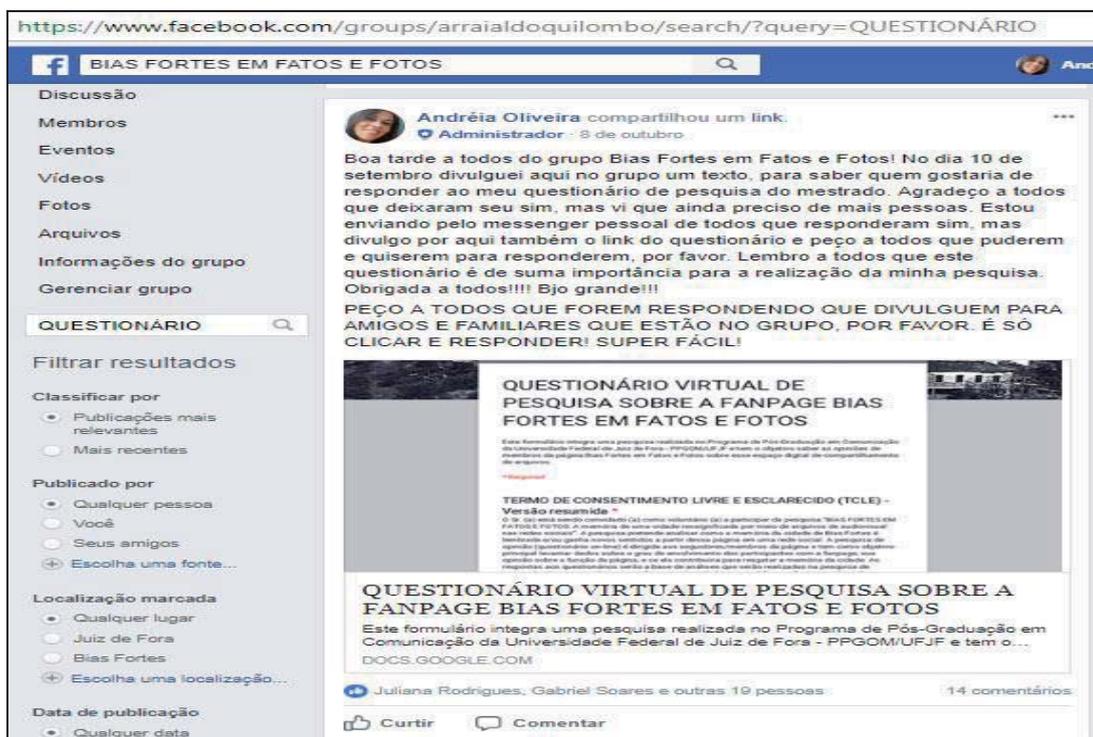
Figura 51: Página inicial do questionário de pesquisa online.

The image shows a screenshot of a Google Forms questionnaire. The browser address bar at the top displays the URL: [https://docs.google.com/forms/d/1BuvXZusbdH2LXyFtsQ00hr6M17gfuh\\_ccT9bh5AWg/edit](https://docs.google.com/forms/d/1BuvXZusbdH2LXyFtsQ00hr6M17gfuh_ccT9bh5AWg/edit). The form title is "QUESTIONÁRIO VIRTUAL DE PESQUISA SOBRE A FANPAGE BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS". Below the title, there is a brief description: "Este formulário integra uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e tem o objetivo saber as opiniões de membros de página Bias Fortes em Fatos e Fotos sobre esse espaço digital de compartilhamento de arquivos." The form includes a section for "TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - Versão resumida" with a detailed text block explaining the research purpose and data usage. At the bottom of this section, there are two radio button options: "SIM" and "NÃO".

Em seguida, começamos a enviar o link de acesso para os membros, priorizando inicialmente, os 65 componentes que já tinham demonstrado interesse em participar, quando sondados na fase de levantamento dos possíveis respondentes. Estes foram os primeiros a receber o *link* com o questionário online por meio do serviço *Facebook Messenger*, aplicativo de mensagens instantâneas da plataforma *Facebook*, mas nem todos realmente responderam.

Devido à necessidade de conseguir mais respondentes decidiu-se por fazer uma alteração no procedimento inicial e disponibilizar, no dia 8 de outubro de 2017, o *link* do questionário na *timeline* do grupo, estendendo as respostas do mesmo a todos os seguidores da comunidade pesquisada (Figura 52).

**Figura 52:** Primeira divulgação do questionário online no grupo realizada no dia 08 de outubro de 2017.



Mesmo assim, notamos que não houve grande adesão do público, e, definimos uma nova tática para alcançar mais pessoas no grupo, dessa vez, por meio da iniciativa de enviar o questionário para cada membro. Tomamos como ponto de partida a listagem de membros por ordem alfabética, observando os critérios de inclusão e exclusão, já especificados antes, e também, descartando aquelas pessoas que já haviam respondido anteriormente. Finalizamos a etapa de aplicação do questionário no dia 17 de dezembro de 2017, data em que encerramos a fase de coleta das respostas. Nesse dia publicamos uma mensagem informando que o questionário estaria fechado para respostas e agradecendo a todos pela participação (Figura 53). A fase de coleta das respostas ao questionário online ocorreu no período de tempo compreendido entre 8 de outubro a 17 de dezembro de 2017, o que representa mais de dois meses de realização desta etapa do trabalho.

**Figura 53:** Post de encerramento do prazo para responder ao questionário online



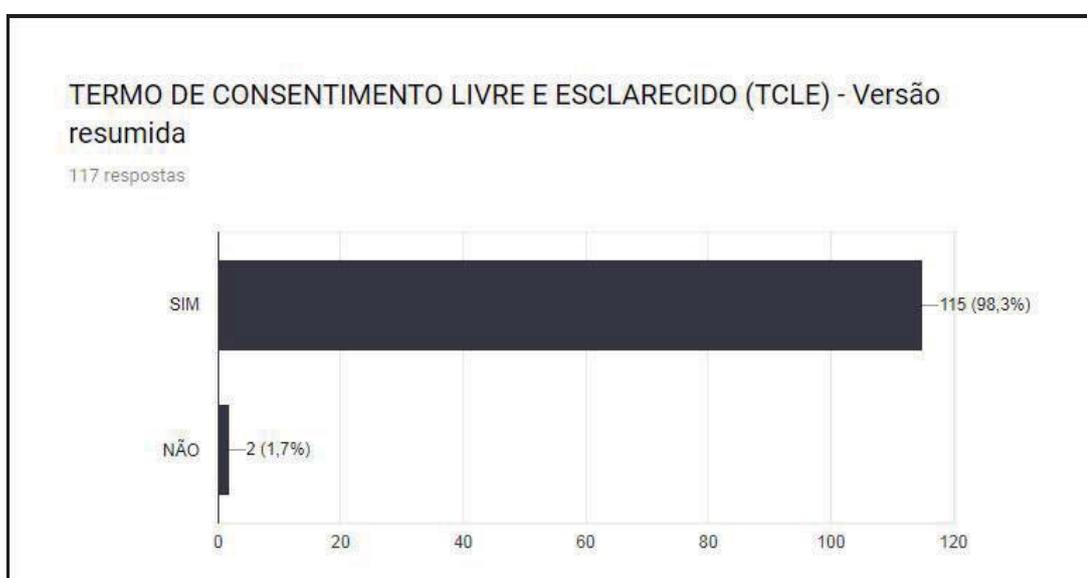
Ao final da aplicação dos questionários acabamos por obter um retorno considerável dos componentes do grupo, totalizando 117 respostas à sondagem feita, dentro de um universo total de mais de dois mil membros. Destas 117, tivemos cinco (5) respostas duplicadas e uma realizada como teste, caindo o quantitativo final para 111, ou seja, uma pessoa a menos do que havíamos planejado quando elaboramos a amostra inicial que previa a sondagem de até 112 membros.

Aplicando ainda os critérios de inclusão e exclusão, já especificados no início deste subcapítulo, este montante cairia um pouco mais. Porém, cabe aqui uma observação em relação a estes critérios iniciais. Ao longo das tentativas feitas com o objetivo de alcançar mais respondentes para a sondagem, esses critérios também sofreram alterações, ampliando assim, nossas possibilidades de escolha de novos padrões de membros para participar desta etapa. Uma vez disponibilizado no grupo para que todos pudessem responder e, ainda enviando para cada integrante da comunidade, passamos a englobar, por exemplo, a expansão da faixa etária delimitada de início entre 18 e 60 anos; a demarcação de tempo como membro do grupo, limitada inicialmente, a mais de um ano, e, ainda a questão da naturalidade, uma vez que, muitos dos seguidores do grupo consideram-se biasfortenses, mas não necessariamente nasceram em Bias Fortes.

Trataremos agora da apresentação dos dados encontrados e da análise qualitativa dos resultados obtidos por meio do levantamento das respostas ao questionário virtual. Lembramos que as respostas encontram-se anexadas, na íntegra, aos apêndices deste trabalho final, e, que foram excluídas as identificações dos respondentes, preservando o sigilo dos participantes.

De acordo com os gráficos disponibilizados pelo *Google Drive*, e respeitando a ordem de organização das perguntas no formulário, as primeiras informações que divulgamos relacionam-se com a concordância dos membros em relação ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Observando as métricas apresentadas no gráfico 3, podemos dizer que o termo teve a aceitação da maioria dos participantes, sendo que, 115 (93,3%) dos respondentes concordaram em fazer parte da sondagem, respondendo SIM ao TCLE. Apenas 2 pessoas (1,7%) se manifestaram contrárias ao TCLE, respondendo NÃO.

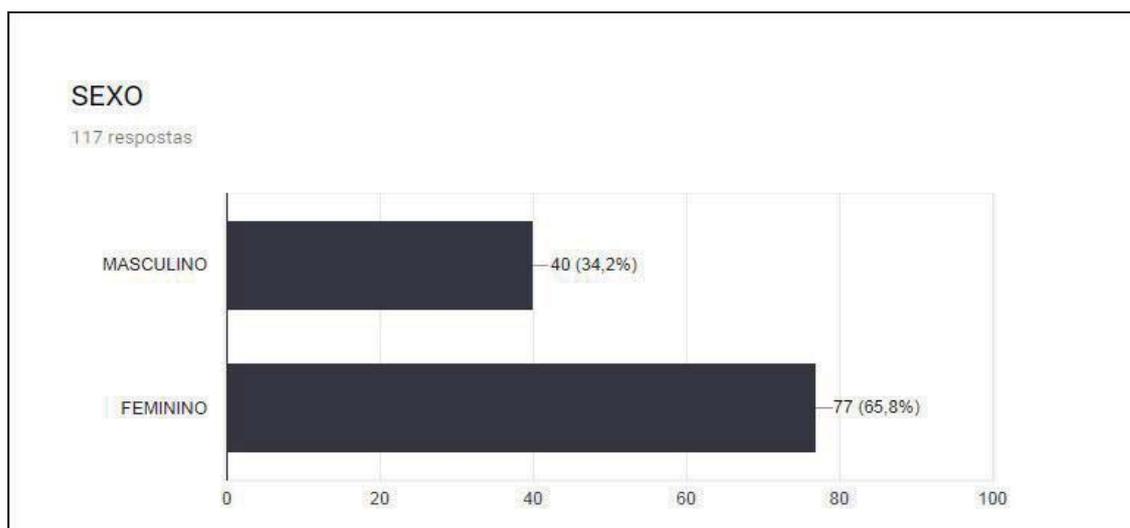
**Gráfico 3:** Respostas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



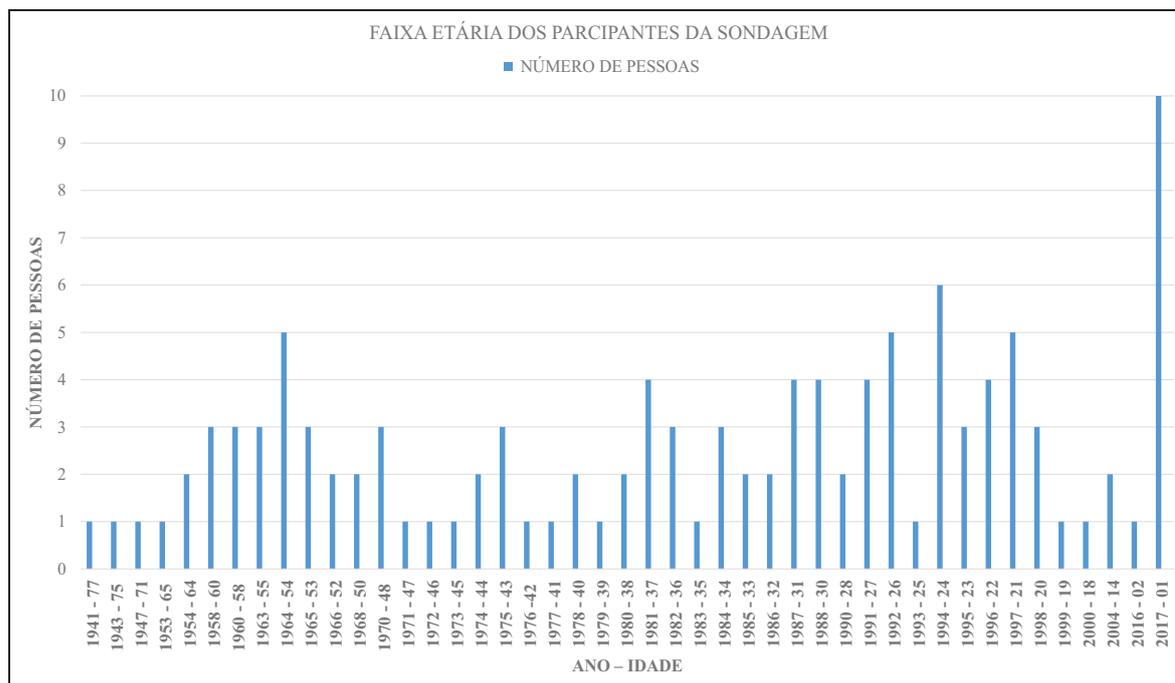
O índice de unanimidade na concordância com o termo, nos permitiu dar continuidade ao andamento dessa fase, visto que, a maioria dos participantes aceitaram fazer parte da pesquisa e consentiram a divulgação do conjunto de informações obtidas por meio desse processo empírico. Frisamos que apesar do formulário de sondagem conter os nomes dos respondentes, atendendo à norma contida no TCLE, as identificações dos mesmos foram mantidos em sigilo, até porque, não foi necessário nem importante para o nosso trabalho, a revelação dos nomes desses membros, mas sim, a divulgação do montante de participantes de acordo com o gênero. Observamos que em relação ao quesito gênero, obtivemos uma participação majoritária do público feminino, totalizando 65,8% dos(as) respondentes, o equivalente a 77 pessoas em um universo de 117. Representando os participantes do sexo masculino, tivemos 34, 2% do total de participantes, o que corresponde a 40 pessoas. Podemos dizer que houve uma predominância de membros do sexo feminino aderindo à sondagem, como especificado no gráfico 4. Isso pode ser justificado se lembrarmos que,

quando tratamos, anteriormente, da apresentação do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos”, tivemos acesso aos gráficos referentes ao quantitativo de seguidores por gênero, sua composição foi de 62,1% de mulheres e 37,9% de homens. Obtivemos uma participação maior de mulheres em nossa sondagem, sendo esta portanto representativa do grupo como um todo.

**Gráfico 4:** Participantes da sondagem por gênero

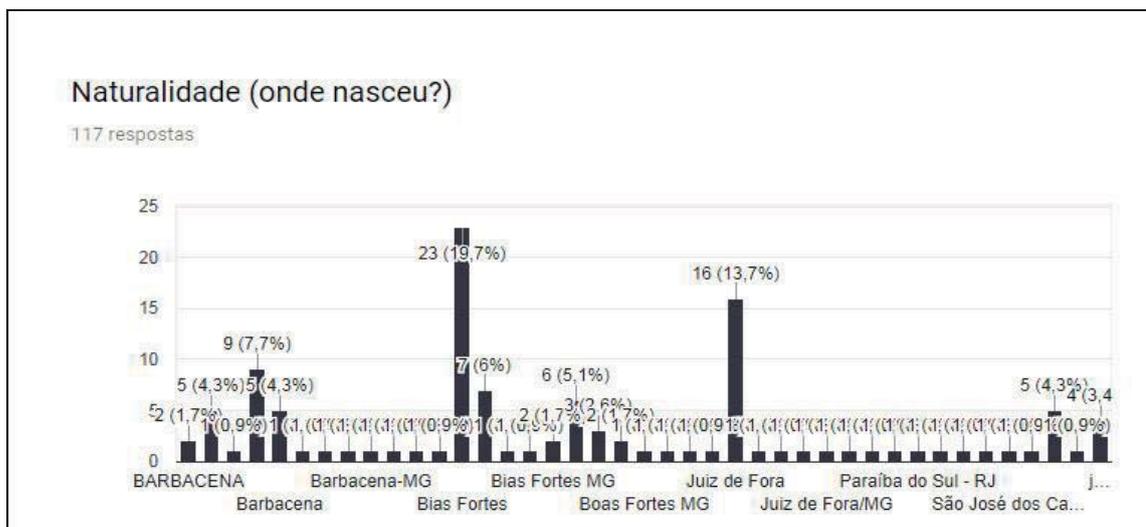


Com base no resumo, disponibilizado pelo Google Drive, a respeito das datas de nascimento dos participantes, montamos um gráfico ilustrativo com o objetivo de apresentar a faixa etária dos respondentes. Conforme pode ser visualizado no gráfico 5, a faixa de idade das pessoas que responderam ao questionário está compreendida entre 24 e 54 anos. Por meio de uma análise minuciosa das métricas, observamos que algumas pessoas ao responderem ao questionário, não informaram a data de nascimento verdadeira; isso pode ser validado pela existência de dois participantes que se declararam nascidos no ano de 2016 e 10 em 2017. Se trabalharmos com a possibilidade de uma possível omissão da real data de nascimento, esses doze participantes podem sim continuar integrando nossa amostra de análise, que inclui 111 respondentes. Contabilizamos ainda a participação de um público de 14 anos e acima de 60, os quais foram englobados na amostra. Acreditamos que a disposição do gráfico demonstra a existência de um público bem diversificado integrando o grupo sondado.

**Gráfico 5:** Faixa etária dos participantes da sondagem

Dando sequência à caracterização dos respondentes, em relação à localidade de nascimento, os participantes da sondagem são naturais de diversas cidades e estados brasileiros, como Barbacena, Bias Fortes, Juiz de Fora, Paraíba do Sul, São José dos Campos, como mostra o Gráfico 6, que traz o resumo da naturalidade desses membros. De certa forma, compreendemos por meio da análise das métricas dispostas no gráfico que a maior parte dos participantes do grupo afirma ter nascido em Bias Fortes, uma média 23 pessoas (19, 7%) e em Juiz de Fora, pelo menos 16, o que representa 13% do grupo total.

Cabe aqui uma observação importante, no sentido de que, acreditamos que a naturalidade não influencia tanto na nossa amostra de pesquisa. Isso porque consideramos que independentemente do local de nascimento, esses membros possuem alguma ligação com Bias Fortes. Embora não tenham nascido nesta cidade, podem ser considerados cidadãos biasfortenses, se pensarmos aqui pelo olhar do sentimento de pertencimento que cada um tem com o município em questão.

**Gráfico 6:** Resumo da naturalidade dos participantes da sondagem

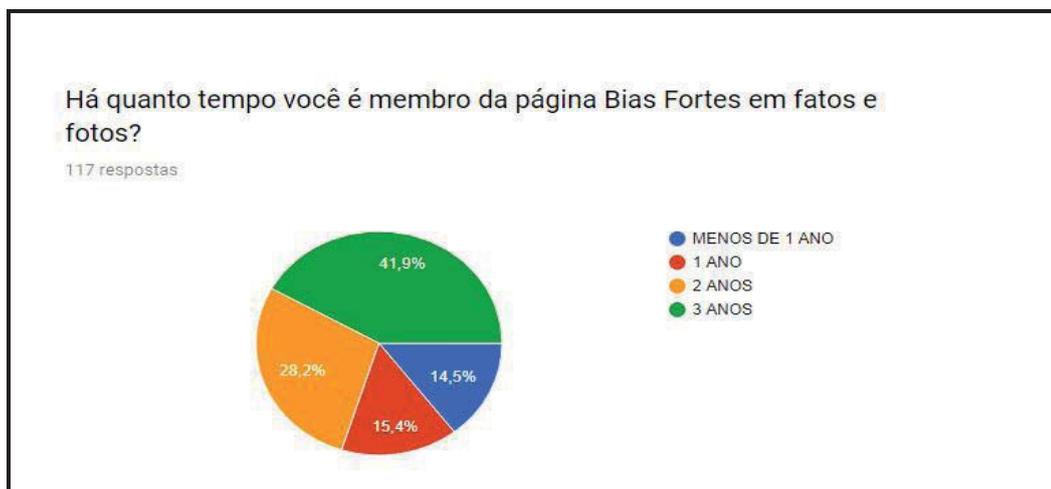
Quanto às localidades onde atualmente reside o público que aceitou responder ao nosso questionário de sondagem online, as cidades de Juiz de Fora e Bias Fortes lideram a classificação, respectivamente. Numericamente, 25 participantes (21,4%) declararam morar em Juiz de Fora, enquanto 21 (17,9%) residem em Bias Fortes. A disposição das cidades e os quantitativos fornecidos pelo gráfico 7 nos mostram ainda que participaram da pesquisa um número expressivo de membros moradores das cidades de Barbacena, Belo Horizonte, Pedro Teixeira, Sete Lagoas, entre outras cidades. Se fôssemos classificar esses participantes como biasfortenses ausentes e presentes, diríamos que grande parte deles podem ser considerados ausentes da cidade. Mesmo assim, lembramos que tanto os ausentes quanto os presentes estão incluídos em nosso processo de análise, não sendo necessário residir em Bias Fortes para entrar em nossos critérios de inclusão ou exclusão.

**Gráfico 7:** Resumo das cidades de residência dos participantes da sondagem

Até aqui apresentamos informações que consideramos se enquadrar em um perfil de características dos membros do grupo “Bias Fortes em Fatos e Fotos” que participaram da sondagem proposta neste trabalho. Definimos gênero, faixa etária, naturalidade e os locais onde moram esses participantes. Passamos a seguir para a apresentação dos dados que envolvem a relação desse público com a comunidade virtual em questão e com os vídeos compartilhados nesse espaço digital. Fazem parte dos questionamentos levantados, o tempo de participação como membro do grupo; o costume ou não de assistir aos vídeos e a frequência com que isso ocorre, em caso de resposta positiva; o grau de interação com os vídeos; a assiduidade nestas ações de curtir, comentar e compartilhar; e a opinião desses participantes quanto ao grupo e ao uso de arquivos de audiovisual como fontes de memória para a cidade.

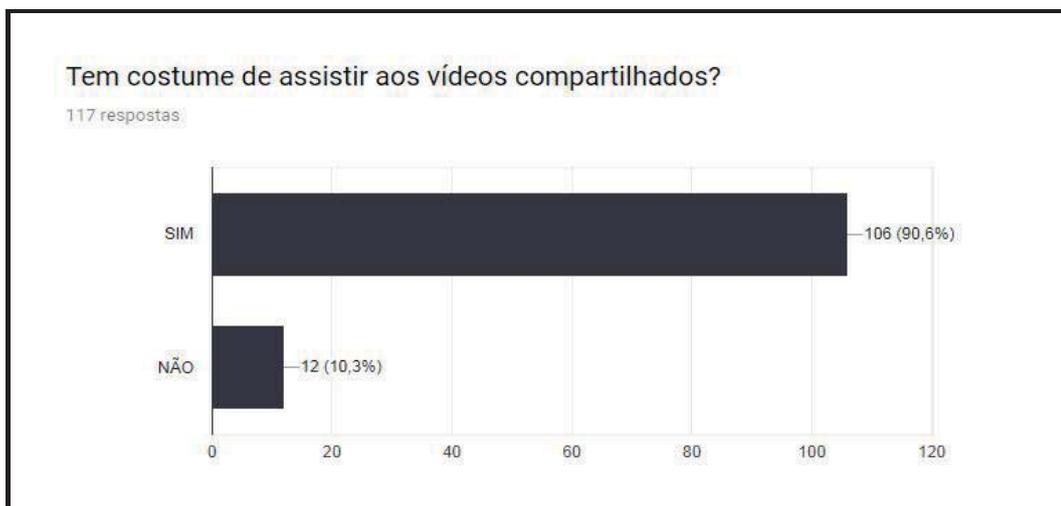
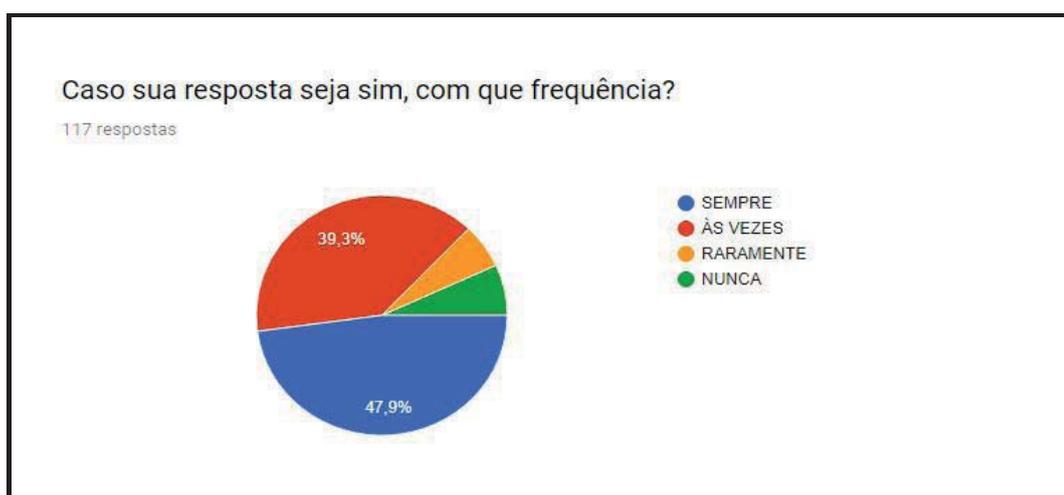
Priorizando a ordem das perguntas, obtivemos os seguintes dados. Quanto ao tempo dos respondentes como membros do grupo, e trabalhando com uma amostra de 117 participantes, temos que: quarenta e um vírgula nove por cento (41%), fazem parte desta comunidade há três anos; vinte e oito vírgula dois por cento (28,2%), há dois anos; quinze vírgula quatro por cento (15,4%), há um ano; e quatorze vírgula cinco por cento (14,5%) participam há menos de um ano. Notamos que a maior parte dos participantes está presente no grupo, praticamente desde sua criação, datada de primeiro de março de 2014. Ou seja, se a comunidade virtual possui aproximadamente quatro anos, podemos avaliar que esse público tem uma permanência de longa data neste grupo. A disposição destes valores pode ser melhor visualizada por meio da observação do Gráfico 8.

**Gráfico 8:** Há quanto tempo você é membro da página Bias Fortes em fatos e fotos?



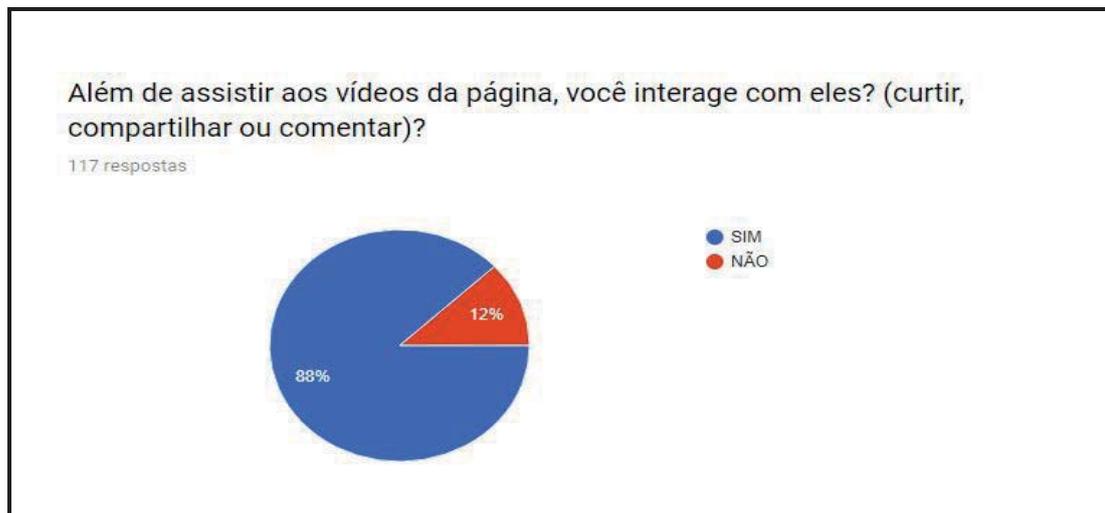
Indagados sobre o costume que têm de assistir aos vídeos compartilhados, cento e seis membros, o que representa noventa vírgula seis por cento (90,6%) do total de sondados, responderam que sim, e, apenas doze, representando (dez vírgula três por cento (10,3%), disseram não possuir esse hábito. Por meio dos dados obtidos, e dispostos no Gráfico 9, reconhecemos assim que os arquivos de audiovisual partilhados pelo/no grupo possuem visibilidade significativa, visto que, uma parcela significativa dos sondados assistem a esses materiais.

Como um possível desdobramento da pergunta anterior, para aqueles que responderam sim ao hábito de assistir aos vídeos, perguntamos também, com que frequência o faziam. Constatamos, como aponta o Gráfico 10, que para quarenta e sete vírgula nove por cento (47,9%), assistir aos vídeos já faz parte da rotina destes, enquanto trinta e nove vírgula nove (39,9%) acompanha às vezes. Ao que tudo indica, os vídeos do grupo possuem um alcance positivo, se levarmos em consideração o envolvimento positivo dos membros sondados com esses arquivos.

**Gráfico 9:** Tem costume de assistir aos vídeos compartilhados?**Gráfico 10:** Com que frequência assiste aos vídeos?

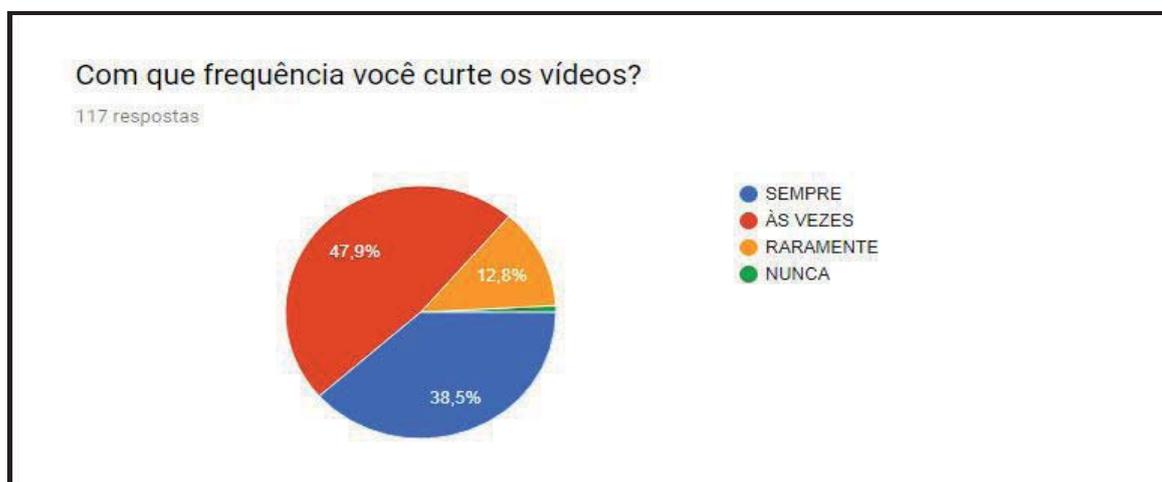
Ainda tratando dos vídeos, averiguamos o envolvimento do público sondado no tocante às formas de interação dos mesmos com esses materiais. Tomamos como base as reações de interatividade padrão, oferecidas pela plataforma *Facebook*, como curtir, compartilhar e comentar. Como pode ser visualizado no Gráfico 11, além de assistirem aos vídeos oitenta e oito por cento (88%) dos participantes interagem de alguma forma com esses arquivos, seja curtindo, compartilhando ou comentando. Já doze por cento (12%) não teriam esse envolvimento. Mesmo assim, constatamos que o grau de interatividade dos participantes com os arquivos videográficos disponibilizados na comunidade é alto, significativo e relevante, quando relacionados aos objetivos deste trabalho.

**Gráfico 11:** Além de assistir aos vídeos da página, você interage com eles? (Curtir, compartilhar ou comentar)?



Em sequência apuramos os tipos de interação possíveis, separadamente, para avaliar com que frequência esse público membro curte, compartilha ou comenta os vídeos. No primeiro caso, descobrimos que trinta e oito vírgula cinco por cento (38,5%) curtem sempre; quarenta e sete vírgula nove por cento (47,9%), às vezes; doze vírgula oito por cento (12,8%), raramente, e uma porcentagem mínima, nunca curte. Podemos compreender a partir dos dados apresentados pelo Gráfico 12 que ainda que a parcela majoritária de membros afirme não curtir sempre os vídeos, o retorno total em curtidas é significativo, se tomarmos como referência o percentual reduzido de membros que curtem raramente ou nunca.

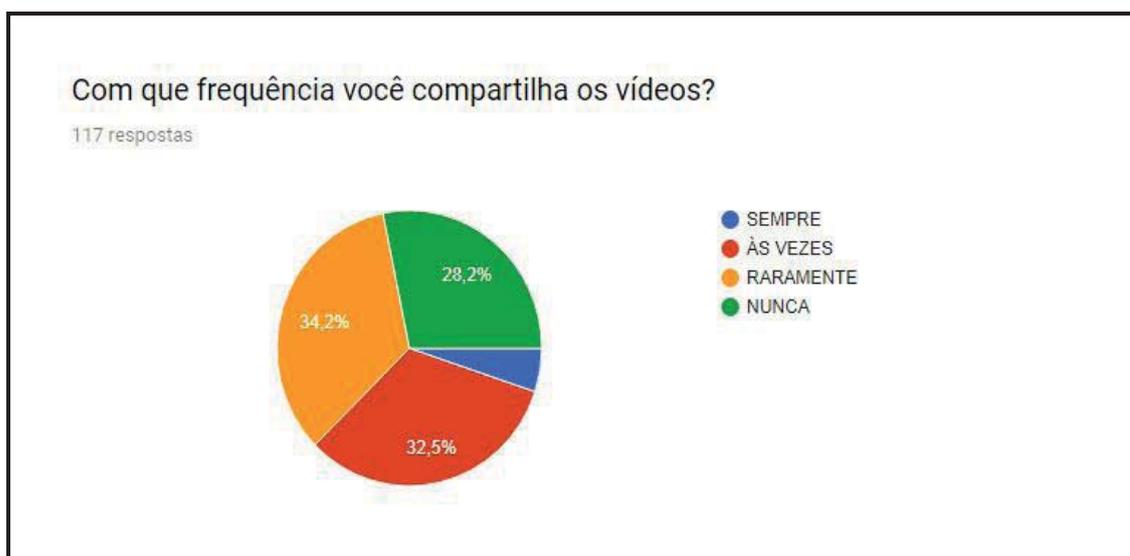
**Gráfico 12:** Com que frequência curte os vídeos?



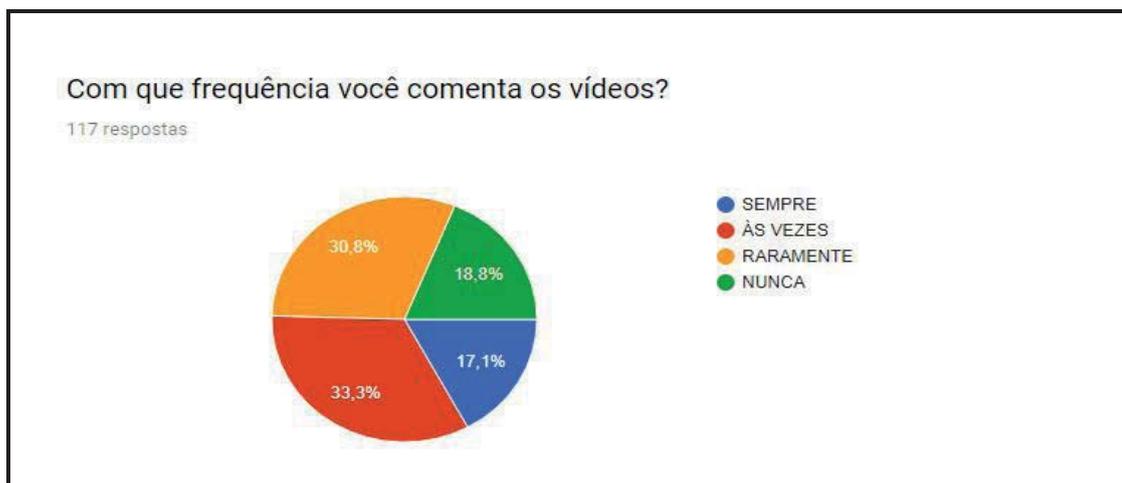
No segundo caso, observamos que maior parte dos integrantes do grupo sondado, trinta e quatro vírgula dois por cento (34,2%), raramente compartilham os vídeos. Como

mostra o Gráfico 13, os outros trinta e dois vírgula cinco por cento (32,5%), compartilham às vezes; vinte e oito vírgula dois por cento (28,2%), nunca, e, uma parcela mínima declarou compartilhar sempre. Neste caso específico, avaliamos que o nível de compartilhamentos dos vídeos se mostrou baixo, em relação ao grupo de respondentes.

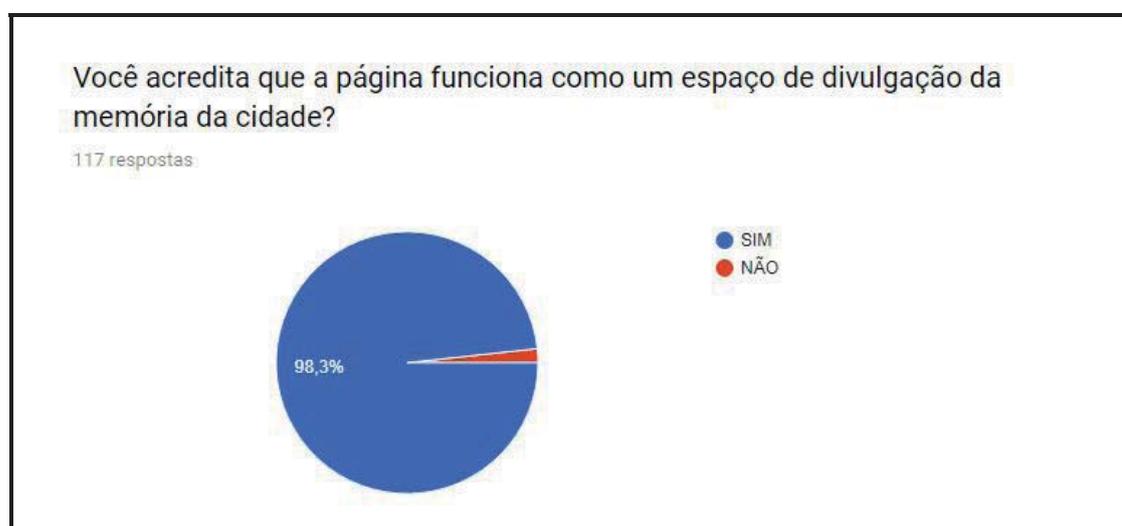
**Gráfico 13:** Com que frequência compartilha os vídeos?



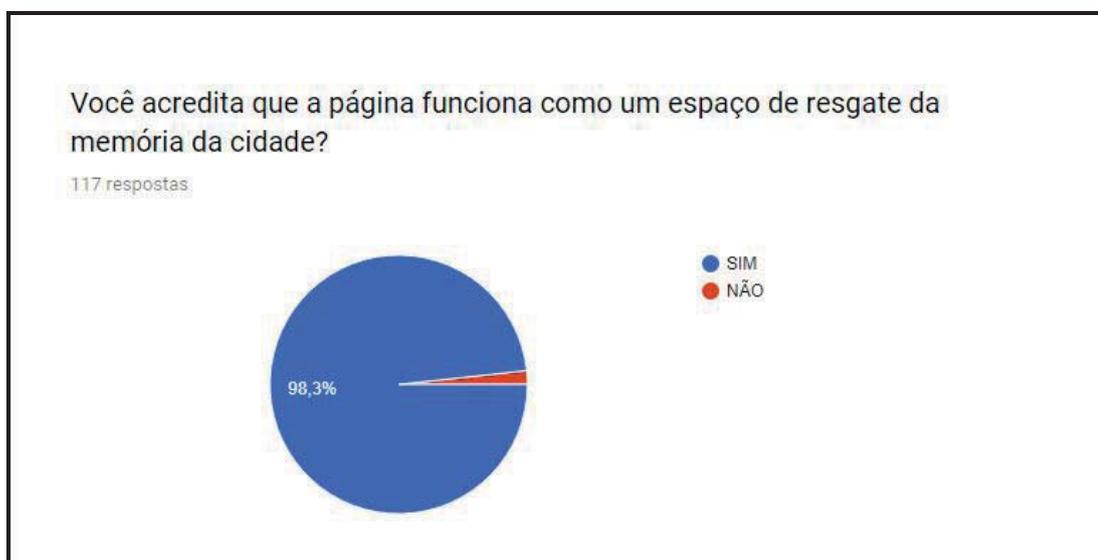
No terceiro e último caso, medimos a frequência com que esse público sondado costuma comentar os vídeos postados no grupo. Por meio dos dados obtidos pudemos concluir que a maior parte, trinta e três vírgula três por cento (33,3%) declarou comentar às vezes; trinta vírgula oito por cento (30,8%), raramente; dezoito vírgula oito por cento (18,8%), nunca, e, dezessete vírgula um por cento (17,1%), comentam sempre. Nesse quesito específico dos comentários, podemos avaliar como satisfatório o resultado obtido, uma vez que, mesmo não comentando sempre, boa parte do grupo sondado realiza comentários. O quantitativo de participantes que comentam às vezes pode ser considerado bom, se comparado com as parcelas daqueles que nunca curtem. A representação dos valores citados acima pode ser melhor observada no Gráfico 14.

**Gráfico 14:** Com que frequência comenta os vídeos?

Mudando um pouco o foco, demonstramos a seguir a relação do público participante desta pesquisa com o grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”. Nesta parte buscou-se sondar as opiniões dos participantes a respeito dessa comunidade virtual como um espaço de divulgação e de resgate da memória da cidade de Bias Fortes. Em resposta aos dois questionamentos o resultado obtido foi positivo e apresentou valores iguais, como disposto nos Gráficos 15 e 16. Noventa e oito vírgula três por cento (98,3%) dos respondentes acreditam que o grupo funciona como um espaço de divulgação e também resgate da memória do referido município. Esse resultado valida a nossa hipótese levantada na pesquisa sobre as potencialidades desse espaço de comunicação digital como lugar de memória para Bias Fortes.

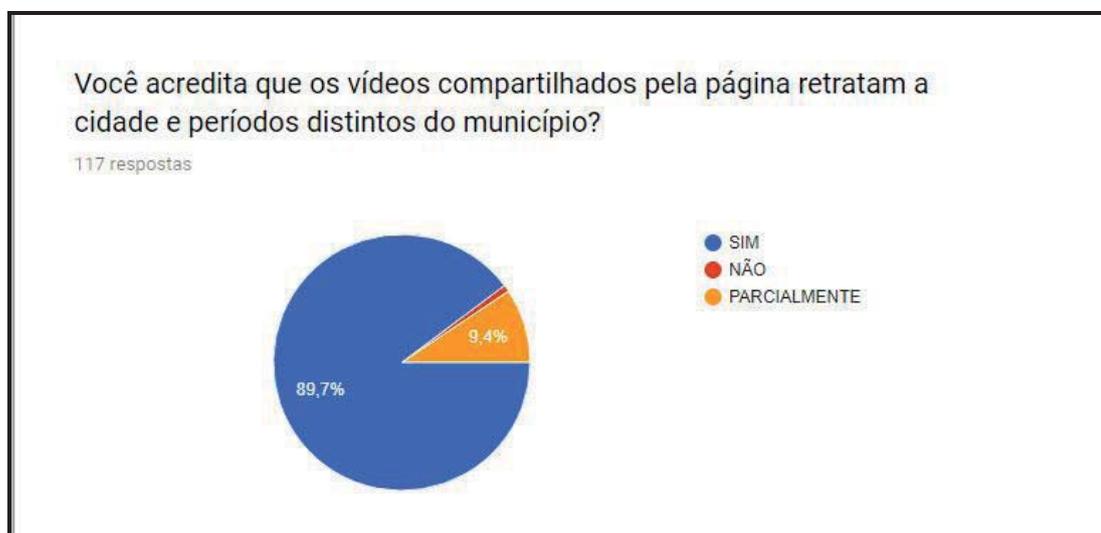
**Gráfico 15:** Você acredita que a página funciona como um espaço de divulgação da memória da cidade?

**Gráfico 16:** Você acredita que a página funciona como um espaço de resgate da memória da cidade?

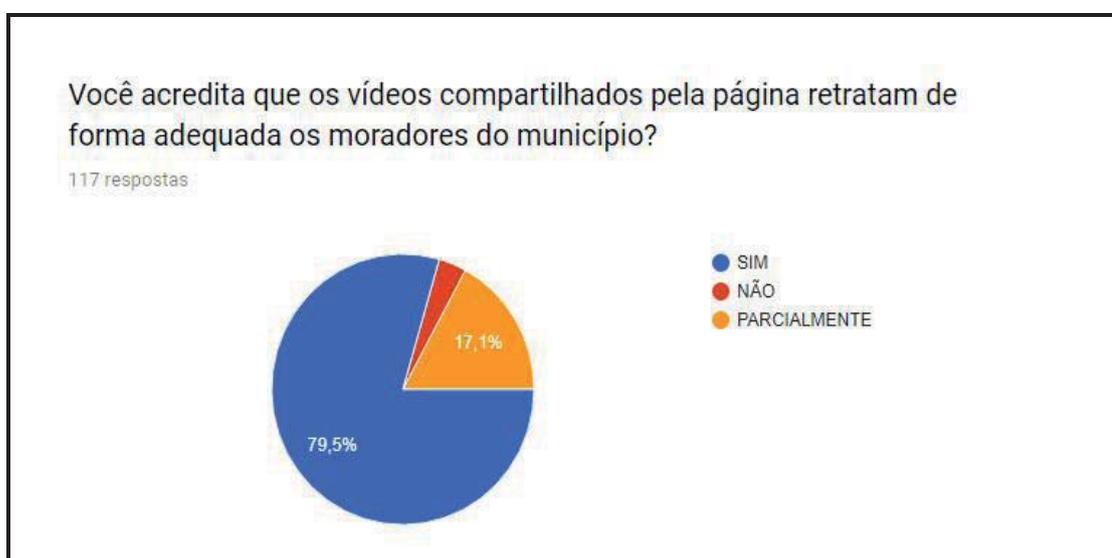


Finalizando o roteiro das perguntas contidas no questionário de sondagem, voltamos a perguntar sobre os vídeos, mas por outro ângulo. No início buscamos mostrar as relações de afinidade e interatividade existentes entre os participantes desta pesquisa exploratória e esses materiais audiovisuais. Nessa parte final, nosso foco muda um pouco e passamos a avaliar a relação desses registros com a representação da cidade, seus espaços e períodos distintos, bem como seus moradores. As avaliações foram feitas com base na análise das opiniões do público participante da sondagem. De acordo com os resultados obtidos, oitenta e nove vírgula sete por cento (89,7%) do público sondado acredita que os vídeos postados no grupo retratam a cidade de Bias Fortes e períodos distintos da história desse município (Gráfico 17). Em resposta ao segundo questionamento, setenta e nove vírgula cinco por cento (79,5%) disseram que esses registros retratam de forma adequada os moradores do município (Gráfico 18). Por fim, setenta e seis vírgula um por cento (76,1%) dos participantes da pesquisa creem que essas narrativas representam fielmente os espaços do município de Bias Fortes (Gráfico 19). Nesse sentido, as opiniões dos participantes sobre as narrativas audiovisuais presentes no grupo, validam nossa hipótese de que os vídeos retratam de alguma forma a cidade, seus espaços, tempos e moradores.

**Gráfico 17:** Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam a cidade e períodos distintos do município?



**Gráfico 18:** Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam de forma adequada os moradores do município?



**Gráfico 19:** Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam fielmente os espaços do município?



Enfim considera-se que a realização dessa sondagem, por meio do questionário online, foi importante para levantar e avaliar a percepção dos seguidores quanto aos objetivos e funções do grupo, tendo como questionamentos, os motivos específicos que os levaram a seguir esta comunidade virtual e suas opiniões a respeito da função da mesma de resgatar a memória da cidade. Além disso, pudemos avaliar também o grau de envolvimento desse público com os materiais em vídeo e averiguar os julgamentos que esses membros fizeram a respeito desses registros como arquivos de memória para a cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos aos momentos finais desta pesquisa, onde temos a oportunidade de concluir nosso trabalho juntando os raciocínios e argumentos criados durante a realização de cada um dos capítulos anteriores. Iniciamos refletindo que as amarrações conceituais feitas com o auxílio dos autores referenciados nos capítulos de revisão bibliográfica nos permitiram compreender as cidades como lugares simbólicos de produção de sentidos e espaços de criação de narrativas, inclusive, narrativas de memória. Concluímos ainda que os suportes digitais podem servir ao desejo de rememoração, se configurando em “lugares de memória” para abrigar as narrativas, por exemplo, construídas pelos/nos espaços urbanos. Especialmente, no caso da rede social *Facebook*, conclui-se que a plataforma pode colaborar com os processos de rememoração, funcionando como depositário das lembranças dos indivíduos e dos grupos sociais, como no caso do grupo investigado.

Retomando as reflexões a respeito da memória, que é um dos conceitos-chave desse trabalho de investigação, recorremos a uma estrofe de um poema de Waly Salomão: “a memória é uma ilha de edição”. Acreditamos que um possível entendimento desse pensamento seria o fato de que a memória possui o poder e a capacidade de selecionar as lembranças que desejamos guardar de alguma forma ou em algum lugar.

Pensando a memória como lugar de organização, seleção e apresentação dessas lembranças, acreditamos que o grupo da plataforma *Facebook* “Bias Fortes em fatos e fotos” funciona como um espaço imaginário de exposição de narrativas de rememoração sobre a cidade de Bias Fortes, a partir do momento em que nesta comunidade virtual são divulgados vários arquivos de apelo às lembranças dos membros que ali se encontram.

A análise dos depoimentos concedidos em entrevistas realizadas com os idealizadores do grupo investigado nos permitiu compreender que essa comunidade virtual foi criada, única e especificamente para retratar, resgatar, registrar e divulgar a história e a memória do município de Bias Fortes. Nesses quatro anos de atuação o grupo possui um número expressivo de membros seguidores, sendo composto por biasfortenses presentes e ausentes, entre homens e mulheres de faixas etárias diversificadas. A referida comunidade também conta com um conteúdo abrangente de materiais em vídeo, retratando a memória do município.

Nos propusemos desde o início a avaliar essas narrativas audiovisuais criadas sobre a cidade nesse grupo do *Facebook*, com o objetivo de compreender seu valor como registros de memória para o município e seus moradores. Possivelmente, esses vídeos

postados no ambiente virtual, ativam a memória dos membros seguidores desta comunidade. Como pudemos observar, por meio da análise dos comentários deixados pelo público nesses materiais audiovisuais, as histórias apresentadas nesses arquivos afetam de alguma forma esse público, tocando os participantes e criando a identificação dos mesmos com os fatos narrados, com os espaços da cidade representados, com os períodos lembrados e com os personagens que aparecem nas cenas.

Nessa comunidade virtual, as lembranças são compartilhadas promovendo enquadramentos da memória da cidade. O criador e gerenciador do grupo, José Airton Magaldi, seleciona os vídeos que serão postados e os membros ativam as memórias coletivas e individuais a partir das postagens, legitimando assim o que deve ser lembrado, validando e reconstituindo o passado presente em cada arquivo. Por meio dos vídeos descritos e analisados neste trabalho entendemos que José Airton procura partilhar e reavivar momentos particulares mas representativos, fazendo com que o público seguidor conheça e reconheça a cidade e as pessoas representadas em épocas distintas. Tudo isso é feito com o objetivo de que a memória histórica da cidade não seja esquecida e possa ser resgatada por cada pessoa que tem acesso aos vídeos postados no grupo.

Essa cultura do compartilhamento de histórias, de pessoas e locais, potencializada pela rede social *Facebook*, permite uma ampliação da memória (ou de memórias, no plural), e, conseqüentemente uma valorização histórica do que está sendo compartilhado. No caso do grupo “Bias Fortes em fatos e fotos”, encontramos nesse ciberespaço uma coleção de vídeos nostálgicos que revelam memórias guardadas, (re)conhecidas e até pouco lembradas sobre a cidade. Os vídeos publicados despertam nos membros sentimentos, por exemplo, de identificação e curiosidade para tentar desvendar e compreender as lembranças por detrás de cada uma dessas narrativas que passam, pela comunicação e circulação digital, a fazer parte do imaginário da sociedade representada.

A observação e análise dos cinco (5) vídeos, cada um representativo de uma das categorias propostas – Cultura; Religiosidade; Cotidiano; Personagem e Esporte - nos permitiu entender que esses materiais simbólicos podem sim ser enquadrados como registros de memória para a cidade avaliada, uma vez que, representam acontecimentos, épocas e lugares do município, tendo os moradores como protagonistas das histórias capturadas. Esses vídeos transportam o imaginário das pessoas que os assistem para os espaços retratados nas gravações em vídeo, evocam sentimentos de tempos passados e ainda reavivam memórias relativas aos personagens presentes nas cenas. Em relação aos comentários publicados

destacamos a predominância de demonstrações de saudosismo, afeto, gratidão e reconhecimento pelo trabalho realizado pelo fundador do grupo.

As pessoas presentes nesse espaço virtual compreendem seu valor, seus objetivos e sua importância como “lugar de memória” para a cidade, bem como acreditam no potencial dos vídeos como auxiliares nessa proposta de rememoração pretendida. Constatamos isso por meio da avaliação das opiniões dos membros colhidas por meio da aplicação do questionário online que integra essa pesquisa.

Nessa etapa específica, pudemos verificar que existe uma identificação desses membros com o grupo e com os vídeos como fontes de memória para a cidade representada. A cidade construída e imaginada no grupo é de um passado saudosista e de um presente que permanece memorialista, transportando-nos para um lugar de afetos, encontros e identificação, que desperta a saudade dos membros a cada vez que estes têm a possibilidade de retornar no tempo.

Acreditamos que por meio deste trabalho conseguimos identificar e avaliar uma das possíveis narrativas criadas sobre Bias Fortes nas redes sociais. Certamente, existem outras narrativas criadas a respeito desta cidade, dentro e fora do grupo “Bias Fortes em fatos e fotos” que merecem ser pesquisadas mais à fundo. Nossa intenção não é esgotar as possibilidades de narrativas de leituras e releituras existentes a respeito desse espaço urbano, e sim demonstrar que o grupo em questão encontra nos vídeos uma forma de ressignificar a memória do município.

Finalizamos esse trabalho com a expressão do imaginário popular “recordar é viver”; a pesquisa, do início ao fim, evidenciou que mostrar e trabalhar com questões que envolvem a memória é também uma forma de (re)viver momentos.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ALBERTI, Verena. HISTÓRIA ORAL: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC / FGV, 1989. In: Lopez, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**/Immaculada Lopez. -- 1. ed. -- São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/public/editor/livro\\_mem%C3%B3ria\\_social.pdf](http://www.museudapessoa.net/public/editor/livro_mem%C3%B3ria_social.pdf)>. Acesso em: 13 de Mar. de 2017.
- AMARAL, Adriana; et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?. **Contracampo**. Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./ jul., 2016. Enviado em 08 de setembro de 2015 / Aceito em 18 de novembro de 2015 DOI - <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i1.802>. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/802/pdf>>. Acesso em: 10 de Jul. de 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras Escolhidas**, vol. I. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Prefácio: Jeane Marie Gagnebin. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense. 1987.
- BERGSON. Henri. **Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martinus Fontes, 2006. (Coleção Tópicos)
- BIASFORTENSES. **Grupo do Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/unidosdoquilombobf/>>. Acesso em: 01 de Out. de 2017.
- BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS. **Grupo do Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/arraialdoquilombo/>>. Último acesso em: 01 de Fev. de 2018.
- BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema**, vol. 2. São Paulo: SENAC, 2005.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das Cidades: Ensaio e Etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - vol.1: artes de fazer**. 3. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (org). **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

COUTINHO, Iluska e GOUVÊA, Allan. Narrativas internacionais nas emissoras de TV públicas: O distante tornado próximo nos noticiários noturnos da TV Brasil e da RTP1. In **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: 37, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2869-1.pdf>>. Acesso em: 21 de Jul. de 2017.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: 39, 2016, São Paulo. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 21 de Jul. de 2017.

FACEBOOK. **Rede social**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>>. Acesso em: 01 de Out. de 2017.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Volume XXIV. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_24.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf)> Acesso em: 20 de Ago. de 2017.

FRAGOSO, Suely. et al. **Métodos de pesquisa para internet** / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. – Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p. – (Coleção Cibercultura)

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

GOBBI, Maria Cristina. Comunicação em redes de afetos e emoções. In: **Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades** / Organizadores, Marialva Barbosa, Osvando J. de Moraes. – São Paulo: INTERCOM, 2013. p. 155 - 175.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana**. Prefácio de Eneida Maria de Souza. Ed. ampl. - Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese33.pdf>>. Acesso em: 13 de Out. de 2017.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310680&search=minas-gerais|bias-fortes>> Acesso em: 08 de Mar. de 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Henry Jankins; tradução Susana Alexandria. – 2. ed. - São Paulo: Aleph, 2009.

JOST, François. **Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias?** Matrizes. Ano 4, nº 2, jan./jun. 2011. São Paulo, p. 93-109.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade. In: **Mal-Estar e Sociedade** - Ano II - n. 3 - Barbacena - nov. 2009 - p. 55-76. In: <<http://revista.uemg.br/index.php/malestar/article/viewFile/20/48>>. Acesso em: 10 de Ago. de 2016.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- (Coleção Repertórios). Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local** / Immaculada Lopez. -- 1. ed. -- São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1074500/mod\\_resource/content/1/LEITURA%20COMPLEMENTAR%20-%20Livro%20-%20Mem%C3%B3ria%20Social.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1074500/mod_resource/content/1/LEITURA%20COMPLEMENTAR%20-%20Livro%20-%20Mem%C3%B3ria%20Social.pdf)>. Acesso em: 10 de Jun. de 2017.

MAGALDI, José Airton. Entrevista concedida a autora em 2017.

MARCONDES, Ciro F. (org). **Pensar-pulsar**. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço** / Janet H. Murray; tradução Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandes Cuzziol. – São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História n.17. São Paulo: PUC, p.7-15, novembro de 1998.

ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. In **Anais XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/Compós**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 12 a 15 de junho de 2012. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1807.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1807.pdf)>. Acesso em: 12 de Out. de 2017.

PAIVA, Raquel e GABBAY Marcello. Cidade, Afeto e Ocupações: ou a transfiguração do espaço público no Brasil contemporâneo. In **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: 39, 2016, São Paulo. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1708-1.pdf>>. Acesso em: 12 de Out. de 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3 (1989). p. 3 – 15.

POMIAN, Krysztof. Memória: Atlas, Coleção, Documento/monumento, Fóssil, Memória, Ruína/restauro. **In:** GIL, Fernando (Coord.). **Sistemática**. Enciclopédia Einaudi, v. 42. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p. 507-516.

RABELLO, Rafaella Prata. **A Juiz de Fora que habita na memória:** uma cartografia sentimental da cidade na fanpage “Maria do Resguardo”. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/dissertacoes-e-teses/>>. Acesso em: 02 de Mar. de 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RECUERO, Raquel. et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REIS, Raul. O futuro da mídia no século 21: prática jornalística e redes sociais. **In:** **Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades /** Organizadores, Marialva Barbosa, Osvando J. de Moraes. – São Paulo: INTERCOM, 2013. p. 67 - 77.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. **In:** \_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alai François et. al. Campinas: Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. V. 2: O tempo narrado.

RINCÓN, Omar. **Narrativas Mediáticas**. O cómo se cuenta la sociedad del entretenimiento. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção primeiros passos).

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. **In:** AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta (coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª Edição. – Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 92-101.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. **In:** DOMINGUES, Diana (org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. O DNA das redes sociais digitais. **In:** **Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades /** Organizadores, Marialva Barbosa, Osvando J. de Moraes. – São Paulo: INTERCOM, 2013. p. 23 - 43.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo. Hucitec. 1994.

SILVA, Djalma Antônio da. **O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano.** Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em:  
<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/4022/1/DjalmaSilva.pdf>> Acesso em: 20 de Ago. de 2017.

SILVA, Marco Antonio da. Entrevista cedida a autora em 2017.

VV. AA. **II séculos de história:** de Quilombo a Bias Fortes: dicionário escolar com a história de Bias Fortes: Bias Fortes: Prefeitura de Bias Fortes, 1998.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTEVISTA EM PROFUNDIDADE DIRECIONADA PARA OS FUNDADORES DA FANPAGE BIAS FORTES EM FATOS EM FOTOS

#### ROTEIRO PARA ENTEVISTA EM PROFUNDIDADE DIRECIONADA PARA OS FUNDADORES DA FANPAGE BIAS FORTES EM FATOS EM FOTOS

Pesquisa acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPGOM/UFJF.

- 1 – Nome completo, data de nascimento e naturalidade.
- 2 – Como, quando e por que motivo (s) vocês decidiram criar a página?
- 3 – Como foi feita a escolha do nome dado à mesma?
- 4 – Quais são os objetivos dela?
- 5 – Como foi feito o levantamento do que seriam as primeiras postagens? Houve uma seleção prévia durante algum tempo, antes da criação da *fanpage*?
- 6- Como é feita a escolha do que é postado atualmente?
- 7 – Existe uma rotina de postagens e seleção de temas, em relação ao conteúdo de vídeos compartilhados?
- 8 – Qual a ligação de vocês com a questão da memória? Porque trabalhar com a criação de um espaço que busca resgatar a memória de Bias Fortes?
- 9 – Como vocês avaliam o envolvimento do público seguidor com a *fanpage*?
- 10 – Vocês acreditam que os seguidores identificam-na como um espaço que retrata e resgata a memória da cidade? Essa pergunta se justifica, pensando na observação feita por vocês sobre o envolvimento do público com a página e o que é postado.
- 11 – Qual a importância de se trabalhar questões relacionadas à memória?
- 12 – Existe um monitoramento da página para levantar dados sobre o envolvimento e alcance da *fanpage* e postagens em relação aos seguidores?
- 13 – Qual o perfil dos seguidores que mais interagem na página? São biasfortenses presentes ou ausentes?

### APÊNDICE B – ENTREVISTA JOSÉ AIRTON MAGALDI

**ANDRÉIA:** Você pode começar se apresentando e, em seguida, falando sobre a criação da página.

**JOSÉ AIRTON:** Meu nome é José Airton Magaldi, nasci em 2 de fevereiro de 1947 e sou natural de Bias Fortes. Essa página foi criada dia primeiro de março de 2014, mas foi pensada

muito antes de ser criada, pois eu queria criar esta página para contar a história da nossa cidade. Exclusivamente a história da nossa cidade. É tanto que esta página não tem propagandas, não tem informações de outras cidades. É exclusivamente para contar a história passada, a presente e dando uma dica para o futuro. Antes de criar esta página tinha um site que foi criado por uma moça que veio visitar Bias Fortes, juntamente com uma colega, que contava muita história bonita daqui para ela. No final a página dela foi uma página livre e não deu certo porque entraram comentários que ela julgou que poderia até prejudicá-la. As pessoas não entenderam o sentido que ela deu para a página e, então, ela extinguiu a página. Depois eu entrei no *Facebook* indicado por um amigo – Ah entra na página, faça parte da página. Fui postando os meus arquivos, mas também deu problema. Aí eu resolvi sair da página e criar uma. Mas eu pensei, eu tenho que criar esta página com alguém que tenha afinidades com Bias Fortes e comigo. Lembrei-me do Marco Antônio Silva que foi uma pessoa que eu conheci aqui, no tempo em que o padre Jonas estava na Paróquia. E ele, quando me viu no *Facebook*, contou-me a história de quando nós nos conhecemos aqui na Igreja. Que eu apresentei a igreja para ele, as coisas interessantes, como o sino, o relógio da matriz e, eu fiquei muito sensibilizado com aquilo e escolhi, justamente o Marco Antônio, para me ajudar a criar esta página.

**ANDRÉIA:** Então, na verdade, você falou que chegou a fazer parte de uma outra página, mas não deu certo. Assim que você saiu desta outra página, a vontade de ter uma página sobre Bias Fortes continuava?

**JOSÉ AIRTON:** Continuava e eu justamente saí da página e criei a outra. Entrei em contato com o Marco Antônio, criei a página e ele foi me ajudando, montando a página para mim, por que eu queria criar uma página, justamente conforme eu falei no princípio, que fosse exclusivamente para contar a história de Bias Fortes. É tanto que a página inicial dela, nas publicações afixadas, tem um texto único, desde que ela foi criada, explicando o sentido da página. Eu me senti muito feliz no dia da criação por que várias pessoas entraram assim de imediato.

**ANDRÉIA:** Quais os motivos que te levou a criar a página? Você falou que queria ter uma página que tratasse da história da cidade, mas foi só esse motivo ou tem mais algum?

O principal é esse, contar a história e resgatar a nossa memória. Mas, eu queria uma página que não tivesse interferências que pudessem prejudicar quem quer que seja.

**ANDRÉIA:** Como foi feita a escolha do nome da página? Por que Bias Fortes em Fatos e Fotos? Vocês chegaram a pensar em algum outro nome ou chegaram a discutir outro nome?

**JA:** Justamente por isso: contar a história de Bias Fortes. Eu tinha muito texto, muitas fotos, e, há tempos eu trabalho com isso. Na época do centenário da Paróquia eu que coordenei a exposição histórica do Município e Paróquia. E eu sempre guardei todos os arquivos. Tudo que eu faço eu guardo um arquivo. É tanto que a igreja não tem os arquivos fotográficos do centenário e eu tenho por que a Igreja deixou acabar e eu conservo.

**ANDRÉIA:** Você sempre foi de conservar porque eu meu pai dizia que você guardava muitas coisas de anos atrás.

**JOSÉ AIRTON:** E venho conseguindo que as pessoas tragam para mim. Por exemplo, o centenário, como eu estava falando... eu trabalhei muitos anos na Paróquia, em todos os setores de dentro da Igreja. Uma vez, eu e a Cecília Andrade tivemos que fazer uma organização no escritório e eu descobri as fitas em Super 8 do Centenário. Estavam jogadas. Peguei as fitas, levei em Barbacena, um rapaz na época, copiou as fitas para vídeo porque não tinha CD. Eu trouxe as fitas e depois quando eu consegui um gravador de DVD, passei as fitas para DVD. É tanto que nós só temos 23 minutos de áudio e vídeo do centenário por que as fitas ficaram muito tempo abandonadas e várias pastas estragaram. Consegui recuperar só um trecho. Mas é um arquivo importante desta época que teve desfile, procissão, missa, uma festa de três dias. Quase todos os setores eu atuei, mas a minha responsabilidade maior, na época, era a exposição histórica. Acho q tem um vídeo no *Facebook* com um pedacinho. E aqui a gente tem dificuldade por que a internet nossa é de no máximo 1 Mega. Se a gente tivesse uma internet melhor poderia editar o vídeo todo. Aí eu retirei, de vez em quando, algumas partes. Eu fiquei com esses arquivos e conseguindo outros. Eu pergunto às pessoas e sou até um pouco enxerido. Eu pergunto: Não tem nada guardado aí para me emprestar não? E consigo. Várias fotos. E eu sou apaixonado por história, sabe? Esta semana mesmo eu consegui um documento que era considerado um passaporte, mas não era bem um passaporte. É um documento de um italiano que morou aqui em Bias Fortes e quando ele veio, trouxe esse documento para guiar a chegada dele. Não sei se você ouviu falar no Marinho Volpini. É da família dos Volpini. Eu fiquei muito grato ao Marco Antônio pela colaboração que ele me deu e me dá. Nós criamos o grupo assim, grupo fechado, para controlar, manter certa linha, para não desviar do foco que a gente pretendeu criar.

**ANDRÉIA:** A página teria outro objetivo?

**JOSÉ AIRTON:** Não. É esse mesmo. Resgatar a memória da cidade.

**ANDRÉIA:** Quando vocês criaram a página, você já sabia mais ou menos o que você pretendia postar, veicular, compartilhar nela. Você já tinha alguma coisa guardada e que já

iria para ela. Separada, no caso, seja vídeos seja fotos ou arquivos de texto. Mas você ou vocês chegaram a fazer algum levantamento do que seriam as primeiras postagens?

**JOSÉ AIRTON:** Não fizemos. Resolvi criar a página e eu já tinha os arquivos. No princípio, o Marco Antônio sugeriu até que a gente criasse álbuns específicos. Tem alguns lá. Mas depois eu deixei os álbuns específicos mais de lado, por que tinha os acontecimentos atuais que necessitava de jogar muitos arquivos para mostrar. Aí eu criei só um álbum, que de dois em dois anos, eu editava. Esse ano agora eu ainda não editei. É o grandes eventos em dois anos. Ali eu jogava tudo, por que tinha evento que tinha muita foto e eu jogava tudo naquele álbum.

**ANDRÉIA:** No caso dos vídeos, eu vejo que hoje em dia você está cobrindo tudo o que acontece na cidade. Mas, observamos que você tem muita coisa antiga. Você tem muitos vídeos antigos. Quando você começou a postar a parte dos vídeos mais antigos, você já tinha isso separado em casa? Você já tinha muita coisa separada em casa?

**JOSÉ AIRTON:** Não, eu ia separando, ia pensando hoje eu vou montar esse vídeo. Ia lá nos arquivos do vídeo. Instalei um programinha que me dá mais facilidade para editar, por que o que eu tinha no sistema do computador andou me dando problemas. Às vezes eu editava um vídeo e ia ver estava faltando alguma coisa.

**ANDRÉIA:** Você edita em qual programa?

**JOSÉ AIRTON:** É um programa que eu descobri, vídeo editor. O *pinacle* é meio enjoado. Eu até comprei o equipamento original e instalei no computador, mas não funcionou bem conforme eu precisava. Aí um dia eu resolvi fazer uma pesquisa na internet e descobri esse vídeo editor. Ele é ótimo. Tem muita facilidade, você pode jogar texto, jogar animação, foto em cima do vídeo e fazer montagem. Ele é mais prático.

**ANDRÉIA:** Então você falou comigo que não teve um levantamento do que seriam as primeiras postagens. Você escolhia lá e ia postando. Mas o critério de escolha era sempre o fato de ser algo que tratasse da memória da cidade, da história, de um momento da cidade.

**JOSÉ AIRTON:** É isso. Mas isso não significou nem significa que só eu possa postar, entendeu? Os amigos da página que tiverem alguma coisa relacionada a Bias Fortes podem postar também. Só não aceitamos justamente isso, coisas que não têm nada relacionado a Bias Fortes.

**ANDRÉIA:** Então não houve uma seleção durante algum tempo antes da criação da página. Você já começou postando diretamente. Como é feita a escolha do que é postado atualmente, agora que o grupo já tem tanto tempo? Hoje você faz alguma escolha, há algum critério de escolha do que postar? Você tem uma rotina de postagem? Como funciona sua rotina de

postagens? Quantas postagens por dia, se é semanal, mensal ou só quando tem alguma coisa e se não tem não posta. Como está funcionando isso? Existe hoje esta escolha do que é postado?

**JOSÉ AIRTON:** Não. Não tem como existir uma escolha. Porque é o acontecimento do momento, do dia, da hora.

**ANDRÉIA:** E as coisas antigas que você tem já estão todas na página?

JA: Não, tem muita coisa que ainda não está.

**ANDRÉIA:** Tem coisa guardada para você colocar ainda?

**JOSÉ AIRTON:** Tem. Eu vou colocando dependendo da audiência. Eu coloco, por exemplo, uma foto antiga. Aquela foto deu uma certa repercussão, eu procuro outras idênticas. E ultimamente, eu tenho feito o seguinte, eu ando com o celular de vez em quando – não é toda hora que eu saio com o celular - e fotografo uma rua, um local e trago. E quando eu me lembro que tenho uma foto antiga idêntica, eu pego as duas e coloco o antes e o atual. O passado e o presente. Eu tentei copiar, não com uma tecnologia boa, mas eu copiei algumas fotos – me deu um certo trabalho – do monólogos. Tem algumas fotos antigas que eu copiei do monólogo.

**ANDRÉIA:** Como você copiou?

**JOSÉ AIRTON:** Sabe como que eu fiz? O Edmundo Sales um dia me disse que tinha copiado uma foto de um monólogo. Ele disse que fotografou com a própria lente da máquina. Ele me explicou, eu tentei fazer e deu certo. Sai uma sombra clara em volta, mas aí eu levei no computador e recortei. Fiquei com a imagem central da foto. Deu certo e de vez em quando eu copiava.

**ANDRÉIA:** A rotina de postagem que eu estou te perguntando é quantas vezes ao dia. Você trabalha com essa ideia de rotina de postagem? Tem que postar fotos tantas vezes por dia, vídeos tantas vezes ao dia? Ou um vídeo por semana. Gostaria de saber sobre a seleção dos temas que geralmente entram e em relação ao conteúdo dos vídeos compartilhados. Você tem uma rotina de postagem no caso dos vídeos?

**JOSÉ AIRTON:** Não. Eu vou te contar um fato. Foi no carnaval. Eu vou lá, faço a filmagem ou fotografo e costumo vir em casa passar alguma coisa para o computador. Antes de terminar já tem notícias do carnaval. Eu achei interessante que uma pessoa – não me lembro quem mais que me contou – que o pessoal estava no carnaval, os foliões, com celular e internet, vendo o *Facebook*. E um falou assim: Uai, mas não é possível que nós já estejamos aqui no face! Ele estava aqui agora mesmo!

Nas festas religiosas eu também faço, por exemplo, corpus Christi. Nos anos anteriores, eles começavam a arrumar os tapetes nas ruas, eu ia lá fotografava, vinha e jogava no *Facebook*. Antes da missa terminar eu vinha aqui e já colocava as fotos da procissão, do início da missa para ficar atualizado. Então não tem um roteiro definido.

**ANDRÉIA:** Em relação ao que você tem de coisas antigas, você pretende ainda montar um roteiro. No caso dos vídeos, por exemplo, você faz na hora, é temporal, você posta porque é mais fácil. Coloca na hora ou dá uma editada rápida. É muito mais prático. Estou pensando nas coisas que você tem antigas. Eu vi vídeos na página de 1970. Esse material antigo, você tem muita coisa em arquivo, VHS ou Super 8 como você falou? Você tem muita coisa antiga?

**JOSÉ AIRTON:** Tenho bastante coisa. VHS tem alguns, mas eu já passei alguns para CD. Tem muita coisa que ainda não postei por causa da limitação da internet daqui. Se a gente tivesse internet com 25 megas seria mais fácil editar um vídeo. Por exemplo, no princípio, quando a minha internet era a metade, eu demorava às vezes quase cinco horas para jogar um vídeo de dois, três minutos no face. O máximo que eles disponibilizam para a gente aqui é um mega.

**ANDRÉIA:** Qual é a sua ligação com a questão da memória? Por que trabalhar com a criação de um espaço que busca resgatar a memória de Bias Fortes? Quando começou? Desde quando você tem esse gosto pela memória?

**JOSÉ AIRTON:** A ligação é conforme eu te falei mais no início. Desde a época do centenário veio a ligação mais forte com a memória porque eu coordenei a exposição histórica. Daí surgiu esta ligação.

**ANDRÉIA:** Eu me lembro que quando eu era criança você já mexia com fotografia. Na verdade essa vontade de registrar as coisas já vem de bastante tempo.

**JOSÉ AIRTON:** Já. Na verdade, eu com meu pai, fazíamos fotos 3X4 para documentos, retrato para carteirinha do Fundo Rural, para título de eleitor, para carteira profissional. Tudo a gente fotografava aqui e levava em Barbacena no foto canário para revelar e imprimir. A fotografia colorida, eu cismeí uma época de comprar uma câmera. As primeiras fotos que nós fizemos foi de um passeio nas ruínas da antiga construção da usina de Bias Fortes. A foto até aconteceu uma coisa muito interessante. A gente não tinha experiência e aí um rapaz levou um filme e falou pra gente tirar umas fotos. Fiz as fotos e mandei para revelar, achando que era preto e branco e o filme era colorido. O moço do foto devolveu porque lá em Barbacena eles não faziam. Isso na década de 70. Mandava para São Paulo, na época, no laboratório, e demorava 15 a 20 dias para chegarem as fotos. Hoje é tudo muito mais fácil.

**ANDRÉIA:** É fácil e não é, porque mesmo com tanta tecnologia você enfrenta um problema, que é a internet baixa que acaba te atrapalhando.

**JOSÉ AIRTON:** Eu tenho essas câmeras todas guardadas. Tenho a antiga que a gente tirava as fotos preto e branco para retratinho. Eu guardo tudo.

**ANDRÉIA:** E vídeo? Agora você tem feito cobertura de vídeo. Você já filmava antigamente ou começou agora?

**JOSÉ AIRTON:** Não, é só agora. A partir dessa época em que eu comprei esta câmera. Eu comprei uma Sony primeiro – é muito boa -, mas ela tem uma pequena desvantagem. É preciso ficar muito fixo – firme - com ela. A primeira Sony que eu comprei. Aí eu comprei essa segunda agora que é mais moderna, e mesmo em movimento, ela não dá tremidos na imagem. Trabalhar com tripé no meio do público é complicado. Às vezes um passa na frente da câmera e eu já fico de olho, pois quando vejo que vai passar eu levanto a câmera um pouco para não atrapalhar a imagem. E às vezes a gente tem que enfiar no meio do povo para poder pegar uma cena que a gente quer.

**ANDRÉIA:** E como que as pessoas lidam com isso aqui em Bias Fortes? Quando você sai pra rua para um evento, por exemplo, e começa a filmar e fotografar, o pessoal lida de boa com isso?

**JOSÉ AIRTON:** Lida sim. Sempre tem um que não agrada muito, mais aí ela sai fora. Eu costumo até falar – Não se preocupe não que eu tiro você da foto. Mas são poucos. E outra coisa também, esta câmera que eu tenho agora não me obriga a ficar muito próximo das pessoas, pois ela tem um zoom ótimo, 60X. Aí eu posso ficar mais distante, a pessoa não fica preocupada com a câmera próxima dela e a gente filma a pessoa normalmente.

**ANDRÉIA:** Como que você avalia o envolvimento do público seguidor com a página? O *Facebook* oferece para a gente várias formas de vermos como que nossa página está atingindo o público. Você já chegou a olhar essas coisas?

**JOSÉ AIRTON:** Assim diretamente não.

**ANDRÉIA:** O *Facebook*, no caso das páginas, ele cria gráficos. Você já chegou a ver isso?

**JA:** Não, não cheguei a ver não. Por que no princípio, o *Facebook* oferecia pra gente isso que você está falando, na própria postagem. De repente aquilo sumiu. Eu achava tão interessante de ver a audiência da página. Mas as visualizações eu vejo. Eu acho que tem uma boa recepção por que eu tive uma surpresa aqui em casa, de uma pessoa daqui de Bias Fortes que mora em Santos Dumont. Eu estava aqui, bateram à porta, eu fui atender. Eu vim aqui te conhecer, porque eu admiro muito, curto muito, gosto demais da sua página Bias Fortes em Fatos e Fotos e eu queria te conhecer pessoalmente.

**ANDRÉIA:** Isso é uma das provas de que a página tem um bom alcance. E nos comentários, nas curtidas e compartilhamentos que você repara. Uma curiosidade. A página, a gente recebe mensagens por ela também. Você costuma receber mensagens na página?

**JOSÉ AIRTON:** Algumas.

**ANDRÉIA:** E o pessoal comenta sobre a página, sobre a função dela, importância? Falam que gostam dela?

**JOSÉ AIRTON:** Comentam que gostam, inclusive, esses dias até recebi. Voltando ao assunto do moço de Santos Dumont, ele chama Edson Santana. Ele é daqui de Bias Fortes. Eu recebi sobre esse vídeo – esse último que eu postei da formatura da Ângela Barra – na mesma hora a Dona Marília mandou uma mensagem para mim. A Dona Marília não é daqui, mas morou muitos anos aqui e é ligada aqui. Os filhos dela nasceram quase todos por aqui, ela falou nossa! Me pediu para mandar para ela o vídeo pelo *Whatsapp*, para a filha dela ver porque a filha estava no vídeo. Esses pequenos eu consigo mandar. Com menos de três minutos dá.

**ANDRÉIA:** Você acredita que os seguidores identificam a página como um espaço que retrata e resgata a memória da cidade?

**JOSÉ AIRTON:** Acho que uns 90% ou mais identificam.

**ANDRÉIA:** Você tem vontade de fazer essa análise que o face permite para ver o alcance da página?

**JOSÉ AIRTON:** Tenho sim.

**ANDRÉIA:** Então você acredita que elas identificam. Esta pergunta se justifica pela observação feita por você – vocês no caso – sobre o envolvimento do público com a página e o que é postado. Então você acredita que as pessoas se identificam com ela como um lugar que retrata e resgata a memória da cidade. Você acredita nisso com base no envolvimento delas nos comentários, curtidas ou o fato deles compartilharem. Por que pelos comentários você observa isso.

**JOSÉ AIRTON:** Observo. O pessoal se envolve. Nossas festas de quadrilha, numa delas eu estava lá em cima filmando, uma dona bateu no meu ombro e disse assim: “Olha, faz uma foto do meu garoto ali para mim, por favor, por que eu curto muito a sua página. Eu moro lá em São Paulo e curto muito a sua página”. - Por que o marido dela é daqui. É desses Ribeiro, dos Ditim. – “E eu acompanho muito o senhor lá em São Paulo”.

É mais uma informação que garante que a página tem algum objetivo para alguém.

**ANDRÉIA:** Qual a importância para você, pessoalmente, de se trabalhar questões relacionadas à memória?

**JOSÉ AIRTON:** Por que infelizmente, o brasileiro está muito ruim de memória. Esquece muito as coisas. O que acontece agora para eles, daqui meia hora já não vale mais nada. Eu acho que trabalhar com memória é uma forma de valorização da gente como ser humano.

**ANDRÉIA:** Você acha que as pessoas estão preocupadas com a memória hoje em dia?

**JOSÉ AIRTON:** Acho que a maioria não está preocupada não. A maioria tá sempre em mutação.

**ANDRÉIA:** E para as pessoas que ainda trabalham questões de memória, o que você sugere que elas façam? Pra quem tem interesse ainda em trabalhar com memória, resgatar alguma coisa, seja um espaço, como é o caso do Cardeal Mota, seja criar uma página, seja escrever uma dissertação como a minha que fala de memória? Guardar fotografias, vídeos. O que você sugere que essas pessoas façam para que essa memória não se perca?

**JOSÉ AIRTON:** Continuar e nunca desistir do objetivo. E não querer um público, a grande massa em torno da pessoa. Se você tiver seis pessoas trabalhando só com você ou te ouvindo, não desanimar.

**ANDRÉIA:** Qual o perfil dos seguidores que mais interagem na página? São biasfortenses presentes ou ausentes? Quem mais interage, curte ou comenta? É quem ainda está aqui ou são os ausentes, assim como eu?

**JOSÉ AIRTON:** Eu acho que tem um certo equilíbrio. Os que estão fora demonstram muito interesse. Agora, os presentes também curtem muito, principalmente quando é um tema do passado. E tem aqueles conforme eu te citei – esses dois – a dona Marília. Ela não é daqui, ela veio pra cá em 58 ou 60, mais ou menos nessa época. Ela viveu aqui muitos anos, criou raízes e adora esta terra. É uma pessoa que pode ser considerada uma biasfortense nata. Tinha aqui as professoras, a dona Ari, dona Castorina, a Maria do Rosário, nenhuma é de Bias Fortes. A equipe de professoras antigas daqui, tinha muitas que eram de fora e amavam esta terra. Eu estava lembrando sobre a pesquisa. Eu acho que você poderia incluir também os não biasfortenses. Por que você pode ver na página que eles têm muito interesse por Bias Fortes. É uma questão de afeto. Por que tem um que eu não estou conseguindo me lembrar o primeiro nome dele, mas o sobrenome é Cury. Ele entrou esses dias mesmo, mas é filho de gente daqui de Bias Fortes. É lá de Santos Dumont também. É um tal de Barra Cury, esqueci como é o nome dele agora. Ele não é, mas o pai e a mãe eram daqui.

**ANDRÉIA:** Eu queria te perguntar sobre o Hino de Bias Fortes feito pelo seu irmão. O que você sabe me dizer sobre isso?

**JOSÉ AIRTON:** Qualquer cerimônia cívica que tenha aqui, o hino é cantado. Cantam o Hino Nacional e o de Bias Fortes. A letra foi feita pelo meu irmão e a melodia por um

maestro, na época, da banda do Segundo Batalhão de Polícia Militar de Juiz de Fora, Francisco Leitão. Até, se você tiver a oportunidade, eu ficaria muito feliz se você conseguisse resgatar alguma coisa sobre ele, por que ele fez isso de graça. Fez com a maior boa vontade para nós e nós perdemos o contato com ele. Ele já faleceu, mas não sei como que a gente poderia ... Foi em 82 que ele fez isso. Eu gostaria de saber sobre a vida dele, pelo menos ter um endereço da família, uma relação com eles, porque nós não temos. Nós não pudemos prestar nenhuma homenagem para ele por que não temos nada sobre ele. Ele esteve aqui em uma festa da Padroeira que nós não tínhamos banda e ele trazia banda de Barbacena, de Juiz de Fora. Nessa época ele veio aqui com a banda de Juiz de Fora. A Zizinha, do senhor Dão – você conheceu ela- tinha muita ligação com os militares por que ela era secretária da Junta Militar. Ela se dispôs a conseguir o maestro para fazer a melodia do Hino. Eu e ela conversamos com ele lá na Igreja. Ele se dispôs. Nós mandamos o material para ele, ele fez a melodia, mandou as partituras, cópias, tudo arrumadinho. Eu tenho o arquivo todinho guardado. Quando foi... – acho que 2004 – que o Sávio candidatou a Prefeito, o Geraldo do Ditinho teve aqui em casa, fazendo a campanha, e me contou que a Elisângela ia gravar um CD Gospel. Aí eu falei com ele se ele não poderia ver se ela arrumava uma faixa do CD para colocarmos o hino de Bias Fortes. Na mesma hora ele entrou em contato com ela. Ela retirou uma música dela e colocou o hino.

Até o ano passado tinha a hora cívica nas escolas. Agora eu não sei porque não tenho ido lá. Tem uma versão orquestrada e um vídeo com a voz da Elisângela. O Geraldo se dispôs e ela gravou. E ele foi cantado no dia da posse – a primeira vez – até em *play back* por que a gravação ainda não estava pronta no CD. Ela trouxe, cantou na posse do Sávio, na Câmara. E gravou o CD. Nós até compramos bastante CD dela para ajudar e agradecer também. Por que foi a única que se dispôs a fazer este trabalho para nós. O padre Sérgio, nós tínhamos ido lá no Batalhão, em 82, e feito uma gravação com a banda do Batalhão de Barbacena. Mas naquela época era aqueles gravadores de rolo, e a gravação do Padre Sérgio foi perdendo a qualidade. Eu consegui resgatar um pedacinho, numa fita cassete. Eu tenho uma gravação dele com a banda do Batalhão, mas ficou muito baixinha, muito ruim, porque na época, as condições não eram boas. A tecnologia não era essa. A oficial mesmo era essa que a Elisângela gravou. Tem um vídeo de fotos com essa música, na página.

**ANDRÉIA:** Você sabe, mais ou menos, quanto de material em vídeo cassete antigo sobre Bias Fortes?

**JOSÉ AIRTON:** Ah, não sei. Nem imagino. Vou te falar igual o Padre Sérgio me respondeu. Padre Sérgio quando estava par ir embora, me pediu para fazer uma relação do que

ele tinha de som. Passei dias lá na casa Paroquial, anotando. No dia que eu entreguei para ele, ele disse: Mas eu tenho isso tudo de CD? Tinha mais de dois mil CDs. O equipamento de som dele tinha 35 peças. E ele não sabia.

**ANDRÉIA:** E você, pela quantidade de coisa que tem, você acha que ainda dá para compartilhar tudo isso em rede? Você pensa em divulgar o máximo que puder de coisa antiga?

**JOSÉ AIRTON:** Em VHS muita coisa eu já passei através da conversão para DVD. É um aparelho que eu lutei toda vida com ele. Eu mandei para uma oficina autorizada da Philips em Juiz de Fora, o rapaz falou que era para eu jogar fora porque não tinha mais recurso. Aí eu comuniquei com a Philips em São Paulo. A Philips mandou eu retornar na oficina, entregar ao rapaz o aparelho que nós vamos entrar em contato com eles. Mandou ele arrumadinho. Aí mandou falar que não tinha garantia não. Eu falei que não me importava, só queria que ele funcionasse. Tá aí até hoje, tem uns 3 ou 4 anos. O da fita VHS é esse preto. Ele funciona também. É um Philips de 7 cabeças. E aquele de cima, eu copio a fita para DVD. Esse de baixo é um som de vinil, cassete comum, CD e grava o áudio do vinil para o CD. E quando eu não tinha esses equipamentos eu costumava copiar através do microfone do toca-fitas. Lembra dos toca-fitas antigos, aqueles pequenininhos? Eu tenho um também. Ele fala baixinho, mas funciona. É da BASF, nem existe mais a fábrica. A minha primeira câmera é da Olympus, E essa última que eu comprei, da Sony, ela me oferece a vantagem de filmar e fotografar ao mesmo tempo. Ela tem esse recurso, você fotografa uma cena daquilo que está filmando. A minha antiga da Olympus é importada, japonesa. Na época, 1970, era tudo importado. A gente tinha facilidade de comprar e barato. Eu comprei essa câmera e ela tem uma vantagem. Um filme, na época de 35 poses, você tirava 70 fotos. Ela dobrava o filme. Dentro dela tinha um dispositivo que partia o filme e escondia a metade dele.

#### APÊNDICE C – ENTREVISTA MARCO ANTONIO DA SILVA

**ANDRÉIA:** Vamos começar com você se apresentando. Seu nome completo, data de nascimento, profissão...

**MARCO ANTONIO:** Me chamo Marco Antonio da Silva, tenho 46 anos, nasci em Juiz de Fora, mas me criei e me fiz gente em Lima Duarte. Sou técnico em restauração de bens móveis.

**ANDRÉIA:** Como, quando e por que motivo vocês decidiram criar a página Bias Fortes em Fatos e Fotos?

**MARCO ANTONIO:** Bias Fortes já tinha o grupo chamado Biasfortenses que fazia todos os tipos de colhimento de postagens de pessoas que moravam, que procediam de Bias Fortes ou tinham ligação com pessoas de lá. Esse Biasfortenses tinha um foco mais ligado à história, a fatos acontecidos há mais tempo e foi quem começou essa coisa de ter na internet – no meio cibernético - um espaço para coisas da cidade. Desse grupo, do qual eu e o José Airton fazíamos parte, - eu até entrei em contato com o José Airton por meio desse grupo - vendo umas postagens dele eu o reconheci e me lembrei do tempo em que eu ia a Bias Fortes e daí começamos contato por meio disso, e, com o passar do tempo foi crescendo nele uma vontade, um desejo de ter um grupo com outro foco – mais aberto aos fatos que acontecem – e também como uma alternativa ao outro grupo. De forma que as pessoas que não se enquadrassem no outro grupo pudessem participar desse. Foi assim que ele formou, fundou, abriu o grupo Bias Fortes em Fatos e Fotos. E me convidou para ajudá-lo na administração e a formalizar algumas coisas.

**ANDRÉIA:** Como foi feita a escolha do nome dado à página? O que você sabe sobre isso?

**MARCO ANTONIO:** Bem, o nome retrata bem a cara do grupo. O nome foi pensado com base no próprio uso e em um meio que levasse as pessoas a terem mais participação, por meio de fotos, passado e presente, e, nessas fotos já estão reproduzindo os fatos. Então seria uma forma de trazer uma visão para a cidade tanto dos fatos por meio das fotos, quanto as fotos retratando os fatos. Então é um jogo de palavras, fatos/foto, fotos/fatos.

**ANDRÉIA:** Mas acaba que o grupo também acaba veiculando os vídeos, que são meu objeto de pesquisa, vai além das fotos.

**MARCO ANTONIO:** Os vídeos entram nos fatos, né! Na realidade o vídeo é uma sequência de fatos e fotos. A forma como a gente vê é uma sequência de filmagens, de poses, de enquadramentos, e fica estampado antes de você clicar, uma foto que anuncia o vídeo. É interessante a ideia do vídeo por que ele acrescenta o som tanto do ambiente quanto das pessoas, a voz, é interessante, imitando a maneira como as pessoas falam; e enriquece muito a página. É o que eu penso, principalmente no sentido de registrar para o futuro, por que a gente lembra da pessoa, mas não recorda da voz dela. Fica muito essa memória auditiva e é interessante nesse ponto. E nas filmagens você acaba abrindo leque da imagem, por que é como se você fotografasse, ao mesmo tempo, várias poses e isso enriquece bastante o grupo.

**ANDRÉIA:** Quais são os objetivos da página?

**MARCO ANTONIO:** A página é voltada para as pessoas que moram na cidade e que têm a oportunidade de compartilhar a sua história, os seus fatos, fotos e filmagens e também para aquelas que são da cidade, nasceram nela, têm parentes ou que tem interesse na cidade.

Pessoas então, que a partir dessas postagens têm acesso ao que é a cidade, ao que está acontecendo nela e aos atores da cena lá de dentro de Bias Fortes.

**ANDRÉIA:** Você sabe dizer se foi feito um levantamento do que seriam as primeiras postagens? Houve uma seleção prévia antes da criação da página?

**MARCO ANTONIO:** No início, o José Airton, até por uma questão de estar iniciando o exercício de mexer com a internet, os primeiros contatos com a internet, ele tinha algumas dificuldades. Então de início, ficou muito em fotos e documentos que eram mais fáceis de reproduzir. As fotos você escaneia, coloca um texto introdutivo e pronto. Depois, ele foi aperfeiçoando. Ele começou a dominar a técnica de criar pequenos vídeos e de introduzir imagens numa sequência. Enfim, de início as postagens eram parte desse acervo que o José Airton reúne já há bem tempo. Ele sempre teve essa inquietação com imagens, fotos antigas, documentos antigos, e, as pessoas também naturalmente enviam para ele documentos para guardar. Muitos vão jogar fora e dão para ele guardar. Ele tinha um acervo muito grande de imagens e arquivos. Isso permitiu que ele iniciasse a página pela parte mais fácil e que ele também tinha mais domínio, na época.

**ANDRÉIA:** Como é feita a escolha do que é postado atualmente? Pelo que vi em nossa conversa anterior, você não mexe muito com essa parte de postar na página. Na verdade quem trabalha mais com isso é o José Airton.

**MARCO ANTONIO:** Como eu não resido em Bias Fortes, sou de Lima Duarte, que é uma cidade próxima, e atualmente, estou bem distante em Ouro Preto e Capitólio, então eu não tenho contato com o dia a dia da cidade especificamente. Eu auxilio em outras coisas, como a questão de adicionar pessoas, a comentar alguma coisa, a tirar dúvidas sobre alguma coisa quando ele tem, por contato *inbox*. A gente troca ideias. Enfim, sou mais um colaborador dele e fui bem mais útil no início. Hoje, talvez, um pouco menos. Outro dia até entrei na página, depois de um tempo, mas procuro estar sempre presente por que me interessa muito a compreensão e o entendimento do que ocorre na região. Por que as cidades são muito próximas e fica tudo entrelaçado.

**ANDRÉIA:** Você acha que existe uma rotina de postagens e seleção de temas em relação ao conteúdo de vídeos que o grupo compartilha?

**MARCO ANTONIO:** Eu penso que os vídeos normalmente são os fatos que já aconteceram e também de fatos recentes. Esses vídeos acabam tendo uma boa acolhida porque os que estão de fora ficam vendo o que está acontecendo na cidade. Como que a cidade está vivendo o seu hoje. Por outro lado também, quando são vídeos que trazem um pouco de memória acaba também atraindo a atenção das pessoas novas que assistem ao vídeo para verem as coisas

novas que estão acontecendo, atuais. Recentemente teve o 7 de Setembro, então, normalmente, as crianças, os alunos, os adolescentes e também os professores querem ver como foi, como foram as fotos. E nessa brincadeira, eles acabam... Como a internet seleciona por curtida ou comentário, geralmente quem comenta eleva, dá um *up* no *post*. O post sobe e fica na frente dos outros e isso acaba gerando uma identificação muito grande tanto um lado quanto outro, tanto quem tá fora quanto quem tá vendo tudo que é postado. Mas eu percebo que o público maior mesmo é o público da cidade, pessoas que estão na cidade. Os que estão de fora, a questão da memória agrada mais a eles para lembrar as fases da infância e do passado, e enfim, por ser uma época em que eles eram contemporâneos, eles podem comentar melhor. Os de fora não têm muito como comentar os fatos que aconteceram agora por que não sabem quem são os atores das cenas nos dias de hoje. Quando você coloca um fato passado, você remete ao tempo em que ele conheceu. Então ele consegue comentar, acrescentar os detalhes e também criticar alguma coisa.

**ANDRÉIA:** Qual a sua ligação com a questão da memória?

**MARCO ANTONIO:** Meu interesse pela questão da memória é desde criança. Desde criança que eu levanto memória de família, de conversa com os mais velhos, eu fui criado no meio de pessoas mais velhas. Eu percebi desde cedo que o passado é muito importante. Eu sempre quis me entender, me compreender, compreender o mundo à minha volta e as coisas. E, não bastam livros. Livros não respondem as nossas inquietações pessoais. Chega um momento em que você tem que ir em busca das suas raízes. E para você encontrar suas raízes você precisa ir atrás da memória. E a primeira memória que a gente tem são dos nossos pais. E depois a gente vai para os avós e para os vizinhos. Tudo isso vai trazendo informações. O primeiro livro que eu li de gente adulta era um livro de história do meu município. Foi o primeiro livro que eu me interessei. Foi muito bom por que eu pude entender como foi a formação da minha cidade e é um livro muito importante, e ainda é a obra de referência sobre o município de Lima Duarte. Eu cresci numa época de muitas transformações na cidade, muita queima e perda de documentos. Os anos 80 foi um período em que a cidade perdeu muito suas características, houve renovação de praças, dos espaços físicos. Enfim, isso tudo vai criando uma linha de pensamento e eu acabei pegando mais para essa linha. Ao me tornar adulto eu pude trabalhar na igreja católica, e na paróquia eu tive contato com livros do século XVIII, XIV, pude ler e buscar informações, compreender como a cidade era, compreender coisas que o livro não falava, fui levantando mais informação. A questão da memória é para se entender como pessoa. Eu só consegui me entender como pessoa a partir da experiência daqueles que me antecederam. Isso que nós temos de certo e é o que eu posso afirmar. O que eu vivi, eu

vivi. O que eu vivi foi, o que eu estou vivendo é presente e o que eu acabo de falar é passado. O futuro não existe, é invenção da cabeça da gente! Mas, enfim, o que existe na vida da gente é o passado. Você viveu, sofreu, lembrou, sentiu. Isso é tangível, é memória. A memória é isso. É cheiro, é sabor, é som, é tato e muito mais.

**ANDRÉIA:** A escolha da sua profissão tem a ver com o fato de você gostar de memória?

**MARCO ANTONIO:** Sim. Como eu sempre manifestei com as pessoas sobre memória, eu acabei sendo depositário de muitas coisas. As pessoas me falavam – Na minha casa tem um tinteiro que não usa mais. Você gosta de coisa velha, então pode levar. Fui ver no tinteiro algo que ninguém tinha visto ainda, estava escrito que ele era de 1924. Vinha também documentos. Quando eu trabalhava, por exemplo, na instituição religiosa, eles tinham o hábito de jogar documentos fora ou queimar. Eu guardava e não jogava fora, pois minha consciência doía. Em casa era eu quem guardava os papéis velhos, os documentos do meu avô que faleceu. Tudo isso está comigo lá em casa. Os meus pais quando tinham alguma coisa que não queriam que meus irmãos dilapidassem, eles entregavam para eu guardar, por que sabiam que meus irmãos iriam jogar fora. Queira ou não queira, você vai se tornando depositário de uma série de coisa e também de uma responsabilidade social. Não é pessoal, eu não quero ter isso para mim. Eu gosto de guardar e guardo as coisas por que sei que elas têm importância para a coletividade. Elas vão ser úteis para entender o tempo que está acontecendo agora.

E aí eu fui criando vários projetos, que eu tive que interromper, porque a vida não é sonho e sim realidade, tendo que trabalhar eu tive que interromper sonhos. Tive vontade de pesquisar a história do município e completar as lacunas que tem no livro. No lançamento da segunda edição desta obra eu pude conhecer o autor e ele comentou que sabia que eu era uma das pessoas que mais conhecia o livro dele. Ele disse que eu era a única pessoa que ele, como autor, habilitava a continuar completando as lacunas que tinha. Tem outro projeto sobre a memória ferroviária. Desenvolvemos um projeto para tomba uma estação ferroviária em Lima Duarte e conseguimos que ela fosse tombada. Agora a luta é para reconstruir por que ela foi uma estação importante da cidade e o local está vago e abandonado. A questão das ruas. Tenho o projeto de criar um livreto com os nomes das ruas, explicando quem são as pessoas que dão nome às ruas. Tem outro projeto mais pessoal porque eu trabalhei com argila e gesso, que é a tentativa de reproduzir uma maquete de Lima Duarte no início do século XX para as pessoas compreenderem como era a linha do trem, passando no centro, a igreja. Enfim, projetos eu tenho muitos e como eu vou viver até os 110 anos, vai dar tempo de fazer.

Quando eu trabalhava na paróquia, por exemplo, eu deixei muitas coisas passadas. Tinha uma galeria de padres que ficava na matriz, antes da reforma. Durante a reforma destruíram a

galeria e sobraram só quatro retratos. Eu copiei os traços dos quadros em um papel, tudo feito a carvão e guardei. No outro dia eu fiquei sabendo que tudo havia sido queimado. Atualmente, eu sou a única pessoa que tem os traços dos quatro padres de Lima Duarte. Qual a ideia? Montar uma galeria sobre memória da Paróquia. Nessa brincadeira toda, eu tinha que restaurar imagem, às vezes quebrava um dedo. Aí ia lá pesquisar e pude trabalhar com imagem. Mas o que me inquietou foi papel, justamente por ser um dos suportes mais frágeis. Eu tenho muito papel antigo em casa. Papel de 1860, já com deterioração, que eu procuro sempre limpar e manter em local equilibrado climaticamente. Foi isso que me trouxe para o restauro. Hoje eu já domino a técnica mínima para estabilizar papel e livro. O interessante é que meu pai foi vereador durante dez anos em Lima Duarte, e, na primeira edição do livro sobre a história da cidade, o livro foi oferecido aos vereadores. Ele era na escala social o mais analfabeto e foi o único que comprou o livro. E foi esse, o primeiro livro que eu li, que aliás, é guardado como uma relíquia. É de 1962, um papel até de qualidade inferior porque era difícil imprimir livro naquela época. Tudo isso me trouxe para o restauro. Mas eu também já trabalhei no Conselho de Patrimônio, fazendo relatório de história, escrevendo para o jornal que havia na Paróquia – que nós fundamos – escrevendo artigos sobre a história da Paróquia. Parei em 1980. Fui convidado para escrever artigos para jornal. Aqui, por exemplo, em Capitólio onde estou, eu já sei um pouco da história, quem fundou e quando. E o restauro de peças é isso, buscar informações a respeito, e, para isso é a memória. Eu não consigo escapar disso mais não. Acho que vou morrer disso.

**ANDRÉIA:** Porque que você acha importante trabalhar com a criação de um espaço que busca resgatar a memória de uma cidade?

**MARCO ANTONIO:** A primeira questão é que as pequenas cidades não são alvo de estudo dos grandes historiadores ou dos historiadores em geral. Ninguém quer estudar história de cidade pequena. Isso não dá status para ninguém. Muitas vezes, as pessoas que seriam habilitadas a pesquisarem, a estudarem, não se interessam. Isso faz parte de um modo de pensar que a própria academia passa para as pessoas. Desinteresse pelas coisas regionais e locais. Há muito interesse por aquilo que é global. Isso é ideológico. Na maioria das vezes, cidade do porte de Bias Fortes, que tem lá talvez seus 5 mil habitantes, ou Lima Duarte que tem 14 mil, não despertam interesse dos historiadores. Elas não têm nenhum acontecimento, não são palco de nada, né? Outra coisa é que os grupos de história, às vezes, não privilegiam essas coisas que a maioria das pessoas privilegiam quando fazem história. Muitas pessoas querem saber de onde veio, pra onde vai, quem foram meu avós, o que se comia e se fazia. Isso não é interessante para esses historiadores. Então, na maioria das vezes, quem faz livro

sobre as cidades, nem tem faculdade de história. É um contador de causos, tanto que ele não é aceito como historiador memorialista. Inventam várias formas de segregar. Há essa lacuna. É possível que uns 100 ou 150 municípios de Minas Gerais tenham um livro de história sobre eles. Os que não têm, a história fica na base do disse me disse. Você só acha lendas e lendas. Se bem que as lendas são importantes, por que, às vezes, elas são a única coisa que a memória oral guardou do fato. Então a primeira coisa é essa.

A internet hoje é o meio mais rápido de se fazer isso, e o mais popular também. Se você for escrever um livro, talvez as pessoas não leiam. E o livro é uma coisa escrita por uma mão só. A internet não. Em um grupo, por exemplo, várias pessoas estão envolvidas. Lógico que é preciso ter uma pessoa que conduza, controle e coordene, porque é um espaço aberto, onde todos podem escrever o que quiserem. Isso pode gerar processo, intrigas, conflitos, ressentimentos. Tem que saber administrar. A primeira coisa que eu acho importante na criação desse grupos é nesse sentido. Você tem no espaço, por exemplo, fotos antigas que só eu tenho na minha casa. Quando eu posto na rede, tendo pessoas adicionadas ao grupo, elas podem ver minha foto. Apesar da gente saber que não se pode fazer uso dela fora, sem autorização do dono, que às vezes nem é dono, roubou de alguém. Mas, enfim, tem todo esse questionamento. Mas se eu quero saber de uma foto do meu bairro, do meu avô, eu clico lá. Então essa coisa de poder usar a imagem e também os vídeos e os arquivos, você tem praticamente todas as formas de registros da memória em um lugar só. Isso é inovador. Outra coisa é que o livro teria que ser despachado, impresso, formalizado em páginas, amarrado, colado, enfim. O grupo você pode abrir em qualquer lugar do mundo, desde que você tenha a rede social. E outra coisa interessante é que a possibilidade das pessoas que não têm nenhum tipo de formação acadêmica falarem alguma coisa sobre história. Porque normalmente, eles são incluídos na hora de votar. Na hora de discutir os fatos ninguém quer ouvir quem não tem formação. Isso é um coisa de par com par, né? No fundo é uma consciência de classe de autodefesa. É uma questão para se pensar filosoficamente. E os grupos acabam com tudo isso. Então são duas coisas. Suprir essa necessidade que os Municípios têm de registrar a sua memória coletiva em algum lugar e também a possibilidade de distribuir conhecimento. Essas duas coisas são muito importantes para qualquer município.

Hoje em dia a gente sabe que os grupos são citados em artigos, geram teses como a sua, geram artigos de jornal, enfim, geram muita coisa boa. E a partir de uma coisa simples que é o espaço onde as pessoas compartilham gostos, informações, histórias.

**ANDRÉIA:** Como você avalia o envolvimento do público seguidor com a página Bias Fortes em Fatos e Fotos?

**MARCO ANTONIO:** Pois é, a ligação se faz por duas palavras, o afetivo e o efetivo. Afetivamente, o conteúdo da página toca nas pessoas, quando toca nas questões relacionadas ao afeto. Isso são os parentescos, as famílias, aquelas memórias de infância, aquelas coisas que não existem mais, o que existia e tinha um valor e hoje não tem mais. Isso é o lado afetivo, tudo aquilo que mexe com o afeto toca nas pessoas. Elas tendem a comentar, a copiar e a compartilhar. Tem também a questão do efetivo. Como é uma página muito dinâmica, ela acaba falando também de coisas que estão acontecendo, interferindo na vida das pessoas efetivamente, né? Alguns usam para mandar recados, muitas pessoas de fora sabem de concursos públicos, por exemplo. Efetivamente ela está contribuindo para alguma coisa do dia a dia. Como Bias Fortes parece que não tem uma página especializada nisso ou naquilo, acaba que tudo converge para os dois grupos de lá. Apesar de que, acho que já há outros grupos específicos na cidade. Mas a ligação se faz por meio disso, afetividade e efetividade. Aquilo que me interessa hoje e aquilo que me toca por dentro, uma lembrança, memória, alguém que eu conheci, meu colega que faleceu. Coisas da vida, passado e presente.

**ANDRÉIA:** Você acredita que os seguidores da página identificam-na como um espaço que retrata e resgata a memória da cidade?

**MARCO ANTONIO:** Sim. Apesar de que, por muito que a gente faça enquanto administrador, criador de página, você nunca vai ter algo que seja universal, que cause identificação em todo mundo. Mas, eu creio que é fato a ideia de que algumas pessoas entram por curiosidade. As páginas são muito parecidas, né, Biasfortenses e Bias Fortes em Fatos e Fotos. Então tem uma coisa interessante. As pessoas às vezes conferem as informações e acabam vendo e comparando uma página com a outra. Isso cria uma referência. Por exemplo, essa história do José Airton estar sempre postando as coisas que estão acontecendo na cidade, as pessoas sabem que lá vai ter alguma coisa sobre o fato. Ele é esperto e foge de fatos polêmicos, como crimes e política. A outra página segue um lado e ele segue outro. Então, nesse ponto em que há essa polarização, acaba que a página é uma referência. Então tudo que acontecer e as pessoas tiverem dúvida, elas vão recorrer à página para verificar. Assim como os grupos mais focados em memória mesmo, que não admitem fatos do presente, eles viram referências históricas de memória. Por que as páginas viram referências. E pelo fato de postarem coisas que estão acontecendo recentemente, mais referência fica. O Ney e os outros que são da outra página, eles moram fora de Bias Fortes. Então eles acabam tendo limites e ficam sabendo de ouvir e dizer. Já o José Airton que mora na cidade acaba sendo privilegiado porque muitas vezes ele é ator nos fatos que estão acontecendo. Ele presenciou os fatos. Então cada um tem seu valor. O importante é que haja os dois grupos, que eles funcionem e sejam

acessíveis às pessoas. Bias Fortes é uma cidade bem peculiar porque tem um êxodo muito grande de juventude. O pessoal fica lá até os 14, 15 anos e depois vaza. Então, a referência que essas pessoas têm da cidade são essas páginas. Acaba sendo a única referência que elas têm do que está acontecendo. Às vezes a mãe liga e conta pelo celular, mas você não vê imagens. O recurso da imagem é uma coisa muito interessante. Então essas pessoas são usuárias assíduas da página. A gente observa por quem comenta e curti. Isso não vai mudar tão cedo por que a cidade continua não absorvendo a mão de obra que ela gera, seja em termos físicos ou intelectuais. Vai ter sempre um bias-fortense esparramado pelo mundo, assim como temos limaduartinos esparramados pelo mundo.

**ANDRÉIA:** Você acha que existe um monitoramento da página para levantar dados sobre o envolvimento e o alcance das postagens em relação aos seguidores?

**MARCO ANTONIO:** Eu acho que não há monitoramento não. O monitoramento que ele faz é de adicionar, olhar determinada pessoa, por que eu reparei que algumas pessoas ele não adiciona. Tanto que eu parei de adicionar porque eu pensei que poderia estar adicionando alguém que ele não quer. E a página é dele. Outro problema sério que a gente tem que levantar e explicar bem para as pessoas é que a página é do criador. Ele pode a qualquer momento acabar com a página. Por que tem gente que entra nas páginas e grupos dos outros e querem impor.

**ANDRÉIA:** Na sua opinião, qual o perfil dos seguidores que mais interagem na página? São os biasfortenses presentes ou ausentes?

**MARCO ANTONIO:** Eu acho que depende do teor da postagem. Quando você faz uma postagem relacionada ao dia a dia, você tem muito adolescente comentando, postando e compartilhando. Quando você tem uma coisa que é mais do passado, até porque eles não compreendem, não valorizam e não sabem de quem tá falando, eles já dão espaço para outros. Eu acho que isso depende muito do teor da postagem, para que ela se destina ou a quem ela move, afetiva ou efetivamente. Tem que ser tocado pelo teor da postagem. Agora o que eu percebo é que, de uma maneira geral, os mais assíduos são as pessoas que moram em bias fortes, mais velhas, com faixa etária de 40 anos para frente. Estão desde o início participando e comentando por que são contemporâneos do José Airton ou são colegas dele e estudaram com ele. A página também é meio ufanista. Essas páginas acabam sendo ufanistas. Ela eleva a moral de Bias Fortes. Essas páginas acabam falando de coisas boas e positivas que deram certo. Acabam falando de valores que foram abandonados. Os vídeos fazem muito sucesso, né!

**ANDRÉIA:** Em relação aos vídeos qual é a sua opinião? Você acha que eles atingem um bom público? Você acha que eles resgatam, retratam ou até ressignificam, representam a memória da cidade?

**MARCO ANTONIO:** Sim. O que pega é que o desafio para quem gerencia uma página dessa é você ser múltiplo. Ter essa visão múltipla das coisas para não ficar pedante. Por que se a gente não souber mesclar um pouco as coisas, ficar falando de coisas passadas pode soar como pedantismo, principalmente entre as pessoas mais jovens, que ainda não têm muita experiência acumulada. O que eu observo é que a faixa etária determina muita coisa. A faixa etária de quem tá no grupo.

**ANDRÉIA:** Na sua opinião, qual a importância de se trabalhar com questões relacionadas à memória na contemporaneidade?

**MARCO ANTONIO:** Eu acho que não tem como fugir dessas questões por que há um momento na vida em que todo mundo busca referência. E esses momentos variam de pessoa para pessoa. Tem pessoas que vão fazer isso com 50 anos, na crise dos quarenta e tem gente mais nova que já tem essas questões e indagações internas. E a questão da memória atende a isso. Ter memória é a mesma coisa que ter conhecimento, no sentido amplo das coisas. A pessoa quando tem alguma dúvida, está diante de alguma decisão importante, tem que fazer algo que não sabe ou quando tem que se posicionar no mundo, diante de uma ideia e um pensamento novo, ela busca referência para fazer isso. Essas referências a gente pode encontrar em vários lugares, mas as experiências talvez mais fortes serão as que foram vivenciadas por mim e por pessoas próximas a mim. Por exemplo, se u rapaz vai comprar uma fazenda, ele tende a perguntar ao pai dele. O pai vai falar para o filho se conhece tal fazenda, os problemas que tem lá, tem isso ou aquilo de bom, muita água, bons pastos. Isso é memória. O cara esteve lá um dia e conheceu a fazenda, quem morou nela, conversou com quem morava ou trabalhava lá. Isso é memória. Quando você é convidada para receber um grupo de pessoas e vai fazer um prato. Fulano quer que você faça frango com quiabo. Hoje tem os tutoriais da internet né? Mas a pessoa te pede no susto um frango igual o que sua mãe fazia. E aí? A internet vai ter o frango que a sua mãe fazia? Não tem. Você terá que perguntar a sua mãe como ela fazia, o que ela colocava de diferente. Ela vai dizer que tem uma pitadinha de açafrão, ora-pró-nóbis que ela colocou no meio. Pronto, isso é memória. Memória de coisa do dia a dia, mas é memória. E não existe memória separada e sim memórias de complemento. Então, quando a gente quer se construir como pessoa, se construir como cidade e como grupo social ou qualquer tipo de aglomeração de gente, você precisa de memórias. Memória do que já deu certo e do que já deu errado. Isso você vai lutar com o hoje, o

possível, que é o presente. A memória será o primeiro ponto que você vai se basear. Eu tenho isso, vivi isso, sei que isso funciona e isso não. Então, cultivar isso. Os grupos entram dando elementos para manter a memória viva. E não interessa se isso é reconhecido ou não por quem quer que seja, mas a memória tá lá, as fotos estão lá, os arquivos estão lá, os documentos estão lá. Os vídeos são muito importantes por que eles abarcam emoções. A foto muitas vezes não traduz emoção, né? O vídeo traduz emoção por que ou você acrescenta texto – descrição elucidativa do que está sendo passado no vídeo – ou você, na própria filmagem vê as pessoas falando, dançando, e isso é emoção. Você tem o recurso de vários sentidos, né? Só falta o cheiro, né? Mas os outros sentidos você tem quase todos no vídeo. Só falta tato e cheiro, mas a visão e a audição estão ali. O dia como estava, quem estava ali, a rua como era. Numa filmagem você tem tudo isso. Então os recursos do vídeo são muito importantes e se você puder colocar som, melhor ainda. Então tudo que preservar a memória vai ser útil de uma forma ou de outra. Não sei se todos vão ver a utilidade, mas alguém vai tirar proveito de alguma coisa que tem ali.

**ANDRÉIA:** Como administrador do grupo e alguém que participou desde o início da criação dele, você acredita que o grupo cumpre um papel de resgate e ressignificação da memória e, os materiais de vídeo postados conseguem cumprir esse papel?

**MARCO ANTONIO:** Conseguem sim. A gente vê isso pelo retorno que vem de curtidas e comentários. E também porque todo dia estamos adicionando pessoas. Hoje, num universo de 3000 a 4000 pessoas em Bias Fortes, você ter 1200 pessoas numa página é muito significativo né? Fora os que não estão com o nome lá, mas a gente sabe que acessa por meio dos filhos. Pessoas idosas que não têm *Facebook*, mas os filhos entram e mostram. Então eu acho que cumpre sim. Eu acho que não teremos meios de verificar isso de fato, mas por meio da participação das pessoas consegue sim.

**ANDRÉIA:** Qual a sua ligação com Bias Fortes?

**MARCO ANTONIO:** A cidade de Bias Fortes está incluída com Lima Duarte em vários tipos de organização. Fazem parte da mesma Arquidiocese, que é a de Juiz de Fora, que abrange Lima Duarte, Olaria, Pedro Teixeira e outras cidades por ali. Geograficamente, também fazia parte da área do Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo. O Conselho Central de Lima Duarte pega até Passa Vinte, Sul da Zona da Mata. São os Vicentinos que mantêm asilos. E como eu fazia parte da administração do Conselho Central de Lima Duarte, eu visitava, junto com o presidente, frequentemente quase umas duas vezes no ano, as unidades. Uma delas era o Conselho de Bias Fortes. Então eu tive muito contato com o pessoal de lá por meio disso. Fui visitar e conheci o Amâncio, que era o presidente do

Conselho, e várias pessoas que não me lembro agora. Depois, na Diocese, a gente tinha o movimento de Pastoral da Juventude. A nossa região Pastoral que também chama Nossa Senhora das Dores, ela tinha sede em Lima Duarte. E a gente coordenava o trabalho da Pastoral da Juventude nos grupos de jovens. A gente tinha grupos de jovens em Bias Fortes, Pedro Teixeira, Rosário de Minas, Valadares, Penido, Olaria, entre outros. E a gente se reunia para fazer encontros de formação. Por esse motivo, eu ia muito a Bias Fortes. Tenho vizinhos em Lima Duarte que são de Bias Fortes. Os municípios fazem divisa, pela região de Ibitipoca e eu fiz muitas amizades lá. O José Airton eu conheci na secretaria da Paróquia de Bias Fortes. Quando tinha que ficar mais de um dia, a gente ia e ficava na casa do Padre Jonas José Santana. O José Airton acertava o relógio da Igreja. Não sei se ainda faz isso, mas era a função dele. Ele me levou para conhecer o relógio. Eu cuidava do relógio de Lima Duarte. O relógio de Lima Duarte é de 1903 e o de Bias Fortes é de 1936. Então foi assim que eu conheci o José Airton e comecei a ter mais contato com Bias Fortes. Tenho até foto daquela época. Lá eu conheci o Javer, que hoje é formado em Artes e é professor na UFJF; o César; aquele menino que tocava violão na Igreja, o Eraldo; os filhos do Amâncio, um deles é padre. Tinha a filha do Zé Grosso, Adriana. Conheci muita gente da Colônia e de Fátima. Os nome a gente vai esquecendo. Mas a vida é isso.

#### APÊNDICE D – MAPEAMENTO E CATEGORIZAÇÃO DOS VÍDEOS DE ANÁLISE DO GRUPO BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS

<b>Categoria Cultura - dados gerais do vídeo</b>	
Titulo	Cenas de vídeo dos primeiros anos do torneio leiteiro em Bias Fortes.
Data upload	12/04/2015
Horário do upload	21h46min
Data download	01/10/2017
Duração	3'05''
Reações	106 curtidas 30 comentários
Total de Engajamentos	136
Comentários	Nossa! Que saudosa e bela postagem!!! Que lindo!!!! Nossa esse meu primo e o tal. Nunca será esquecido! Ele era lindo demais!!!! LINDO ZEMA VOCÊ É DE DEMAIS PENA QUE NÃO POSSO COMPARTILHAR

	<p>MAS VALEUUUU</p> <p>Saudades do meu velho pai, Neném Cobucci. Valeu Zé Ailtom</p> <p>Como era bom!!!!</p> <p>Acho que a Tia Lucia esta nesse video.olha ai <a href="#">Thina Borges</a> e <a href="#">Maria Aparecida Do Nascimento</a></p> <p>Achei a Tia Gloria e minha Vó Marciana.</p> <p>Nossa que saudade da minha querida mãozinha !!! 📺😭📺</p> <p>📺😭📺😭📺😭📺</p> <p>Ho saúde da minha mãozinha !! Marciana !! ❤️🖤📺😭📺</p> <p>📺</p> <p>Como <span style="float: right;">tinha</span></p> <p>Gente em bias fortes!!!!</p> <p>Vi a <a href="#">Sandra Oliveira</a> aí. Lindo. Que saudade!</p> <p>Ô tempo bom! Tb vi <a href="#">Regina Oliveira</a> muito bom, adorava esses meninos!</p> <p>Quanta gente! Saudade dessa alegria do Leleza.</p> <p>Olha <a href="#">Maria Aparecida Do Nascimento</a><a href="#">Marciana Pacheco</a> ..</p> <p>!</p> <p>Muito lindo, pena que não dá pra compartilhar. Que saudades dessa época.</p> <p>Lindo</p> <p>Lindas lembranças de tempo que não volta mais</p> <p>Achei a <a href="#">Gisele Cristina De Andrade Ramos</a> aí...</p> <p>Nooossaa</p> <p>Que maravilha!!!</p> <p><a href="#">Glaciene Borges</a> <a href="#">Glacielle Silva</a> olha tua mãe e tua vó ai.</p> <p><a href="#">Maria Lacerda</a> mostra pra sua mãe.</p> <p>Quanta saudade!!!!aquele tempo que era gostoso</p> <p>Nosso ânimo era bom demais.</p> <p>Nossa que delícia achei meu eterno pai, o jipe, veste vídeo que saudades</p> <p>Quantas saudades de pessoas que não está mais em nosso meio e dá daquele bom tempo que não voltam mais, você tem um tesouro guardado. Obrigada por arquivar estas imagens lindas que muitos na época não tinha como. Você está de parabéns. Tudo de bom.</p>
--	--

<b>Categoria Religiosidade - dados gerais do vídeo</b>	
Titulo	Imagem da Padroeira chegando na matriz. 15 de setembro de 2017.
Data upload	15/09/2017
Horário do upload	23h46min
Data download	01/10/2017
Duração	12'40''
Reações	91 curtidas

	17 comentários
Total de Engajamentos	108
Comentários	<p>Muito bom  Nossa Senhora das Dores abençoe todos nós! Amém!  Lindo e bom demais  Que lindo! Obrigada <a href="#">José Airton Magaldi</a> por compartilhar esses momentos conosco. ❤️❤️🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏  Muito lindo! Nossa Senhora das Dores rogai por nós!  Muito bonita a coroação a Nossa Mãe Nossa Senhora Das Dores e que coral mais lindo, muito bonito, muito afinado.  Parabéns a todos !!!!  Nossa Senhora das Dores cubra a família da dona Ani com seu manto de amor. Emocionante!  Linda! Nossa Senhora nós abençoe.  Maravilhoso! Ave Maria!  Linda homenagem!!!!!! Nossa Senhora das Dores, órgão por nós!  Em lágrimas aqui.... Emoção ao ver a Ani...Mulher de garra e fervorosa... Que Deus continue a fortalecendo...  Amém sua benção padre  Um comentário em foto  <a href="#">Daniel Junior</a>  <a href="#">Natalia Oliveira Guedes</a> mostra sua mãe  Nossa Senhora rogai por nós.</p>

<b>Categoria Cotidiano - dados gerais do vídeo</b>	
Titulo	Manhã de 15 de março de 2016 em bias fortes. (Combate a dengue)
Data upload	15/03/2016
Horário do upload	13h36min
Data download	01/10/2017
Duração	2'24''
Reações	56 curtidas 7 comentários
Total de engajamentos	63
Comentários	<p>Parabéns pela iniciativa!!!!  Muito bom Zé  Parabéns, Magaldi.  Não é mosquito, é mosquita! Pergunte a Dilma..  KKKKKKKKKKKK  Bonito movimento. Parabéns aos organizadores.  Se depender dessa brava gente, Bias Fortes está livre da dengue!  Infelizmente fui pega por ele, uma dor insuportável.</p>

<b>Categoria Personagem - dados gerais do vídeo</b>	
Titulo	1º de agosto - a oportunidade de poder mais uma vez lembrar com saudade de nosso saudoso líder espiritual na data de seu aniversário. Ele disse: " Quando avisto a cidade ao chegar, sinto alegria e tristeza, alegria, por estar de volta, tristeza por saber que não posso mais ficar." Pe. Sergio Moreira. Sempre será lembrado.
Data upload	31/07/2017
Horário do upload	22h14min
Data download	01/10/2017
Duração	3'04''
Reações	114 curtidas 22 comentários
Total de engajamentos	136
Comentários	Homenagem mais que merecido Flores – figura – emoji Eterna saudades. Foi meu professor de geografia. Grande sacerdote... Sempre estará em nossas lembranças! !! Muitas saudades do Pe. Sérgio! 26 de dezembro de 1982 MISSA SERTANEJA NA TV GLOBO JUIZ DE FORA – acompanhada de uma foto Muita saudade missas como aquelas eram lindas Momento único nessa foto Lindo! Só saudade! Que bonita homenagem ao Pe. Sérgio!!!!!!!!!!!! Muita saudade tempo bom Foram só coisas boas Saudades Saudades Saudades. Linda a homenagem. Inesquecível. <b>Parabéns</b> por sua iniciativa e obrigada pela oportunidade de poder rever este ser tão especial, que pude compartilhar de momentos que ficarão eternizados em minha memória e coração. Bela lembrança! Saudades!!!! Saudades! Pe. Sérgio hoje está com Deus pedindo por nós Muito boa essa iniciativa para relembrar as coisas boas

<b>Categoria Esporte - dados gerais do vídeo</b>	
Titulo	Bias Fortes e sua história. Arquivo de Zema Sá.

Data upload	12/04/2015
Horário do upload	21h11min
Data download	01/10/2017
Duração	4'51''
Reações	71 curtidas 28 comentários
Total de engajamentos	99
Comentários	<p>Olha aí Adeniz Ribeiro seu pai aparece nesse vídeo. Só recordação boa dos que só deixaram saudades. Ainda bem que tem pessoas como o Jose José Airton Magaldi que guarda estas lembranças</p> <p>Parabéns ao Sr. José Ailton Magaldi pelos arquivos que conta a história de Bias Fortes !!</p> <p>Que relíquia Zema Sá!!!</p> <p>Há 28 anos. BF, abril de 1987</p> <p>Me lembrei tanto do Marcus....parece que foi ontem...</p> <p>OBRIGADA ZEMA</p> <p>Esse Sr. bem velhinho de boina e quem?</p> <p>Que legal muitas saudades desse lugar ... Minha infância não poderia ter sido melhor</p> <p>!</p> <p>De boina é Zizim Reis. Avô do Turumba hehehehehe</p> <p>Zizinho Reis é o seu pai Renita Reis?</p> <p>Avô Rsrers? Por quê Zema Sá?</p> <p>Kkkkkkkkkkkkkkk</p> <p>Zema Sá, quero compartilhar como faço? Por favor, não estou conseguindo compartilhar! Graça Ribeiro, Elizabeth Vieira, Elizangela Ribeiro, Elton Ribeiro, Izabel Izabel Ribeiro Nogueira</p> <p>Pode liberar, Zé.</p> <p>Boas lembranças das nossa querida BF. Lembro do Zizinho Reis que cada gol o santa cruz fazia ele ia no Joaquim tomar pinga. O Pedrinho, este sim vai ficar pelo menos na minha memoria por muito tempo.</p> <p>É SÓ ABRIR O VÍDEO PRA ASSISTIR QUE A JANELA PARA COMPARTILHAR APARECE</p> <p>TIAS O VÔ DINHO TA NESTA FILMAGEM</p> <p>FIQUEI EMOCIONADA!!!!</p> <p>Não faz muito tempo, vi o cascão com essa meu blusa!</p> <p>Kkkk</p> <p>Recordar é viver.</p> <p>Que saudades do tio Marquinho</p> <p>!</p> <p>Muito legal!!</p> <p>Renita Reis!!</p> <p>Eder Ribeiro</p> <p>Minha vontade é de voltar no tempo e poder dar um</p>

	abraço no meu querido avô (BENEDITO RIBEIRO) e na minha querida avó (BELINHA). É vovô...paia roxa..kkkkkkkkkk
--	--

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO VIRTUAL DE PESQUISA SOBRE A *FANPAGE* BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS

### QUESTIONÁRIO VIRTUAL DE PESQUISA SOBRE A *FANPAGE* BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS

Este formulário integra uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPGOM/UFJF e tem o objetivo saber as opiniões de membros da página Bias Fortes em Fatos e Fotos sobre esse espaço digital de compartilhamento de arquivos.

1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - Versão resumida  
O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "BIAS FORTES EM FATOS E FOTOS: A memória de uma cidade ressignificada por meio de arquivos de audiovisual nas redes sociais". A pesquisa pretende analisar como a memória da cidade de Bias Fortes é lembrada e/ou ganha novos sentidos a partir dessa página em uma rede social. A pesquisa de opinião (questionário on-line) é dirigida aos seguidores/membros da página e tem como objetivo principal levantar dados sobre o grau de envolvimento dos participantes com a *fanpage*; sua opinião sobre a função da página; e se ela contribuiria para resgatar a memória da cidade. As respostas aos questionários serão a base de análises que serão realizadas na pesquisa de mestrado. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde). As informações obtidas somente serão usadas para fins acadêmicos e científicos. Acesse o TCLE na íntegra: <<https://goo.gl/TeMviT>> LI E CONCORDO.

SIM

NÃO

2 - NOME COMPLETO \*

3 - SEXO \*

MASCULINO

FEMININO

4 - DATA DE NASCIMENTO \*

5 - Naturalidade (onde nasceu?) \*

6 - Município de residência (onde mora?) \*

7 - Há quanto tempo você é membro da página Bias Fortes em fatos e fotos? \*

MENOS DE 1 ANO

3 ANOS

2 ANOS

1 ANO

8 - Tem costume de assistir aos vídeos compartilhados?

SIM

NÃO

9 - Caso sua resposta seja sim, com que frequência? \*

SEMPRE

ÀS VEZES

RARAMENTE

NUNCA

10 - Além de assistir aos vídeos da página, você interage com eles? (curtir, compartilhar ou comentar)? \*

SIM

NÃO

11 - Com que frequência você curte os vídeos?

SEMPRE

ÀS VEZES

RARAMENTE

NUNCA

12 - Com que frequência você compartilha os vídeos?

SEMPRE

ÀS VEZES

RARAMENTE

NUNCA

13 - Com que frequência você comenta os vídeos?

SEMPRE

ÀS VEZES

RARAMENTE

NUNCA

14 - Você acredita que a página funciona como um espaço de divulgação da memória da cidade? \*

SIM

NÃO

15 - Você acredita que a página funciona como um espaço de resgate da memória da cidade? \*

SIM

NÃO

16 - Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam a cidade e períodos distintos do município? \*

Sim

Não

PARCIALMENTE

17 - Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam de forma adequada os moradores do município? \*

Sim

Não

PARCIALMENTE

18 - Você acredita que os vídeos compartilhados pela página retratam fielmente os espaços do município? \*

Sim

Não

PARCIALMENTE